



DA MESMA AUTORA DE
LINHA DA VIDA

LONGE

1

D O P A R A Í S O

“NEM TODO CASAMENTO É
UMA HISTÓRIA DE AMOR”

JULIANA DANTAS



LONGE DO PARAÍSO

Juliana Dantas

Copyright © 2017 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Título Original Longe do Paraíso

Capa: Jéssica Gomes

Sumário [Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

Prólogo

Sinto-me quase como se estivesse flutuando até o banheiro. A porta está apenas encostada e entro no ambiente enevoadado como num sonho.

Largo a toalha no chão e, nua, entro no boxe com Lukas.

Ele me encara com os olhos chocados, por um momento nenhum de nós fala nada. O vapor quente nos envolve num manto etéreo que ajuda a aumentar minha sensação de irrealidade.

– Mia... – sua voz está cheia de angústia, incredulidade e, para minha mais doce satisfação, desejo.

Cada célula do meu corpo está exultante com esta constatação. Meu corpo inteiro começa a se preparar para encontrar o dele. Finalmente!

Inferno, estou me preparando para um momento como aquele há mais de dois anos.

Uma longa e angustiante espera. De maneira alguma quero esperar mais.

– Lukas! – Seu nome escapa de meus lábios com a força do meu anseio e dou um passo em sua direção. Suas mãos se erguem para se interpor entre nós.

Ah Lukas, nem adianta colocar mais barreiras. Eu vou derrubar uma a uma.

Custe o que custar.

– Mia, não faça isto... – sua voz contém reprovação e também medo.

– Eu quero – digo erguendo minhas mãos e segurando as suas. – Quero ficar com você. Aqui. Agora. Deste jeito.

Ele fecha os olhos, tirando suas mãos das minhas então, segurando meus ombros, me afasta, até que eu esteja encostada nos azulejos. Mal sabe ele que aquela tentativa de rejeição me incendeia mais. Ofego e ele me solta

como se eu fosse um ferro em brasa.

Nesse momento sou quase isto.

– Não. Você está confusa... Passou por um trauma...

– Sim, eu passei por um perigo de morte. E sabe o que pensei durante todo o tempo Lukas? Sabe a única coisa que teria lamentado se tivesse morrido? Só lamentaria o fato de nunca ter sentido você dentro de mim.

Lukas solta um rosnado.

– Inferno, Mia! Não posso...

– Você não me quer? – Pergunto com uma ponta de incerteza e lanço automaticamente meu olhar para baixo perdendo o ar ao ver que Lukas pode negar o quanto quiser, mas ele me quer sim.

Prendo meu olhar no dele de novo.

– Por favor – imploro. E nem estou me importando.

Sua mão toca meu rosto, fecho os olhos indo em sua direção novamente.

Desta vez ele não me impede nossas peles molhadas se roçam sob a água. Nós dois estremecemos. É como um choque.

Abro os olhos e seu rosto está muito próximo. Respiramos juntos. Me embriago com seu hálito.

– Por favor – imploro de novo e, desta vez, com um gemido, ele me beija.

Doce, forte e imprudente.

Um beijo completo, com língua, dentes e gemidos.

Meu primeiro beijo de verdade.

Sinto uma exultação que vai além do desejo físico. É quase como presenciar um milagre.

Lukas está me beijando.

Aquele cara sombrio e assustador que havia acusado meu pai de roubo. Que me obrigou a casar com ele. Que desejei em segredo por um tempo infinito tinha sua língua acariciando a minha com avidez. Seus braços me apertando contra seu corpo evidentemente excitado.

Deixando-me levar por aquela excitação, o beijo de volta, sem restrição. Subindo minhas mãos para acariciar seus cabelos molhados me

colando nele.

E dói.

Uma dor deliciosa atormenta meus seios, meu ventre e desce...

Esfrego-me nele despidoradamente, querendo aplacar aquela ânsia, Lukas afasta os lábios dos meus para trilhar beijos por meu rosto, enquanto suas mãos descem das minhas costas para meu quadril, apertando. Gemo alto quando sua óbvia ereção aperta meu ventre.

Deus. Deus. Deus. Preciso dele dentro de mim. Saber como é...

– Por favor – peço fracamente, sentindo-me desfalecer com sua boca colada em meu pescoço, seus dentes mordendo meu ombro.

Puxo seus cabelos.

– Que se dane eu preciso foder você – sua voz sai quase ríspida contra minha pele e é o que basta para uma poça se formar no meio das minhas pernas e não é água do chuveiro.

Estou me desfazendo em desejo puro e cru e não consigo pensar em nada. Estou só meio consciente quando Lukas desliga o chuveiro e me leva para a cama.

Finalmente!

Capítulo 1

Lukas

Aquele estava sendo um dia insuportável. E piorando a cada minuto.

Pensar que, naquela mesma manhã estava praticando esqui em Aspen com minhas irmãs e minha maior preocupação era se ia ou não levar a amiga delas, Alexia, para a cama. O que não era uma questão tão horrível assim, levando-se em consideração que a referida amiga era uma loira linda e se dizia louca por mim.

Porém, logo fui tirado de minhas férias por um telefonema inusitado de minha assistente e amiga Danielle.

– Querido, odeio ser portadora de péssimas notícias, precisa voltar pra Seattle.

Depois de Danielle me informar em poucas palavras sobre a bomba que “caiu” na empresa que eu dirigia há apenas poucos meses, desliguei o telefone e voei imediatamente para Seattle.

– Como algo assim pode ser possível? – Encaro as duas pessoas defronte a mim na mesa de reuniões, Danielle e Jason Wilson, meu advogado.

– Eu não sei. Ele foi muito esperto. – Danielle dá de ombros.

– Esperto? Ele foi um filho da puta! – Esmurro a mesa de vidro sem dó.

Eu não podia acreditar no que aqueles relatórios me diziam. Estávamos sendo roubados pelo chefe da segurança da empresa, John Agnelli.

– Mantenha a calma, Lukas. – Danielle toca meu ombro e eu respiro fundo.

– Calma? Este cara desviou milhões! – Remexo os papéis na minha

frente. – Aqui diz que vem acontecendo há anos. São várias remessas, cada vez mais altas, saindo das contas da empresa para a deste cretino! Como é que a porra de um simples segurança teve acesso a este dinheiro sem que ninguém percebesse por todo este tempo?

– É o que estamos investigando. Por acontecer em períodos distintos e ter saído de fundos diferentes, nada foi detectado. Como o ultimo desvio foi uma soma muita alta... Ele ficou ambicioso, me parece, ficou claro o rombo. Fred Albourn não soube explicar porque estava faltando todo este dinheiro – Wilson explica, se referindo ao diretor financeiro.

– Fred Albourn pode ter algo a ver com o roubo?

– Era o que desconfiávamos, embora ele só esteja no cargo faz pouco mais de um ano. Instalamos uma auditoria e então foi ficando claro que os desvios vêm acontecendo há mais tempo do que imaginávamos.

– Porra! – Bato na mesa novamente – Isto não pode ter acontecido tantas vezes sem que ninguém percebesse nada!

– O processo de investigação está no início, não descobrimos ainda como Agnelli conseguiu acesso, talvez tenha mais gente envolvida. Só está claro que o dinheiro entrou em sua conta.

– E ainda está lá?

Wilson e Danielle trocam um olhar.

– Não, o dinheiro desapareceu.

– Tem que estar em algum lugar!

– Por isto eu o abordei ontem... – Danielle começa, eu a interrompo.

– Você o abordou? – Indago irritado.

– Claro que sim! Quando Wilson me falou o que estava acontecendo e que tudo levava ao John fiquei chocada e...

– Não devia ter feito isto. Devia ter me ligado. Eu voltaria imediatamente. Eu mesmo iria confrontar este filho da puta...

– Eu queria ter certeza... Você estava de férias, não ia te incomodar sem antes ter certeza. Nós confiávamos no John, eu não podia acreditar que ele faria algo assim. Queria conversar com ele...

– Certeza do quê? Que este crápula iria levar a Constantini Corporation, empresa do meu pai, à falência? Quando é que você ia me informar, Danielle? Os desvios vêm ocorrendo há anos, inferno! E vocês

NACIONAIS-ACHERON

deixaram para me ligar quando tudo virou esta bagunça!

– Lukas, não precisa gritar com a moça – Wilson diz com sua calma peculiar. O que me faz lembrar da primeira vez que precisei dos seus serviços, quando bebi demais com dezesseis anos e fui preso por dirigir embriagado. Já se passaram nove anos daquela noite e Jason Wilson continuava o mesmo: um distinto senhor afro-americano com um bigode estilo anos setenta, que resolveu meu problema naquela longínqua noite e me fez rir. E eu me pergunto se poderia contar com ele para resolver esta situação também. – Como você mesmo viu, os desvios vêm ocorrendo há anos, passando despercebidos por todo este tempo.

– E provavelmente só descobrimos por causa de sua avidez em seu último ataque – Danielle completa.

– Ainda não entendo como ele conseguiu.

– Está sendo investigado – ela diz – como responsável pela segurança, ele tinha trânsito livre em todas as salas e senhas de acesso.

– O mistério é como ele destruiu os rastros para ficar impune – Wilson completa.

– E como é que vamos descobrir alguma coisa, se o homem que me roubou está num hospital entre a vida e a morte? – Indago friamente.

Como se não bastasse saber que minha empresa sofreu um desfalque de milhões que comprometia todos nossos projetos, o ladrão em questão, depois de ser descoberto, resolveu fugir no nosso helicóptero e despencou no Lago Washington.

– As investigações continuam Lukas.

– Enquanto isto nós estamos à beira de uma crise financeira sem precedentes – passo os dedos pelo cabelo, indo para os relatórios. – Nós não podemos desperdiçar dinheiro! Cada centavo de liquidez estava comprometido com novos projetos e só Deus sabe quando vamos conseguir reaver tudo, se é que vamos...

– Sim, isto é um problema – Danielle me encara – temos projetos que estão em andamento e todos nossos fundos estão investidos. Se não conseguirmos o dinheiro imediatamente, vamos ter sérias complicações. Vai atrasar tudo e, se atrasar, vamos perder mais dinheiro...

– Eu sei. Inferno! – Resmungo e encaro Wilson. – Qual a possibilidade de conseguirmos um empréstimo?

NACIONAIS-ACHERON

– Muito remotas. Você é um empresário relativamente novo na direção desta empresa, Lukas. Ainda não conseguiu a confiança do mercado financeiro.

Eu me irrita com as palavras de Wilson, embora saiba que retratam a verdade. Eu tinha apenas cinco anos quando meu pai, Anthony Constantini, morreu em um acidente de carro. Minha mãe, Elizabeth, se casou um ano depois com Richard Glenn, um médico idealista. Mamãe morreu 10 anos depois de câncer e eu não tinha orgulho de dizer que fui um péssimo filho na época, causando todo tipo de problemas com uma rebeldia sem limite.

Richard se casou de novo quando entrei na faculdade com uma mulher muito doce chamada Erin Miller, que trouxe duas filhas com 13 e 14 anos na época, Taylor e Denise, tão diferentes como água e vinho que se tornaram minhas irmãs de coração.

Eu acabei tomando jeito quando entrei na faculdade me esforçando bastante para me tornar um administrador competente e poder finalmente assumir a Constantini Corporation, que vinha sendo administrada por Robert Yorker, pai de Danielle, desde que meu pai morreu.

Eu assumi a empresa faz menos de um ano e desde então vinha tentando provar que podia fazê-la crescer. E estava sendo passado para trás por um simples segurança!

– Até quando poderemos aguentar? – Questiono.

– Não muito – Danielle murmura tocando meu braço. – Lukas, sei que não gostaria, talvez fosse hora de... meu pai reassumir a administração.

Eu a encaro irritado com aquela sugestão.

– Esta empresa é minha!

– Eu sei. Mas você terá uma empresa falida se ninguém confiar em você para nos emprestar dinheiro para sair desta crise! Meu pai poderia assumir por um tempo apenas e...

– Não! – Eu encaro Wilson – sei de onde posso tirar o dinheiro.

Wilson franze o cenho quando entende.

– O dinheiro só pode ser utilizado quando fizer trinta anos.

– Espera, do que estão falando? – Danielle pergunta confusa.

– Dani, por favor, saia – eu peço.

– Mas, Lukas...

– Eu preciso conversar com Wilson.

Ela se levanta e sai da sala, fechando a porta atrás de si.

– Lukas, se está mesmo falando sobre...

– Sim, estou falando do testamento da minha mãe.

Minha mãe já era uma rica herdeira quando se casou com meu pai, um jovem investidor filho de imigrantes italianos.

Ela investiu uma parte de sua herança na nova empresa do meu pai e ele em pouco tempo triplicou o dinheiro. Quando ele morreu, ela também herdou uma grande quantia, tornando-a mais rica. Minha mãe quase nunca mexeu neste dinheiro, preferindo viver uma vida simples de esposa de médico. E quando morreu, deixou toda sua fortuna para mim, num testamento com cláusulas bem específicas.

– Sabe tão bem quanto eu que você só pode pôr as mãos naquele dinheiro se obedecer a uma das cláusulas. Você lembra quais são Lukas?

– Sim, eu me lembro.

– Uma delas diz que só pode receber o dinheiro quando tiver 30 anos ou... – ele faz uma pausa se aproximando mais de mim – quando se casar.

– Sim, estou ciente – respondo.

Obviamente minha mãe achava que eu seria um porra louca por longo tempo. Ou até que me casasse, por isto colocou aquelas cláusulas absurdas.

Ainda me dava vontade de rir de sua lógica. Eu nunca me preocupei com este dinheiro ou precisei dele. Até agora.

Como eu tinha apenas 25 anos... Só me restava uma saída: Eu precisava me casar.

Wilson me fita incrédulo.

– Está querendo dizer que pretende se casar?

– A não ser que você me diga que vamos conseguir o dinheiro por outros meios ou que encontraremos o dinheiro roubado, sim, não terei outra saída.

– Lukas, isto não é brincadeira. Ou, por acaso está compromissado com alguma mulher e eu não estou sabendo?

Eu rio.

– Não, Wilson. Eu não tenho sequer uma namorada no momento.

– Então vai se casar com quem?

– Eu não tenho ideia – admito.

Eu nunca havia pensado em me casar. Inferno, eu não queria me casar!

Eu gostava de mulheres. Gostava de fazer sexo com elas. Dividir a minha vida com uma? Ainda estava para nascer aquela que me faria mudar de ideia, provavelmente.

Agora lá estava eu, levando a sério uma cláusula do testamento sem noção da minha mãe que dizia que eu tinha que me casar e permanecer casado por no mínimo cinco anos, do contrário teria que devolver todo o dinheiro ao fundo.

E tudo porque um filho da puta tinha achado que podia me roubar e sair impune.

Eu olho sua foto no relatório, deixando minha raiva crescer.

John Agnelli ia pagar.

Disto eu tinha certeza.

Mia

Aula de Biologia é um saco.

Engulo um bocejo, enquanto tento manter os olhos abertos e atentos às explicações do senhor Randall, embora minha vontade seja abrir meu livro da Jane Austen que está escondido debaixo do meu caderno.

Antes de chegar a qualquer conclusão naquele dilema moral, matar a aula ou não, sinto dedos frios no meu braço. Levanto os olhos e meu companheiro de laboratório me encara com seu sorriso brilhante.

– E aí, quer ir ao cinema hoje?

Eu rolo os olhos, Zac não cansa de levar foras?

– Não posso – respondo de volta.

– Ah Mia, por que não? Todo dia você arranja uma desculpa diferente...

– É sério. Meu pai está voltando de viagem e vamos jantar juntos.

– Então, depois do jantar podemos ir àquela boate nova que abriu...

– Eu odeio boates.

– Odeia nada! Tenho convites Vips, vai ser o máximo. Saiba que várias garotas já me disseram que fariam qualquer coisa para ter estes convites, eu escolhi você – ele junta a suas palavras um olhar que julga ser sedutor, que só me dá vontade de vomitar.

Zac Smith era um babaca e eu me pergunto que mal eu fiz para atrair somente os idiotas. Minha mãe dizia que eu era uma senhora de meia idade presa num corpo adolescente e por isto achava todos os garotos da high school desinteressantes.

Nunca foi difícil me livrar das investidas sem noção dos garotos da escola, Zac Smith estava sendo mais insistente do que os outros. Então respiro fundo e me preparo para dar um basta de vez àquela paquera.

– Zac, olha...

– Mia Agnelli – tiro os olhos de Zac ao ouvir meu nome sendo chamado na frente da sala.

Instantaneamente fico vermelha, intuindo a bronca que vou levar por estar batendo papo em vez prestar atenção à aula. Só que não foi o senhor Randall que me chamou e sim o diretor, Senhor Green.

– Mia, por favor, pegue seu material.

Como é? Eu ia ser suspensa ou algo assim apenas por não estar prestando atenção na aula?

Eu olho em volta e fico mais consternada ainda por ser alvo de todas as atenções.

– Mia, faça o que o senhor Green pediu – o Sr. Randall insiste eu me mexo me levantando, colocando rapidamente meu caderno e o livro da Jane Austen dentro da mochila, sem nem mesmo olhar pra Zac.

Eu saio da sala e o diretor fecha a porta atrás de nós.

– Sr. Green, eu não sei o que está acontecendo, se é pela conversa com o Zac, eu... – gaguejo amedrontada, imaginando minha mãe tendo que me buscar.

Hoje era dia do retiro de yoga de Andrea. Ela não ia gostar nada de ser interrompida para resolver meus problemas no colégio.

O Senhor Green apenas me encara com o semblante grave.

– Mia, o seu pai sofreu um grave acidente.

Sinto o chão fugir sob meus pés.

Olho para papai na cama de hospital, muito pálido e todo entubado para poder respirar.

Estável. Foi o que os médicos disseram para mim e Andrea. O que significava? Ele estava ali, porém não estava.

Coma. Uma palavra tão curta que significava tanta coisa ruim.

A verdade era que não sabíamos quando papai ia acordar. Ou se.

Fecho os olhos, lutando contra as lágrimas. Preciso ser forte. Por Andrea. Ela estava histérica e não dizia coisa com coisa desde que chegamos ao hospital. Eu só consegui ficar sabendo mais ou menos o que estava

acontecendo quando insisti com o médico.

– Seu pai estava num helicóptero que caiu próximo ao lago. Passou por algumas cirurgias e estamos controlando os danos físicos, sofreu uma grande contusão na cabeça e está em coma.

E assim, eu me encontrava numa nova realidade horrível.

Pergunto-me se aquela tragédia teria acontecido se meu pai ainda fosse um simples policial do interior.

Papai era feliz sendo policial na pequena cidade de Redmond, mas mamãe não era. Nunca foi. Eles se casaram jovens demais e eu nasci cedo demais. Andrea rapidamente se cansou da vida na pacata Redmond e pediu o divórcio para poder ir para Seattle. John nunca se conformou e foi atrás dela. Ele nos queria de volta. Ela disse que não voltaria pra Redmond para ser esposa de um simples policial de cidade do interior. Então papai conseguiu um emprego de segurança na Constantini Corporation.

Com o passar dos anos, John foi subindo na hierarquia da empresa até se tornar o chefe da segurança. Vivíamos bem e com conforto, numa casa espaçosa num ótimo bairro da cidade e eu sempre estudei nos melhores colégios. Infelizmente eu não via meu pai tanto quanto gostaria, mas sempre tirávamos férias anuais e voltávamos pra Redmond por um tempo. E Andrea tinha a vida que sempre quis, com sua cabeça avoada, pulando de um curso maluco para outro, sem maiores preocupações.

Agora, como seria a nossa vida sem papai? Eu estava com medo.

– Acho que deveria ir descansar.

Eu levanto o olhar e uma enfermeira está me encarando quase severamente.

– Eu quero ficar com ele.

– Sua mãe saiu da medicação e está perguntando por você – mordo os lábios, me perguntando se os calmantes serviram realmente para acalmar Andrea. – O médico aconselhou que ela fosse para casa. Seu pai está estável e não há muito que fazer aqui.

Eu me levanto a contragosto saindo do quarto à procura de Andrea. Encontro-a na sala de espera e não está sozinha.

Franzo a testa ao ver dois homens de terno a sua volta, ela parece responder por monossílabos.

Eu me aproximo e toco seu braço.

– Mãe, tudo bem?

Ela me encara com alívio.

– Onde estava? Precisamos ir embora! – Segura minha mão, me puxando.

– Senhora Agnelli ainda precisamos conversar – um dos homens diz, Andrea continua me puxando para a porta.

– Eu já disse que não tenho nada a dizer!

Nós saímos para o pátio frio, o dia está terminando e o crepúsculo cai lentamente quando chegamos ao carro de Andrea.

– Quem eram aqueles homens, mãe?

– São colegas do seu pai na Constantini.

– O que eles queriam? Saber como o papai está?

– É... é... isto mesmo – ela responde aérea, dando partida, o carro morre.

Reparo que suas mãos estão trêmulas e me preocupo.

– Mãe, você não está em condições de dirigir.

Ela não discute quando eu peço para trocarmos de lugar. Eu dirijo em silêncio e, quando chegamos em casa, a noite já caiu.

– Mãe, você parece bastante cansada, devia ir dormir – observo quando entramos, Andrea me ignora pegando o telefone, discando rapidamente com seus dedos ainda trêmulos.

Eu fico olhando enquanto ela espera, solta um suspiro irritado ao desligar.

– Para quem está ligando?

– Nada...

– Mãe, o que está acontecendo? Você parece fora de si...

– Claro que estou fora de mim! Seu pai acaba de sofrer um acidente horrível e está em coma, como acha que devo me sentir?

– Eu sei que é difícil. Ele vai sair desta. O papai é forte – digo com convicção, tentando convencer a mim mesma.

– Se fosse nosso único problema... – Andrea murmura quase pra si

mesma, me deixando mais preocupada. Tem alguma coisa. Alguma coisa além do acidente de John que está perturbando Andrea.

– Mãe, qual é o problema? – Dou um passo em sua direção quando escutamos um carro estacionando lá fora.

Andrea olha pela janela e eu faço o mesmo. Nós vemos um carro preto reluzente parado em frente a nossa casa.

Andrea fica pálida.

– Está esperando alguém? – Pergunto.

– Mia, sobe para seu quarto.

– Mas, mãe...

– Agora! – Ela ordena firmemente.

– Quem é naquele carro? – Insisto.

– É Lukas Constantini.

Eu tento me lembrar onde ouvi aquele nome antes, de repente uma luz acende na minha cabeça.

Claro, Constantini. Lembro do meu pai ter comentado que a empresa em que ele trabalha tinha um novo presidente. Acho que era este o nome.

– E o que ele veio fazer aqui?

– Mia, seu pai trabalha pra ele e sofreu o acidente quando esta trabalhando! Chega de perguntas e suba pro seu quarto.

– Não, eu quero ficar...

– Por favor, me obedeça pelo menos uma vez na sua vida! – Andrea ordena bruscamente, o que é a coisa mais estranha do mundo. Ela nunca é grosseira com ninguém. Muito menos é uma mãe que exige obediência. Na verdade, eu dou mais broncas nela do que ela em mim.

Vendo sua consternação, decido não discutir mais e faço o que ela pediu, subindo para meu quarto.

Estou chegando ao segundo andar, quando Andrea abre a porta.

– Olá, senhor Constantini.

– A senhora deve ser Andrea Agnelli? – Uma voz grave e bonita, mais jovem do que eu esperava, indaga.

Curiosa, eu desço dois degraus.

– Sou. Por favor, entre.

De onde estou não consigo ver o rosto do tal Constantini, quando ele segue Andrea para a sala. Antes de perdê-los de vista vejo apenas um cara alto, vestindo um terno preto, sua nuca de cabelos escuros.

Os dois desaparecem de vista e eu penso em voltar para o quarto, no final decido continuar em meu esconderijo, com a esperança de conseguir ouvi-los.

– Eu posso te servir algo? Um café, um uísque... – Andrea oferece.

– Não é uma visita social, senhora Agnelli, deve saber muito bem.

Eu estremeço com o tom frio de sua voz. Ele parecia... aborrecido. Para dizer o mínimo.

Eu me inclino para frente, mais curiosa do que nunca agora.

– Acho que a senhora já sabe das acusações que pesam contra seu marido.

Acusações? Eu sinto um baque.

– Sim, eu fui informada deste monte de... absurdos... – Andrea diz numa voz defensiva – Claro que John jamais teria coragem de fazer nada do que o estão acusando.

– Ele teve e fez. – O tal Constantini insiste – seu marido vem roubando a Constantini durante anos. Tirando dinheiro das nossas contas sem ser descoberto.

Eu solto um grito silencioso. De que diabos aquele cara estava falando? Meu pai estava roubando a empresa que trabalhava? Era ridículo!

– Não pode ser verdade. John pode ser muitas coisas, mas é o homem mais honesto que eu conheço! – Andrea o defende o que me deixa um tanto mais tranquila.

– Todo homem pode se corromper quando se trata de dinheiro.

– Não John! Não podem ter provas para toda essa bobagem! Principalmente quando ele está em coma num hospital, sem poder se defender!

– Seu marido estava fugindo, quando o helicóptero caiu, senhora Agnelli.

– É mentira! Ele ia viajar a trabalho...

– Não sei que tipo de mentira seu marido inventava pra senhora, ele estava sendo investigado há semanas. Ele não saiu da cidade a trabalho. Estava escapando para se esconder, certamente. Quando ficou claro que as provas atestavam o tipo de ladrão que ele era, deu um último golpe, que nos custou milhões!

– Meu Deus, por que está inventando esse absurdo? John roubando milhões? Ele não roubou! – Andrea choraminga e escuto o barulho de alguns papéis sendo manuseados.

– Eis as provas, se não está acreditando. Embora todo este seu choro me pareça mais um teatrinho para se safar.

– O... quê...? – Andrea balbucia.

– Obviamente seu marido não ia conseguir esconder todo o dinheiro que roubou da senhora. Claro que deve saber há muito tempo.

– Eu não sei de nada!

– Bom, não me interessa. Só quero reaver todo o dinheiro que seu marido nos roubou.

– Não existe dinheiro nenhum...

– Esta casa me parece bem cara para o salário de um simples segurança.

– Não...

– E tenho certeza que a vida que leva é abastada também.

– Está cometendo um grande erro... Se John estivesse aqui, ele provaria sua inocência...

– Ele não está – a voz do homem é dura e eu mal consigo respirar, tentando achar algum sentindo naquela conversa horrível.

– Está tudo errado...

– Este relatório vai ser entregue à polícia. A senhora provavelmente vai poder fazer seu teatrinho de inocência para eles.

– Polícia?

– Sim, com ladrão é a polícia que deve lidar.

– Isto não pode estar acontecendo...

– A senhora deve ser alertada que todos seus bens serão bloqueados. Eu não sei onde seu marido escondeu o dinheiro, provavelmente em algum

lugar no exterior ou algo assim, só sei dizer eu terei meu dinheiro de volta. Até lá, o valor desta casa pode começar a pagar sua dívida.

– Esta casa? Não pode tirar nossa casa!

Eu escuto passos na direção da porta e me escondo novamente vendo apenas os cabelos escuros de Lukas Constantini desaparecendo.

Desço correndo as escadas e encontro Andrea chorando toda encolhida no sofá.

– Mãe, de que diabos este cara estava falando?

Andrea levanta a cabeça. Seus olhos borrados de rímel vagam perdidos.

– Eu não sei! Nesta tarde, aqueles homens da Constantini apareceram me fazendo um monte de perguntas e acusações contra seu pai! É tudo um pesadelo...

– O papai nunca seria capaz de fazer o que estão acusando!

– Eles têm provas, Mia, provas! – Ela grita, passando a mão pelos cabelos e andando de um lado para o outro.

– Mãe, se acalma – eu peço tentando manter minha mente sã enquanto Andrea está começando a ficar descontrolada.

Corro para a cozinha e pego um calmante e um copo d'água, obrigando-a a tomar e depois a levo para o quarto, onde ela chora até dormir sob o efeito do remédio.

Volto para sala para verificar as portas e apagar as luzes e me deparo com o tal relatório em cima do sofá. Eu o pego e subo para meu quarto, começando a ler. E vou ficando enjoada a cada página.

Está tudo ali. Todas as quantias que foram tiradas das contas da Constantini Corporation. O primeiro golpe teria ocorrido há seis anos. Os valores foram ficando cada vez mais altos. Culminando com o último e mais ousado. Meus olhos se arregalam ao ver a quantidade de zeros. Milhões. Dinheiro demais.

Como é que eles achavam que meu pai ia ter capacidade de roubar tudo aquilo?

Eles tinham extratos das contas de John. Todo aquele dinheiro havia realmente entrado em sua conta e desaparecido dias depois.

– Tem que estar errado – murmuro para mim mesma.

John não era um ladrão.

E, embora nós tenhamos uma vida confortável, nunca tivemos vida de rico, o que seria perfeitamente possível se tivéssemos todo aquele dinheiro.

No entanto, Lukas Constantini está convencido da culpa do meu pai. E ele vai fazer de tudo para ter seu dinheiro de volta. Vai tomar nossa casa. Vai tomar tudo o que temos.

E meu pai está em coma, sem poder se defender. "Ou dizer onde está o dinheiro", uma vozinha fria sussurra dentro de mim e eu sacudo a cabeça, me sentindo culpada.

Claro que John não fez nada daquilo. Deve ser um erro terrível. Meu pai não era um ladrão.

E eu preciso fazer Lukas Constantini acreditar em mim.

Antes de fechar meus olhos exaustos para dormir eu elaboro um plano.

Andrea me encontra na cozinha antes das oito da manhã.

Ela veste um roupão, os cabelos ruivos desgrehados e os olhos ainda inchados.

– Bom dia, mãe. Senta e toma um café.

Ela me mede por cima da xícara.

– Está arrumada... Não precisa ir à escola hoje.

– Eu vou – minto, desviando o olhar – ficar em casa não vai adiantar nada.

– Precisamos voltar ao hospital.

– Eu liguei. Papai continua na mesma.

– Mesmo assim... – ela se senta à mesa com seus olhos perdidos – ele precisa acordar, precisa colocar um fim nestas acusações sem sentido...

– Nós vamos sair desta mãe – digo firmemente.

Ela sorri tristemente.

– Minha pequena filha tão responsável. Não deveria estar passando por tudo isto. Sim, talvez seja melhor ir à escola. Ficar longe de todos estes

problemas.

– Sim, vai ser bom não perder aula. Tome seu café depois suba e tome um banho. Vá ver o papai, mantenha a calma. Vai ficar tudo bem. Tenho certeza que todas estas acusações são falsas.

– Ah Mia, eu queria acreditar, porém, aquele relatório... Aquele dinheiro todo passou pelas contas do John... Como vamos conseguir provar o contrário? Minha única esperança é ele se recuperar e explicar tudo.

Eu respiro fundo, tentando ocultar meu próprio pânico e pego minha mochila na cadeira.

– Eu já vou, não quero chegar atrasada.

Eu beijo o rosto de Andrea e apanho as chaves do meu carro. Como sempre ela demora a pegar, mas não decepçiona.

Eu dirijo pelas ruas molhadas de Seattle com um endereço certo na cabeça e, quando estaciono em frente à sede da Constantini Corporation, meu coração está pesado de apreensão e ansiedade. Salto e olho para o prédio de vidro e aço me sentindo minúscula no meu tênis All Star, jeans velhos e moletom.

Mordo os lábios e, segurando minha mochila nas costas firmemente, caminho com passos decididos. Naquele horário, muita gente passa pelo saguão e eu me misturo aos funcionários, rezando para que ninguém me aborde até que eu esteja num elevador. Aperto o último andar. Era sempre lá que os presidentes ficavam, não é? Sinto minhas mãos suando frio, quando as portas se abrem para uma recepção toda branca e cinza. Ando pelo chão de mármore até uma moça com um uniforme escuro impecável, cabelos loiros presos num coque firme me encarando com cara de poucos amigos.

– Pois não? – Ela me mede de cima a baixo e eu tento manter meu olhar firme.

– Eu estou aqui para falar com Lukas Constantini.

Um leve levantar de sobrancelhas é sua reação.

– E a quem devo anunciar?

– Mia Agnelli.

Ela não parece reconhecer meu sobrenome o que não significa que vou conseguir meu intento.

– Tem hora marcada?

NACIONAIS-ACHERON

– É... Não. Por favor, apenas diga a ele meu nome. Ele irá me receber.

De novo, sou agraciada com seu olhar de desdém, ela aponta um sofá à nossa direita.

– Sente-se ali e aguarde. Irei falar com a secretária do Senhor Constantini.

Fico ali, mordendo os lábios com força, enquanto ela pega o telefone e fala baixo com seu interlocutor.

Depois do que me parece um tempo interminável, escuto passos se aproximando e levanto o olhar para uma senhora de uns 50 anos, muito elegante. Ela sorri para mim o que não me deixa mais tranquila.

– Mia Agnelli?

Eu fico em pé, bastante nervosa.

– Sim.

– Por favor, me acompanhe o senhor Constantini irá recebê-la.

Eu sinto uma tontura de medo me acometer, é tarde para recuar, agora que eu estava ali, precisava ir até o fim.

Caminho com passos firmes atrás da mulher e respiro fundo, quando ela abre uma porta dupla e faz sinal para eu entrar.

Eu olho para meus próprios pés quando dou alguns passos para dentro, talvez esperando não tropeçar e cair, de tão nervosa. Eu não tropeço nem caio, mantendo minha mão direita firme na alça da minha mochila, finalmente levanto o olhar para enfrentar meu destino, que naquele momento é Lukas Constantini.

E eu paro de respirar por um momento quando meus olhos se fixam na figura atrás da grande mesa de vidro.

Certamente estou surpresa. Muito. Eu tinha ouvido a voz jovem ontem, mas acho que esperava estar errada. Aquele cara na minha frente era muito jovem. Devia ainda estar na casa dos vinte anos. Como ontem, ele veste um terno escuro e me estuda com olhos frios e os dedos longos batendo impacientemente na mesa.

– Então você é Mia Agnelli.

Eu mordo os lábios, me sentindo como um inseto prestes a ser esmagado por aqueles dedos.

– S... sim – enchendo-me de coragem dou um passo a frente, levantando o olhar, com a maior firmeza que consigo juntar.

Ele não diz nada por um momento interminável e eu volto a sentir medo. Talvez ele chamasse a segurança para me pôr pra fora, ou ele mesmo se levantaria e colocaria aqueles dedos longos em mim e me empurraria porta afora. O que faria a sua secretária com cara de boazinha me lançar um olhar de pena e a recepcionista metida rir com desdém.

E estaria tudo perdido.

Deixo meu olhar vagar pela sala nervosamente, porque não consigo lidar com os olhos de Lukas Constantini me perscrutando em silêncio.

Como era de se imaginar, a sala é lindamente decorada, com tons monocromáticos modernos. Tudo ali gritava riqueza, assim como seu dono.

Bonita e rica como seu dono.

– Então, em que posso ajudá-la, Mia? – Ele diz de repente e eu volto minha atenção para ele. Parece mais relaxado enquanto recosta na cadeira de couro passando os dedos pelos cabelos escuros bagunçando-os.

– Deve saber por que estou aqui – murmuro limpando minha garganta, tentando falar mais firme – vim para falar sobre meu pai, senhor Constantini.

Capítulo 2

Lukas

Meu humor estava péssimo.

Nem um dos chás irlandeses milagrosos de Megan conseguiu tirar a carranca que morava no meu rosto desde que eu cheguei à empresa nesta manhã.

– Onde está Danielle? – Resmungo, ignorando o chá que ela coloca na minha frente.

– Ela pegou tráfego, já me ligou, chegará em uns vinte minutos – explica calmamente ignorando o palavrão que deixei escapar.

Em outras circunstâncias ela teria me lançado um olhar severo e pedido para eu "melhorar meu linguajar de marinha" e eu riria, provavelmente pediria desculpas com um: "sim, senhora".

Eu conhecia Megan York a minha vida inteira. Robert, seu marido, era nosso funcionário mais antigo, praticamente fundador da empresa com meu pai. Ela e Robert se conheceram nos corredores da Constantini, quando Megan começou como recepcionista ainda bem jovem. Eles se casaram algum tempo depois. Quando Danielle nasceu, Megan deixou a empresa para se dedicar à maternidade.

Pareceu natural que depois da morte prematura do meu pai, Robert assumisse os negócios até que eu tivesse idade para administrá-la. Megan retornou quando Danielle foi para a universidade há dez anos. E agora assumiu o posto de minha secretária. Quando se formou, faz seis anos, Danielle também assumiu um posto na empresa e era minha assistente. Robert se aposentou quando eu assumi a presidência, embora sempre reclamasse que não estava velho o suficiente. Às vezes Danielle dizia que ele gostaria de voltar a Constantini, a verdade é que ele já se dedicou demais à empresa e precisava de um descanso.

– A reunião com os detetives está marcada para as dez horas e com o banco às duas – Megan explica minha agenda para aquele dia.

Wilson já havia me alertado que seria inútil tentar um empréstimo com os bancos, não só pelos motivos explicados ontem, como também pelos rumores do desfalque já estarem percorrendo o mercado, o que era uma merda. Poucas pessoas sabiam do assunto, se eu pegasse quem estava soltando informações confidenciais, estaria no olho da rua.

Mesmo assim, eu teria que tentar conseguir o capital necessário para continuarmos com nossos projetos, caso o dinheiro roubado não fosse recuperado.

– Certo. Me avise quando Danielle chegar – peço, mais rispidamente do que Megan merecia, sem conseguir evitar. Minha cabeça estava começando a doer com tantos problemas.

– Você está péssimo, aposto que não dormiu nada – ela comenta, fechando a agenda e se levantando. Reviro os olhos, irritado.

– Eu acho que não conseguirei dormir até que esta situação se resolva, Megan.

– Eu tenho certeza que tudo vai se resolver, querido – ela diz em um tom carinhoso se afastando e eu passo os dedos pelos cabelos, tentando ter a sua confiança. O que era bem difícil.

E estava começando a me preparar para verificar meus e-mails quando Megan entra na sala novamente com um olhar cauteloso.

– Que foi? – Pergunto, sem tirar o olho da tela.

– Mia Agnelli está aqui pedindo para falar com você.

Eu levanto o olhar.

– Mia Agnelli? – Indago surpreso, pra dizer o mínimo.

– Sim, a recepcionista, acabou de me informar.

Franzo a testa, minha mente trabalhando rápido para me lembrar do que eu li sobre a filha de John Agnelli sem me lembrar de nada significativo, a não ser que ela era uma adolescente que ainda frequentava a High School.

Que diabos ela estava fazendo na empresa?

Eu poderia facilmente me negar a vê-la, porém estava curioso e até meio esperançoso. Será que ela sabia de alguma coisa? Eu fui à casa de Andrea Agnelli ontem para tentar intimidá-la esperando que me dissesse

NACIONAIS-ACHERON

algo, ela ficou histérica dizendo não saber de nada. E, embora eu não tivesse tanta certeza se podia confiar na sua suposta inocência quanto às falcatruas do seu marido, eu me perguntava como poderia Mia Agnelli saber de algo.

Mesmo assim, eu me aprumo na cadeira e peço para Megan chamá-la.

– Tem certeza? Ela não tem hora marcada e você tem compromisso as dez, posso pedir que retorne numa hora mais conveniente.

– Não. Quero vê-la agora. Traga-a.

Megan sai da sala e eu fico à espera da tal garota me perguntando se estou perdendo meu tempo.

Alguns minutos depois, Megan entra na sala e atrás dela escuto passos inseguros e Mia Agnelli entra no meu campo de visão.

Minha primeira impressão é que ela era muito jovem. Seu rosto é pálido sob o capuz preto que cobre sua cabeça. Seus passos são hesitantes e indecisos ao entrar na sala, enquanto Megan fecha a porta atrás dela.

Eu a meço, analisando seu tênis All Star sujo, o jeans desbotado o moletom largo. Ela segura firmemente a mochila nas costas e eu me pergunto se não deveria estar na escola naquela hora.

Eu estava intrigado.

Era o mínimo que eu podia dizer ao observar a garota na minha frente.

Mia Agnelli. Filha de John Agnelli. A razão de todos os meus recentes problemas.

Eu sabia que ele tinha uma filha. Obviamente eu havia passado algum tempo dissecando toda sua vida tentando achar alguma pista de como reaver todo o dinheiro que ele havia roubado. John Agnelli era um homem de 38 anos, morador de Redmond, pequena cidade de Washington. Se tornou policial casando e tendo uma filha bem jovem. Aparentemente a esposa não estava disposta a ser apenas a mulher de um policial de cidade pequena e se mandou para Seattle com a criança, onde ficou por alguns meses, até John decidir se mudar também e tentar uma vida melhor pra satisfazer sua ambição. Eles viviam bem desde então. Bem demais para os padrões de um simples segurança, devo dizer. O que faria muito sentido se levássemos em consideração todo o dinheiro que ele vinha embolsando ilegalmente. O filho da puta! Que agora estava em coma em uma cama de hospital, sem previsão de voltar à vida para eu poder dar uns bons socos naquela cara deslavada e

NACIONAIS-ACHERON

obrigá-lo a dizer onde enfiou o meu dinheiro.

Sim, por mais que ele, a esposa e a filha tivessem uma vida confortável, não condizia com toda grana embolsada. Embora Wilson tivesse me alertado para a possibilidade de John ter nos roubado para pagar alguma dívida de jogo ou algo do tipo. O certo é que não fazíamos ideia de seus motivos e no momento eu tinha detetives competentes dissecando a vida dos Agnelli.

Nós estávamos correndo contra o tempo. A cada hora que passa mais difícil se torna a situação.

Então eu me pergunto que porra estou fazendo dando atenção àquela garota que com certeza não vai me ajudar em nada.

Bato meus dedos impacientemente na mesa.

– Então você é Mia Agnelli.

Ela morde os lábios, meio insegura aumentando minha impaciência.

– S... Sim – Gagueja hesitante dando um passo a frente levantando seu olhar para mim.

Castanhos. Eu me surpreendo com a determinação contida ali por um momento. Sua coragem desvanece em segundos e ela corre os olhos pela sala, como se tivesse medo de me encarar. Eu rolo os olhos, começando a me irritar. Daria apenas cinco minutos para seja lá o que for que Mia Agnelli queria falar comigo.

– Em que posso ajudá-la, Mia? – Me recosto na cadeira, passando a mão por meus cabelos. Sinto-me um tanto fatigado pela noite mal dormida.

Mia volta a me fitar e eu noto um pouco daquela determinação anterior voltar aos seus olhos.

– Deve saber por que estou aqui. Vim para falar sobre meu pai, senhor Constantini.

Eu franzo o cenho. Não sei por que ver aquela menina me chamar de Senhor Constantini me irrita. Talvez porque faça eu me sentir muito mais velho do que meus 25 anos com este tratamento.

Eu respiro fundo e aponto para a cadeira diante de mim.

– Sente-se – digo friamente e ela hesita apenas um instante, então arrasta seus pés até a cadeira e se senta.

Ela está mais perto agora e eu vejo mais claramente seu rosto muito

NACIONAIS-ACHERON

branco e seus olhos que parecem ter uma curiosa mistura de medo e determinação. Seus cabelos são ruivos, vejo alguns fios saindo do capuz.

– E o que tem para me dizer sobre seu pai?

Ela respira fundo.

– Ele não fez aquilo que o acusa.

Tenho vontade de revirar meus olhos para aquela informação. Jesus, ela ia mesmo fazer eu perder meu tempo?

– E com base em que afirma isso? Por acaso tem alguma informação que desconheço? – Pergunto calmamente.

Ela abre a boca e a fecha, indecisa.

– Não, não tenho.

Eu bufo, cruzando os braços em frente ao peito.

– Então veio apenas para dizer que seu pai é inocente?

Ela abaixa o olhar, envergonhada. Devia se sentir mesmo.

– Com que intuito? Por acaso acreditou que apenas o fato de afirmar me faria acreditar em você ou algo assim?

Ela volta a me fitar.

– Claro que não. Eu conheço meu pai. Ele não é desonesto senhor Constantini.

– Eu tenho provas concretas que dizem exatamente o contrário.

– Eu sei.

– Sabe?

– Eu li os relatórios que deixou na minha casa.

– Se leu os relatórios e entendeu alguma coisa...

– Eu não sou burra, claro que entendi – ela diz num tom ríspido que me surpreende.

Eu descruzo os braços e me inclino para frente.

– Certo. Você entendeu. Mesmo assim veio tentar me convencer do contrário.

– Eu sei que tudo parece estar contra ele, porém, eu precisava tentar! Você não conhece meu pai como eu, ele...

– Sim, ele não faria nada desonesto, já disse – eu me irrita. –

Senhorita Agnelli, por favor, se foi só o que veio fazer aqui, acho que deve se retirar. Eu estou ocupado demais tentando consertar as merdas que seu pai fez para ficar dando ouvidos a uma garota sem noção.

Seus olhos escurecem e algo parecido com fúria faz com que ela morda os lábios com força.

– Vou chamar a Megan para te acompanhar... – Pego o telefone e levo um susto quando ela toca minha mão, me impedindo.

Eu olho para sua pequena e branca mão sobre a minha depois para seu rosto que cora violentamente quando a retira, envergonhada.

– Não, por favor, me escute! – Há um tom de súplica em sua voz. – Eu sei que talvez meu pai seja culpado. Eu li aquele maldito relatório, mais de uma vez. E devia saber que seria impossível fazer alguém acreditar o contrário. Meu pai está em coma! Ele não pode nem se defender ou explicar...

– Explicar por que vem me roubando há anos?

– Que seja! Eu fico me perguntando o que irá acontecer já que meu pai não está aqui para pagar pelo o que supostamente fez.

– O que vai acontecer é o que eu falei para sua mãe ontem. Eu preciso do dinheiro que seu pai roubou. Seus bens estão confiscados, provavelmente sua casa será vendida...

– Não pode fazer isto! O que seria da minha mãe?

– Não é problema meu.

– Mas é meu! – Ela diz com tanto desespero que eu me pergunto por que aquela menina está tomando pra si uma responsabilidade e preocupação que na verdade teria que ser da sua mãe e não dela.

Isto me comove um pouco, admito, respiro fundo, tentando acalmar minha voz.

– Entenda Mia, tenho uma empresa para administrar. Seu pai me causou sérios problemas. Eu não posso simplesmente perdoar como se nada tivesse acontecido. Sei que talvez seja difícil para alguém jovem como você entender tudo o que está em jogo...

– Pare de me tratar como uma criança idiota, Senhor Constantini. Posso ser nova, mas entendo perfeitamente o que acontece a meu redor. Por isto mesmo estou aqui tentando encontrar uma solução para a situação.

Ela diz de um fôlego só, me deixando surpreso com sua firmeza.

– Desde que possa me assegurar que terei todo meu dinheiro de volta, creio que terá uma solução – digo cheio de ironia.

– Claro que não faço ideia de onde está o dinheiro. Fico apavorada ao pensar que vai tirar tudo o que nós temos!

– Como eu disse, não é um problema meu – insisto, tentando não me comover com aquele olhar perdido.

Inferno. Eu estava deixando aquela conversa ir longe demais.

– Então, senhorita Agnelli, como eu imaginava não pode me ajudar. Volte para sua escola, ou sei lá o que garotas da sua idade fazem a esta hora do dia.

– Como posso simplesmente voltar pra escola como se nada estivesse acontecendo, quando meu mundo está ruindo?

E lá estava, aquele olhar perdido, cheio de dor e revolta.

– Deve ter algo que eu possa fazer – ela continua quase pra si mesma.
– Não posso simplesmente cruzar os braços sem fazer nada enquanto você tira nossa casa e tudo o que a gente tem! Por favor, Senhor Constantini. Me diga, por favor, o que eu posso fazer para amenizar a situação? Deve existir alguma coisa... Eu faria qualquer coisa...

Ela volta a me fitar e eu sustento seu olhar ansioso. Tenho vontade de dizer a ela exatamente o que eu precisava. Dizer que por causa das merdas que seu pai fez, eu me encontrava num beco sem saída e muito provavelmente teria que recorrer ao testamento da minha mãe.

Aquele maldito testamento que dizia que eu teria que me casar para conseguir o dinheiro.

Então, enquanto esta garota está aqui com seus grandes olhos castanhos implorando para que eu tenha um pouco de compaixão de seus problemas, eu penso em despejar em cima dela os meus e ver quem ganha.

Eu me contenho e apenas desvio o olhar.

– Mia, você não pode fazer nada para ajudar – respondo disposto a encerrar o assunto.

– Eu discordo. Tem que haver um jeito! – Insiste.

– Sim, seu pai pode acordar e dizer cadê a merda do dinheiro – bufo impaciente.

– Se ele não acordar...

– Se ele não acordar, as coisas ficarão feias, Mia, realmente feias. – Me inclino para a frente tentando fazê-la entender. – Compreendo sua determinação em tirar você e sua mãe desta enrascada, porém, como eu disse, tenho muito mais com o que me preocupar! Tenho uma empresa que vai entrar em crise por culpa do seu pai. Neste momento estou preocupado em saber como vou sair desta situação, entendeu?

– Eu sinto muito – ela diz parecendo realmente sentir. – Eu acho que não tinha me dado conta de como o que meu pai supostamente fez, afetou sua empresa. – É a sua vez de se inclinar – não sei como, sei que sou apenas uma garota, mas eu quero ajudar. Eu preciso ao menos tentar nos tirar desta situação horrível. Então, por favor, se tiver qualquer coisa que eu possa fazer, me diga que farei.

Fico olhando para ela por um momento. Seu rosto cheio de firme resolução me faz realmente acreditar na seriedade de suas palavras.

Mia Agnelli, apesar de ser apenas uma adolescente, está mesmo disposta a tentar resolver a situação. Embora sua determinação seja cheia de inocência, afinal, ela não pode fazer nada para ajudar, não deixa de ser admirável seu fervor.

Por um momento, eu lamento por ela.

Lamento que seu mundo esteja prestes a desmoronar.

Assim como o meu.

Pensar no meu próprio infortúnio, me faz voltar à realidade, jogando para o fundo da mente qualquer piedade que poderia ter por Mia Agnelli.

Pego o telefone na mesa, lançando-lhe um olhar firme que diz que o caso está encerrado e, desta vez, ela não me impede quando chamo Megan.

Ela se levanta como se o peso de mundo estivesse em suas pequenas costas.

– Obrigada por me receber, senhor Constantini – diz sem me encarar enquanto se afasta.

Megan abre a porta e me encara com uma pergunta muda no olhar.

– A senhorita Agnelli está pronta para ir embora.

Eu me encosto na cadeira soltando a respiração e passando os dedos entre os cabelos, vendo a porta se fechar atrás de Mia Agnelli.

Aquilo foi estranho.

Quase como se toda aquela conversa tivesse feito parte de um sonho bizarro. Agora eu precisava voltar à realidade. À dura realidade.

Danielle entra na sala minutos depois e sorri.

– Desculpe-me pelo atraso. Eu dormi na casa do Jack e sabe que ele mora do outro lado da cidade.

Jack era o noivo de Danielle e eles namoravam desde a faculdade.

Como amigo de infância que tinha grande estima por ela, às vezes eu me perguntava se Jack era o cara certo para Danielle. Ele não conseguia se firmar em nenhum emprego e estava sempre mudando de profissão. Como Danielle parecia gostar demais ele ou alguma merda assim, eu não me intrometia.

– Minha mãe disse que a filha do Agnelli esteve aqui, é sério?

– É.

– E o que ela veio fazer i? Quantos anos tem? Treze?

– Acho que 17 – respondo, me recordando do que havia lido sobre a vida de John Agnelli.

– Uma criança. Não entendo que diabos veio fazer aqui.

– Veio defender o pai.

Danielle solta uma risada irônica.

– Esforço inútil. As provas contra ele são contundentes – ela olha o relógio. – Espero que os detetives tenham algo de concreto a dizer, vamos pra reunião?

Eu me levanto e a acompanho também torcendo para que alguma informação concreta tenha surgido.

A reunião acaba sendo infrutífera. Os detetives não chegaram a nenhuma conclusão. John Agnelli era um maldito filho da puta o dinheiro tinha evaporado no ar.

Para piorar meu dia, a reunião com o banco também foi um desastre. Como Wilson me preveniu, eles não estavam dispostos a injetar nenhum capital na Constantini. Resumindo, eu estava com sérios problemas e a situação ficava cada vez pior.

Os dias que se passaram não foram melhores. Eu corria contra o tempo, de reunião em reunião com bancos de todo país, sem conseguir nada.

John Agnelli não saía do coma. E nenhuma pista sobre o dinheiro era encontrada.

– Você parece um vampiro morto-vivo – Danielle diz numa tarde, me encarando por sobre a mesa de reunião quando o último banqueiro saiu acompanhado por Wilson.

Eu afrouxo a gravata cansadamente.

– Meu sono está uma merda. Eu não consigo dormir pensando em toda esta droga.

Ela me encara muito séria.

– Eu sei que não quer falar sobre isto, Lukas. Talvez você tenha que entregar a direção da empresa ao meu pai.

Eu começo a protestar.

– Eu sei que não quer e entendo.

– Seu pai já fez demais por esta empresa. Não seria justo.

– Sim, ele fez e faria mais se fosse necessário.

– Não vai ser – garanto me levantando cheio de determinação.

Chega. Eu não podia mais me enganar. Eu tinha que conseguir a merda do capital para nos manter fora da crise iminente e só havia um jeito.

Meu estômago embrulha, enquanto eu saio da sala, olhando as mensagens no meu celular. Não podia negar que durante toda aquela semana eu vinha pensando cada vez mais nesta maldita alternativa.

Casamento.

Somente a palavra já me enchia de horror. Mas eu precisava encarar a realidade. O problema era que, para casar, um homem precisava de uma noiva.

Eu me perguntava onde diabos eu iria conseguir uma.

Claro que eu conhecia muitas mulheres. Com certeza pelo menos um bom número delas se sentiria bastante disposta a receber um anel de diamante no dedo se eu pedisse.

Inferno, eu não queria uma esposa. Eu não estava preparado para uma. Infelizmente teria que fazer. Arranjar uma mulher e me casar.

Era hora de analisar minhas alternativas. E, como se o destino estivesse disposto a colaborar comigo, uma mensagem pisca em meu celular e eu reconheço o nome.

Alexia Duran.

A loira de Aspen, vizinha da minha família.

A mensagem diz que ela está na cidade e gostaria de se encontrar comigo. Eu sorrio sombriamente.

Talvez ela fosse uma solução, afinal.

Mia

Eu mal olho para os lados quando saio da Constantini com passos apressados.

Bato a porta do carro com força e dou partida, querendo colocar a maior distância possível entre mim, Lukas Constantini e toda a vergonha misturada com raiva que eu estou sentindo naquele momento.

Quão absurda eu poderia ser? Como pude pensar que conversar com Lukas Constantini resolveria alguma coisa?

Enquanto dirijo sem rumo pelas ruas de Seattle, repasso toda a conversa na minha cabeça.

Esteve óbvio o tempo inteiro que ele achava que eu não passava de uma pirralha sem noção. Talvez eu fosse mesmo. Pelo menos era assim que me sentia neste momento.

Uma chuva fina começa a cair, não fecho as janelas, deixando os pingos gelados atingirem meu rosto. Estou apavorada e angustiada. Não sei como sair desta situação. Pois tenho certeza que meu infortúnio está apenas começando.

Lukas Constantini irá até o fim contra meu pai. E meu pai está numa cama de hospital sem poder se defender.

E a pergunta sem resposta que assola minha mente volta a me atormentar: E se John for mesmo culpado? E se ele roubou todo aquele dinheiro? Estremeço de medo ao imaginar esta hipótese. É muito difícil pra mim aceitar a culpabilidade do meu pai. John nunca foi ambicioso ou sem escrúpulo. Simplesmente não posso aceitar!

Que diferença faz se há a possibilidade de John ser inocente, se existem provas incontestáveis de que ele é culpado? Se Lukas Constantini está disposto a qualquer coisa para conseguir seu dinheiro de volta? Meu estômago revira e eu engulo a vontade de vomitar. Não consigo desfazer o nó horrível que se forma na minha garganta e, sem forças para lutar contra, eu paro o carro num acostamento deito minha cabeça no volante chorando todas

as lágrimas que tinha segurado corajosamente na frente dele. Se ele já achava que eu era uma criança tola, se começasse a soluçar na sua frente, aí sim teria certeza.

Agora que estou sozinha posso deixar o choro me dominar. Assim como toda a raiva que cresce dentro de mim. Nunca me senti tão impotente e inútil.

E, naquele momento, eu tenho ódio de Lukas Constantini.

Depois de me recompor e dizer a mim mesma que de nada iria adiantar eu me deixar levar pelo desespero, dirijo para o hospital. Andrea fica brava quando me vê.

– O que está fazendo aqui, Mia? Devia estar na escola.

– Não conseguiria ficar na escola como se nada estivesse acontecendo, mãe. Como está papai?

– Na mesma. Nenhum sinal de vida.

Eu mordo os lábios em agonia.

Só nos resta esperar.

As horas passam e nada muda. Consigo convencer Andrea a ir pra casa ao final do dia ela exige que eu vá também. Ela continua chorosa e preocupada com as investigações sobre o desfalque.

– Seu pai precisa acordar, precisa sair do coma... Senão estaremos perdidas. – Murmura, enquanto eu tento obrigá-la a comer, sem sucesso.

– Mãe, por favor, coma. Precisa ser forte.

– Como posso ser forte nesta situação? Vamos perder tudo! Começando por esta casa! Lukas Constantini vai nos colocar na rua, o que será de nós?

– Ainda não sabemos se vai acontecer...

– Estamos perdidas... Perdidas...

De novo, eu consigo fazer Andrea dormir a custa de calmantes.

Naquela noite eu sonho com Lukas Constantini pela primeira vez.

Ele entra pela porta do meu quarto, vestido com seu caro terno preto e me encara como um anjo da morte, pairando sobre mim, seus olhos verdes

me perfurando.

– Saia desta cama, Mia Agnelli – ordena com sua voz perfeita e fria. – Nada aqui te pertence mais.

Eu acordo com o coração batendo descontrolado sentindo todo o terror que suas palavras me evocaram no sonho.

Dormir depois parece impossível, mas eu me forço a fechar os olhos.

Acordo na manhã seguinte me sentindo péssima e tenho uma pequena discussão com Andrea que tenta me convencer a ir para escola.

– Eu quero ficar com o papai! – Insisto.

– Não há nada que possa fazer no hospital filha. Se houver alguma mudança no quadro dele eu te ligo, prometo.

Por fim, eu a deixo me convencer apenas para que não fique ainda mais transtornada.

Na escola, eu me sinto como uma alienígena.

Observo todos aqueles adolescentes a minha volta, vivendo suas vidas sem preocupações, enquanto a minha está ruindo sem que eu possa fazer nada para mudar o meu destino.

Os dias passam.

Minha esperança de que algum milagre ocorra para nos tirar daquela situação vai se esvaindo.

O tempo escorre por meus dedos.

E meu pai continua em coma.

As investigações sobre o desfalque não chegam a lugar algum, a não ser naquilo que Lukas Constantini já tinha certeza, solidificando a culpa de John. Porém, como ainda não encontraram o paradeiro do dinheiro, eu mantenho uma esperança.

Eu não consigo dormir sem ter pesadelos e minha mãe só dorme com calmantes.

Me pergunto quando tudo vai desmoronar de vez, quando Lukas Constantini decidirá cumprir suas ameaças.

– Ei, Mia – eu levanto a cabeça no refeitório, onde estou sentada sozinha, e vejo Louise parada na minha frente com um sorriso hesitante. – Tudo bem? Não tenho visto muito você esta semana...

– Ah, não estou muito sociável ultimamente. – Eu tinha poucos amigos na escola, como Louise e seu namorado Ben, optei por não dizer nada sobre o acidente do meu pai, para evitar perguntas embaraçosas que não estava preparada para responder.

– Quer se sentar com a gente? – Pergunta.

Por um momento tenho vontade de aceitar seu convite, ao olhar pra sua mesa, vejo que Zac está lá junto com Ben. Definitivamente não estou a fim de aguentá-lo hoje.

– Não, obrigada – aponto para o livro que eu fingia ler sobre a mesa. – Estou lendo.

– Ah, tudo bem. Olha... Se quiser conversar, você tem meu telefone, pode me ligar, tá?

Eu apenas assinto e ela se afasta com seu sorriso simpático. Fico olhando enquanto ela senta ao lado de Ben que lhe dá um beijo e engatam uma conversa animada com Zac.

Será que um dia eu voltarei a ser normal e despreocupada como eles?

De repente eu me sinto cansada demais de todo aquele peso que carrego nas minhas costas e desejo ser somente uma adolescente comum. Alguém que pode rir das piadas toscas de Ben e ser irônica com os avanços de Zac Smith.

De alguma maneira, prevejo que nunca mais serei assim.

Eu volto pra casa à tarde e Andrea está desligando o telefone.

– Oi, mãe, quem era?

– Era aquele amigo do seu pai de Redmond, Jim DeLuca. Ficou sabendo sobre o acidente e queria detalhes. – Ela faz um gesto de descaso com a mão. – Ele até queria vir pra cá, eu disse que não era preciso. Como ele iria ajudar em alguma coisa? Um pobre coitado de Redmond!

Eu não falo nada. Gosto de Jim DeLuca e o conheço a minha vida inteira. Assim como seu filho Joe. Nós nos víamos nos dias que eu passava com meu pai em Redmond nos verões. Brincávamos juntos e nos dávamos bem, embora nos últimos tempos tenhamos nos afastado um pouco. Era verdade quando diziam que as garotas amadureciam antes dos garotos, nas últimas vezes em que eu vi Joe, o achei muito sem noção, sempre fazendo brincadeiras bestas pra chamar minha atenção acompanhado de uns amigos

mais idiotas ainda. Meu pai brincava que ele era apaixonado por mim, eu apenas rolava os olhos, descrente.

Agora não haveria mais verões tranquilos em Redmond.

Não para mim, pelo menos.

– Como está o papai? – Pergunto, jogando minha mochila no sofá e indo para a cozinha preparar o almoço que, como sempre, eu forçaria Andrea a comer.

– Na mesma. Estou perdendo a esperança, Mia...

Eu sinto um arrepio de apreensão, mas contenho meu pânico.

– E as investigações?

– Tudo igual. Eu falei com nosso advogado e ele disse que não tem muito que possamos fazer para ir contra eles quando decidirem apreender nossos bens.

– Vamos dar um jeito de sair desta mãe. – Murmuro e sei que no fundo estou tentando convencer a mim mesma.

Naquela noite eu me deito cedo, na esperança de que o sono me faça esquecer, pelo menos momentaneamente, todos os problemas.

Eu estava sendo ingênua se achava que os pesadelos tinham me abandonado. Eles continuavam ali, à espreita, só esperando que eu fechasse os olhos e baixasse a guarda.

Então, ele vinha. Lukas Constantini. Sempre ele.

Às vezes eu só ouvia sua voz, me torturando, ameaçando tirar tudo o que tenho. Outras eu corria pelos corredores e apenas escutava seus passos.

Ou então, o que era sempre pior, eu o via. Frio e sinistro, com olhos acusatórios que faziam um par aterrador com sua voz sombria. Ele sempre me mandava embora.

E eu sempre acordava suando frio e com o coração disparado.

Naquela noite não foi diferente.

Eu acordo assustada e me sento na cama, colocando a mão sobre o peito para acalmar as batidas desenfreadas do meu coração.

Naqueles momentos, eu achava que nunca mais teria paz. Bem lá no fundo, apesar de saber que estava errada, eu culpava Lukas Constantini.

Cansada desisto de dormir e saio da cama. Sei que, se tentar pegar no

NACIONAIS-ACHERON

sono de novo, terei mais uma noite mal dormida. Então me levanto, visto jeans e um moletom e saio do quarto em silêncio. Quero ver meu pai.

Fazia dois dias que eu não o visitava. Eu claramente tentava burlar dois sentimentos opostos dentro de mim: o medo e a esperança.

Esperança de que ele melhorasse finalmente e o medo de que nunca acontecesse.

Apagada pelos calmantes, minha mãe nem percebe quando saio de casa. As ruas de Seattle estão vazias àquela hora da noite e chego com facilidade ao hospital. Coloco meu capuz para driblar o frio da noite e entro na recepção, rezando para que não me proibam de vê-lo.

Meus medos são infundados, pois não sou perturbada até entrar no seu quarto.

É triste vê-lo assim. Pálido sob os lençóis estéreis. Respirando através de aparelhos. Quase sem vida. Seguro sua mão fria na minha.

Quando eu era pequena, tinha um medo absurdo de dormir no escuro e John ficava comigo, segurando minha mão, até que eu adormecesse.

Me pergunto se um dia sentirei sua mão apertando a minha de novo e sinto uma vontade imensa de chorar.

Não sei quanto tempo passo ali, ouvindo os poucos sons no corredor e o "bip bip" do aparelho que mede seus batimentos cardíacos, me garantindo que ele está vivo, apesar de tudo. Sou tirada de meu estupor, quando escuto a porta abrir devagar e levanto o olhar, tomando um susto ao ver Lukas Constantini.

Ele também parece estupefato ao me ver.

– Mia. – Sua voz está diferente dos meus sonhos.

Ele todo parece diferente pra mim.

Eu me lembro de Lukas Constantini como uma figura bonita e impecável. Quase ameaçadora em sua perfeição.

Aquele cara na minha frente parece um arremedo do que eu me lembrava e fixara na minha mente a ponto de transformá-lo no vilão de meus pesadelos.

Seus cabelos escuros estão mais bagunçados do que nunca e seu rosto parece abatido, assim como suas olheiras mais acentuadas. Há uma barba escura por fazer em seu rosto bronzeado.

Ele ainda veste um terno que parece ridiculamente caro, a gravata sumiu e alguns botões da camisa estão desabotoados.

De repente eu percebo que estamos a alguns segundos nos medindo sem dizer nada num silêncio estranho e ruborizo, desviando o olhar.

– Mia. – Ele repete num tom curioso.

– Oi – murmuro.

– Que diabos faz aqui a esta hora? – Seu tom contém uma irritação cansada.

– Acho que posso fazer a mesma pergunta, senhor Constantini.

Ele passa a mão pelos cabelos com uma cara azeda. Sinceramente, ele não parece nada bem.

– Se me perguntasse acho que não saberia responder – ele diz quase como se para si mesmo.

Eu não sei o que dizer enquanto ele entra no quarto e observa meu pai.

– Nenhuma mudança, não é? – pergunta e eu aceno com a cabeça.

– Não.

Nós ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Não é tarde para estar aqui?

Eu o encaro com um olhar cheio de ironia e ele ri, de novo passando os dedos pelos cabelos.

Eu tenho vontade de pedir pra ele sorrir mais. Parece menos ameaçador. Quase amigável.

E mais bonito.

A última observação pula na minha cabeça sem eu ter noção de onde vem e me deixa vermelha. Quase com vergonha de mim mesma.

Não tem o menor cabimento eu achar Lukas Constantini bonito. Ele é tipo, muito mais velho do que eu, além de ser um cretino.

Quer dizer, eu sei que é ridículo ficar insultando-o em minha mente, só não consigo evitar. Obviamente existe um lado sensato e realista dentro de mim, que entende os motivos dele, também tem aquele lado emocional que quer agredi-lo com socos e pontapés e pedir que deixe minha família em paz.

Eu respiro fundo, contendo meu fluxo de pensamentos sem sentido.

NACIONAIS-ACHERON

Não quero parecer uma menina idiota para aquele cara novamente.

– Sério, eu tenho motivos para minha presença, embora não seja um horário usual de visitas – explico. – Só não entendo o que você está fazendo aqui e a esta hora, parecendo... – eu mordo os lábios sem saber o que dizer.

– Parecendo...? – ele me instiga e eu posso jurar que há um toque de divertimento nele.

Eu coro. De novo.

Tão, tão idiota!

Dou de ombros, desviando o olhar. De novo.

– Tem razão. Eu não devia estar aqui – ele diz de repente, naquele tom cansado. – Eu vou embora. Boa noite, Mia.

Eu não levanto o olhar até ter certeza de que ele saiu. Então volto a respirar aliviada, percebendo que estava toda tensa.

Que inferno!

Maldito Lukas Constantini e aquele seu dom horrível de me desconsertar e amedrontar!

Suspirando, decido que já passa da hora de eu ir embora, pois tenho aula cedo amanhã.

Dou uma última olhada no meu pai e saio do quarto.

O hospital continua tranquilo e quase silencioso quando saio pelas portas automáticas da recepção com passos apressados em direção ao meu carro.

Paro ao me deparar com Lukas Constantini.

Ele não foi embora como prometeu, afinal.

Ele está sentado em um banco do jardim em frente ao estacionamento do hospital com os braços cruzados olhando para o nada.

Eu hesito por um momento. Devia seguir no meu caminho, entrar no meu carro e ir embora. Já tive minha dose de "tensão Lukas Constantini" por um dia e não precisava de mais.

Definitivamente eu devia estar enlouquecendo, pois, de repente, me vejo andando em sua direção com passos decididos.

Ele me vê e parece surpreso e curioso ao mesmo tempo, quando sustento seu olhar e me aproximo, sentando ao seu lado sem aviso.

– Por que está aqui? De verdade? – Exijo.

Ele olha para frente, ainda com os braços cruzados no peito, como se estudasse o que responder.

Eu fico presa em seu perfil perfeito.

Quando eu estava no primeiro ano, fizemos uma visita ao museu de Seattle onde fomos apresentados a várias réplicas de estátuas gregas.

Tão perfeitas e simétricas. De uma beleza inatingível.

Daquele ângulo Lukas Constantini me parecia uma daquelas estátuas.

– Meu tempo está se esgotando, Mia – ele diz de repente. – Os dias vão passando e nada se resolve. As investigações não chegam a lugar nenhum. John Agnelli não acorda deste maldito coma para eu poder dar uns bons socos na sua cara de ladrão e fazê-lo devolver a merda do meu dinheiro.

Eu fico sem ar com suas palavras agressivas contra meu pai e tenho certeza que agora o vermelho no meu rosto é de raiva.

Respiro fundo para não agir exatamente como a menina birrenta dentro de mim, que quer dar pontapés em sua canela e fazê-lo engolir suas palavras.

– Mais do que ninguém eu sei que o tempo está passando. Acha que eu não estou com medo? – Pergunto e desta vez ele me fita. – Estou apavorada. A qualquer momento você vai tirar tudo o que eu tenho e eu não sei o que fazer!

Minha voz está embargada e me odeio por isto. Odeio ainda mais Lukas Constantini por me deixar assim.

– Eu sinto muito por você, Mia.

Eu reviro os olhos bufando e é minha vez de cruzar os braços.

Definitivamente, birrenta.

– Sente nada! Você só pensa nos seus milhões, na merda da sua empresa! E daí se eu e minha mãe não temos nenhum conhecimento sobre esta porcaria de desfalque? E nem acredito que foi meu pai! No entanto, além de termos que ver o John em coma, vamos perder tudo o que a gente tem! – As palavras saem engasgadas da minha boca, já nem me importo.

– Você não tem ideia do que está falando. – ele diz entredentes e sei que está ficando irritado comigo. Pois que fique. – O dinheiro que seu pai roubou – eu lhe lanço um olhar raivoso que ele sustenta. – Sim, roubou! Isto

é certeza, mesmo você se negando a acreditar – ele ignora minha boca que se abre várias vezes para defender meu pai, apesar de saber que é inútil. – Era um capital essencial para manter vários projetos da minha empresa em andamento. Sabe o que vai acontecer se não conseguirmos a merda dos milhões que você diz? Claro que não entende nada, não tem noção de que existem centenas de empregos que dependem desse dinheiro. Então me desculpa se eu estou sim preocupado com meus milhões, Mia Agnelli!

Ele me fita com fúria agora, muito parecido com o Lukas vilão dos meus sonhos e eu me encolho com medo.

Existe uma parte do meu cérebro, aquela mais sensata e quase adulta, que entende o que ele diz. E que se sente envergonhada e até mesmo egoísta com meu ataque.

Mas como eu posso pensar diferente? É do meu pai que estamos falando. É a minha vida e a da minha mãe que vai virar um inferno.

Eu engulo o nó na minha garganta e pisco inutilmente para afugentar as lágrimas.

– Talvez eu sinta muito por você também – digo. – Eu queria... poder fazer alguma coisa. Poder... Ajudar de alguma maneira. Queria ser capaz de mudar o que está acontecendo, encontrar uma solução. Como diz, sou apenas uma garota. – eu rio sem humor, secando desajeitadamente as lágrimas que sujam meu rosto.

Lukas não diz nada. Eu relanceio o olhar para cima e ele está me encarando estranhamente.

– Quantos anos tem Mia?

Eu franzo a testa, sem entender por que aquela pergunta é relevante.

– Dezessete. – murmuro e então acrescento como se fosse muito importante. – Faço dezoito daqui a cinco meses.

Ele continua em silêncio, me encarando como se estivesse... cogitando algo muito importante.

Eu estou simplesmente exausta.

Me levanto do banco.

– Preciso ir embora.

Eu me viro e dou alguns passos, quando o escuto chamando meu nome.

– Mia.

Eu me viro, quase irritada de novo. Será que já não foi o bastante?

– Você disse que queria ajudar.

Não é uma pergunta.

Ele se levanta. Eu devia fugir. Algo em seu olhar diz que talvez eu não goste do que vou ouvir.

Enquanto algo em sua voz também me faz sentir... esperança.

– Sim. Eu faria qualquer coisa que nos tirasse desta situação horrível.
– confirmo.

Ele caminha até mim. Não sei por que me sinto como uma presa. E ele o predador.

– E se eu disser que você pode mudar tudo se casando comigo?

Capítulo 3

Mia

Por um momento desconfio que ainda esteja presa em um daqueles malditos pesadelos nos quais ele me aterroriza toda noite.

Por que, de que outra maneira eu estaria ouvindo Lukas Constantini me dizer que eu poderia ajudar me casando com ele?

Ele disse. Eu ouvi bem.

Embora não faça o menor sentido.

– O quê? Está louco? – Ando em sua direção sem mesmo me dar conta do que estou fazendo.

Enquanto espero sua resposta, fico pensando em que momento ele vai começar a rir e dizer que está fazendo uma piada.

Em vez disto, ele segura meus pulsos e me puxa para sentar no banco de novo, me encarando com uma expressão estranha.

– Minha mãe me deixou uma herança. Os termos do testamento dizem que eu só posso receber o dinheiro quando fizer trinta anos ou quando me casar.

– Você não tem trinta anos – afirmo, resolvendo entrar naquela conversa maluca. Ainda há uma parte de mim que espera que tudo seja uma grande gozação. Olha só, quem diria que Lukas Constantini era engraçado?

– Eu tenho vinte e cinco.

– Então precisa se casar.

– Sim.

E ele me encara como se isto fizesse muito sentido e eu estivesse entendendo tudo.

Ele só pode estar brincando, não é?

– Espera, não é uma piada?

– Mia, estou com cara de quem está fazendo piada?

– O que está falando é um enorme absurdo!

– Sim, devo concordar com você em termo – Ele fala como se conversasse consigo mesmo. – Eu tenho pensado tanto em maneiras de burlar este testamento então você está aqui e foi seu pai que me colocou nesta enrascada, por que não? Eu preciso de uma esposa e você, Mia Agnelli, pode me ajudar. Não era o que queria?

Deus, ele está realmente falando sério.

Eu empalideço de horror.

– Realmente acha que eu iria me casar com você? Eu tenho dezessete anos!

– Se não se casar eu tirarei tudo o que você e sua mãe têm. Mesmo assim ainda ficarão me devendo.

– Está me obrigando a casar com você – digo, sentindo meu estômago revirar.

Estou acordada, mas me sentindo num pesadelo.

– Não. Estou te dando uma opção.

– Não faz sentido. Por que não escolher alguém como você? Aposto que existem muitas mulheres dispostas a ser a Senhora Constantini.

– Eu não preciso de uma esposa de verdade. Um casamento de verdade. Não quero criar nenhuma expectativa ou ter qualquer obrigação emocional. Não tenho tempo nem disposição para isto agora. Eu preciso me casar para cumprir as determinações do testamento da minha mãe.

– Seria um casamento só de fachada?

– Claro que sim. Apenas um contrato.

– Por quanto tempo? – Eu me sinto muito maluca por estar procurando um sentido no que ele diz.

– O testamento exige que eu fique casado por cinco anos.

– Cinco anos!

– Eu não exigiria nada neste tempo. Você poderia terminar seus estudos, escolher uma faculdade e depois estaria livre para seguir sua vida.

– Teríamos que... viver juntos?

– Eventualmente. Hoje em dia nem casais de verdade permanecem o tempo inteiro juntos. E em breve você irá para a faculdade.

– Quero ir para Yale – murmuro.

– Ótima escolha. Claro que eu a sustentaria e não lhe faltaria nada.

Eu sinto dificuldade de respirar ao ver o quão sério ele está ao me dizer todas aquelas coisas absurdas.

Eu, Mia Agnelli, uma garota de dezessete anos que nem ao menos teve um namorado na vida, quanto mais pensava em algo tão distante e remoto como casamento, estava recebendo uma proposta de Lukas Constantini.

Aquele cara lindo. E muito rico.

E muito nada a ver comigo.

Eu podia ver em seu olhar que ele estava realmente cogitando aquilo. Estava falando muito sério.

Respiro fundo.

– Deixa ver se eu entendi. Você precisa se casar pra receber uma herança; E quer que seja eu a pessoa a se casar com você.

– Sim, seria uma troca de favores, Mia.

– Então, se eu aceitar esta... proposta, você retiraria as acusações sobre meu pai.

– Não. Eu não tiraria nada de você e sua mãe. Estamos falando de dinheiro, Mia. Seu pai ainda estaria sob investigação.

– Não sei se seria justo.

– Está negociando comigo, Mia Agnelli?

– Por que não? Você quer que eu simplesmente me case com você. Que abra mão de cinco anos da minha vida. Acho que tenho o direito de negociar.

Por um momento eu acho que ele vai esbravejar comigo sobre o quanto eu sou idiota. Porque eu me sinto mesmo um tanto tonta por estar, não só considerando aquela proposta, como também negociando em cima dela.

Eu fico ainda mais confusa quando ele ri, passando os dedos longos pelos cabelos desalinhados.

– Você nunca deixa de me surpreender, Mia Agnelli.

– Então é mútuo, Lukas Constantini.

– Certo. Acho que tem razão. Não me agrada nada deixar seu pai se safar, porém, levando em consideração que ele está em coma e que a polícia não vai prendê-lo em tal situação, acho que posso fazer concessões. O mais importante pra mim neste momento é conseguir o dinheiro. E então, Mia, qual sua resposta?

– Eu não sei se posso... Minha mãe nem vai concordar.

– Eu aposto que ela concordaria até em te entregar para o diabo em pessoa se significasse manter seu padrão de vida.

– Não fala assim da minha mãe. Está sendo difícil pra ela.

– Eu sei. Seu pai aprontou muito e tenho ciência que a culpa não é de vocês diretamente. Mas eu preciso do dinheiro que ele me roubou. E o dinheiro está no testamento da minha mãe. E você vai me ajudar a conseguir. É muito simples.

Eu desvio o olhar, sem conseguir encará-lo mais.

E muito menos pensar com coerência.

– Eu preciso ir – me levanto. – Está tarde.

– Tudo bem – ele se levanta também e me acompanha até o carro.

– Eu não posso... Pensar numa resposta agora.

Eu entro no carro e ele fecha a porta pra mim.

– Eu entendo. Não esperarei pra sempre, Mia. Você disse que queria ajudar. As coisas podem se resolver pra mim, pra você e sua mãe se aceitar.

Eu chego em casa ainda me sentindo aérea. Como se estivesse sob o efeito de alguma droga.

A casa está silenciosa, eu subo direto para meu quarto, não durmo. Minha cabeça cheia com as palavras de Lukas Constantini e sua proposta absurda.

Quando me levanto no dia seguinte, me sinto um pouco melhor.

Tomar banho, me vestir para ir à escola e preparar meu material, me faz sentir que a minha vida continua perfeitamente normal.

Nada de problemas sem solução ou propostas de casamento.

Eu rio pra mim mesma, chegando à conclusão que provavelmente quem estava drogado era Lukas.

Claro, só podia ser. De que outra maneira um cara daqueles ia fazer uma proposta de casamento para uma adolescente como eu?

Com certeza ele acordou nesta manhã sem se lembrar de nada sobre nossa conversa da noite passada. Ele parecia meio fora de órbita ontem, com suas roupas e cabelos todo bagunçados. Sabe Deus o que andou fazendo antes.

Com esta conclusão, eu pego minha mochila e desço as escadas para preparar o café da manhã e paro assustada ao ver nada menos do que Lukas Constantini na minha sala com minha mãe.

– Ah, aí está ela – Andrea sorri um tanto apreensiva vindo em minha direção.

– O que está fazendo aqui? – Pergunto diretamente para Lukas.

Ele está bem diferente de ontem. Está impecável em seu terno escuro, embora seus cabelos ainda pareçam uma bagunça. Deve ser porque ele tem aquela enervante mania de ficar passando os dedos por eles.

– Eu vim comunicar sua mãe sobre minha proposta.

Eu abro a boca várias vezes, abismada.

– Você o quê?

– Querida, está tudo bem – Andrea aperta meus ombros. – Sei que parece difícil agora, devemos pensar cuidadosamente na proposta de Lukas.

Lukas relanceia o olhar pelo relógio caro em seu pulso.

– Eu tenho que ir. Acho que precisam conversar.

Andrea o acompanha até a porta e, quando volta, a encaro chocada.

– A senhora está maluca? Quer mesmo que eu me case com ele?

– Filha, não estamos falando de um casamento de verdade, ele me explicou. Seria apenas um contrato para que ele possa receber sua herança.

– Parece mais absurdo ainda! Eu tenho dezessete anos mãe, como pode achar normal?

– Seja menos criança, Mia! Estamos tentando resolver nossos problemas! Seu pai nos colocou nesta enrascada e vamos ficar na miséria se não resolvermos! Então, se a única maneira de sairmos desta é você se

casando com Lukas Constantini, vai se casar!

– Não, não pode me obrigar!

– Mia, pense bem no que está fazendo! Tem que aceitar!

– Não acredito que esteja realmente querendo que eu faça isto...

– Não é questão de querer, querida. É necessidade. Eu tenho andado desesperada sem saber como vamos conseguir pagar tudo o que seu pai roubou. E agora nos foi dada uma solução.

– São cinco anos da minha vida! Eu nem conheço este cara, como pode querer que eu me case com ele?

– Sei que pode parecer horrível agora, mas nada vai mudar! Será um casamento apenas no papel. Lukas me garantiu. E tudo ficará bem pra nós.

– Eu não sei mãe... Acho que tudo muito estranho ainda. Sei que é a única solução, só não consigo pensar direito agora.

– Sim, tudo bem. Não quero pressioná-la. Vá para a escola. Quando voltar, conversaremos.

Ainda me sinto enjoada quando chego ao colégio e passo pelas aulas sem conseguir fixar minha atenção em nada.

Então, quando Louise me encontra na porta do refeitório e me convida para sentar com ela, eu não me oponho. Hoje eu preciso desesperadamente me sentir normal.

Até tento não me importar com as brincadeiras de Ben ou os flertes de Zac.

Quando estamos saindo da aula de vôlei que fazemos juntos, já começo a me arrepender do meu comportamento amigável quando Zac corre para meu lado no caminho do vestiário colocando a mão sobre meus ombros.

– E aí, acha que hoje é um bom dia para aceitar sair comigo?

Eu tiro suas mãos de mim com uma careta.

– Não começa Zac.

– Wow, eu achei que você finalmente estava...

Eu paro irritada.

– Estava o quê? Eu estava sendo legal, Zac, não quer dizer que eu queira sair com você! – esbravejo, tentando me afastar, pra minha surpresa, Zac segura meu braço.

– Por que você vive fugindo? E não é só de mim! Você tem dezessete anos, e se comporta como se o mundo inteiro fosse horrível!

Eu quero dizer que não é o mundo inteiro que é horrível e sim aquela escola e caras como ele, mas me calo. De certa forma, Zac tem razão. Eu fujo realmente. De todo mundo.

Nunca parei para analisar o motivo de não ser como Louise ou as outras garotas da minha idade, que gostam de sair, beijar garotos e se divertir.

Talvez eu estivesse procurando um sentimento que não existe. E a vida estava passando. Muito mais rápido do que eu previa, se levasse em conta a proposta de Lukas Constantini.

Estavam me forçando a casar sendo que ainda não tinha vivido nada.

Era deprimente, pra dizer o mínimo.

– Por que leva tudo tão a sério, Mia? É só... um encontro.

Eu mordo os lábios com força.

– Me desculpa Zac. É só... – como explicar a ele o que eu nem sei explicar a mim mesma? Zac tinha razão. Por que eu tinha que levar tudo a sério? Talvez fosse a hora de me arriscar, de namorar até fracassados como ele e depois ter história pra contar. – Tudo bem. Me pega às oito?

Zac arregala os olhos, surpreso, sem fala. Rapidamente me afasto em direção ao vestiário, antes que perca a coragem e diga que era tudo uma brincadeira.

Está feito. Tenho mesmo um encontro com Zac Smith e, quer saber?

Que se dane!

Inferno, eu tenho mesmo dezessete anos e eu quero viver como tal.

Nada de pensar em propostas de casamento por enquanto.

– Aonde você vai? – Andrea pergunta quando desço as escadas naquela noite.

– Tenho um encontro.

Ela arregala os olhos.

– Como é? Como assim tem um encontro?

- Por que esta cara de espanto? Qual o problema?
 - Problema? Você nunca tem encontros, Mia!
 - Hoje tenho! Não é você que vive dizendo que devo sair mais?
 - Sim, eu disse e você resolveu arranjar um namorado justo agora?
 - Não é um namorado, não exagera! É apenas um encontro.
 - Ah, eu já sei o motivo. É por causa da proposta do Lukas Constantini. Está querendo provar alguma coisa?
- Eu rolo os olhos, porque ela está perigosamente perto da verdade.
- Não seja ridícula. Estou apenas agindo normalmente.
 - Não é normal pra você.
 - Ah claro, normal é eu me casar com um cara mais velho que nem conheço direito!
 - Lukas não é velho! Você fala como se ele fosse um velho tarado querendo corromper garotinhas! Ele está simplesmente nos propondo uma saída! Devíamos nos sentir gratas!
 - Eu não entendo desse jeito! É da minha vida que estamos falando!
 - Sim, é justamente porque desejo que tenha o melhor da vida, que você deveria se casar com ele! Como vai conseguir ir pra faculdade sem dinheiro?
 - As coisas podem se resolver, as investigações ainda não foram concluídas...
 - Ah Mia, sabe tão bem quanto eu que está tudo indo de mal a pior! A culpa do seu pai já foi declarada e o dinheiro desapareceu! Nós vamos perder tudo! Você tem como nos salvar e, em vez de agir como a adulta que vive dizendo que é, decidiu ser uma criança mimada justo agora!
- O ataque de Andrea me deixa nervosa, mas não quero recuar.
- Sinto muito, mãe, já estou atrasada, tchau!
 - Mia, não me deixe falando sozinha, volte aqui!
- Eu saio batendo a porta sem olhar pra trás.

- Você está bonita.

Eu tento sorrir com o elogio descabido de Zac enquanto estamos saindo do cinema, pois estou exatamente como todos os dias, de jeans e suéter. Como a noite não está tão fria, eu deixei meu agasalho no carro.

– Não sabia que gostava de filme de ação.

– Ah, eu gosto de todos os gêneros de filme – minto.

Eu odeio filme de ação, só não queria entrar num debate com Zac. Na verdade, minha mente estava bem longe dali. A discussão com Andrea tinha estragado toda minha ideia de diversão para aquela noite. Então aceitei a sugestão de filme de Zac sorrindo, na verdade nem estava me importando.

Durante o filme, minha mente ficava repassando a briga com minha mãe e eu me sentia cada vez mais confusa.

Será que estava sendo egoísta?

Claro que eu queria resolver nossos problemas, eu tremia de medo só de pensar nas consequências dos atos de Lukas Constantini contra nós quando ele resolvesse agir.

Daí a me casar com ele?

Obviamente, seria um casamento de fachada. Isto deveria servir para me deixar mais tranquila. Mesmo assim, eu sentia meu estômago revirando só de pensar.

Eu não conhecia Lukas. Ele era somente o cara bonito que odiava meu pai e queria tirar tudo o que eu possuía, tudo o que considerava seguro.

E agora queria que eu me casasse com ele e vivesse cinco anos neste casamento apenas para que recebesse uma herança.

Por que eu?

Um cara como ele deveria ter muitas mulheres a seus pés.

Eu fico vermelha só de imaginá-lo tendo encontros com várias garotas. Ele parece ser daqueles caras que têm encontros com modelos famosas. Mulheres glamorosas e lindas, dispostas a fazer qualquer coisa que pedisse. Inclusive casar com ele.

Tenho certeza que muitas delas até adorariam se casar com um cara rico e lindo.

Então por que ele não pediu uma delas em casamento?

Eu ainda não entendia como é que ele podia querer algo assim justo

comigo. Claro que seria conveniente, considerando-se que meu pai foi o responsável pelo fato de ele estar precisando daquele dinheiro.

E se eu aceitasse, seria a salvação da minha família.

Por outro lado, o que seria da minha vida naqueles cinco anos?

Eu não sei do que tinha mais medo.

Eu volto pra realidade quando Zac me convida para jantar e eu declino.

– Eu quero ir pra casa, estou me sentindo meio cansada – respondo com um sorriso amarelo.

Aquela noite estava começando a se transformar em desastre.

– Claro. Tudo bem. Fica pra outro dia. Eu conheço um restaurante de comida chinesa que vai adorar...

Enquanto ele abre a porta do carro pra mim, me pergunto se haverá um próximo encontro entre nós e se eu gostaria que houvesse.

Quando chegamos em frente a minha casa eu ainda não tenho uma resposta.

– Então é isto. Não doeu nada não, né? – Zac brinca e eu sorrio.

Zac não é um cara tão ruim. Ele às vezes é bem bobo, talvez eu o tenha pintado como mais chato do que é na realidade apenas porque queria mantê-lo afastado.

– Não, eu gostei do nosso encontro – respondo. Não é de toda verdade, não era culpa dele se eu estava com a cabeça cheia de problemas.

Então, ele sorri pra mim e se inclina.

Sei que vai me beijar e, durante os segundos que hesita, talvez testando a minha reação, eu me pergunto se quero ou não.

Minha primeira reação é sair correndo, enquanto aquela parte rebelde que eu estou descobrindo que existe em mim quer ficar e ver como é, sem pensar nas consequências.

Fecho os olhos e recebo os lábios de Zac nos meus. Deixo que ele me beije por alguns instantes. Não é ruim. Também não ouço fogos de artifício.

Talvez nem todos os beijos sejam perfeitos. Ou talvez eu seja tão inexperiente que não saiba o que fazer para melhorar o momento.

A verdade é que, enquanto estamos ali, nos beijando, há uma voz

sussurrando incomodamente dentro de mim: "é por causa disto que não quer aceitar a proposta de Lukas Constantini? Acha que vai perder grande coisa, se furtando de sair e beijar caras como Zac Smith, que nem sabem beijar direito”?

Eu empurro Zac quando percebo que a voz no meu interior está começando a ficar mais alta.

– Preciso ir.

Zac não se opõe quando me afasto.

– Tudo bem. Nos vemos amanhã na escola?

– Claro.

Eu forço um sorriso e saio do carro.

Quando entro em casa, encontro minha mãe na sala. Ela tem os olhos vermelhos e desliga a TV quando me vê.

– Mãe, está chorando?

– O nosso advogado acabou de ligar. Lukas Constantini pediu um inventário dos nossos bens.

– Ah, mãe. – Eu me aproximo e a abraço. – Me desculpa por ter brigado com você.

– Não, eu que tenho que te pedir desculpas. Como posso pedir que se sacrifique por nós? É apenas uma criança.

– Não vamos falar mais nisto hoje. Venha, vamos dormir.

Eu lhe dou mais calmantes, quando fica claro que o choro não vai cessar e depois fico observando-a dormir. Ela disse que eu era uma criança. Não é verdade. Eu sempre fui a adulta da nossa relação. Por que eu não podia ser adulta agora?

Com um suspiro, eu a cubro e vou para meu quarto.

Meu sono naquela noite não tem pesadelos e nem Lukas Constantini.

Quando acordo de manhã, saio de casa ainda muito cedo, Andrea nem acordou. Uma chuva fina deixa o céu cinzento quando pulo do carro em frente ao prédio da Constantini.

Sinto uma estranha serenidade quando faço o mesmo percurso da manhã que estive ali, pronta pra implorar. A recepcionista parece surpresa quando me vê, eu não me importo.

A senhora educada, cujo nome não me lembro parece simpática, embora claramente curiosa quando me aborda e pede que a acompanhe à sala do presidente da empresa.

E lá está ele. Exatamente como nos meus pesadelos.

Com seu terno escuro, cabelos bagunçados e olhos cansados.

Ele parece impassível ao me ver.

– Então você apareceu de novo – ele diz com sua voz fria. – Mia.

Mordo os lábios por um instante começando a vacilar. Porém, é tarde para voltar atrás em minha decisão.

Entro na sala e apoio minha mão na mesa, fitando-o nos olhos.

– Eu me caso com você.

Capítulo 4

Lukas

Mia Agnelli estava me surpreendendo outra vez.

E eu que achava que nunca mais ia acontecer.

Inferno, eu mesmo ainda tentava entender que merda se passava pela minha cabeça para sequer cogitar que a filha de John Agnelli seria a saída para meus problemas.

Tudo começou com meu desastroso encontro com Alexia Duran. A linda, disponível e equivocada vizinha dos meus pais em Aspen.

Eu a conhecia há alguns meses. Sua família tinha uma casa do lado da casa dos meus pais e ela se tornou amiga da família desde que Richard resolveu se mudar para lá, há quase um ano, depois que minha irmã mais nova, Taylor, se formou na high school e foi pra universidade, assim como Denise, então ele decidiu ir trabalhar em um hospital na fria região de Aspen.

Eu fiz questão de comprar uma digna mansão para meu padrasto e sua esposa, desde então pareciam felizes. Atualmente Denise e Taylor passavam os fins de semana na casa deles e, sempre que possível, eu as acompanhava.

Na última vez que estive lá, fui apresentado a Alexia Duran. Claro que eu a achei interessante, enquanto ela deixou claro que o flerte poderia ir a qualquer lugar que eu quisesse. Talvez tivesse ido naquele mesmo dia, se Danielle não tivesse me ligado informando sobre o desfalque de John Agnelli.

E acabei me deparando com o problema do testamento.

Casamento não estava nos meus planos, mas como eu precisava daquele dinheiro, teria que me conformar com esta realidade.

Eu não tinha uma namorada desde o último ano da faculdade. Desde que comecei a me preparar para assumir a presidência da Constantini, estava

focado em dar o melhor de mim para me manter a altura do cargo. Para isto dei adeus às exigências da minha última namorada, com quem estava fazendo quatro meses. Desde então tive somente encontros sem compromisso. E estava bom pra mim assim. Minha vida neste momento era a Constantini eu não tinha a menor vontade de me envolver com ninguém.

Agora, graças ao desfalque de John Agnelli, eu teria que encontrar alguém para me casar. O encontro com Alexia me deixou com algumas expectativas. Claro que eu não fazia ideia de como ela passaria de um mero encontro casual a uma esposa em potencial. No entanto, ela era a mulher mais próxima no momento.

Alexia apareceu no restaurante com um vestido preto que marcava seu corpo bonito, seus cabelos loiros presos num penteado elaborado. Era realmente muito linda de se ver e quase me empolguei.

Ela estava interessada em mim. O que não queria dizer que estava interessada em se casar comigo.

Enquanto jantávamos, ela falando sobre seu emprego temporário em uma galeria de Paris e em como estava pensando em fixar residência em Seattle, eu tentava me imaginar casado com ela.

Primeiro eu duvidava que teria paciência suficiente para cortejá-la até convencê-la a ser minha esposa. Obviamente, eu não teria dificuldade em levá-la para cama. Alexia havia deixado bem claro com algumas insinuações que esperava ansiosamente por isto.

Como ela reagiria se eu dissesse que queria me casar com ela? Quer dizer, querer não era bem a palavra correta. Eu não era idiota e mulheres como Alexia ficariam lisonjeadas com uma proposta desta. Talvez ela até aceitasse, mesmo sendo algo tão inesperado e rápido.

O problema é que ela esperaria muito mais de mim do que eu estava disposto a dar.

Provavelmente o sexo seria bom. Pelo menos por um tempo. Porém, viver com Alexia por cinco anos? Definitivamente eu não conseguia imaginar como poderia dar certo.

Todavia, eu sempre tinha a opção de lhe contar a verdade. Ser sincero e dizer que eu a queria apenas por causa de uma cláusula no testamento da minha mãe.

Como Alexia reagiria?

NACIONAIS-ACHERON

– Então Lukas, eu acho que já falei muito de mim. Fale-me de você. – ela sorriu se inclinando sobre a mesa, deixando uma boa parte do seu decote à mostra.

– Aposto que minhas irmãs já fizeram um relatório.

– Ah, claro que eu tentei. Elas foram um tanto vagas, pra dizer a verdade.

– E o que elas lhe contaram?

– Nada que eu não descobriria no Google.

– Então você já sabe de tudo.

– Eu duvido. Conte-me um segredo, algo que ninguém saiba sobre você.

– É o que quer de mim? Um segredo?

– Pra começar.

– Eu prefiro que você me conte um segredo.

Ela sorriu sugestivamente.

– Eu poderia te contar vários segredos, prefiro que seja em outro local. Ouvi dizer que tem uma casa fabulosa.

– Ah, aposto que ouviu.

– Sim, Taylor me descreveu como sendo quase um paraíso.

– É a casa que meu pai construiu para minha mãe. Eu não fico muito por lá.

– Suas irmãs não moram com você?

– Eu não tenho muita paciência para aguentar Taylor e Denise todos os dias. Sim, eu disse que elas poderiam ficar na casa enquanto estão em Seattle. Eu tenho um apartamento onde passo a maior parte do tempo.

– Hum... Um apartamento de solteiro. – Ela piscou, levando a taça de vinho branco aos lábios vermelhos.

Tive vontade de dizer a ela que não ficaria solteiro por muito tempo, se minha maré de azar continuasse.

Eu também queria acreditar que, no final das contas, eu não precisaria recorrer a meios tão drásticos. Bastava John Agnelli acordar do coma.

Pensar em John Agnelli me fez recordar da estranha reunião com sua

filha naquela manhã. Fiquei surpreso com a coragem de Mia Agnelli para vir até mim defender o pai. De nada adiantaria. John Agnelli era um ladrão. E iria pagar. E não havia nada que sua filha adolescente pudesse fazer.

– Eu gostaria de conhecer sua casa. Esta que chamam de paraíso.

Eu levantei a sobrancelha.

– Achei que preferisse conhecer meu apartamento.

– Aposto que muitas garotas conhecem seu apartamento. Eu quero de você algo que ninguém conheça.

– E por que acha que nenhuma garota conhece a casa?

– Taylor me disse. Ou Denise – ela deu de ombros. – Não me lembro bem.

Eu suspirei pesadamente, avaliando se queria ou não levar Alexia a minha casa. Sim, Taylor e Denise estão certas. Eu nunca havia levado nenhum flerte para a casa da minha família. Por outro lado, se eu fosse mesmo me casar com Alexia, ela iria ter acesso a tudo o que era meu, não é?

Eu senti um peso no estômago ao pensar nisto, decidi ignorar.

Jogando o guardanapo na mesa, eu me levantei.

– Vamos embora, então.

O brilho nos olhos de Alexia era inconfundível. Era o de uma mulher que sabia estar marcando muitos pontos. Eu deveria no mínimo não me importar, ou quem sabe até mesmo gostar.

No entanto, só sentia meu estômago se revirar um pouco mais. E apostava que não tinha nada a ver com o delicioso caviar que comemos.

Saímos do restaurante e entramos no carro. Naquela noite, eu não estava dirigindo, preferi utilizar um carro com motorista, já que iria beber.

– Para Lake Washington, Paul. – Pedi ao motorista.

– Sim, senhor.

– Você parece tenso. Algo que queira compartilhar? – A voz melosa de Alexia invadiu meus ouvidos.

– Algo que eu queria esquecer hoje.

Seus dedos de unhas pintadas de vermelho pousaram no meu joelho. Quando subiu por minha coxa, meu celular começou a tocar.

Eu franzi a testa ao ver o número de Danielle no visor.

– Oi, Dani.

Pude ver Alexia afastando a mão com um olhar intrigado, não me importei.

– Temos problemas.

– Que tipo de problema para você me ligar a esta hora?

– Um repórter do Seattle Times entrou em contato com nosso departamento de imprensa para saber sobre um boato de desfalque.

– Porra! Como essa merda pode ter vazado?

– Eu não faço ideia. Nós negamos, mas querem levar a matéria ao ar do mesmo jeito.

– Temos que impedir que a merda voe para o ventilador.

– Eu sei. Estou indo para seu apartamento. Onde está?

– Estou indo para lá.

Desliguei o telefone e Alexia levantou a sobrancelha.

– Problemas?

– Sim, mudança de planos. Paul, para meu apartamento – comecei a digitar uma mensagem para Wilson, minha cabeça a milhas dali.

– Eu pensei que íamos para sua casa...

– Eu tenho que resolver um problema.

– Quem é Dani?

– Danielle. Minha assistente.

– Hum... Acho que Denise comentou algo. Sua amiga de infância, não é?

– É...

– Você tem algo com ela?

Eu levantei minha cabeça devagar.

– Como?

– Denise me disse que ela é linda e que achava que vocês ficavam juntos.

Eu tinha vontade de dizer àquela loira intrometida que aquilo definitivamente não era da sua conta, me contive.

- Não, somos amigos de longa data. Agora ela é minha assistente.
- Aposto que gostaria de ser mais.
- Alexia, sinceramente, não estou a fim de discutir isto agora.
- Tudo bem, só queria saber onde estou pisando...

O carro parou em frente ao meu prédio e eu saltei indo direto para o elevador. Alexia me seguiu. Eu deveria ter pedido a Paul para levá-la embora.

Danielle já estava lá quando entramos.

– Finalmente. Está difícil convencer o repórter, ele não quer dizer a fonte dele...

Ela lançou um olhar curioso para Alexia.

Eu ignorei.

- Mande uma mensagem para o Wilson.
- Acho que você mesmo tem que falar com este cara.
- Eu vou ameaçar processá-los por difamação.
- Não seria difamação, já que é verdade!
- Não importa. Não podemos deixar esta porcaria vazar pra imprensa, inferno!

– Lukas, não vai nos apresentar? – Danielle finalmente disse.

– Esta é Alexia – respondo secamente indo até meu escritório e ligando meu notebook.

– Oi, sou Danielle – escutei vindo da sala.

– Sim, a secretária do Lukas.

– Assistente – Danielle corrigiu.

– Danielle, venha aqui – chamei-a ao encontrar na minha agenda, o telefone do dono da porra daquele jornal.

– Me desculpe por estragar seu encontro – ela disse ao entrar na sala e fechar a porta.

– Livre-se dela – pedi, antes de continuar tentando ligar para o dono do jornal.

– Hum. Tem certeza? Talvez a gente consiga ajeitar tudo e você ainda possa descarregar a tensão. – Ela pisca maliciosamente.

– Ela já está me enchendo o saco. Mande Ray levá-la aonde quiser.

– Certo chefe.

Assim que ela saiu da sala, eu consegui falar com o dono do Seattle Post. Como eu desconfiava, ele não estava a par da matéria, começou a prestar atenção quando eu disse o que precisava ser feito.

Danielle voltou alguns minutos depois.

– Ela não ficou nada feliz.

– Pouco me importa. Pelo visto você também estava em um encontro?

– Eu a medi, vendo seu vestido vermelho, os cabelos pretos encaracolados bem arrumados em um coque.

– Estava jantando com Jack.

– Aposto que ele está me odiando ainda mais agora.

– Jack não te odeia! Claro que ele ficou meio chateado por eu ter saído antes da sobremesa.

– Quando tudo isto acabar lembre-me de te dar umas férias merecidas.

– Sabe que eu não me importo. Então, conseguiu contato com o repórter? Ele vai desistir da matéria?

– Eu falei com o dono daquela merda.

Ela arregalou os olhos.

– Sêrio?

– Sim, aquele imbecil jogava golfe com meu pai. Nos conhecemos de longa data.

– E ele concordou em retirar a matéria?

– Eu disse que era mentira e que seu repórter não tinha embasamento nenhum. Claro que ele recuou. Pelo menos por enquanto.

– Bom, se está tudo resolvido...

– Sim, pode ir embora e continuar seu encontro – eu volto pra sala e me sirvo de uísque. Danielle veste seu casaco.

– Eu disse que poderia ter mantido a loira...

Rolei meus olhos, cheio de irritação.

– Não estou exatamente no clima.

Ela riu se aproximando e beijando meu rosto.

– Até amanhã.

Depois que ela saiu, eu fiquei sozinho com meu uísque e minha mente cheia de pensamentos obscuros.

O que eu iria fazer se precisasse mesmo me casar?

Eu não queria me casar com alguém como Alexia.

Não queria me casar com ninguém.

Mil vezes inferno.

Eu teria que achar outra solução.

No entanto, nos dias que se seguiram, tudo continuou indo de mal a pior.

Eu não tinha a menor vontade de me encontrar com Alexia Duran, que continuava a me ligar perguntando quando íamos sair de novo. Eu desconversava dizendo que estava com muitos problemas na empresa naquela semana, o que definitivamente não era uma mentira. Ela pareceu recuar, pelo menos por enquanto, o que deixava claro em suas mensagens de texto ora melosas, ora sexies.

Eu não estava descartando Alexia definitivamente. Só não estava com paciência para jogos amorosos. Não quando minha empresa estava por um fio e tudo o que eu tinha que fazer para salvá-la era me casar.

Ou John Agnelli acordar.

Então tudo mudou irreversivelmente na noite anterior. Eu fiquei até tarde com Wilson e Danielle, que deixaram claro que eu tinha que tomar uma decisão.

Danielle não fazia ideia de que eu podia conseguir o dinheiro através do testamento e, como sempre, foi enfática ao pedir que eu deixasse seu pai assumir, eu disse não.

– Não sei mais o que fazer Lukas – ela havia bufado se levantando. – Estou tentando uma solução e meu pai...

– Já falei que a volta dela está fora de cogitação!

– E o que vai fazer? Vai pôr tudo a perder? Não conseguimos nenhum empréstimo! O dinheiro roubado evaporou. Sem contar que John Agnelli parece que morreu mesmo.

– Ele não morreu!

– É como se tivesse! Encare isto! Já pode começar a tirar tudo que ele

tem e mesmo assim não seria um terço do que precisamos!

– Sobre isto – Wilson se intrometeu. – Já foi pedido um levantamento dos bens de John Agnelli. Precisamos comunicar a sua esposa.

– Claro, faça isto – passei a mão pelos cabelos, subitamente cansado.

Eu me levantei, dando a reunião por encerrada.

Danielle me seguiu até o elevador.

– Lukas, espere.

– Dani, basta por hoje.

Eu entrei no elevador e ela fez o mesmo.

– Você parece horrível.

Sorri cansadamente.

– Não está sendo fácil.

– Sim. Ouça, eu sei que já discutimos esse assunto, só quero frisar que, quando falo do meu pai, não é que eu ache que você não é capaz de gerir a empresa...

– Não precisa se justificar. Sei que está tão preocupada quanto eu.

– Por isto mesmo estou com medo, Lukas – ela tocou meu braço. – Estamos à beira de uma crise sem tamanho.

Eu cobri sua mão com a minha.

– Eu não vou deixar chegar a este ponto.

Seus olhos verdes se fixaram em mim, descrentes.

– Como?

Tive vontade de contar a ela a opção que tinha, me calei.

– Vá pra casa, Dani – apertei seus dedos, quando saímos para o saguão. – Amanhã será um longo dia.

Sei que ela ficou confusa, porém continuei em frente até o estacionamento. Quando entrei no carro, olhei meu celular e havia uma mensagem de Alexia.

Ela dizia que era sua última noite na cidade antes de fazer uma viagem para a Europa onde passaria duas semanas e completou dizendo que gostaria que nos encontrássemos.

Eu oscilei. Um pouco de distração é o que eu precisava naquele

momento. Ou talvez eu precisasse de muito mais.

Mas ainda hesitava.

Ignorei a mensagem e dirigi até o hospital onde estava John Agnelli.

Eu não sabia bem o que tinha ido fazer lá. E, definitivamente, não esperava encontrar sua filha.

E muito menos lhe propor casamento.

Foi exatamente o que eu fiz.

E, quando as palavras saíram da minha boca, eu percebi que era exatamente o que eu precisava. Eu não queria uma esposa de verdade. Não queria alguém como Alexia exigindo minha atenção e, Deus me livre, meu amor.

Não que eu me considerasse incapaz de amar. Eu já estive apaixonado uma ou duas vezes na vida como todo mundo. Embora nunca tenha sentido aquele amor que meu pai sentia pela minha mãe até o dia em que morreu. Ou o amor que testemunhei entre Richard e minha mãe e até mesmo entre ele e sua atual esposa.

No entanto, naquele momento da minha vida, eu não me sentia pronto para sentir algo assim por ninguém.

Muito menos por alguém com Alexia.

Então, por que não um casamento de conveniência? Alguém que entendesse meus motivos. Alguém que estaria ciente o tempo inteiro do motivo de estarmos nos casando.

E que não iria exigir nada.

Alguém que precisasse tanto quanto eu daquela solução. Mesmo sem saber.

Mia Agnelli seria perfeita.

Claro que ela tinha pouca idade, o que fazia eu me sentir meio culpado. No entanto ela estaria melhor naqueles cinco anos casada comigo do que tendo que trabalhar como garçonne para sustentar a mãe folgada ou coisa pior.

E talvez, justamente por ser nova e inocente, eu não teria problemas com alguma tentativa de sedução equivocada.

Eu quase me sentia empolgado. Sim, um casamento de fachada, no

qual eu poderia continuar vivendo a minha vida, seria o ideal.

Depois de cinco anos, ambos estaríamos livres.

Nas horas que seguiram a minha epifania, oscilei entre me perguntar se tinha enlouquecido por cogitar aquela garota como uma esposa em potencial, mesmo sendo um casamento apenas no papel e esperar que ela dissesse sim acabando logo com todos os meus problemas. E por que não dizer, os dela também.

E agora ela estava na minha frente. Parecendo ridiculamente jovem com o capuz escuro cobrindo os cabelos e olhar determinado, que fazia uma combinação estranha no seu visual acanhado.

E estava concordando com a minha proposta.

Eu iria me casar com Mia Agnelli.

Meu coração está disparado.

Mia

Eu tinha realmente dito aquelas palavras? Eu havia concordado em me casar com aquele cara?

A realidade bate em mim como um soco no estômago e eu recuo um passo, quase arrependida da minha coragem súbita de um minuto atrás. Principalmente porque Lukas Constantini me fitava como se eu fosse uma assombração.

Mordo os lábios, desviando o olhar para o tapete sabendo que meu rosto está tingido de vermelho vivo.

– Então você finalmente se decidiu – ele diz por fim e eu volto a fitá-lo ainda meio embaraçada.

– Eu não tenho escolha. – Minha voz sai lamuriosa demais pro meu próprio gosto e engulo o nó na garganta antes de continuar. – Ou melhor, você não me deu escolha.

Ele levanta a sobrancelha como se estivesse curioso sobre minha ironia.

– Não estou forçando você a nada, Mia, espero que fique bem claro. – Sua voz é fria como gelo. Ora, ora, ele não gostou da minha ironia.

O fato me dá um prazer infantil.

Ele aponta para a cadeira na minha frente. – Sente-se.

Eu faço o que ele pediu.

– Quando... – eu acho extremamente estranho usar a palavra casamento, mesmo sendo o que vai acontecer.

– Breve. – Lukas entende minha pergunta sem que eu precise continuar. – Para validar o testamento preciso que o casamento se realize o mais rápido possível. Não deve se preocupar com as questões legais. Meu advogado cuidará de tudo.

Eu respiro fundo, juntando coragem para dizer o que precisava ser dito.

– Antes de prosseguirmos, preciso deixar claro minhas condições.

Capítulo 5

Lukas

Condições?

Aquela pirralha estava sentada diante de mim, com seu moletom puído que os dedos brancos puxavam num gesto de nervosismo, embora tentasse passar uma falsa impressão de serenidade, estava me falando de condições?

De repente eu me pergunto em que porra estava me metendo.

Mia Agnelli não tinha direito de ditar os termos do nosso contrato.

O pai dela era um ladrão safado que merecia apodrecer na cadeia. Era o que teria acontecido se não tivesse sofrido o acidente que o deixou em coma. Ela e a mãe seriam arrastadas na lama com o pai, mesmo sem ter culpa. Se é que era assim mesmo. Eu ainda não estava totalmente convencido da inocência de Andrea.

Então minha proposta poderia ser considerada até generosa e benevolente. Mia Agnelli deveria estar agradecida.

Mas não, ela vinha me falar de condições.

Eu me encosto na cadeira, mirando seus olhos castanhos nebulosos e repito devagar.

– Condições?

– Sim. Eu preciso ter certeza de alguns pontos.

– O que está querendo dizer? Eu te disse lá no hospital como seria. Apenas um contrato. Cinco anos. E eu deixo seu pai em paz.

– Sim, eu entendi. Quero que esteja registrado. Você vai retirar as acusações contra meu pai. E não vai mexer em um centavo da minha mãe.

– Sim, eu concordo. – Não me agrada nada retirar as acusações, porém como Danielle falou, ele já estava praticamente morto. – Mais alguma

"condição"?

– Serão somente cinco anos, não é?

– Sim, já disse como seria. Não é um casamento de verdade e nem pretendo que seja para sempre. Nós apenas assinaremos um contrato de matrimônio. Claro que não precisará se preocupar com nada neste período. Eu cuidarei de você.

– Não sei bem o que significa isto.

– Quer dizer que, como minha... – é esquisito demais dizer a palavra esposa, porém, é o que ela será, pelo menos legalmente. – Esposa, eu te sustentarei e cuidarei de sua segurança.

– Segurança? – Ela franze a testa.

Claro que Mia não fazia ideia do que a esperava. Apesar de ser algo provisório do qual eu não pretendia fazer alarde, ainda assim ela seria a Sra. Lukas Constantini.

– Eu sou muito rico, Mia. E visado. Claro que precisará estar segura e protegida.

– Não tinha pensado... – ela parece insegura e eu me sinto no dever de acalmá-la.

– Não se preocupe. Eu cuidarei destes detalhes.

– Sei. E bem... – ela de repente fica vermelha. Eu notei que ela ruborizava com facilidade. – Você me disse que seria um casamento só de fachada...?

Eu sacudo a cabeça positivamente. Agora é minha vez de corar ridiculamente quando entendo qual o seu medo.

Jesus, ela não achava mesmo que eu teria algum interesse sexual nela, não é? Ela era só uma menina, nunca passaria pela minha cabeça me aproveitar disto.

– Sim, será um casamento apenas no papel. Obviamente não envolverá nada sexual, Mia Agnelli – Eu sinto uma necessidade de dizer o nome dela quase formalmente pra deixar clara a seriedade da questão.

– Eu só precisava ter certeza – ela murmura.

– Entendo. Vou chamar meu advogado ele redigirá um contrato em que tudo ficará definido. Não quero que haja dúvidas ou que se sinta lesada. Eu só estou me casando por causa dessa cláusula do testamento da minha

mãe. Não tenho nenhum interesse de ter uma esposa de verdade. Por isto você é uma opção, Mia.

– Este ponto está perfeitamente claro – ela rola os olhos, cheia de uma ironia que começava a me exasperar.

Antes que eu possa continuar com nossa conversa, a porta se abre e Danielle surge.

Ela olha pra Mia com um olhar curioso.

– Me desculpe, não sabia que estava ocupado Lukas.

– Estou.

– Não queria atrapalhar, tenho um assunto urgente – ela continua a lançar olhares especulativos sobre Mia.

Na certa se pergunta que diabos estou fazendo tendo reuniões com adolescentes.

– Na verdade, estou de saída – Mia se levanta.

– Não vai nos apresentar, Lukas? – Danielle decide ser direta.

O que eu podia fazer? Em algum momento ela teria que saber dos meus planos.

– Esta é Mia Agnelli.

– Agnelli? A filha do John?

– Exatamente. Mia, esta é minha assistente, Danielle.

Mia acena com a cabeça.

– Eu preciso realmente ir.

– Ok. Entrarei em contato – eu a acompanho até a porta e olho para a mesa de Megan. – Megan, acompanhe Mia até a saída.

Eu volto pra sala, fechando a porta, encontrando uma Danielle entre curiosa e chocada.

– O que a filha de John Agnelli estava fazendo aqui?

– Nós estávamos tratando de negócios.

– Negócios? Ela me pareceu jovem demais...

– Ela tem dezessete anos.

– Hum... E que tipo de negócios? Ela veio pedir pelo pai de novo? Achei que a tivesse enxotado.

– Não, ela não veio pedir pelo pai desta vez.

– Então o que veio fazer?

– Veio aceitar meu pedido de casamento.

O queixo de Danielle cai quase até o chão.

– Você está maluco?

Eu ignoro o espanto de Danielle e peço para Megan chamar Wilson.

Eu havia acabado de lhe contar todos meus planos e, como esperado, ela está chocada.

– Eu sei que, embora seja uma atitude radical, é a única saída no momento.

– Ok, até posso entender esta história de casamento, daí a envolver a filha do John Agnelli?

– E quem mais? Se a culpa de estarmos nesta situação é do pai dela?

– Acho que está agindo muito errado... não pode dar certo, Lukas.

– Está decidido. Agora vá acalmar nossa equipe. Tudo vai continuar como previsto, todos os projetos. – Danielle hesita, abrindo a boca para continuar discordando, então Wilson entra na sala e dou o assunto por encerrado.

Wilson não contesta minha decisão. Ele sabe que quando eu decido algo, não tem como voltar atrás.

– Está certo. Eu vou providenciar o contrato e a licença para o casamento.

– Tem que acontecer o mais breve possível.

Depois que Wilson sai, Megan entra na sala e diz que Richard ligou.

Eu afrouxo a gravata e pego o telefone. Preciso contar a minha família sobre meus planos.

– Eu nunca achei que fosse acontecer! – Taylor praticamente grita com sua voz estridente.

Fazia dois dias que comuniquei a Richard meus planos de casamento com a filha de John Agnelli. E não deveria ficar surpreso por todos eles virem

de Aspen para ver o que estava acontecendo com seus próprios olhos.

Estávamos na minha casa para um jantar de família.

– Taylor, menos. – Denise revira os olhos.

Denise tinha uma personalidade difícil, era egoísta e centralizada em si demais para se intrometer nas minhas decisões. Para ela, contanto que minha atitude não a atingisse, não fazia diferença.

– Lukas não está se casando de verdade!

Taylor dá de ombros, sacudindo seus cabelos escuros.

– E daí? Casamento é casamento! E eu não vejo a hora de começar a preparar tudo!

– Taylor, contenha-se querida – Erin a interrompe. – Não estamos lidando com um casamento convencional – diz com cuidado, me encarando.

– Acho que talvez Lukas não queira uma grande festa.

– Obviamente não precisa de nenhuma comemoração – concordo.

– De qualquer maneira haverá uma cerimônia! Então por que não torná-la memorável?

– Sim, haverá uma cerimônia para oficializar a união. Será algo discreto. Apenas nós e os advogados.

– Que coisa chata! Aposto que a sua noiva ia querer algo mais interessante.

– Noiva? Taylor, você ainda não entendeu? – Denise rebate impaciente. – Não é um casamento de verdade! A tal que o Lukas vai casar é só a filha do cara que roubou ele!

– Denise, não precisa falar desse jeito – Richard lança um olhar de advertência. – Pode ser um casamento de conveniência, mas devemos tratá-la com todo respeito.

– Ela tem realmente dezessete anos? – Taylor pergunta curiosa.

– Sim, fará dezoito em cinco meses.

– Meu Deus, Lukas, não podia arranjar uma noiva maior de idade pelo menos? – Denise ironiza.

– Como já expliquei, há motivos para ter escolhido Mia Agnelli. E o assunto não está mais em discussão.

– O casamento ocorrerá em duas semanas? – Erin pergunta.

Sei que ela está preocupada e ainda não me pegou desprevenido para uma de suas conversas sérias. Com certeza vai acontecer.

Todos eles entendem a necessidade de um casamento para eu poder validar o testamento, obviamente não estão muito convictos em relação a minha escolha de noiva de conveniência.

– Sim, está marcado.

– Nossa, tenho que correr. Podemos fazer uma pequena cerimônia na biblioteca? Tem uma linda vista para o lago. Vai ser bonito. Já imagino a decoração... – Taylor recomeça.

– Taylor, não seja ridícula! – Denise ri. – Lukas não vai deixar você armar um circo!

– Lukas, por favor, – ela se pendura em meu braço, batendo suas pestanas com cara de cachorro sem dono. – Você disse que não se importava, então que diferença faz? Prometo que será somente para a família. Só quero deixar tudo bonito. Por favor...

– Okay, faça como quiser – acabo concordando, porque realmente não faz a menor diferença.

Depois do jantar, eu me tranco no escritório com Richard.

– Você tem certeza que está fazendo a coisa certa?

– Não tenho escolha, Richard.

– Casamento é coisa séria, Lukas.

– Eu sei, por isto estou optando por um contrato.

– Não sei se concordo, mesmo sabendo suas razões. Sua mãe fez este testamento porque tinha seus motivos, me sinto como se estivesse burlando um desejo dela.

– Minha mãe fez este testamento ridículo quando eu era outro tipo de pessoa. Estava preocupada. Me obrigar a casar foi exagero. Se não tivesse esta cláusula, eu não precisava me meter nesta encrenca agora.

– Sim, só por isto eu entendo. A empresa era importante pra ela também. Só não sei se envolver esta garota Agnelli está certo.

– Ela e a mãe estão cientes, Richard. Elas perderiam tudo, não tinha como ser de outro jeito. É justo que seja ela a se casar comigo para que eu consiga o dinheiro que o pai dela me roubou.

– Ela só tem dezessete anos Lukas.

– Eu sei, pelo amor de Deus! O casamento será apenas um contrato. Ela poderá ir para a universidade e estará livre daqui cinco anos.

– Você é um homem visado. Pela imprensa, inclusive. Sabe que a afetará.

– Eu pretendo manter segredo o maior tempo possível. Eu a protegerei o quanto for necessário.

Neste momento, ouvimos uma batida na porta e Erin entra.

Eu gostava muito de Erin. Richard não poderia ter escolhido uma segunda esposa melhor.

Ela toca meu ombro.

– Erin, sei que está preocupada, garanto que está tudo sob controle.

Ela sorri maternalmente.

– Eu não vou nem tentar dissuadi-lo de sua decisão porque sei que não vai adiantar. E eu concordo que precise se casar por causa do testamento da sua mãe, confesso que eu preferiria que fosse um casamento de verdade. Assim como ela com certeza estava imaginando quando fez o testamento.

Lá estava o pormenor que rondava minha mente às vezes e que eu tentava ignorar. Assim como Richard, havia uma parte de mim que se sentia mal por estar trapaceando com um desejo da minha mãe.

Afinal, que escolha eu tinha?

Eu simplesmente não poderia esperar que a mulher ideal aparecesse e eu me apaixonasse subitamente.

Eu precisava me ater à realidade.

– Se eu pudesse escolher nunca me casaria nestas circunstâncias. Mas eu preciso manter a empresa do meu pai de pé.

– Se casando com uma garota de dezessete anos?

– Ela é filha de John Agnelli.

– Ela não tem culpa dos erros do pai.

– Eu sei. Foi ela quem quis ajudar. E sabe que estará salvando a vida dela e da mãe se casando comigo.

– Eu tenho curiosidade de conhecer esta garota. Talvez eu me sinta mais tranquila.

NACIONAIS-ACHERON

– Exatamente, Lukas. Acho que todos nós devíamos conhecê-la pois em breve ela fará parte da família – Richard intervém.

Eu não sei como me sinto com a ideia de Mia Agnelli interagindo com a minha família, porém não adiantava adiar o inevitável.

– Acho que têm razão.

Erin sorri.

– Ligue para ela e marque um jantar conosco amanhã, pode ser?

– Tudo bem.

Ela se dá por satisfeita e me dá um beijo no rosto, saindo da sala.

Eu me levanto para fazer o mesmo, Richard pede que eu espere.

Ele pega uma pasta que eu só agora notava que ele trazia consigo.

– Sua mãe me deu isto muitos anos atrás.

Eu franzo a testa, curioso, quando ele abre envelope e tira de lá um anel.

Eu reconheço o anel de noivado que meu pai deu a minha mãe.

– Ela pediu que lhe entregasse quando fosse se casar para que desse a sua noiva.

– Richard, não...

– Eu sei que não podemos dizer que este casamento é o ideal, enfim, é um casamento. Acho que cabe a você decidir se dará a Mia ou não.

– Meu casamento com Mia é apenas um contrato e tem data para terminar. Por que eu lhe daria este anel?

– Porque era um desejo da sua mãe.

– Minha mãe tinha desejos muito estranhos.

– Não fale assim, Lukas. Ela te amava e se preocupava com você. Ela queria muito que sua noiva usasse esse anel no dia do casamento. Então. – ele o guarda de novo na caixa, depois no envelope e o coloca na minha frente. – É seu para decidir como deve fazer.

Ele sai da sala me deixando pensativo.

Por que eu daria aquele anel a Mia?

Não dar significaria não realizar um desejo da minha mãe. Inferno, que diferença faria?

PERIGOSAS

Nada daquilo tinha significado algum.

NACIONAIS-ACHERON

Mia

Eu me sentia num sonho contínuo.

Ou seria um pesadelo?

Depois que saí da sala de Lukas, fui pra casa contar a minha mãe sobre a minha decisão. Ela me abraçou dizendo que eu estava fazendo a coisa certa.

– Tudo vai ficar bem, meu amor.

Eu tentava acreditar na minha mãe.

Dizia a mim mesma que eu estava fazendo o que precisava ser feito.

E daí que estava me casando com um cara que nem conhecia direito e que teria que ficar casada com ele por cinco anos?

Obviamente não seria um casamento de verdade. Eu ainda me lembrava de como fiquei envergonhada apenas por tocar no assunto com ele. Eu tinha que ter certeza.

Todavia, meus temores eram infundados. Lukas foi enfático ao dizer que o casamento seria apenas no papel. O que eu estava pensando? Claro que um cara daqueles não ia querer nada com uma adolescente!

Eu podia imaginar o tipo de mulher que o atraía. Na verdade, me sentia até um pouco curiosa, o que era ridículo.

Eu devia pensar em Lukas apenas como um... o quê?

Um amigo? Certamente nosso relacionamento não chegava a tanto. E em pouco tempo eu o chamaria de marido. Só de pensar nisto sentia meu estômago embrulhar. Eu nunca havia chamado um cara nem de namorado, quanto mais marido! Era louco demais!

Então, eu só podia esperar.

Fui para a escola e assisti às aulas como se minha vida não estivesse prestes a mudar irreversivelmente. Passava as horas no hospital, rezando por um milagre. E olha que eu nem era religiosa, só tentava ser positiva. Se John acordasse, se ele conseguisse provar sua inocência, ou pelo menos, se ele

fosse culpado devolvesse o dinheiro a Lukas... Minha vida poderia continuar como sempre foi.

No fundo eu sabia que não ia acontecer.

Alguns dias depois, minha mãe entra no meu quarto numa tarde toda sorridente.

– Vá se arrumar, fomos convidadas para jantar com Constantini e sua família hoje.

Eu me sento na cama, onde estava ocupada lendo um livro.

– O quê?

– Exatamente o que ouviu. – Andrea abre meu armário e começa a fuçar. – Será que não tem nem um vestido?

– Mãe, está querendo dizer que vamos jantar com o Lukas?

Andrea me encara.

– Com a família dele também.

Eu começo a suar frio de terror.

– Foi ele quem nos convidou? – Simplesmente não podia acreditar.

– Não. A secretária dele ligou. Acho que se chama Megan. Muito simpática. Ela disse que Lukas e sua família nos esperam na casa dele em Lake Washington. Não é o máximo que ele tenha uma casa no lago? Deve ser maravilhosa.

– Não acho que devamos ir...

– Por que não? Mia, não seja ridícula. Sei que parece assustador conhecer a família dele, vai ter que acontecer em algum momento. Vão se casar.

– Não é um casamento de verdade!

– Mesmo assim. Achei bastante educado da parte dele. Agora, vamos. Levante daí e vá tomar um banho. Vou ver se acho alguma coisa decente neste seu guarda-roupa!

Com um gemido eu saio da cama e me tranco no banheiro.

Olho meu rosto pálido no espelho e me pergunto como vou sobreviver a um jantar com Lukas e sua família desconhecida.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 6

Lukas

Olho a noite caindo através da janela do meu quarto. Era a hora do crepúsculo, a preferida da minha mãe. De onde estou, vejo a pequena ilha artificial onde termina o jardim e começa o lago. Ela costumava sentar ali todas as tardes, com sua xícara de chá inglês e um livro preferido para ver o pôr do sol.

Quando criança, às vezes me juntava a ela, que lia para mim com sua voz suave. Se fechar os olhos, ainda posso ouvi-la. Ela não está ali agora e me pergunto se esta súbita onda de nostalgia se deve ao fato de que em breve eu estaria recebendo o dinheiro do seu testamento.

Ainda me enfureço um pouco com aquela condição ridícula. Imagino que ela provavelmente achava que eu iria jogar todo o dinheiro pela janela, se levarmos em conta o tipo de pessoa que eu era pela ocasião da sua morte.

Pensar nisto, como sempre, me faz sentir culpado. Com os passar dos anos, depois da sua morte, eu me matei de estudar me esforçando bastante para me tornar um bom homem, do qual ela se orgulhasse, mesmo sendo tarde.

E agora eu estava realizando um dos seus desejos, porém, no fundo era um engodo. Uma farsa.

Eu solto um palavrão baixo me afastando da janela e vestindo minha camisa para descer para o jantar no qual receberei Mia Agnelli e sua mãe.

Eu não posso me dar o luxo de sentir culpa. Estou encurralado. Seja lá onde minha mãe estiver, espero que entenda e me perdoe.

– Posso entrar? – Eu me viro ao ouvir a voz de Denise entrando no quarto.

– Já entrou.

Ela caminha com seus saltos ridiculamente altos e senta sobre minha cama.

– Pronto para receber a noivinha adolescente?

– Denise, pare com isto.

Ela solta uma gargalhada.

– Só estou brincando. Tentando levar toda esta história bizarra com bom humor.

– Que bom que minha vida a diverte – eu acabo de fechar os botões da camisa e procuro uma gravata.

– Usa aquela do Mickey que a Taylor te deu de Natal. Aposto que sua noiva vai se identificar.

– Vá se foder, Denise! – Resmungo pegando uma gravata cinza.

Denise não se importa com meu xingamento. Na verdade, poucas coisas a tiram do sério. Para isso precisam envolvê-la diretamente, pois é a criatura mais narcisista que eu conheço.

– Alexia me ligou esta semana.

– E daí?

– E daí que achei que você ao menos fosse se divertir com ela, pelo o que ela me contou não rolou nada. Está perdendo a fama de conquistador, hein?

– Alexia não está nos meus planos no momento.

– A coitada me encheu de perguntas sobre o que teria feito de errado. Eu não quis dizer que você era um idiota egoísta quando quer.

Não digo nada. Alexia poderia sim ter sido uma fonte de diversão se tivesse surgido na minha vida em outro momento.

Agora eu tinha outras prioridades.

– Posso dizer pra ela esquecer você e partir pra outra?

– Estaria me fazendo um favor.

– Tem certeza? Alexia é uma mulher bem moderna, aposto que não se importaria em ficar com você, afinal, seu casamento é só de conveniência mesmo.

– Cala boca, Denise!

– Por que não? Eu achei que estava a fim dela lá em Aspen.

– Alexia está te pagando quanto pra ficar fazendo propaganda dela?

Ela pisca.

– Me pegou. Ela pediu pra investigar.

– Já imaginava. – Ela se levanta e se posiciona atrás de mim.

– Então o que eu digo pra ela?

Eu a encaro pelo espelho.

– Pode dizer o que quiser. Neste momento, não tenho nem disposição nem paciência para mulher nenhuma.

– Hum, acho que é compreensível, dada as circunstâncias.

– Dá o fora daqui!

– Ah não! Taylor e mamãe ficam falando o tempo inteiro de como estão curiosas pra conhecer a tal Mia. Eu não entendo por que temos que conhecê-la se nem é nada de verdade!

– Ela virá morar aqui, então é melhor que se conheçam.

Denise arregala os olhos.

– Como assim, morar aqui? Achei que fosse continuar morando com a mãe!

– Ela estará mais segura aqui.

– Eu realmente estou chocada!

– Chocada por quê? Ela será uma Constantini, mesmo sendo apenas um contrato, eu preciso ter certeza de que estará protegida. Sabe como a imprensa pode ser cruel. E também tem a questão da segurança.

Denise cruza os braços, bufando.

– Então vamos ter que aguentar esta pirralha morando conosco?

– Você sempre tem a opção de se mudar, claro. Embora seja muito conveniente para mim que estejam aqui.

– Pra quê? Pra ser babá da garota, enquanto cisca por aí? Está brincando, não é?

– Ela não ficará por muito tempo, em poucos meses estará indo para a faculdade, provavelmente.

– Está certo, pelo menos tem data pra acabar. – Ela segura meu braço.

– Vamos descer e nos preparar pra conhecer esta tal noiva!

Ainda é estranho demais para mim, escutar esta palavra.

Coloco a mão no bolso, onde está o anel da minha mãe. Eu deveria tê-lo guardado de novo no cofre, não o fiz e não sei por quê. Não via sentido em dá-lo a Mia. Também sabia que se não desse, Richard ficaria me lançando olhares acusatórios.

No fundo ele não estava nada contente com meu casamento de conveniência.

Nós chegamos à sala, onde Taylor, Richard e Erin nos esperavam.

– Será que elas vão demorar? Estou tão curiosa! – Taylor saltita pela sala.

– Eu espero que o jantar não demore muito, tenho um compromisso depois – Denise resmunga.

– Aonde vai? – Taylor indaga.

– Naquela boate nova.

– Por que não me chamou?

– Eu chamei. Você que não prestou atenção.

A discussão das duas é interrompida quando Mary, a governanta, informa a Erin que as visitantes chegaram.

Taylor e Denise correm como duas crianças para a janela, colocando a cortina de lado para vê-las.

– Meninas, por favor! – Richard ralha, não adianta nada.

– Nossa, ela parece uma garotinha de 13 anos! – Denise ri.

– Não exagera! – Taylor discorda. - Até que é bonitinha. Aquele vestido não ajuda muito, embora deva dizer que é apropriado pra idade.

Vestido? Mia Agnelli está usando um vestido? Isto é tão inusitado, é minha vez de me posicionar acima da cabeça de minhas irmãs para observar as recém-chegadas, um tanto curioso.

Sim, Mia Agnelli não está usando seu habitual jeans e moletom com capuz cobrindo os cabelos.

Em vez disto, usa um vestido escuro. E os cabelos estão presos. Nada de capuz hoje, apesar de ela puxar as longas mangas do vestido quase em agonia, enquanto Andrea segura seu braço para guiá-la para a porta da frente.

– Apropriada para a idade? Que diabos quer dizer, Taylor? – Denise lhe lança um olhar incrédulo. – Ela parece que está indo ao enterro do avô! Olha para aquele vestido!

– Sim, ele poderia ter um decote em vez de gola alta, eu também o deixaria mais adequado ao seu corpo, alguns ajustes, talvez. Mas não é feio. Acho que até reconheço a marca...

– Você é louca? Marcar o corpo? Ela tem jeito de ser daquelas meninas magrelas, por isto este vestido sem forma! E olha aquelas meias escuras, meu Deus, quantos anos ela tem? Cinquenta?

– Basta, vocês duas! – Erin as repreende, quando ouvimos a porta da frente se abrir e passos se aproximarem.

Andrea e Mia adentram a sala. Andrea com um grande sorriso brilhante e Mia... Bem, Mia, olha o chão, como se quisesse fazer um buraco que poderia levá-la a China. Ou para bem longe da minha casa.

– Olá, sejam bem-vindas, eu sou Erin. – Erin se aproxima com seu olhar cordial cumprimentando Andrea e depois Mia. – Você deve ser Mia.

– Sim – murmura e levanta o olhar pela primeira vez encontrando o meu.

Não consigo decifrar o que vai em sua mente além de constrangimento.

– Mia é um lindo nome. – Erin diz e segura sua mão, levando-a para perto dos outros membros da família. – Este é meu marido, Richard. E estas são minhas filhas, Taylor e Denise.

– Oi – Mia murmura e eu quase nem escuto.

Deus do céu, o que ela está pensando? Que somos um bando de vampiros e vamos jantar o seu sangue?

Richard lhe estende a mão, assim como para Andrea e Denise se limita a um sorriso de plástico que, para um bom observador, disfarça seu desdém.

Taylor sorri, medindo-a.

– Este seu vestido... é um Miu Miu?

– Como? – Mia a fita confusa e Denise solta um riso, que logo engole, quando Erin lhe lança um olhar ameaçador e ela termina fingindo uma tosse.

– Miu Miu. – Taylor repete. – Ele me parece um vestido da coleção NACIONAIS-ACHERON

de outono de 2010.

– Eu não sei. – Mia murmura dando de ombros, ainda com a voz sumida. – Eu o usei apenas uma vez no enterro da minha avó, faz alguns anos.

Desta vez Denise não consegue se conter e, nem o olhar mais que mortal de Erin e Richard, faz com que ela pare a risada.

Ela tem ao menos a decência de tentar disfarçar, cobrindo a boca com a mão.

– Mia, não exagera – Andrea sorri – é um sacrifício fazer Mia usar um vestido, sabe como são as meninas hoje em dia.

– Ah claro, quando eu tinha 12 anos eu também odiava – Denise brinca e desta vez sou eu que a ameaço com um olhar raivoso.

– Não importa – digo me aproximando.

Já era hora de eu tomar o controle da situação.

– Está muito bem, Mia. E você também Andrea. Sejam bem-vindas a minha casa – digo cordialmente.

– É maravilhosa! Nunca achei que morasse nesta região. Eu disse a John que gostaria de morar aqui um dia e...

– Mãe – Mia fala entredentes, ficando vermelha ao ver meu olhar mudar de cordial para glacial. Eu não conseguia evitar.

Claro, provavelmente era pra extravagâncias como estas que John Agnelli vinha metendo a mão no dinheiro da minha empresa.

E, por causa disto eu estava sendo obrigado a me casar com aquela garota que mais parecia estar indo a um enterro. O seu próprio.

– Querem beber alguma coisa? – Richard pergunta seguindo para o bar.

– Eu adoraria uma taça de vinho. – Andrea responde animada.

– Então eu vou te acompanhar. – Erin as guia para um sofá. – E você Mia?

– Eu não quero nada – ela murmura, sentando ao lado da mãe.

Taylor e Denise trocam olhares.

Passo a mão pelos cabelos, começando a sentir dor de cabeça. Aquela noite estava se encaminhando para o desastre.

– Estes seus jardins são espetaculares. – Andrea diz para Erin.

– Sim, são lindos. Adoro jardinagem e eu mesma cuidava deles quando estava na cidade.

– Não moram em Seattle?

– Eu e Richard nos mudamos para Aspen há pouco mais de um ano. Agora eu só cuido deles de vez em quando, pois adoro.

– Que ótimo trabalho. Pelo o que eu vi, é mesmo fantástico.

– Eu posso levá-la para dar uma volta lá fora depois do jantar e mostrar tudo. Acho que Mia gostaria também.

Mia dá de ombros mostrando o quão empolgada está e Andrea responde em seu lugar.

– Claro que ela está animada.

Taylor e Denise vão para o bar e começam a discutir com Richard querendo tomar um drink com álcool, coisa que já fazem faz tempo e que Richard e Erin fingem ignorar nunca as deixando tomar nada na presença deles.

Eu seguro meu uísque servido por Richard e observo Mia por cima do copo.

Ela está diferente hoje.

Talvez seja a falta do maldito capuz que sempre cobria a cabeça dela nos nossos esparsos encontros. Seu cabelo ruivo está preso firmemente na nuca e eu consigo ver seu rosto direito.

Ela é uma garota bonita.

Este pensamento me incomoda. Como se eu estivesse tendo um pensamento quase obsceno apenas por atestar algo que qualquer um podia ver, até mesmo Richard, certamente. Não havia nenhuma malícia aí.

Claro que não há e nunca haverá nenhuma malícia em nosso relacionamento.

Ela era somente uma garota e tudo entre nós se resumia a um contrato. Conveniência.

O que não queria dizer que eu não poderia tratá-la bem. Gentilmente.

Como eu disse a Denise, eu pretendia cuidar de seu bem estar. Ainda não tive uma conversa com sua mãe e nem com a própria Mia, detalhes

precisavam ser acertados.

Como exigido pela própria Mia, o contrato já estava pronto e seria assinado quando nos casássemos.

E aí, não teria mais volta.

De repente ela levanta o olhar do chão e nossos olhares se encontram. Olhos cor de avelã que parecem tão decididos às vezes e outros tão amedrontados, como agora.

Como se eu fosse um predador e ela um animalzinho pronto para ser abatido.

Inferno, não queria que ela se sentisse desse jeito.

Coloco meu copo sobre a mesa e me aproximo.

– Mia, você pode me acompanhar?

Todos levantam o olhar para nós. Mia parece petrificada.

Eu tento não parecer impaciente com aquele exagero.

– Quero mostrar-lhe a casa. Pode vir também Andrea, claro – acrescento. Para o caso de ela estar com medo de me seguir sozinha.

– Não, eu prefiro tomar mais um pouco deste vinho, é magnífico! – Andrea diz com olhos brilhantes, sacudindo sua taça.

Eu me pergunto se Andrea é algum tipo de alcoólatra.

Mia se levanta como se a tivessem chamado para um sacrifício.

Eu quase tenho vontade de rir.

Faço um sinal para ela me acompanhar para fora da sala.

Hoje eu começarei a mostrar a ela como será sua vida comigo.

Mia

Ainda me sinto em um dos meus pesadelos, embora até agora este pareça bem menos hardcore que os outros.

Até agora, porque, quando Lukas olha pra mim e me pede para acompanhá-lo, seu tom de ordem é bem parecido com meus sonhos.

Eu o sigo imaginando se existe algum calabouço ou algo do tipo, atrás de alguma porta.

Não que a casa pareça assustadora. Na verdade, é bem mais bonita e acolhedora do que eu havia projetado na minha imaginação, desde que Andrea me comunicou que iríamos jantar com a família de Lukas.

Desde então eu vinha sentindo meu estômago revirando de medo e ansiedade.

– Por que tenho que conhecer a família dele? Não é como se fossem ser minha família! – eu resmunguei quando saí do chuveiro enquanto minha mãe continuava a fuçar no meu guarda-roupa.

Eu quase podia rir, porque tinha certeza que lá não havia nada do que ela gostaria que eu usasse.

– Claro que vai!

– Mãe, é um contrato apenas!

– Eu sei. Mesmo sendo algo apenas de conveniência, obviamente você terá que conhecer um pouco dos seus familiares.

– Realmente não sei pra quê!

– Pare de reclamar! Achei! – Ela salta do armário com um olhar triunfante segurando um vestido preto que eu nem lembrava mais que existia.

Era um vestido que usei há pelo menos três anos, quando a mãe de John, a vovó Mary, morreu e tive que comparecer ao enterro em Redmond. Na época Andrea comprou aquele vestido preto às pressas.

– Nem pensar que vou usar isto – com certeza ficaria ridículo. – Eu ainda tinha uma certa gordura da infância naquela época e hoje o vestido

ficaria ridículo.

– Vai sim, é o único que tem! Precisa mudar este seu modo de se vestir, filha!

– Eu gosto dos meus jeans.

Andrea revira os olhos.

– É bom para ir à escola, não para compromissos sociais.

Eu esboço uma risada sarcástica.

– Como se eu fosse a muitos eventos sociais!

– Isto pode mudar de agora em diante.

Meus olhos se arregalam.

– O que quer dizer?

– Quer dizer que o Lukas Constantini vive nas colunas sociais em vários eventos.

– E daí? Não é como se eu fosse a algum lugar com ele, está maluca?

– Nunca se sabe! E você também está virando adulta, Mia, não pode continuar usando estes moletons horríveis pra sempre! Vamos, coloque o vestido pra ver se serve.

Eu bufo e coloco o vestido, que, como previ, não me cai muito bem.

– Hum, poderia ser melhor, como não temos tempo será esse mesmo! Vou pegar uma meia fina preta pra você, acho que combina. E o que vai fazer com o cabelo?

– O que eu tenho que fazer com o cabelo?

– Bom, pelo menos penteie direito, talvez deva colocar umas presilhas, ou tiara?

– Mãe, não inventa mais nada, por favor. Eu já estou usando este vestido horrível, me dá um tempo! E por que você não vai se trocar?

– Verdade! Vou tomar um banho rápido e estarei pronta! Quer que eu faça sua maquiagem depois?

– Claro que não!

Eu volto a me olhar no espelho, desanimada depois que ela sai do quarto.

Como seria a família de Lukas?

Acho que ouvi meu pai comentar uma vez que ele tem um padrasto que se casou de novo e duas irmãs postiças. Só isto.

E o que será que eles pensarão de mim e deste engodo que chamam de noivado?

Mordo os lábios, enjoada, prendendo os cabelos rapidamente. Não estou a fim de pensar em nenhum penteado elaborado. Não tem por que eu me arrumar feito um bibelô para a família de Lukas. Eu nem deveria estar indo a sua casa, é um completo equívoco.

Infelizmente eu não ia conseguir convencer a minha mãe disto. Então, com um suspiro desalentado, saio do quarto quando minha mãe me chama.

Pronta para o sacrifício.

Chegar à casa de Lukas foi uma surpresa. Ele morava numa região muito bonita banhada pelo Lago Washington e era conhecida por suas casas muito luxuosas.

Obviamente Lukas Constantini morava numa mansão.

Ao contrário do que imaginei, a enorme casa era linda.

– Uau, veja estes jardins. – Andrea falou quando paramos o carro em frente à porta principal.

A beleza do lugar não me faz sentir melhor.

Ao contrário, quanto mais nos aproximamos da porta, mais eu sinto vontade de sair correndo.

Uma senhora com cabelos grisalhos e sorriso simpático nos recebe à porta e nos conduz através de um hall muito iluminado a uma sala elegante, ou pelo menos era o que eu conseguia ver pelo chão de madeira brilhante, onde fixei meus olhos.

– Olá, sejam bem-vindas, eu sou Erin. – Uma mulher com cabelos castanhos brilhantes com voz amável nos cumprimenta. – Você deve ser Mia.

– Sim.

Eu olho para cima e lá está ele.

Lukas Constantini. Meu noivo.

Meu estômago dá uma volta completa.

– Ah sim, Mia é um lindo nome. – Erin segura minha mão, me levando para perto dos outros membros da família. – Este é meu marido,

Richard. - Richard é um homem grisalho muito bonito que sorri para mim com cordialidade, enquanto Erin aponta para as duas moças elegantes ao seu lado. As duas têm os cabelos castanhos da mãe, enquanto a primeira, que me encara com curiosidade usa um corte Chanel com uma franja espessa, a outra ostenta madeixas que vão até a cintura, com ondas cuidadosamente artificiais e mechas claras estratégicas. Ela é linda e me avalia com desdém. – E essas são minhas filhas, Taylor e Denise.

– Oi. – murmuro mais constrangida ainda quando o padrasto de Lukas estende a mão educadamente.

A garota curiosa pergunta sobre meu vestido e a outra não disfarça uma risada debochada quanto respondo que o usei no enterro da minha avó.

– Mia, não exagera – Andrea sorri cheia de ameaças com um olhar que diz: "cala esta boca". – É um sacrifício fazer Mia usar um vestido, sabe como são as meninas hoje em dia.

Ah mãe, por favor. Quero resmungar envergonhada, me calo a tempo.

– Ah claro, quando tinha 12 anos eu também odiava. – Denise diz com uma voz divertida e eu corro por estar sendo comparada com uma criança.

E, pela primeira na vida vez eu desejo ter sido menos rebelde quando Andrea me incentivava a usar roupas mais femininas apenas pra não parecer uma criança desajeitada perto de Denise.

– Não importa. – Lukas se aproxima – Está muito bem, Mia. E você também Andrea. Sejam bem-vindas a minha casa. – Sua voz é apenas cordial. Ele não parece tão frio agora, mesmo usando um daqueles ternos caríssimos.

Também não parece o cara mais legal do mundo.

– É maravilhosa! – Andrea elogia a casa. – Nunca achei que morasse nesta região. Eu disse a John que gostaria de morar aqui um dia e... – Andrea dispara e eu tenho vontade de tapar sua boca com a mão.

– Mãe! – A repreendo olhando pra Lukas e percebendo sua mudança sutil de expressão. Ele não gostou nada da menção ao meu pai, obviamente.

Richard pergunta o que queremos beber e minha mãe pede uma taça de vinho, enquanto sentamos no sofá.

Eu digo que não quero beber nada.

Imagino que se eu pedisse uma coca, a tal Denise iria revirar os olhos

e perguntar se eu queria que fosse servida numa mamadeira.

Andrea começa uma conversa educada com a madrastra de Lukas e eu fixo meu olhar nos meus sapatos, desejando com todas as minhas forças que as horas passem muito rápido.

Alguém cita meu nome e eu entendo que estão me fazendo alguma pergunta e eu só dou de ombros, distraída.

De repente eu sinto uma energia estranha, como se estivesse sendo observada fixamente e levanto o olhar, Lukas está me encarando por sobre seu copo de uísque.

Seus olhos verdes estão me perscrutando, como se desejasse ler minha mente. É bastante perturbador na verdade.

– Mia, você pode me acompanhar? – Ele diz do nada, me tirando dos devaneios.

Todos levantam o olhar para nós. O que me deixa além de petrificada, vermelha de vergonha.

– Quero mostrar-lhe a casa. Pode vir também Andrea, claro.

– Não, eu prefiro tomar mais um pouco deste vinho, é magnífico! – Andrea diz com olhos brilhantes, sacudindo sua taça, e eu me pergunto se ela está ficando bêbada. Era só o que me faltava.

Lukas me fita impaciente, esperando e não tenho alternativa a não ser me levantar e segui-lo corredor adentro.

E aqui estou eu.

Seguindo Lukas Constantini através do corredor iluminado de sua casa, sem saber onde ele está me levando.

Ou por quê.

Sinto um calafrio e tento conter a onda de medo tão parecida com a dos meus pesadelos.

Este não é um dos meus pesadelos. É a realidade.

Minha realidade com Lukas Constantini.

Capítulo 7

Mia

Eu sigo Lukas por um lance de escadas prestando atenção nos meus pés para não tropeçar, pois me sinto trêmula o que é ridículo. O que eu acho que vai acontecer? Certamente ele só quer me mostrar sua casa e não me envolver num ritual de sacrifício.

Respiro fundo várias vezes quando chegamos num corredor iluminado com belas pinturas na parede.

– São bonitos.

Ele se vira, com o cenho franzido.

– Os quadros.

– Minha mãe os pintou. Ela os pendurou por toda casa – ele segue em frente.

– São muito bonitos – reafirmo.

Ele para no fim do corredor e abre uma porta fazendo um gesto com a mão para eu entrar.

Volto a sentir aquela centelha de medo, porém entro corajosamente.

"Não seja idiota, Mia"!

O quarto é o que se espera de um quarto naquela casa. Bonito e elegante, decorado em tons pastéis, iluminado com os últimos raios de sol do fim de tarde que entram pelas grandes janelas.

Seria o quarto dele? Certamente não. Parece bastante impessoal para ser de alguma de suas irmãs eu o encaro com uma pergunta muda no olhar.

– Este vai ser o seu quarto quando se mudar pra cá.

Eu quase caio dura no chão quando escuto. Do que ele está falando?

– Mudar pra cá?

– Sim, depois do... – ele hesita com algo parecido com uma careta – casamento.

– Por que eu preciso me mudar pra cá? Não é absolutamente necessário.

– Eu discordo – sua voz é inflexível. Imagino que deve ser este tom que ele usa com seus adversários de negócios.

– Nós não falamos sobre isso. Não é um casamento de verdade, não tenho que me mudar pra sua casa!

– É necessário sim. Mesmo sendo um contrato, espera-se que você viva na minha casa, certamente. Achei que tivesse ficado claro.

– Não, não ficou claro, definitivamente!

É sua vez de respirar fundo, como se estivesse se preparando para uma discussão que estava disposto a ganhar.

Ele coloca as mãos no bolso e dá alguns passos em minha direção.

Definitivamente intimidador, devo dizer. Continuo firme no lugar, sem me encolher ou baixar o olhar.

– Mia... Precisa entender que todas as decisões que estão sendo tomadas são para o seu bem. Você vai se casar comigo e terá que ficar aqui. Não poderá continuar na sua casa sozinha.

– Eu moro com a minha mãe!

– Ela não tem condições de te proteger se for necessário.

– Proteger do quê?

– Possíveis ameaças a sua segurança, por exemplo.

– Ameaças?

– Sim. Eu sou um homem rico, Mia. E você, ao se casar comigo, pode ser muito visada.

– Ninguém vai saber que somos casados!

– Não é minha intenção colocar um anúncio no jornal certamente, mas Seattle é uma cidade em que as notícias correm e a imprensa tem algum interesse em gente rica. As fofocas acontecem.

Oh Deus, eu não tinha pensado nisto.

Eu achava que meu casamento com Lukas seria apenas um contrato. Algo que ficaria apenas no papel e que eu seguiria de alguma maneira com a

NACIONAIS-ACHERON

minha vida, sem grandes mudanças.

Agora ele falava sobre segurança, imprensa e mudança de endereço.

Para aquela casa enorme.

Linda, embora totalmente desconhecida.

Assim como sua família.

Eu começo a hiperventilar e mordo os lábios com força.

– Ei, você não precisa se preocupar com nada – eu levanto o olhar com a súbita mudança do tom de sua voz. Há suavidade ali e me pergunto se ele percebeu que estou perturbada. – Você estará segura aqui.

– Como posso ter certeza?

– Eu vou te proteger.

E é assim, exibindo seu olhar duro e sua voz inflexível, que Lukas Constantini passa de predador a protetor para mim.

Esta mudança de status tão repentina causa tantos sentimentos inéditos e estranhos, que me faz perder o ar por alguns instantes.

E eu não sei o que me faz levantar o queixo e dizer: – Eu não preciso ser protegida.

– Mas vai – ele insiste, naquele tom que não admite discussão.

Eu tenho que lutar contra a vontade de bater o pé e dizer que não sou uma mocinha indefesa que precisa ser protegida. Sei muito bem me defender, embora tenha noção de que não faço ideia de onde estou me metendo e o tipo de ameaças com as quais terei que lidar.

Acabo dando de ombros.

– Não vou vencer esta discussão, não é?

– Nem tente.

– Tudo bem – respondo por fim, sentindo uma vontade súbita de sair dali. – Eu me mudarei para sua casa. Lembre-se de que nem sempre será o vencedor das discussões, Lukas Constantini.

– Eu vou procurar me lembrar, Mia Agnelli – ele diz com um arremedo de sorriso totalmente inesperado, enquanto passa a mão pelos cabelos e se vira em direção à porta.

E de novo sou tomada por aquele sentimento estranho que agora reconheço estar na boca do meu estômago.

NACIONAIS-ACHERON

– Venha, vou te mostrar o resto da casa.

Ele me leva pelo corredor, apontando qual quarto é de quem. No caso, os quartos das irmãs que ficam perto do meu e o seu que fica no outro corredor.

– Seus pais não moram aqui?

– Eles moraram por um tempo, depois que Taylor foi pra universidade decidiram se mudar para Aspen.

– Então aqui só moram você e suas irmãs? – Pergunto, quando descemos as escadas para outro corredor.

– Sim.

Ele começa a abrir portas e por trás delas aparece um escritório, uma biblioteca e até uma sala de TV. Por fim chegamos a uma espaçosa cozinha, onde a senhora que nos recebeu, sorri ao nos ver.

– Esta é Mary.

– Muito prazer, senhorita.

– Me chame de Mia, por favor.

– Mary, a Mia virá morar conosco em breve, por isto estou mostrando a casa a ela.

– Ah sim, seu pai me contou sobre o casamento. Parabéns!

Eu coro até a raiz do cabelo me perguntando se a empregada sabia que o casamento era só um mero contrato.

Se sabe ou não, não fica claro e nem Lukas comenta nada.

– O jantar já será servido. Espero que coma direito hoje, sempre volta magrinho daquele seu apartamento.

– Não seja impertinente, Mary – ele revira os olhos como se estivesse irritado, mas parece não se importar.

Nós voltamos pra sala e há mais duas pessoas ali que não estavam antes.

Eu reconheço a moça do escritório do Lukas e do lado dela está um homem loiro muito bonito.

– Danielle, o que faz aqui? – Lukas pergunta, o que dá a entender que a assistente não havia sido convidada para o jantar.

– Eu preciso tratar de alguns assuntos urgentes com você.

– Não podia esperar até amanhã?

– Se pudesse não estaria aqui. Como vê, eu e Jack estamos num encontro.

– Adoro como a Danielle é uma funcionária dedicada. – Denise comenta com veneno na voz e eu percebo um olhar irritado de Danielle.

– Eu não sabia que estava num jantar com sua família e... – ela olha pra mim, como se tentasse achar uma denominação adequada.

– E quem é esta mocinha adorável? – O moço loiro pergunta, sorrindo pra mim.

Não sei explicar por que não gosto daquele sorriso.

– Esta é Mia Agnelli. – Lukas faz as apresentações. – Mia, você conhece Danielle do meu escritório, este é seu noivo, Jack Sloan.

Eu apenas aceno e vou para o lado da minha mãe.

Pergunto-me o que ela vai achar desta história de eu ter que morar ali e secretamente desejo que ela seja contra.

Erin avisa para todos irem para a sala de jantar e convence Danielle e Jack a ficar e tratar de negócios com Lukas depois. Eu me lembro de ela ter dito que estava ali para algo "urgente" e que estava em um encontro. Então por que agora tinha tempo de um jantar em família?

Aquilo não era da minha conta e eu tinha assuntos mais importantes para ruminar, enquanto sentamos à mesa e comemos a comida de Mary que, segundo todos os elogios, está deliciosa, pra mim tem gosto de papel, devido a minha ansiedade.

Mal presto atenção nos assuntos e não me importo. É como se de repente a realidade batesse de uma vez em mim e eu me sentisse sendo empurrada para um precipício.

Eu iria me mudar muito em breve para aquela casa. Partilharei refeições com aquelas pessoas que são quase estranhas e terei que conviver com elas todos os dias.

Eu não sabia como lidar com tudo aquilo. Era demais pra mim.

Eu teria que aprender.

Foi me dada uma opção eu escolhi aquele destino.

Cinco anos apenas.

Cinco anos ligada a Lukas Constantini e a tudo que o rodeava. Sua riqueza, sua família e sabe lá mais o que isto iria implicar.

Parecia uma eternidade.

Finalmente o jantar termina. Lukas e Danielle desaparecem no corredor para tratar seja lá que assunto ela tem de tão urgente. Taylor e Denise desaparecem em seguida eu me lembro de Denise comentando que iria sair depois do jantar. Bom, eu não sentiria falta dela, com certeza.

O Doutor Richard também se retira para fazer algumas ligações para saber de seus pacientes em Aspen.

Erin convida a mim e a Andrea para ir até o jardim. E, para minha surpresa, Jack nos acompanha. Eu tento disfarçar a sensação esquisita que sinto perto daquele homem, já que ele caminha ao meu lado pelo jardim iluminado, enquanto Andrea e Erin conversam na frente.

– Os jardins foram obra da mãe de Lukas, a primeira esposa de Richard – Erin explica.

– Não é esquisito morar numa casa que foi da ex do seu marido? – Andrea pergunta com a sutileza de um elefante e eu tenho vontade de beliscá-la. Erin parece não se importar com sua indelicadeza.

– Eu não me importo, certamente. Richard gostava desta casa, ele me deu a opção de vir morar comigo onde eu quisesse quando decidimos nos casar. Do mesmo jeito que eles permaneceram nesta casa que foi do pai de Lukas, Elizabeth e ele permaneceram aqui por causa de Lukas, nós também decidimos ficar aqui por causa dele.

– Ele já era adulto, não é?

– Ele tinha quase dezoito anos. Richard tinha medo que ele voltasse a dar problemas se ficasse sozinho.

– Ah, me lembro do meu marido comentando que o herdeiro da Constantini era um tanto problemático na adolescência, ele foi preso não foi?

– Mãe, para com isto! – Eu não consegui me conter.

– Oh, me desculpe – Andrea parece finalmente se tocar. – Eu não queria ser intrometida.

– Não tem problema – Erin responde educadamente. – Lukas foi um garoto rebelde, ele mudou muito depois da morte da mãe. E hoje é um homem excelente.

– Claro que é – Andrea concorda rapidamente.

– Venha, vou te mostrar o jardim das rosas...

Elas seguem mais à frente e eu e Jack acabamos ficando um pouco para trás.

– Então você é a noiva do Constantini.

Eu fico vermelha.

– Não é bem assim... – eu hesito em falar pra ele do contrato, ele deve saber, não é? Sendo namorado de Danielle, ao que parece.

– Claro, eu sei que é apenas um contrato pro Lukas receber a grana da mãe dele. Que furada! Uma grana desta e só pode pegar se casando. Bom, eu acho que faria o mesmo que ele.

Eu não comento nada. Todas as palavras saídas da boca de Jack parecem muito inconvenientes.

– Você... – seus olhos me perscrutam. – É tão jovem... sabe onde está se metendo?

Eu o encaro.

– O que quer dizer?

Ele dá de ombros com um sorriso.

– Danielle me disse que nem tem dezoito anos. Como pode ter concordado com isto?

– Se está tão informado, deve saber que meu pai é responsável por um desfalque na Constantini.

– Ah claro. Todos sabem. Lukas não pode usar esse fato para obrigá-la.

– Ele não está me obrigando. Fizemos um acordo.

– Acha mesmo que Lukas Constantini faz algum acordo que beneficie outra pessoa? Ele geralmente sai ganhando com suas barganhas, não tenha dúvida.

– Por que te interessa? – Pergunto, começando a me aborrecer. Suas acusações contra Lukas podem ter muito fundamento, mas me irritam.

Quem este cara pensa que é?

Ele pode achar que sabe algo sobre Lukas, mas certamente não sabe nada sobre mim.

NACIONAIS-ACHERON

– Calma, não fique brava comigo. Eu não estou tentando te fazer desistir do casamento – ele ri.

– Pois é o que parece.

– Claro que não. Estamos apenas conversando. Eu só fiquei realmente intrigado com o fato de uma menina como você se envolver nesta situação. Me parece muito inocente. Pode se machucar se não tomar cuidado.

– Eu sei me cuidar, não se preocupe – corto o assunto olhando em volta e me dou conta que, sem que eu percebesse, ele me guiou por um caminho totalmente diferente.

Estamos agora quase no final de um deck que vai até uma pequena ilha artificial.

– Preciso achar minha mãe.

– Ela está entretida com a Erin e suas flores. Venha, vamos sentar aqui e admirar a vista, vale a pena. – Antes que eu consiga reagir, ele segura meu braço e me guia até um banco, onde nos sentamos. – Prometo que não falarei mais de assuntos que te aborrecem, combinado?

Eu não respondo ainda confusa com todo aquele nosso diálogo.

Por que tenho a impressão que Jack está me jogando contra Lukas? Quem diabos é este cara?

– O que fazem aqui? – A voz de Lukas me tira do devaneio e nós olhamos pra trás.

Ele parece irritado por nos ver ali e seu olhar vai de Jack pra mim.

– Eu e Mia estamos desfrutando da vista, junte-se a nós – Jack responde.

– Danielle está te procurando para irem embora – Lukas diz friamente e Jack se levanta.

– Ok, eu já vou. Foi um prazer conhecê-la, Mia. Espero que nos encontremos novamente.

Ele se afasta e Lukas se aproxima sentando ao meu lado.

– Espero que Jack não tenha te aborrecido. Ele é meio idiota às vezes – ele diz e eu penso em falar sobre as coisas que Jack falou, acabo desistindo.

– Nós estávamos com a minha mãe e Erin no jardim e acabamos no distanciando e vindo pra cá. É realmente uma vista linda.

– Sim, é lindo.

– Erin disse que foi sua mãe que o idealizou.

– Meu pai construiu esta casa para ela. Ela a chamava de Paraíso.

Sua voz agora está cheia de nostalgia e seu olhar longe, como se relembresse o passado.

De repente me sinto curiosa sobre a mulher que foi a inspiração para tudo aquilo e que no fundo era a responsável por eu estar me casando com aquele cara.

– Como era sua mãe?

– Ele era linda. E gentil, meu pai a adorava.

– Seu pai morreu há muito tempo?

– Eu tinha cinco anos. Minha mãe se casou de novo um ano depois e Richard foi um bom substituto, embora por um tempo eu tenha me rebelado contra o casamento.

– Sério? Richard parece muito legal.

– Ele é. Quando eu era criança eu não me importava muito, acho que nem entendia direito toda a realidade a minha volta, quando fui crescendo, comecei a questionar as escolhas da minha mãe e a me rebelar contra a ideia de que meu pai verdadeiro não estava mais conosco. Tornei-me um imbecil com ela. Brigava na escola, bebia demais nas festas, me envolvia em brigas, bati o carro pelo menos três vezes e até fui preso.

– Não acredito que foi preso! – Eu exclamo surpresa.

– Pois eu fui. Por isto ela deixou este testamento ridículo quando morreu. Eu só poderia receber a herança com 30 anos ou se estivesse casado – ele passa a mão pelos cabelos, perdido em pensamentos. Parece muito triste e eu lamento que tenha entrado naquele assunto.

– Ela pensou que fosse o melhor pra você.

– Eu sei, nem por isso deixa de ser sem noção. Se não fosse...

– Não seria obrigado a casar comigo – completo e ele me encara.

– E nem você comigo.

– Tem razão – concordo.

– Enfim, eu fui um idiota e minha mãe teve motivos para me ferrar. Não posso voltar no tempo e mudar minha atitude. Minha mãe morreu me

vendo daquele jeito.

– Acho que ela devia entender que era só um adolescente e muitos têm uma fase de revolta.

Ele me encara.

– Você não teve sua fase rebelde, Mia Agnelli.

Eu rolo os olhos, ruborizando.

– Talvez eu tenha tido e você nem saiba.

Ele levanta as sobrancelhas, duvidando e com razão.

Eu sou uma garota previsível e sem um pinga de rebeldia.

– Me conte um ato rebelde seu então – ele cruza os braços brincalhão esperando enquanto tento buscar na minha mente alguma coisa que me faça subir em seu conceito.

– Uma vez eu pinteí meu cabelo de verde.

Ele arregala os olhos, migrando os olhos para meus cabelos presos.

– Mentira.

– Sério. Eu tinha 12 anos, acho, deixei uma amiga pintar meu cabelo com papel crepom. Ficou horrível, parecia que tinham passado merda de passarinho na minha cabeça!

Então a coisa mais estranha acontece.

Lukas joga a cabeça pra trás e ri.

Realmente ri. Uma gargalhada vinda do fundo do peito. E eu me dou conta de que nunca o tinha ouvido rir antes.

– Estou tentando imaginá-la com o cabelo verde cocô.

Eu rio, tímida.

– Você ia morrer de rir se tivesse visto. Eu fiquei morrendo de vergonha de ir à escola no dia seguinte.

– E sua mãe não fez nada?

– Ela achou engraçado e inusitado. Minha mãe é muito estranha às vezes.

– Eu posso imaginar. Devo entender que a sua mania de usar capuz pra esconder os cabelos começou aí – ele diz divertido.

– Definitivamente. Graças a Deus aquela porcária de cor foi saindo

conforme eu lavava, fui obrigada a amargar apelidos como catarro vegetal, coringa e outros que nem lembro, por um bom tempo.

Quando eu digo os apelidos, Lukas volta a rir e eu acabo rindo junto, porque hoje é engraçado, embora na época tenha sido horrível.

E, enquanto estamos ali rindo juntos, eu começo a achar que nem vai ser tão horrível assim conviver com Lukas Constantini. Ele parece ser um cara legal quando não está me ameaçando ou tentando me intimidar.

– Então, acho que não dá pra ser classificado como rebeldia, se nem teve orgulho do seu cabelo verde catarro – ele me encara, sua risada se transformou em um sorriso de lado.

De repente eu sinto de novo um nó meu estômago. Agora eu sei o que é.

São borboletas.

Elas sobrevoavam minha barriga.

Eu me dou conta de que gosto do sorriso de Lukas Constantini. Gosto muito.

Me faz sentir como se tivesse borboletas no meu estômago.

E é bom. Muito bom.

Este pensamento me faz ruborizar eu desvio o olhar para a água, embora seja bem difícil, pois também constato que quero ficar olhando pra ele.

E talvez contar outra história engraçada que o faça rir.

Quero que ele continue sorrindo pra mim.

Por um momento ficamos em silêncio e eu começo a me dar conta do absurdo dos meus pensamentos.

E desejo ir embora. Ficar longe de Lukas e de seu sorriso que me faz sentir diferente.

Diferente de um jeito bom.

Diferente de um jeito "me faça sentir assim de novo".

E é algo bastante assustador.

– Mia.

Ele me chama e eu hesito em virar pra ele, o simples som de sua voz as faz voltar. As borboletas.

Eu respiro fundo e o encaro.

Ele está sério. Não do jeito sério que sempre estava em seu escritório. O rosto sério que infesta meus pesadelos.

Era um sério diferente. Um sério... intenso. Quase... angustiado? Ansioso?

Mesmo sem saber definir, um pensamento repentino passa pela minha cabeça.

Ele é lindo.

A noite caiu por completo agora e as luzes do jardim iluminam seu rosto, dando-lhe uma aparência quase sobrenatural.

Ele passa os dedos pelos cabelos os deixando bagunçados, gesto que repete com muita frequência.

Então ele tira a outra mão do bolso e a estende pra mim.

E um anel brilha.

– É o anel de noivado da minha mãe.

Por um momento eu não entendo até que a compreensão bate em mim como uma onda forte arrebatando contra meu peito.

Ele não iria... Ele não podia...

Não consigo respirar.

– Richard me deu quando disse que eu ia me casar. Era desejo dela que ficasse com... minha noiva.

– Mas nosso casamento não é de verdade! – Rebato.

De maneira alguma eu ia usar aquele anel. Claro que não!

– Não seria certo. Não posso ficar com este anel – a angústia toma conta de mim.

Toda aquela situação era ainda mais bizarra do que na noite em que ele disse que queria se casar comigo e explicou que seria uma farsa.

Agora ele vinha com aquele lindo anel de brilhantes que foi da mãe dele.

Eu nunca pensei em usar um anel de noivado. Inferno, eu nunca havia pensado sequer em como seria ficar noiva.

Como posso usar o anel de Lukas? Eu não sou sua noiva de verdade.

Sou apenas a filha do homem que o roubou e que fez um acordo com ele.

Um contrato.

Cinco anos de vida separados. Ou quase, já que eu teria que me mudar para aquela casa, pelo menos até ir pra faculdade.

E um anel.

– Eu entendo muito bem o que quer dizer, Mia. Por favor entenda que é difícil pra mim, não realizar um desejo da minha mãe.

Sem aviso, ele segura minha mão e eu quase dou um pulo.

– Esta não é uma situação normal. Não é um casamento de verdade. Nós dois sabemos. Nós estamos nos ajudando mutuamente com este contrato. Aceite este anel como parte dele – então ele o desliza por meu dedo.

Cabe direitinho.

Eu fico olhando para o anel com meu coração batendo disparado no peito.

Estou assustada.

O pior de tudo é que não é o anel que me assusta.

São as malditas borboletas que invadem meu estômago com força total, enquanto Lukas segura minha mão na dele e pede silenciosamente que eu fique com o anel da sua mãe.

Acho que me lembrarei através dos anos que esta foi a primeira vez que não consegui dizer não a Lukas Constantini.

– Tudo bem – eu limpo minha garganta – eu ficarei com ele, o devolverei quando o contrato acabar.

– Se estou te dando, talvez seja pra sempre. É um presente.

– Não, acho que vai querer dá-lo quando se casar de verdade – digo obrigando meu cérebro a voltar à realidade. Esperando que a realidade extinguisse as borboletas dentro de mim.

Ele larga minha mão, passando os dedos pelos cabelos.

– Talvez eu nunca me case de verdade.

– Eu duvido.

– O que a faz achar isto?

Antes que eu possa pensar numa resposta, escuto passos atrás de nós e

me viro.

Uma moça loira se aproxima sorrindo.

Lukas também se vira e a vê. Seu rosto se fecha numa expressão fria.

– O que faz aqui, Alexia?

– Eu vou sair com a Denise, ela não te disse? – A moça responde sorrindo. – Vim perguntar se vai com a gente.

– Não, não vou – Lukas responde e, segurando meu braço, me faz levantar. – Venha Mia, sua mãe deve estar se perguntando onde você está.

Nós passamos por Alexia que parece confusa. Lukas me guia pelo jardim rapidamente, soltando meu braço.

– Quem era aquela? – Pergunto, sem conter minha curiosidade.

– Alexia Duran, amiga das minhas irmãs – diz simplesmente.

Nós chegamos a casa e minha mãe está lá com Erin.

– Aí estão vocês. Precisamos ir, Mia.

– Eu preciso entrar e dar uns telefonemas – Lukas passa a mão pelos cabelos, parecendo ausente.

– Eu as acompanho até o carro – Erin diz solícita.

– Foi um jantar realmente adorável – Andrea elogia quando chegamos ao seu carro e Erin sorri.

– Adoramos a companhia de vocês. Espero que possamos repetir sempre que estivermos em Seattle.

– Claro que sim. Os convidarei para ir a minha casa da próxima vez.

Nós entramos no carro e eu olho descrente para Andrea.

– Acho incrível como você age como se fosse uma visita normal!

– E por que não seria?

– Mãe, esta gente deve nos odiar! Esqueceu o que o papai fez?

– Primeiro, seu pai nunca teve como se defender destas acusações! Segundo, todos nos trataram muito bem hoje!

– Hum, por que não tiveram alternativa! Com certeza, se pudessem escolher, nunca nos convidariam.

– Pare de ser pessimista, Mia! Sei que está sendo difícil pra você, a vida é assim, é bom que aprenda! Nunca é exatamente do jeito que sonhamos.

NACIONAIS-ACHERON

Para de reclamar, Constantini poderia ter nos jogado na lama, sem dinheiro e sem nada! Em vez disto, você está se casando com ele!

– Como eu posso esquecer? Hoje o Lukas me disse que eu terei que me mudar pra cá! É tudo tão absurdo!

– Bom, eu já estava esperando por isto.

– Como assim? Não é como se eu estivesse me casando de verdade! Não tenho que me mudar pra casa dele!

– Claro que tem que ser assim, Mia. Não se preocupe, a mãe dele disse que ele vive mais em um apartamento do que lá.

– Que ótimo, terei que viver com as bruxas das irmãs dele. Não sei qual opção é pior!

– Não são bruxas, são moças muito agradáveis. Fico feliz que terá companhia, meninas da sua idade.

– Não são da minha idade, são mais velhas.

– Taylor tem 19 anos e Denise 21. Vai ser bom conviver com elas. Viu como se vestem? São muito elegantes.

– Agora a senhora vai dizer que eu tenho que me vestir como elas.

– Por que não? Já está na hora de crescer, Mia. Daqui a alguns meses fará 18 anos e vai para faculdade.

– Se for aceita em Yale...

– É claro que vai ser!

Eu não falo mais nada, me sentindo subitamente cansada de tudo.

Olho para o anel na minha mão, que nem tinha percebido que estava rodando no dedo e relembro a conversa com Lukas no jardim.

Ele pareceu um cara legal naquele momento, enquanto ríamos juntos, bem diferente daquele de antes, tão frio e distante.

Quem seria o verdadeiro Lukas Constantini?

E o mais importante, com qual deles eu me casaria?

Naquela noite, eu sonho com ele de novo.

Desta vez, é um sonho diferente. Eu ando no jardim dos Constantini na quase completa escuridão meu coração bate forte com medo de tropeçar e cair. Então eu escuto uma risada conhecida. Um som rouco e delicioso que faz meu coração bater ainda mais forte com a ansiedade de encontrar o dono

daquele riso. No entanto, por mais que eu ande sem rumo na escuridão, nunca consigo encontrá-lo.

Quando acordo de manhã me sinto tomada por um inexplicável vazio.

Capítulo 8

Mia

Ir para a escola me parece estranho e quase sem sentido, com tantas coisas insólitas acontecendo a minha volta.

É esquisito andar pelos corredores, com minha mochila nas costas e capuz na cabeça como uma estudante de último ano normal, sabendo que em poucos dias estarei me casando com um dos homens mais ricos do país.

Não que eu pretenda anunciar este fato aos quatro ventos. Aliás, eu pretendo manter o maior segredo possível. Nunca fui uma pessoa que gostava de chamar a atenção para mim, preferindo passar despercebida entre os demais. Agora eu estava levando este fato às últimas consequências.

Sem querer, olho para minha mão vazia. Eu tinha tirado o anel de noivado estrategicamente e guardado no meu porta-joias em casa.

– Hei Mia!

Zac aparece do meu lado com um sorriso largo. Desde o nosso "encontro", vinha evitando-o embora soubesse que chegaria uma hora em que eu não poderia mais fugir.

– Oi, Zac.

– E aí, quando vamos sair novamente?

Eu mordo os lábios pensando se deveria elaborar uma desculpa educada ou ficaria com o sucinto "nunca mais".

Eu paro encarando-o.

– Zac, olha, acho melhor não sairmos de novo.

– Por que não? – Seu rosto está confuso – pensei que tivesse gostado.

– Eu gostei – respondo rápido. – Mas...

– Espera... Por acaso tem outro cara na jogada?

Eu nem sei por que fico vermelha e Lukas Constantini me vem à mente.

Me pergunto o que Zac diria se eu falasse a verdade, que não podia mais sair com ele porque ia me casar.

– Não, nada disto! Não tem ninguém. – Bom, não era uma mentira.

– Então por quê?

– Não estou a fim de me envolver com ninguém no momento.

– Ainda não entendo...

– Estamos quase no fim do ano letivo, estou preocupada com a minha inscrição para a faculdade. – Minto descaradamente. – Estou focada nisto agora e acho que deveria fazer o mesmo.

Por um momento penso que ele vai insistir, mas sua expressão derrotada diz que ele finalmente entendeu.

– Tudo bem.

Esboço um sorriso amarelo.

– Obrigada por entender, Zac – me afasto satisfeita por ter um problema a menos na minha mente.

Eu seria feliz se Zac fosse meu único problema, havia questões muito mais complicadas com que me preocupar no momento.

Uma delas se apresenta na forma de uma garota com voz estridente e cabelos chanel que eu encontro na minha casa quando chego da escola.

Que merda Taylor está fazendo aqui? Me pergunto, quando dou de cara com ela tomando chá na mesa da cozinha com a minha mãe.

– Finalmente chegou! – Andrea acena – Taylor veio falar sobre o casamento.

– Casamento? – Balbucio e Taylor sorri parecendo um gnomo, enquanto abre uma agenda cor de rosa e saca uma caneta da mesma cor de sua bolsa Prada em cima da mesa e me encara.

– Sim, temos pouquíssimo tempo para ver todos os detalhes da cerimônia.

– Cerimônia? – Uma veia salta em minha testa.

– Claro! – Andrea intervém. – Temos sorte de Taylor já ter pensado em tudo.

– Ainda não entendo – digo.

Elas simplesmente não podem estar falando sério!

– Sim, não vão se preocupar com nada, eu cuido de tudo! Decoração, jantar, musicas, vestido...

– Espera! – Ergo a mão quando percebo que não entendi errado. Ela está mesmo falando de uma cerimônia de casamento com tudo que tem direito.

Lukas certamente não tinha me dito que sua meia-irmã era louca.

– Está dizendo que vai organizar uma festa de casamento? Pra este casamento?

– Sim, Mia – Taylor rola os olhos, ainda divertida. – Não fique com esta cara horrorizada! Vai ser tudo de muito bom gosto! Eu sou ótima nestas coisas...

– Não.

– Não o quê?

– Não vai ter nada disto.

– Como não? Estamos falando de um casamento...

– Não é um casamento de verdade! – Sei que minha voz está um tanto estridente e rude, não me importo.

– Mia, filha... – Andrea tenta intervir, eu a ignoro.

– Vocês estão completamente malucas? Não há razão nenhuma pra nada disto! Eu e Lukas vamos assinar um contrato e só! Não estamos nos casando de verdade!

– Claro, nós sabemos. – Taylor diz devagar. – Mesmo assim, não tem por que não fazermos uma pequena comemoração...

– Mãe, fala pra ela! – Recorro a Andrea, eu deveria saber que minha mãe ficaria do lado da irmã insana de Lukas nesta questão.

– Querida, Taylor tem razão. Qual o problema de fazermos algo bonito?

– Sim, sua mãe está certa! Não precisa ficar preocupada. Será só para a família, claro. Algo bem discreto, Lukas me mataria se fosse diferente, embora eu ainda ache que um casamento grande esta época do ano seria maravilhoso e...

– Ah, eu desisto de discutir com gente louca, dá licença! – Viro as costas pra duas, saindo da cozinha e me trancando no quarto.

Claro que minha mãe aparece horas depois e me passa um sermão memorável.

– Que educação é esta? Taylor está sendo muito gentil e prestativa organizando tudo.

– Organizando o quê? É pura fantasia da cabeça oca dela!

– Não fala assim.

– Quer que eu fale como? Em que momento vocês esqueceram que isto é apenas um contrato?

– E daí? Você vai se casar de qualquer maneira e se Taylor quer uma festa, qual o problema?

– Então ela que se case e se vista de noiva, eu estou fora! – Deito na minha cama e coloco meu fone de ouvido, tentando dar a discussão por encerrada, Andrea pensa diferente.

Ela vem em minha direção e puxa o fone do meu ouvido.

– Escuta bem, estou ficando cansada deste seu surto de infantilidade! Você vai aceitar a generosidade da irmã do Lukas sem reclamar, entendeu? O que pode acontecer de ruim em um casamento?

– Não quero nada disto... – murmuro, engolindo o súbito nó que se forma em minha garganta a expressão de Andrea se suaviza.

– Acha que eu quero? Nós temos que pensar que poderia ser bem pior. Podíamos ter um destino muito mais terrível do que aguentar algumas horas numa cerimônia de casamento!

– Eu terei que aguentar cinco anos, mãe – uma lágrima escapa dos meus olhos.

Ela senta do meu lado e enxuga meu rosto.

– Você é forte. Vai passar por tudo de cabeça erguida, está salvando a nossa família.

– Queria que o papai acordasse e tudo voltasse a ser como antes.

– Eu também filha, porém, a cada dia que passa, eu fico mais desesperançada.

– Acha que ele nunca mais vai acordar? – Externo meu maior medo.

– Eu não sei. Nós só podemos rezar e ser positivas. Pare de chorar e me prometa ser boazinha. Eu sei que tudo parece terrível agora, no entanto, às vezes, a vida nos traz grandes surpresas.

Esboço um sorriso triste, tentando confiar no otimismo tolo de Andrea.

É bem difícil para mim, naquele momento, acreditar que o destino me reserva algo realmente extraordinário.

Assim, os dias passam e eu sigo a minha rotina, fingindo que nada demais está acontecendo a minha volta.

Fingindo que, a cada dia que passa, não é um dia a menos da minha rotina familiar e segura e um passo a mais para a minha vida de casada com Lukas Constantini.

Uma vida que desconheço e temo.

Taylor não aparece mais na minha casa e tampouco fui abordada com alguma questão do famigerado casamento. Andrea parecia envolta por uma nuvem de ansiedade e otimismo como lhe era peculiar e que eu tentava em vão ignorar.

Papai continua na mesma. Sem acordar. Sem dar sinal de vida.

E, sem que eu perceba ou anseie, me vejo cercada de caixas, empacotando tudo o que me pertence que levarei para minha nova casa.

A casa de Lukas.

Olho em volta quando tudo está pronto, sentindo meu peito oprimido de medo e tristeza. Meus livros, meus CDs, minhas roupas. Tudo o que me pertence está pronto para ir comigo.

No entanto, quem disse que eu estou pronta?

Algo dentro de mim está gritando e quer trancar a porta e se negar a ir.

Quer esquecer que meu pai está sendo acusado de um roubo milionário e que não pode se defender, pois está preso numa cama de hospital, em coma. E que, por causa disto, eu aceitei me casar com um homem que nem conheço direito, que me obrigará a largar tudo o que me é seguro e familiar para ir viver em seu mundo.

Mundo este que não dividirá comigo.

Neste casamento seremos como dois atores atuando em seus
NACIONAIS-ACHERON

respectivos papéis.

Juntos apenas nas assinaturas em nossos contratos. Por cinco longos anos.

A vontade de fugir se debate de novo dentro das jaulas que estão sendo construídas dentro de mim e, por um momento, eu luto contra o anseio de gritar e correr. Sinto-me como um cordeiro pronto a ser abatido e arrastado até o covil dos leões. Indefesa e vulnerável.

Fecho os olhos com força e invoco coragem.

Eu sei que em algum lugar dentro de mim ela existe. A força, coragem e a serenidade necessária para enfrentar tudo o que está me colocando à prova.

Preciso da mesma força que me fez ir ao escritório de Lukas Constantini pedir para ele perdoar meu pai. A mesma força que me fez voltar ao escritório e aceitar me casar com ele.

Eu não quero ser um cordeiro estúpido. Eu quero ser dona de mim mesma e do meu destino. Já que não posso escolher a guerra, posso pelo menos escolher a maneira como irei lutar minhas batalhas.

Então eu abro os olhos e vejo o brilho da joia solitária em cima da minha penteadeira vazia.

Eu não o havia empacotado junto com as minhas poucas joias, a maioria presente de Andrea e John que eram pouco usadas. Eu o havia deixado de fora, como se não me pertencesse realmente.

Mas ele me pertencia.

Por cinco anos.

Eu o pego e coloco em meu dedo. Parece fechar como garras em minha pele.

E me faz relembrar o momento em que Lukas o deu para mim.

Parece ter sido há mil anos e não duas semanas. Naquela noite, algo mudou dentro de mim.

Lukas havia mudado para mim.

E eu vinha evitando pensar sobre isto com todas as minhas forças. Eu já tinha problemas demais para acrescentar mais "este" à lista.

Mesmo nem entendendo o que era "este".

Apenas ele me parece diferente do cara que acusava meu pai de um crime horrível e dizia com frieza que ia tirar tudo o que eu tinha.

Do cara que havia pedido que eu me casasse com ele para que não cumprisse esta ameaça.

Eu, uma garota de dezessete anos, teria que ficar casada com ele por cinco anos. Um casamento apenas de fachada, ainda assim um casamento, que me obrigaria a me mudar pra sua casa e viver com ele.

Eu não conseguia nem imaginar como seria até aquela noite do anel.

Naquela noite, mesmo inconscientemente, eu havia vislumbrado uma parte real do que poderia ser algum tipo de relacionamento entre nós.

Talvez relacionamento fosse uma palavra muito forte. Falando sério, eu tinha dezessete anos e vivia a anos luz da realidade de um cara como Lukas. Em que mundo nossos destinos colidiriam se não fosse o infortúnio do meu pai? Provavelmente nunca nos encontraríamos ou teríamos algum tipo de convívio, amizade, contato, o que fosse.

Quanto mais um relacionamento... amoroso.

A palavra pula em minha mente como um palavrão obsceno. É impossível não pensar nesta possibilidade embora remota e hipotética. Afinal, para duas pessoas se casarem, era preciso um romance antes, não é?

Eu não era tão idiota assim, claro. Mesmo tendo apenas dezessete anos, muitas garotas da minha idade se envolviam com caras mais velhos, não era a coisa mais anormal do mundo.

No ano passado, uma garota do colégio chamada Anne tinha um namorado mais velho que ia buscá-la. Na época, eu andava com Janini Scott, uma grande fofoqueira, ela havia cochichado no meu ouvido que o namorado de Anne tinha vinte e oito anos.

– Nossa, ele é muito velho! – Louise exclamou horrorizada e Janini riu.

– Mas é lindo. E sabe das coisas, se é que me entende. Não deve ser como os garotos da nossa idade que nem sabem onde pôr a mão.

– Mesmo assim, Anne tem dezesseis anos! Isto não dá cadeia?

– Apenas se for forçado acredito, o que acha Mia?

Eu me lembro que dei de ombros.

– É problema dela.

Eu realmente não parei para pensar sobre aquilo, porque de verdade não achava que era da minha conta. Eu não era como Janini, que vivia curiosa sobre a vida das outras pessoas.

Agora eu era uma espécie de Anne. Só que o relacionamento de Anne era de verdade e não apenas um contrato assinado com data para acabar.

Mesmo assim, eu não conseguia parar de pensar como seria se eu tivesse conhecido Lukas em circunstâncias diferentes. Seria possível que acontecesse um relacionamento como o de Anne e seu namorado mais velho?

Lembro-me da sensação diferente na boca do estômago que senti quando ele sorriu ou quando pareceu protetor comigo. Nunca senti nada assim antes, nem quando Zac Smith me beijou. Então não tinha parâmetro para comparações.

Só sei dizer que era algo realmente bom. Que fazia meu rosto corar e meu coração disparar no peito. E me fazia ter vontade de estar perto dele de novo. Para sentir novamente e esperar o que vinha em seguida. Porque eu sabia que havia mais.

Então amanhã eu ia me mudar para sua casa e talvez ele voltasse a conversar comigo como naquele dia no jardim. E então...

Então o quê?

De repente eu interrompo meu devaneio fantasioso com um tapa imaginário na minha imaginação ridícula.

Sim, ridícula e absurda! Que merda eu estava pensando?

Só porque Lukas Constantini me pareceu agradável e quase humano, capaz de ter uma conversa normal comigo, não queria dizer que havia algum motivo para eu, de alguma maneira insana e insensata, desejar aquela união forjada.

Respirando fundo, eu tiro o maldito anel do dedo e, irritada comigo mesma, vou pra cama.

Dormir e esquecer todas aquelas reflexões sem sentido e sem propósito.

Amanhã era dia de realidade.

O dia do meu casamento com Lukas Constantini.

Eu acordo de um sono sem sonhos e o dia está nublado e cinzento, como se me desafiasse a sentir alguma felicidade em meio à escuridão.

Minha mãe aparece toda animada, com um homem corpulento que diz ser um motorista dos Constantini que veio buscar minhas coisas.

O meu quarto vazio é algo triste de se ver, não tenho tempo para despedidas, Andrea me arrasta para o carro, também dos Constantini, que nos conduz até a casa no Lago Washington.

À luz do dia, ela parece ainda mais espetacular, eu sinto apenas vontade de vomitar quando Taylor me tira do carro e me guia com seu andar saltitante pela casa me mostrando as pequenas luzes no jardim, a mesa de jantar arrumada onde tem até um bolo de casamento e, por fim, ao quarto que Lukas havia dito que seria meu, onde as caixas repousam espalhadas pelo chão.

E, sobre a cama, está um lindo vestido branco.

Taylor tem sorte que eu não tenha tido tempo e nem vontade de tomar café da manhã, do contrário, teria vomitado em cima dele.

– Não é lindo? Sua mãe me falou suas medidas exatas acho que servirá direitinho.

– Não quero usar um vestido – minha voz sai quase chorosa, Taylor simplesmente revira os olhos e escuto um riso irônico da porta.

Denise entra com seus saltos batendo no chão.

– Talvez ela prefira casar assim, Taylor, de jeans. Ou quem sabe com o vestido de enterro da vovó?

– Não seja ridícula, Denise, claro que ela vai usar!

– Hum, boa sorte! – Denise fala pra mim, piscando. O que por um momento, me parece até um gesto de simpatia. – Ela é louca, mas se tiver um pouco de força de vontade, consegue vencê-la. Bom, vou me trocar pro casório, então!

Ela sai do quarto deixando uma onda de perfume doce e caro para trás.

– Não escute o que ela diz, é uma chata! – Taylor me empurra para o banheiro, me sentando numa cadeira em frente ao espelho. – Vou te deixar linda!

– Taylor, realmente, não precisa de nada disto...

– Shi! Não fale, senão me desconcentra! – ela diz séria, começando a puxar meu cabelo.

Eu não sei quanto tempo depois entre laquês de cabelo, maquiagem e a voz incessante de Taylor sobre os mais variados assuntos, que fiz questão de não escutar, finalmente ela me leva de volta ao quarto me obrigando a colocar o vestido.

E então, eu me vejo em grande espelho, vestida de noiva.

É nesse momento que começo a surtar.

– Não! Tira isto! – Rosno para minha imagem no espelho.

Aquela pessoa não era eu.

Não sou uma noiva.

Sou apenas uma farsa.

– Tirar? Está louca?

– Por favor, tira de mim!

– Mia, não seja boba, está linda! Olhe pra você!

– Eu disse que não ia usar um vestido e não vou! – Minhas mãos trêmulas voam para o arranjo no meu cabelo que eu arranco junto com o véu, desfazendo todo o penteado elaborado que Taylor levou horas para fazer.

– Não faz isto! – Taylor geme, porém é tarde.

Eu me afasto de suas mãos.

– Eu tenho que tirar esse vestido agora! – Tento alcançar os pequenos botões nas minhas costas, em vão.

Andrea entra no quarto.

– Nossa, filha, está linda! Taylor fez um ótimo trabalho!

– Eu fiz sim, só que ela está surtada e quer tirar o vestido! Olha o que fez com o cabelo que levei horas pra arrumar! Tanto trabalho...

– Mia, filha, por que quer tirar? Está maravilhoso...

– Não vou usar este vestido!

– Nós conversamos sobre isto, lembra? – Andrea segura meus ombros, me obrigando a me sentar numa poltrona.

– Não pode me obrigar! – Eu abraço meu próprio corpo trêmulo. – Estou farta de ser obrigada a fazer o que não quero!

– Mia, por favor, pare!

– Acha que devemos dar alguns calmantes a ela? – Taylor comenta.

– Ela só está sendo teimosa, vai voltar a si...

– O que está acontecendo? – As duas param de falar quando a voz de Lukas vem da porta do quarto.

Sem aviso, ele entra e seu olhar se volta para em mim.

Eu me lembro que, um segundo antes, eu estava tomada pela angústia.

Acho até que desejei ter algo cortante para finalmente tirar aquele vestido sufocante de mim, aquele vestido branco e lindo, tão cheio de significados que não tinham nada a ver com o que ia realmente acontecer hoje.

Eu não sou uma noiva.

Agora, aquele que chamavam de noivo, está parado na minha frente e pelo ínfimo segundo em que seus olhos me medem, eu quase lamento que nada do que está acontecendo seja real.

Ele não é real. Eu não sou real.

Nós não somos reais.

Então compreendo, com um estranho nó se formando na minha garganta, que é este o motivo da minha aversão a todos aquelas coisas relacionadas ao casamento.

Eu havia entrado em seu escritório pensando que sabia onde estava me metendo. Não estava aceitando um pedido de casamento, estava selando um contrato. Então ele me deu aquele maldito anel. E sorriu lindamente pra mim, fazendo meu pequeno mundo de certezas e aceitação virar uma bagunça.

E agora ele olha pra mim como se nunca tivesse me visto antes.

– Não deveria estar aqui Lukas! – A voz estridente de Taylor se interpõe em meus pensamentos.

– Eu perguntei o que está acontecendo – Lukas pergunta ainda olhando pra mim.

Há certa frieza ali. Me faz lembrar do Lukas dos meus pesadelos.

Abaixo o olhar para o chão.

– Não é óbvio? Estamos vestindo a Mia para a cerimônia!

– Vocês estavam discutindo. Ouvi as vozes do corredor.

– Ela está surtando, é até normal, já ouvi falar! Agora saia daqui e nos deixe terminar.

– Mia? – Ele me chama e eu o encaro.

Ele parece preocupado e irritado ao mesmo tempo.

– Você está bem?

Eu sacudo a cabeça negativamente.

– Saíam todos – sua voz está cheia de uma calma autoridade.

– Eu... – Taylor começa Lukas lhe lança um olhar ameaçador.

– Agora!

Taylor revira os olhos com impaciência e sai do quarto junto com minha mãe, fechando a porta atrás de si.

– E então, o que está realmente acontecendo?

Eu penso em mentir. De repente me sentindo muito infantil e ridícula pelo fato de surtar somente por não querer usar um vestido.

– Mia? – Ele insiste num tom impaciente e eu mordo os lábios antes de responder.

– É o vestido...

– O vestido? Não gostou dele?

– É um vestido de noiva!

– Estou vendo.

– Eu não quero usá-lo.

– Não quer usar este vestido?

– Não quero usar um vestido de noiva! É ridículo e sem cabimento! Não é como se estivéssemos nos casando de verdade, então por que eu sou obrigada a usar vestido de noiva?

Por um momento, Lukas não fala nada e eu me pergunto o que ele está pensando.

– Tem toda razão. É absurdo.

Eu quase respiro aliviada.

Ao mesmo tempo...

Estou lamentando por algo que não entendo e nem sei o que é.

– Mude de roupa. Coloque o que quiser. – Ele passa os dedos pelos cabelos, impaciente. – Use seu moletom ou seu vestido de enterro, não importa. Vamos acabar logo com isto.

– Sua irmã vai ficar uma fera comigo.

– Não se preocupe com Taylor. Eu pedirei que ela não te perturbe mais hoje.

– Ela teve muito trabalho para organizar tudo... – de repente eu começo a me sentir culpada por estar rejeitando todos os preparativos de Taylor. O que eu posso fazer? Ela deve ser realmente maluca por pensar que era um evento normal.

– Eu sou o culpado – o encaro sem entender. – Eu deveria tê-la parado antes que fosse tarde. Nem percebi o quão longe tinha chegado sua falta de noção, me desculpe.

– Tudo bem. Acho que ela não fez por mal. Eu só realmente não estava conseguindo lidar com... – faço um gesto abrangendo tudo.

– Você não precisa aguentar. Não quero que se sinta coagida a nada, Mia.

Não me sentir coagida? Estranho modo de colocar a situação penso com ironia.

Não que Lukas tenha me obrigado a nada. Eu sempre tive a opção de dizer não. Também sabia das consequências nefastas na vida da minha família se eu não aceitasse me casar com ele.

– Bom, vamos logo acabar com isto então – me levanto pronta pra tirar aquele vestido, finalmente. Então me lembro que não conseguirei alcançar os malditos botões. Minha opção é contar com Taylor e minha mãe, que certamente vão fazer de tudo para me manter vestida nele.

Nem pensar.

– É... será que antes de sair pode me ajudar a abrir isto? – Eu peço sem pensar para Lukas e só percebo o que acabei de fazer, quando ele arregala os olhos, espantado.

E posso jurar, antes de eu mesma baixar os olhos envergonhada, que ele está ligeiramente ruborizado.

– Esquece, acho que consigo dar um jeito, só não queria ter que pedir

pra Taylor, ela deve estar furiosa e vai tentar me convencer... – eu falo rápido, atropelando as palavras.

– Não, tudo bem, eu ajudo – ele diz num tom prático e eu hesito, fitando-o brevemente e voltando a desviar o olhar.

Sinto meu rosto queimando, quando me viro de costas e puxo o cabelo para frente.

Escuto seus passos se aproximando atrás de mim e seguro a respiração.

Sinto-me constrangida. Sinto-me inquieta.

E entusiasmada.

Esta última parte me deixa confusa, não tenho tempo para analisar meus sentimentos, pois ele se coloca atrás de mim e sinto suas mãos nos botões do vestido com um sobressalto.

Minha respiração acelera constrangedora e nervosamente.

Sinto um impulso idiota de sair correndo, mas é tarde. Lukas está atrás de mim abrindo meu vestido de noiva.

– Nunca imaginei que seu cabelo fosse tão comprido.

Sua voz parece estranha atrás de mim e eu levanto o olhar para o espelho a nossa frente.

Ele está de cabeça baixa, olhando para seu trabalho certamente. Eu posso aproveitar para observá-lo sem que ele veja.

Seus cabelos, como sempre, estão uma bagunça linda.

Inferno, ele é todo lindo. E eu tenho vontade de ficar olhando pra ele pra sempre.

Então, quase dou um pulo quando, sem querer, as pontas dos seus dedos roçam minha pele, bem no meio das minhas costas.

E um arrepio percorre minha espinha.

Nossos olhares se encontram através do espelho.

Dura apenas alguns segundos antes que eu desvie os meus, envergonhada.

– Me desculpe – peço, sem nem saber por quê.

Ele limpa a garganta, ao voltar a abrir os botões rapidamente. Desta vez não toca minha pele.

NACIONAIS-ACHERON

– Já estou terminando.

Eu seguro a vontade que surge não sei de onde, de pedir que ele leve o tempo que quiser. E também pode tocar minha pele o quanto achar necessário.

Obviamente eu me calo.

Quando o último botão é aberto Lukas dá um passo para trás.

– Pronto. Está terminado – diz ríspidamente. – Vou sair. Te espero lá embaixo. Vou manter Taylor fora do seu caminho. Estou na biblioteca. Não demore.

E sem mais, ele sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Eu fico olhando minha própria imagem no espelho, tentando entender os acontecimentos daqueles últimos minutos.

A vontade que eu tenho é de fechar os olhos e de me lembrar da sensação cálida e tão breve dos dedos de Lukas sobre mim.

– Não seja boba, Mia – murmuro para mim mesma, me apressando a tirar o incômodo vestido e abrir minhas malas rapidamente tentando achar algo para vestir.

Quando saio do quarto, apenas minha mãe está me esperando.

Ela me mede com um olhar horrorizado.

– Não pode descer assim!

Eu olho para mim mesma.

Estou usando jeans e um suéter cinza. Bom, pelo menos não usaria o moletom com capuz.

– Lukas disse que eu poderia vestir o que quisesse.

– Tenho certeza que...

– Mãe, chega! Para de agir como se este fosse o dia do meu casamento!

– É o dia do seu casamento!

– Não é! Eu vou simplesmente assinar um contrato. São negócios. Uma obrigação para nos tirar da enrascada que John nos colocou! Somente isto! Aceite!

E eu lhe dou as costas, descendo as escadas em direção à biblioteca, onde Lukas me espera.

NACIONAIS-ACHERON

Para a cerimônia, assinatura de contrato, ou sei lá como vamos chamar.

Preciso manter minha mente sã. Nada de fantasias juvenis envolvendo um sorriso bonito e toques acidentais. Nada de lamentação pela vida que estava deixando pra trás. A vida que eu nem sabia como seria.

Eu tinha escolhido meu destino. Agora era hora de começar a vivê-lo.

Respirando fundo, eu abro a porta da biblioteca.

Lukas está ali com dois homens. Um senhor negro sorri pra mim e se apresenta como Wilson, advogado de Lukas e o outro é o juiz que vai fazer a cerimônia.

– Primeiro vamos assinar o contrato – Wilson diz profissionalmente e coloca um papel na minha frente.

– Quero que leia, Mia. – Lukas diz e eu pego o contrato, pulando todas as atribuições jurídicas e indo para o que interessa. E como prometido, está tudo ali.

Lukas não vai mexer em nenhum dinheiro ou propriedade dos meus pais e ainda vai retirar as acusações contra John.

Para tanto, eu me comprometo a ficar casada com ele durante cinco anos.

Eu levanto o olhar e vejo que minha mãe está ali.

Ela toca meus cabelos e se aproxima de mim.

– Não tem que fazer isto se não quiser, filha – ela diz só para que eu escute.

Sim, eu não preciso, não é?

Eu tenho uma escolha.

Acabo escolhendo continuar e ir até o fim.

Assino o contrato e o entrego ao advogado.

Ignoro minhas mãos trêmulas.

– Bom, agora acho que podemos partir para a cerimônia – Wilson diz e eu me viro para Lukas, que está estranhamente quieto. Seu semblante parece esculpido em granito.

– Sim, vamos logo com isto – ele diz e nos colocamos frente a frente.

– E sua família? – pergunto num fio de voz.

– Como você disse, não é um casamento formal.

– Certo – eu me sinto realmente aliviada.

O juiz começa a cerimônia, que foi mais rápida do que eu imaginava e de repente eu escuto a célebre pergunta em que devo responder "sim", o que eu faço rapidamente, Lukas faz o mesmo.

E então o juiz termina a cerimônia.

– De acordo com a vontade de ambos que, acabam de pronunciar perante a mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome da lei, vos declaro casados.

Estou casada com Lukas Constantini.

E permanecerei assim por cinco anos.

De repente sinto dificuldade para respirar e uma fria sensação de pânico, como se as paredes do escritório se fechassem a meu redor.

O juiz pede que assinemos os papéis do casamento e eu o faço.

Escuto as vozes perto de mim, sem entender o que dizem.

– Mia? – A voz de Lukas me chama e eu o encaro. – Antes que tudo termine preciso que me escute.

Sua mão segura a minha e eu olho em volta para perceber que estamos sozinhos agora.

– Isto é apenas entre nós.

Eu não consigo dizer nada. Ainda me sinto tonta. E apavorada.

– Mia, sei que está com medo. Mas não precisa ser difícil.

Sua voz está firme, porém sem a frieza de antes. É como a daquele Lukas que me disse que iria me proteger.

Ele está aqui de novo.

– Não quero que me veja como um inimigo. Acha que pode tentar?

Eu assinto em silêncio.

– Eu prometo que vou cuidar de você. E te manter segura. Acredita em mim?

Eu volto a assentir e ele solta um palavrão impaciente.

– Então por que ainda está com este olhar de cordeiro prestes a ser devorado?

– Eu estou com medo – confesso, mordendo os lábios.

– Não quero que tenha medo. Eu nunca seria capaz de fazer qualquer mal a você. Eu estou te prometendo, Mia. Eu vou cumprir.

– Eu acredito – digo e respiro fundo, tentando parecer mais forte.

Lukas não estava entendendo nada.

Ele estava confundindo meu medo.

Eu tinha medo, sim. No fundo eu sabia que ele não podia me fazer nenhum mal físico.

Mas, de alguma maneira, eu já sentia as primeiras pontadas em meu peito, como pequenos beliscões em minha emoção.

Disto ele não precisava saber.

– Está tudo bem. Eu acredito em você.

Ele sorri.

E lá estão elas. As minhas mais recentes amigas, as borboletas.

E então, ele se aproxima e beija minha testa. Como se estivéssemos agora, selando nosso contrato.

Eu estava me comprometendo a confiar nele.

E ele estava prometendo me manter segura.

Era assim que as coisas seriam.

O contato de seus lábios em minha testa é tão breve e tão suave, que eu quase lamento.

Antes que me dê conta, ele está se afastando abrindo a porta da biblioteca e fazendo um sinal para eu sair.

– Acha que consegue aguentar o jantar de Taylor, ou quer que eu a mande pro inferno?

Eu esboço um sorriso.

– Acho que posso aguentar.

Ele sorri de volta e saímos juntos para o corredor.

Sua família age normalmente nas horas seguintes, enquanto jantamos na requintada sala de jantar ainda decorada para o casamento almejado por Taylor.

Que sorri amarelo pra mim e não diz nada e eu me pergunto o que foi

que Lukas lhe disse. Quase chego a sentir pena.

Depois do jantar, minha mãe me leva até o quarto e diz que vai embora.

Tenho vontade de chorar.

– Estou me sentindo horrível por deixá-la aqui sozinha – Andrea diz chorosa e eu me obrigo a ser forte.

– Está tudo bem, mãe.

– Tem certeza? O que Lukas queria conversar com você depois do casamento?

– Ele queria assegurar que eu estaria protegida e que ele não era meu inimigo – eu faço um sinal de descaso, como se aquilo fosse um tédio.

– Hum, isto é bom, não é? Eu estava um tanto preocupada bem lá no fundo com as intenções dele.

– O que quer dizer?

– Bem, você é uma garota. Claro que ele disse que era apenas um contrato, mesmo assim, é bom que tenha confirmado que permanecerá assim.

– Está insinuando o quê, mãe? Que Lukas podia ter algum... interesse em mim? – Questiono chocada.

– Não foi o que eu disse! Ele sabe que você é apenas uma menina e, embora ele não seja tão mais velho que você, seria totalmente fora de propósito!

– Claro que sim – concordo, ignorando a vontade de dizer pra mim mãe que eu não sou tão nova assim. Não é como se Lukas tivesse idade pra ser meu pai ou algo do tipo!

– Enfim, eu vou pra casa. Amanhã, irei ver seu pai.

– Eu vou também.

– Amanhã você tem escola e não quero que falte. À tarde nos vemos no hospital então.

– Combinado.

Nós nos abraçamos e Andrea me segura um pouco mais forte, antes de se afastar.

Eu pisco para conter as lágrimas e engulo o grito de: "mãe, me leve com você" que está preso na minha garganta.

Mas não sou mais criança. E devo provar a mim mesma agora.

Desfaço as malas e olho em volta.

Meu quarto.

Ainda me parece estranho, mas devo me acostumar. Pelo menos até ir para a faculdade este vai ser o meu lar.

Olho através da Janela e a noite está clara. Pego meu ipod e vou até o jardim. Não encontro ninguém pelo caminho e me sento no mesmo lugar onde Lukas me deu o anel.

Olho o lago escuro e escuto música, esvaziando minha mente.

Ali é quase como um paraíso. E eu me pergunto como será minha vida a partir de agora.

Paraíso ou inferno?

Capítulo 9

Mia

É esquisito acordar de manhã num quarto estranho.

Meu quarto corrijo-me mentalmente.

Abro os olhos e sento-me ainda sonolenta, olhando em volta. As caixas desapareceram porque após voltar do meu passeio no jardim, trabalhei o resto da noite para arrumar tudo.

Uma senhora simpática chamada Mary havia batido à porta e perguntado se eu queria ajuda.

– Erin pediu para eu vir ajudá-la – explicou, eu declinei do oferecimento. A senhora parecia agradável, porém seus olhos estavam cheios de mal contida curiosidade.

E eu definitivamente não estava a fim de responder a perguntas incômodas. Aquela situação por si só já era embaraçosa demais, na verdade.

Enfim, eu teria que me acostumar. E encarar corajosamente minha nova vida.

Com isto em mente, jogo as cobertas para o lado e me levanto, agradecendo a quem me designou um quarto com banheiro privativo. Seria constrangedor encarar alguém da família de pijama e toda descabelada àquela hora da manhã.

Me arrumo para ir à escola pegando minha mochila, meu ipod e saindo do quarto. A casa parece silenciosa quando desço as escadas até a cozinha. Eu paro à porta ao ver duas pessoas ali. Uma delas é a empregada, Mary e a outra é Erin.

– Bom dia, Mia. Sente-se e tome seu café. Acho que tem aula, não é?

– Sim, tenho – eu me sento meio encabulada, o que faz Mary e Erin trocarem olhares.

Erin se aproxima e senta à minha frente.

– Mia, esta é sua casa agora. Pode se sentir à vontade aqui.

– Eu sei – afirmo inquieta – obrigada.

– Vou para Aspen hoje à tarde com Richard e quero ter certeza que você ficará bem.

– Ah, tinha me esquecido que não moram aqui.

– Não moramos, Taylor e Denise lhe farão companhia.

– E onde elas estão? – Na verdade não me interessava nem um pouco saber do paradeiro das irmãs chatas, me falta coragem para perguntar onde Lukas está, que é o que me interessa.

– Elas estão dormindo. Resolveram não ir à aula para nos acompanhar até o aeroporto. E Lukas saiu faz algum tempo.

– Tão cedo? – Quase mordo a língua, saiu sem querer.

– Ele costuma sair muito cedo quando está aqui. Já deve saber que na maior parte do tempo, ele fica no seu apartamento do centro.

– Sim, acho que ouvi algo sobre isto...

Eu tento analisar o que estou sentindo ao realmente me dar conta de que provavelmente não verei Lukas com frequência.

Sinto certo alívio e pesar ao mesmo tempo.

Eu me levanto e, pegando minha mochila constato que não sei como vou à escola, meu carro ficou na casa da minha mãe.

– Já vai? O motorista a está aguardando em frente ao portão.

– Motorista?

– Sim, para levá-la à escola. Lukas deixou ordens.

Eu quero dizer que não há a mínima necessidade de ser conduzida por um motorista, acabo me calando, afinal, hoje acho que não terei opção.

Me despeço e saio da cozinha e, como Erin disse, vejo um homem jovem parado em frente a um carro preto. É um cara alto, forte e moreno.

– Olá, você deve ser a Senhora Constantini – seu sotaque é latino e ele me encara com um sorriso descontraído.

Eu me encolho ao ouvir aquilo.

Senhora Constantini? Oh Deus!

– Mia – corrijo – pode me chamar de Mia.

– Eu sou Paul e acho que estou a sua disposição hoje – ele abre a porta do carro com uma mesura que me faz sorrir.

– Obrigada.

Entro no carro e Paul dá partida, me encarando com um olhar avaliador pelo espelho.

– Minha boca está suja ou algo assim? – indago.

– Me desculpe você é bem diferente do que imaginava...

– E o que você imaginava? – Me pergunto se ele sabe realmente quem eu sou.

– Bom, não fico me intrometendo na vida dos patrões, quando me avisaram ontem que eu estava sendo designado para trabalhar na casa do chefe, eu fiquei curioso, já que aqui ninguém usa motorista a não ser para eventos específicos.

– Onde trabalhava antes?

– Na Constantini. Trabalho lá há três meses.

– Aposto que preferia trabalhar lá do que aqui, conduzindo uma garota pra escola.

– Não pensei que a esposa do chefe ainda estivesse na high school.

Eu desvio o olhar, incomodada com seu espanto óbvio.

O que eu estava pensando? Claro que o fato de Lukas ter se casado com uma adolescente daria o que falar.

– Me desculpe aí se te deixei sem graça. Isto não é da minha conta.

– Não é mesmo – respondo friamente e a conversa acaba aí.

O que de certa forma me deixa arrependida de ter sido brusca com ele, Paul parecia um cara legal e eu desconfiava que minha vida naquela casa não seria cercada por gente disposta a conversar comigo descontraidamente como ele fez.

Também acho que o trabalho dele comigo não duraria muito. Eu iria buscar meu carro ainda hoje na casa da minha mãe e não precisaria mais de motorista.

Quando eu saio da escola à tarde, Paul está me esperando e eu entro no carro, ignorando os olhares curiosos dos outros alunos.

– Paul, pode me levar à casa da minha mãe? – Ele concorda sem fazer perguntas e quando chegamos eu digo que ele não precisa me esperar.

– Eu tenho que te esperar.

– Não precisa eu vou com meu carro.

– Seu carro? Não sei de nada sobre isso. As ordens que eu tenho são para te levar aonde quiser.

– Eu sei. Estou dizendo que não precisa, ok? Aliás, não precisa nunca mais. Eu vou andar com meu próprio carro.

Ele coça a cabeça, indeciso.

– Você está me colocando numa encrenca...

– Duvido muito. Agora pode ir.

Ele vai embora contrariado e eu fico meio preocupada com ele, porém não posso fazer nada.

Minha mãe não está em casa, eu só pego a chave do carro e vou para o hospital. Como eu suspeitava, ela está lá e me dá um grande abraço ao me ver.

– Como está tudo na casa dos Constantini? Eles a estão tratando bem?

Eu dou de ombros.

– Está tudo bem – respondo evasiva. – E o papai?

– Na mesma, como sempre. Agora só podemos rezar e esperar. Pelo menos as acusações foram retiradas e, graças a seu casamento, não vamos mais perder nossa casa.

– Sim, pelo menos isto – balbucio.

Eu resolvi nossos problemas, a que preço?

Passo a tarde com a minha mãe e volto quando já está anoitecendo para a casa do lago e, para minha surpresa, a primeira pessoa que encontro quando entro é Lukas.

Ele está usando um dos seus caros ternos escuros e parece bem irritado.

– Posso saber que história é esta de dispensar o motorista?

– Eu não preciso de motorista.

– Ele me disse que o dispensou porque vai dirigir o próprio carro.

– Exatamente, qual o problema? Eu tenho um carro.

– Tem?

– Sim, você até já o viu.

– Aquela lata velha?

Eu começo a me irritar.

– É velho, mas funciona perfeitamente!

– De maneira nenhuma vai continuar com aquilo.

– Por que não?

– Além de ser quase uma peça de museu e poder quebrar a qualquer momento, você não precisa mais dele. Tenho vários carros em casa e Paul pode te levar aonde quiser.

– Não quero usar um dos seus carros e muito menos preciso de um motorista.

– Mia, nós conversamos sobre a sua segurança, lembra? Eu disse que ia cuidar de você.

– Ah, por favor, está de brincadeira, não é?

– Não, estou falando sério.

– Isto é ridículo! Eu vou continuar usando meu carro e pronto!

– Está sendo teimosa e absurda.

– Porque quero continuar dirigindo meu próprio carro? Eu não acho. Você que está sendo absurdo me tratando como se eu fosse alguma idiota que não pode nem sair sozinha por aí! Vai dizer que suas irmãs andam com motorista? Paul me disse que ninguém aqui tem.

– Não, elas têm seus próprios carros.

– Aí está! Vou continuar usando meu próprio carro também.

– Certo – ele passa a mão pelos cabelos, parecendo nervoso e frustrado. – Não quer um motorista, então assim será. Mas vai trocar de carro.

– Não.

– Mia, não seja...

– Pare de insistir. Não vai adiantar. Sei que meu carro não é tão novinho e caro como os seus, obviamente, no entanto ele me serve perfeitamente desde que o dirijo.

– Por que dirige um carro velho daquele? Acho que seu pai tinha condições de comprar algo melhor pra você...

Eu sei o que ele vai dizer em seguida e me encolho, quase como se ele fosse me dar um tapa ou algo assim. Aparentemente Lukas percebe, pois interrompe sua frase com um palavrão.

– Tudo bem. Acho que é uma discussão inútil, não é?

– Sim. Eu não vou ceder. Você já me obrigou a vir morar aqui, não pense que por causa disto terei que concordar com tudo o que quiser, porque não vai acontecer.

Ele fica em silêncio, as mãos no bolso e a cabeça levemente inclinada, me estudando, então algo mais estranho acontece. Ele cai na gargalhada.

– Ah, Mia, sempre me surpreendendo...

– O que quer dizer? – Pergunto confusa tentando ignorar a sensação gostosa que sua risada me causa.

– Nada – ele pega o celular no bolso, digitando algo rapidamente. – Eu preciso ir.

Eu fico decepcionada, mas disfarço.

– Erin me disse que não fica muito aqui.

– Não, é mais fácil pra mim ficar perto da Constantini – ele guarda o celular e me encara seriamente. – Você tem meu telefone. Pode me ligar se precisar de qualquer coisa.

– Tenho certeza que não vou precisar de nada.

– Ah, aí está a fujona! – Denise entra na sala vestida com um biquíni minúsculo. – Parece que você colocou o seu pobre motorista bonitão em uma enrascada, Mia.

– Paul? – eu encaro Lukas preocupada. – Você não culpou Paul, não é? A culpa não foi dele.

– Claro que culpei. Ele tinha ordens expressas e me desobedeceu.

– Bom, a partir do momento que você diz que ele é meu motorista, quem dá as ordens sou eu, não é?

Denise ri e Lukas lhe lança um olhar ameaçador que a faz engolir o riso.

– Hum, acho melhor eu ir tomar meu banho, tenho um jantar hoje e o

sol da tarde estava muito quente. Ah, será que posso utilizar seu motorista, já que a Mia não vai precisar dele?

– Por que quer um motorista se tem seu próprio carro e muito caro por sinal?

Ela dá de ombros.

– Eu acho que vou beber um pouco mais hoje e seria bem melhor não dirigir.

– Tudo bem. Fique com o Paul – Lukas faz um gesto de descaso e ela sai da sala com um sorriso.

– Bom, parece que já arranjamos serventia para o Paul – digo, querendo acabar com aquela discussão. – E, por favor, não o culpe pelo que aconteceu. Ele só fez o que eu pedi.

– Certo. Paul está a salvo desta vez.

– Obrigada.

– Hum, eu vou indo.

De repente eu tenho vontade de achar mais algum motivo pra continuar a discussão e ele não ter que ir embora, o que é ridículo.

– Tudo bem. Tchau.

Eu me viro e saio da sala sem olhar pra trás.

Naquela noite, eu não vejo mais nenhuma irmã de Lukas.

Mary vai embora no começo da noite dizendo que deixou o jantar pronto para mim.

– Taylor está na casa de uma amiga e Denise vai jantar fora – explica.

– Eu achei que morasse aqui.

– Não, meu marido me mataria. Eu posso ficar para servir seu jantar.

– Não, eu ficarei bem sozinha. Na verdade, posso fazer minha própria comida, se precisar.

– Sabe cozinhar?

– Na minha casa quem cozinava era eu. Minha mãe é horrível nesse quesito.

– Hum, então qualquer dia deixarei que faça a refeição para provar. Denise e Taylor não sabem nem fritar um ovo.

– Eu imagino.

– Amanhã nos vemos.

Eu estou acabando de servir a comida que Mary deixou, quando escuto vozes lá fora e olho pela janela para ver Denise num vestido muito curto entrando no carro cuja porta foi aberta por Paul.

Ele sorri maliciosamente ao dar uma boa olhada para as pernas da irmã de Lukas e fecha a porta, dando a volta no carro e acenando para mim.

Eu dou um passo atrás ao ser flagrada espionando.

Será que todas as minhas noites serão, solitárias? Eu deveria preferir assim. Não acho que vou me dar bem com as irmãs de Lukas. Não mesmo.

Janto sozinha, faço meus deveres da escola e, antes de ir dormir, fico no jardim observando o lago e ouvindo música.

Na manhã seguinte, quando desço para ir à escola, encontro Taylor e Denise. Denise usa óculos escuros e resmunga um bom dia quase mal educado pra mim e eu me pergunto se ela está doente.

– Está de ressaca – Taylor dá um risinho, me explicando. – Parece que a noite ontem foi boa.

– Cala a boca! – Denise coloca os dedos na têmpora. – Sua voz é tão irritante.

– Ninguém mandou beber demais. Achei que fosse só um jantar, você está péssima.

– Problema meu – ela se levanta e sai da cozinha sem se despedir.

Taylor olha pra mim com um olhar crítico.

– É assim que se veste pra ir à escola?

– Sim – eu olho pra mim mesma sem entender sua expressão de desgosto.

– Às vezes esqueço que é só uma adolescente. Talvez vá melhorar com o tempo, não é?

Eu não digo nada porque não entendo por que lhe interessa o modo que me visto.

Ela também se levanta da mesa e percebo que seu vestido cinza parece saído de um editorial de moda.

– Também já estou indo antes que me atrase. Vou sair pra fazer

compras hoje à tarde, quer ir comigo?

– De jeito nenhum! – respondo rápido, me arrependendo em seguida.

– Quer dizer, não vai dar. Vou visitar meu pai e tenho que estudar.

– Ah, tudo bem, fica pra próxima, então.

A próxima não chega a acontecer.

Eu evito as irmãs de Lukas nos dias que se seguem como um vampiro foge da cruz. Vou para a escola todas as manhãs e quase sempre as encontro à mesa de café da manhã. Elas sempre discutem por alguma coisa. Denise reclama da comida gordurosa, mas acaba comendo porque Mary insiste e Taylor critica suas roupas que, pra mim, parecem perfeitas. Não que Denise precise de muita coisa para parecer bem, já que é linda.

Elas não me tratam mal, mas devem perceber que há um abismo enorme entre nossas personalidades, nenhuma conversa flui normalmente.

À tarde, eu sempre vou ao hospital depois da escola e acabo comendo algo por lá com a minha mãe. Uso a desculpa que quero ficar mais perto do meu pai, para evitar passar as tardes na casa da família de Lukas. É assim que eu a vejo ainda. Não como minha casa, a casa deles.

À noite, eu janto sempre sozinha. Parece que Taylor e Denise são cheias de compromissos e sempre saem à noite e voltam tarde.

E Lukas sumiu.

Escuto Denise, Taylor ou até mesmo Mary comentarem às vezes alguma coisa sobre ele e fico atenta às informações, morta de curiosidade.

– Lukas está em Nova York – Denise diz um dia.

– Jura? Se eu soubesse que ele ia pra lá, teria pedido pra comprar umas coisas pra mim – Taylor reclama.

– Ontem na festa, Adam comentou que convidou o Lukas e ele disse que não poderia ir porque estava preso numa reunião com acionistas – Taylor diz outro dia.

– Lukas é tão chato às vezes – Denise ri. – Seria divertido se ele ainda fosse como era antes da mamãe se casar com o Richard, parece que ele era bem doido!

– Duvido que ele volte a ser – Taylor refuta. – Agora ele está focado na Constantini.

– Credo, parece um velho. Vou ligar pra ele hoje e convidá-lo para ir
NACIONAIS-ACHERON

dançar.

– Boa sorte com isto! – Taylor falou rindo.

– Lukas ligou ontem à tarde e perguntou por você – Mary diz numa manhã depois que Taylor e Denise já saíram e eu a encaro, surpresa. – Eu disse que estava no hospital com a sua mãe. É pra lá que vai todas as tardes, não é?

– Sim, eu estava lá.

– Ele me liga todos os dias para perguntar se está tudo bem com você – ela diz, ocupada com as panelas e não vê o sorriso idiota que se forma em meu rosto.

Se Lukas pergunta por mim, por que não fala diretamente comigo? Talvez eu devesse ficar mais em casa, assim estaria disponível para seus telefonemas.

E eu estou justamente voltando da escola e me perguntando se minha mãe se importaria de eu não ir ao hospital e ficar em casa hoje, quando o motor engasga e eu sou obrigada a parar.

– Droga! – Praguejo saindo do carro e olhando a fumaça que sai do capô, preocupada.

E me perguntava onde encontraria um mecânico, quando um carro preto para do meu lado.

Claro que eu conheço aquele carro. Mesmo assim fico surpresa quando Lukas sai dele.

– Eu deveria dizer que eu avisei – ele fala, retirando os óculos escuros.

Eu mordo os lábios, entre irritada por ele ter razão e feliz em vê-lo depois de semanas.

Dou de ombros.

– Não sei o que aconteceu, acho que é algo com o motor... O que faz aqui?

– Eu precisava pegar uns documentos em casa – ele abre o capô, examinando. – Acho que fundiu o motor – diz, pegando o celular e discando rapidamente. – Vamos ter que pedir pra rebocá-lo.

– Ah não!

– Este seu carro é antigo demais, Mia, um dia isso iria acontecer – ele desliga depois de falar com o mecânico e olha o relógio. – Eu preciso ir.

– Tudo bem, eu espero o reboque.

– De jeito nenhum vai ficar sozinha aqui.

– Mas...

– Você vem comigo.

– Achei que tivesse um compromisso.

– E tenho, mas não vou deixá-la sozinha – ele abre a porta do carro para eu entrar e, ainda hesitante, acabo obedecendo.

Não consigo fingir pra mim mesma que não há uma estranha satisfação em mim por estar com ele.

– Eu não queria te atrapalhar – digo timidamente, quando ele dá partida.

– Não se preocupe. Eu só preciso passar no meu apartamento, pois os documentos que eu preciso, não estavam em casa, devem estar lá.

– Seu apartamento?

– Sim, se importa de ir comigo?

– Não, não me importo.

Eu fico em silêncio todo o percurso pelo centro de Seattle até que ele entra na garagem subterrânea de um prédio.

Nós saltamos e andamos até o elevador muito moderno indo a um dos últimos andares. Lukas me conduz por um corredor curto e abre a porta do apartamento, fazendo sinal para eu entrar.

– Uau, que vista linda – digo embasbacada com a parede toda de vidro da sala.

– Foi o que me atraiu quando o comprei.

– Por isto prefere ficar aqui – comento divertida e ele ri.

– Também. Fique à vontade pra conhecer tudo, eu vou até o meu escritório procurar os documentos e fazer uns telefonemas.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Não, não precisa. Está com fome? Se quiser, a cozinha fica à direita, deve achar algo pra comer.

– Tudo bem.

Ele desaparece no corredor e eu começo a andar pelo apartamento, curiosa. Tudo é moderno e claro, abro as portas dos dois quartos que encontro. O primeiro parece ser de hóspedes, pois é bastante impessoal e o outro certamente é de Lukas e eu olho para os dois lados, como se fosse ser pega a qualquer momento, mesmo assim, entro no quarto. Ali também tem uma parede de vidro atrás da cama enorme e, em cima de um aparador, há uma foto de um casal bonito, deduzo que sejam seus pais.

Sorrio ao ver algumas camisas jogadas em cima do sofá e me dá uma vontade enorme de dobrá-las, mas me contenho.

Saio do quarto, voltando pra sala e começo a olhar a infinidade de CDs na estante.

– Ei, aí está você – Lukas aparece.

– Achou seus documentos?

– Sim, estavam bem aqui. Minha secretária está vindo buscar.

– Achei que precisasse ir – digo, tentando conter minha ansiedade.

– Não por enquanto.

Eu me viro para a estante escondendo meu sorriso.

– Tem muitos CDs aqui.

– Sim, eu sei que hoje ninguém mais compra CD, eu ainda gosto de ter o original depois passo as músicas pra um ipod.

Eu o encaro, franzindo a testa.

– Não consigo imaginá-lo ouvindo um Ipod.

Ele sorri.

– Eu tenho vários.

– Não conheço a maioria destas bandas.

– Não? – Ele se aproxima pegando o CD. – Vou te apresentar algumas delas então. Esta daqui é Arctic Monkeys.

A música começa a tocar e eu realmente gosto.

– Parece boa.

– Está com fome?

– Um pouco.

– Posso fazer alguma coisa pra você comer.

– Você?

– Moro sozinho aqui, Mia, não sou totalmente inútil.

– Isto eu quero ver – brinco, seguindo-o até a cozinha e observando-o tirar o paletó e a gravata. – Sente-se – ele aponta para a bancada de granito abrindo a geladeira. – O que quer comer?

– Me surpreenda.

Ele vira a cabeça com um sorriso de lado, antes de voltar à atenção de novo à geladeira e, Jesus, ainda bem que estou sentada, porque, juro por Deus que minhas pernas amoleceram.

– E então, conte-me como está sua vida na minha casa – ele pergunta quando começa a cortar alguns pães.

– Tudo bem. Acho que sabe, já que Mary lhe faz relatórios.

– Ela não faz relatórios. Aliás, ela nunca tem muito a dizer, a não ser que passa todas as tardes fora com sua mãe.

– Sim, é basicamente assim.

– E minhas irmãs? Estão sendo legais com você?

– Não as vejo muito.

– Sim, elas são cheias de compromissos. Eu achei que pelo menos Taylor iria insistir em te fazer companhia.

– Ah, Taylor. Claro que ela me convidou para fazer compras, mas não é meu programa preferido.

– E qual seu programa preferido?

– Como assim?

– O que gosta de fazer. Deve ter algo que gosta de fazer além de ir à escola.

– Eu não saio muito, se é o que quer saber. Gosto de ler, às vezes vou ao cinema. Coisas bobas. E você, o que faz quando não está dirigindo uma das maiores empresas dos Estados Unidos?

Ele sorri, colocando um prato com sanduíche na minha frente.

– Não tenho muito tempo pra outra coisa, além disto, ultimamente.

– Denise disse que você era... – eu paro sem saber se ele vai gostar

que eu comente uma fofoca de sua adolescência. Embora já tenha dito algo sobre sua fase rebelde no famigerado jantar de noivado.

– O que Denise disse? – Ele insiste.

– Algo sobre você ser bem porra louca quando era adolescente – respondo meio sem graça, ele coça a nuca com uma careta, embora não pareça bravo.

– É, acho que é uma boa definição. Já te disse que costumava ser meio... rebelde quando tinha sua idade.

– E o que fez você mudar?

– Minha mãe morreu.

Eu engulo o pedaço de pão na minha boca com esforço, me sentindo péssima.

– Oh, me desculpe.

– Não, tudo bem. Acha que minha mãe fez este testamento idiota por quê? Eu era realmente um cara sem rumo. Tudo mudou depois que ela se foi.

– Sinto muito.

– As coisas são diferentes agora. Eu entrei na faculdade e mudei. Queria que ela tivesse orgulho de mim.

– Aposto que ela teria. Olhe só pra você hoje.

– Acha que ela ficaria feliz por ter burlado uma das cláusulas do testamento dela?

Lukas parece mesmo incomodado.

Eu costumava pensar só o que aquele casamento de mentira significava pra mim, nunca havia parado pra pensar o que significava pra ele.

– Acho que ela entenderia que foi preciso – respondo por fim, querendo mudar de assunto. – Bom, então é isso que chama de cozinhar? – Aponto para o sanduíche no meu prato e ele sorri daquele jeito tão lindo.

Mordo os lábios para não suspirar alto.

– Acho que sim.

– Devia ter me falado, eu podia ter cozinhado – rebato meio presunçosa e ele levanta a sobancelha.

– Você cozinha?

– Claro. Minha mãe é péssima e tive que aprender para não morrer de fome.

– Você e suas surpresas – ele diz, começando a comer e eu engulo um sorriso satisfeito começando a comer também.

O som na sala acaba e ele coloca outro CD, me falando sobre a banda e eu me vejo devorando suas palavras como se ele fosse um pastor e eu sua mais ardorosa seguidora.

Não sei quanto tempo passamos ali, Lukas me falando de suas bandas preferidas e eu escutando com um olhar ávido, até que o celular dele toca.

Ele se levanta para atender e eu vou ao banheiro, aproveitando para dar uma olhada crítica na minha aparência. Talvez eu devesse aceitar o convite de Taylor e fazer umas compras com ela. Não havia nada de interessante no meu jeans e camiseta. Ou talvez eu devesse perguntar a Denise como ela deixava seu cabelo tão incrível.

Quando eu volto para sala, Lukas desligou o telefone.

– Seu carro vai demorar pra ficar pronto.

– Sério?

– O motor é muito antigo, vão ter que procurar bastante.

– Isto é ruim.

– Não precisa se preocupar. Eu falei que pode usar um dos carros e eu ainda posso pedir ao Paul pra dirigir, se estiver preocupada.

– Acho que não terei alternativa, não é?

– Mia, não faça disto um drama, é absurdo.

– Não acho que seja drama! Não quero ficar usando um dos seus carros...

– São seus também. Agora vamos, vou te levar pra casa.

Eu me pergunto o que ele diria se eu dissesse que preferiria mil vezes ficar ali com ele, mas seria extremamente ridículo eu sugerir algo assim.

Então eu pego minha mochila e o acompanho até o carro.

Quando chegamos à casa do lago está anoitecendo, Lukas diz que vai fazer algumas ligações no escritório antes de ir embora.

Eu subo para o meu quarto e ligo pra minha mãe, explicando que não fui ao hospital porque meu carro quebrou deixando de fora a tarde passada

com Lukas. Não sei por que, queria aguardar aquilo só pra mim.

Quando eu desço, Taylor e Denise estão na sala com ele.

– Lukas, deixa de ser chato, você nunca mais saiu com a gente! – Denise insiste.

– Eu trabalho, Denise, não sou um desocupado como você.

– Denise tem razão! Você nunca mais saiu com a gente, desde que voltamos de Aspen. Aliás, precisamos combinar o próximo fim de semana pra visitar mamãe e Richard. Mia pode vir com a gente! – Taylor me nota.

– Sim, vamos ver depois – Lukas responde evasivo.

– E então, vai com a gente amanhã? – Taylor insiste. – Por favor.

– Tudo bem, tudo bem. Eu vou.

As duas trocam sorrisos satisfeitos e ele olha o relógio.

– Estou indo. Comportem-se. Tchau, Mia – ele acena pra mim e vai embora.

– Lukas falou que aquela sua lata velha quebrou – Denise comenta e eu tento não ficar irritada por ela chamar meu carro de lata velha.

– Sim, quebrou.

– Mia, por que não vem com a gente amanhã? – Taylor pergunta de repente.

– Eu?

– Claro que sim! Nunca sai conosco, vai ser divertido!

– Eu não sei... – eu não conseguia me imaginar numa boate.

– Taylor, duvido que Mia queira ir, não parece ser o estilo dela. – Denise diz com enfado.

– Como sabe? Por acaso já foi a uma boate, Mia?

Eu aceno negativamente.

– Então você vai! Acho que tenho um top preto que vai servir em você... Vou te deixar linda, vai ver!

Eu mordo os lábios.

Sem que percebesse eu tinha concordado em ir numa boate com Taylor e Denise.

E Lukas.

Estou subindo para meu quarto, tentando achar uma desculpa para dar a Taylor e Denise para não sair com elas, quando Mary me chama.

– Mia, isto aqui é seu, não é? – Ela me entrega meu ipod e eu franzo a testa.

– É sim, onde encontrou?

– Estava com Lukas, ele pediu para te devolver. Já estou indo, precisa de alguma coisa?

– Não, bom fim de semana.

– Obrigada, querida.

Eu vou para meu quarto me perguntando em que momento havia esquecido meu Ipod com Lukas.

Lukas. O nome dele dança em meus lábios, quando deito na cama olhando o teto e coloco o fone no ouvido.

Não são as minhas músicas habituais que eu escuto e sim novas. Músicas de Lukas.

Meus lábios se erguem em um sorriso lânguido.

Então era isto que ele estava fazendo no escritório. Aparentemente estava enchendo meu ipod de músicas.

Suspiro sem querer, minha mente infestada de lembranças daquela tarde.

Eu quase rio de mim mesma ao me lembrar de como o achava assustador. Ele não parecia nada assustador agora, muito pelo contrário.

Não podia mais negar a mim mesma que eu gostava demais da companhia dele. E ele gostava da minha companhia também, não é? Afinal, podia ter me despachado de volta pra casa imediatamente, em vez de me levar pra seu apartamento e passar a tarde comigo.

E agora eu realmente lamento que ele não more nessa casa, onde eu poderia vê-lo todos os dias.

Lukas estava se tornando facilmente alguém que eu queria por perto.

Demais.

Acordo no dia seguinte com um humor extraordinário e, para
NACIONAIS-ACHERON

completar, o dia está claro e quente, sem sinal da chuva que sempre cai em Seattle. Um leve indício de que o verão está chegando.

Era um dia para se fazer coisas interessantes, mas a única coisa interessante que passa pela minha mente, é ver Lukas de novo.

Então, eu me visto e decido fazer exatamente isto. É certo que não estou pensando muito bem quando vou pra cozinha e pego o que vou precisar: uma boa desculpa para ir até seu apartamento, claro.

– Já acordada? – Denise entra na cozinha com cara de quem acabou de chegar, com os sapatos Manolo Blahnik nas mãos e maquiagem borrada.

– Bom dia pra você também – exclamo, acabando de pegar o que preciso.

– Que diabos está fazendo? Um piquenique?

Eu sorrio secretamente. Claro que não diria a Denise o que eu ia fazer. Certamente ela riria da minha cara.

– Por acaso sabe que carro eu posso usar?

Ela levanta as sobrancelhas, curiosa.

– Decidiu aposentar aquela sua lata velha?

– Ainda está no conserto.

Denise joga um molho de chaves na minha direção.

– Pode usar este. E não faça esta cara de espanto, estou cansada desta BMW mesmo. Acho que vou pedir pro Lukas me dar outro carro ou... – ela sorri com malícia. – Talvez eu passe a andar de motorista.

E, ainda sorrindo, ela desaparece no corredor enquanto eu fico parada, sem entender nada.

Não me importo com Denise e suas frases misteriosas. Pego as chaves e, tentando ignorar meu medo de dirigir um carro tão caro, entro na chamativa BMW vermelha.

É mais fácil do que eu imaginava dirigir aquele carro silencioso e leve, tão diferente do barulhento e marrento Ford velho e chego sem incidentes ao prédio de Lukas.

Enquanto subo no elegante elevador, começo a sentir finalmente o peso do que estou fazendo e repentinamente sou invadida pelo medo.

Que diabos estou pensando vindo atrás de Lukas sem ao menos

avisar?

E se ele não estiver em casa? Ou pior, se ficar irritado por eu ter vindo?

As portas do elevador se abrem e, por alguns segundos, penso seriamente em apertar o botão do térreo e sumir antes que alguém me veja. Isto significa não ver Lukas.

Então respiro fundo, reúno coragem e toco a campainha.

E realmente não estou preparada para a imagem de um Lukas sem camisa, vestindo apenas uma calça de pijama, cabelos totalmente desgrenhados e olhos pesados de sono quando ele abre a porta e me fita totalmente surpreso.

– Mia, o que faz aqui?

Eu engulo em seco, meu rosto queimando e nem sei se é por vergonha de estar ali sem um pretexto decente ou pelo fato de ele estar, bem, sem camisa e, obviamente, acabando de acordar.

Disfarço o constrangimento e sorrio timidamente.

– Eu queria achar um jeito de te agradecer por ter me salvado ontem e ainda ter me alimentado, mesmo sendo um sanduíche bem fácil. Decidi vir te fazer um café da manhã. – Deus, soa tão ridículo aos meus ouvidos agora e eu lamento não ter pensando em nada menos idiota.

Em vez de ficar bravo ou rir da minha desculpa pueril, Lukas sorri. De lado.

Lindo.

Engulo um suspiro quando ele faz um gesto com a cabeça.

– Entre Mia Agnelli e vamos ver se é tão boa cozinhando quanto está se gabando.

Eu entro, tentando disfarçar minha alegria quase desmedida e ele fecha a porta.

Vou pra cozinha e coloco a sacola na mesa, começando a tirar tudo o que vou precisar para fazer minhas famosas panquecas.

– Panquecas? – eu levanto o olhar para encontrar seu sorriso divertido.

– Um típico café da manhã americano, senhor Constantini.

– Quer ajuda?

– Acho que não sei mexer na sua cafeteira.

– Isto eu posso fazer.

Ele está rindo ainda, quando caminha pela cozinha, mexendo numa cafeteira e eu aproveito para observá-lo sem que perceba.

Eu sempre o achei bonito. Seria necessário ser cega pra não perceber. Mesmo quando ele era apenas o assustador chefe do meu pai, que ameaçava me tirar tudo, eu não podia negar que percebia sua beleza clássica.

Agora, vendo-o assim, despojado de sua figura de grande executivo, me parece completamente perfeito.

Minha vontade era de ficar olhando pra ele infinitamente.

Mas eu queria mais. Queria que ele olhasse pra mim. Realmente olhasse.

O que aconteceria se ele me olhasse e me percebesse como eu o percebia?

Sinto meu coração disparar no peito e meu fôlego faltar só de pensar nesta possibilidade tão, tão distante e ao mesmo tempo tão tentadora.

Eu começo a me dar conta, com um gemido assustado e maravilhado, que estou irremediavelmente e assustadoramente atraída por Lukas Constantini.

– Falou alguma coisa? – ele se vira pra mim, distraído e eu viro rosto, muito vermelha.

– Nada – sussurro.

– Já está funcionando. Vou trocar de roupa e já volto.

Ele se afasta e eu me sinto segura para levantar a cabeça, soltando o ar que nem percebi que vinha prendendo.

Minhas mãos estão trêmulas e minha mente girando em mil pensamentos, enquanto começo a preparar tudo rapidamente.

Não quero pensar. Não posso analisar a avalanche de sentimentos dentro de mim. Então me concentro no que vim fazer ali, preparar um café da manhã.

Lukas retorna um tempo depois e eu ousou lançar-lhe um rápido olhar lamentando que ele esteja de camiseta agora. Embora não menos atraente

para meu olhar ávido.

Aponto para a mesa.

– Pode se sentar e se preparar pra comer a melhor panqueca da sua vida.

Ele levanta a sobrancelha, enquanto se senta.

– Parece realmente bom.

Eu me sento diante dele, observando-o comer, mordendo os lábios aguardando sua reação então ele solta um pequeno gemido de satisfação que faz algo quente se enroscar na minha barriga.

– No café da manhã, passou com louvor no teste, Mia.

– Era um teste? – é minha vez de levantar a sobrancelha e fazer uma expressão irônica para disfarçar a minha vontade de sorrir feito boba ou fazer uma dancinha da vitória. – É assim que se sentem os candidatos a emprego na Constantini?

– Eu não sei como eles se sentem, mas aposto que você passaria.

– Por quê? Só porque sou boa com panquecas?

– Porque alguém que tem coragem de entrar na minha sala pra defender um ponto de vista como fez, com certeza teria um lugar na minha equipe.

Eu me mexo, desconfortável com o rumo da conversa e talvez Lukas tenha se incomodado também, porque ele volta a comer, encerrando o assunto.

Não quero falar sobre os motivos de estarmos naquele casamento de conveniência. Na verdade, não quero nem lembrar que estamos casados.

No fundo não me sinto assim. E no fundo realmente não é assim.

– Não vai comer? – pergunta e eu passo a comer também. – Como veio parar aqui? Usou algum carro como pedi?

– Não vai acreditar, usei o carro de Denise.

Ele levanta a sobrancelha.

– A BMW?

– Sim. Nem foi tão ruim, na verdade é bem fácil.

– Eu te disse.

Rolo meus olhos.

– Ainda estou pensando se tenho coragem de deixar meu carro pra trás.

– Não vai se arrepender se aposentar aquela velharia, garanto. Se não quiser dirigir algum carro que tenho em casa, posso comprar algo pra você. Pode escolher o que quiser.

– Não quero que me compre nada! – bufo e ele me encara seriamente.

– Então use um dos carros que tenho em casa mesmo.

– Tenho medo de estragar um dos seus carros caros.

– Não seja absurda, dirigiu o carro de Denise e sobreviveu.

– Veremos como vai ficar meu carro e aí eu decido.

Nós acabamos de comer e eu começo a ficar receosa de ter que ir embora.

Não quero ir ainda.

– Estava realmente delicioso Mia, obrigada. – Lukas sorri pra mim daquele jeito que sacode meu cérebro.

– Bom, estou à disposição para um teste mais elaborado – me levanto da mesa com os pratos e Lukas ri.

– Mal posso esperar.

Eu mordo os lábios para conter a vontade de gargalhar de felicidade tola.

Lembro-me que agora não tenho mais desculpas pra permanecer ali quando vamos pra sala.

– Não quero atrapalhar seu sábado. Deve ter algum compromisso. – digo, disfarçando meu aborrecimento por ter que ir.

– Se chamar de compromisso jogos eletrônicos – ele aponta para um emaranhado de fios em um console próximo a TV.

– Você joga isto?

– Eu sou um garoto, Mia – ele pisca, se sentando e ligando a TV. – E você, joga?

– Nunca joguei – confesso e ele bate no lugar do sofá ao seu lado.

– Então senta aqui, vou te ensinar.

– Eu duvido que consiga – digo já me sentando.

Claro que eu não ia negar um pedido daquele.

– Não é difícil. Este é um Xbox, tenho Playstation também, se preferir.

– Não faz a menor diferença pra mim!

Ele ri e me passa um controle e me explica o que tenho que fazer. Obviamente eu sou péssima e ele ri muito enquanto tenta me fazer entender. Depois de algum tempo, eu pego o jeito e me vejo de fato gostando de jogar com Lukas.

Tanto que só me dou conta que passamos a manhã inteira ali, quando o telefone de Lukas toca em algum lugar, nos interrompendo.

Ele para e pede licença pra atender e eu me levanto, me espreguiçando.

Lukas está na varanda, falando ao telefone e eu fico observando sua figura contra o sol da manhã. Não sei com quem ele fala, mas sorri distraído, passando os longos dedos pelos cabelos escuros.

Como seria sua textura? Meus dedos coçam de vontade de tocá-los e eu me dou conta de que minhas mãos anseiam não só por tocar seus cabelos, como também seu rosto bonito, ou talvez seu peito que parece esculpido de tão perfeito.

Somente esta possibilidade faz meu corpo aquecer como se eu estivesse sob o sol.

Então atração era isto.

Uma moleza súbita e ao mesmo tempo deliciosa. Um arrepio na espinha que se espalha por todos os poros. Todo meu corpo despertando para a vida como se estivesse adormecido até agora. Tudo pulsa. Vibra. Esquenta.

Mordo os lábios para não gemer alto e constrangedoramente, enquanto minha respiração acelera e quase posso ouvir as batidas desenfreadas e errantes do meu coração.

Quero tanto me aproximar e pôr as mãos nele que meus dedos formigam. É quase como uma compulsão.

Minha mente enevoada começa a viajar nas possibilidades. Em minhas mãos tocando sua pele, sentindo a textura, a quentura. Como seria se ele me tocasse? Ele tem mãos grandes, dedos longos. Como seria senti-las em

mim?

E seus lábios? Eu só fui beijada por Zac Smith, tenho certeza que ser beijada por Lukas Constantini será infinitamente diferente.

E melhor.

Oh Deus, quero tanto que ele me beije que quase posso sentir seu gosto em minha língua.

Remexo-me incomodada com o peso do meu anseio e aperto minhas coxas uma na outra para aplacar a inesperada dor entre elas.

Então isto é desejo.

Esta vontade de estar perto e cada vez mais perto, a ponto de querer se fundir no outro.

Se perder no outro.

A ponto de perder a razão.

Respiro uma longa golfada de ar quando Lukas desliga o telefone.

Sinto-me mais vulnerável e perdida do que nunca. Minha mente, assim como minhas emoções, completamente bagunçadas.

Tenho vontade de sair correndo, em vez disto, obedeço aquele recém-descoberto imã que me atrai para ele e vou em sua direção.

– Algo importante? – Pergunto, me colocando ao seu lado olhando a paisagem urbana e linda ao nosso redor.

– Coisas de trabalho – ele responde distraído.

Eu não falo nada. Não sei o que dizer.

Não quero ir e ao mesmo tempo sinto que preciso fugir.

Fecho os olhos levantando o rosto para o sol.

– É tão raro ter sol nesta cidade – murmuro. – Eu amo o sol.

– Tanto aqui em Seattle quanto em Redmond chove quase o tempo inteiro. – Lukas comenta. – Deve achar horrível.

Sorrio ainda de olhos fechados.

– Gosto de Seattle e sempre vou a Redmond. Às vezes nós nos aproximamos daquilo que sabemos que não seria perfeito pra gente e que, mesmo assim, exerce uma atração estranha sobre nós que vai além da razão.

Engulo em seco ao perceber o quanto aquelas palavras se aplicam ao

que estou sentindo nesse momento.

Abro os olhos, dando um passo para trás. Recuando.

– Eu preciso ir embora.

– Claro. Eu também tenho um compromisso agora – diz distraído.

Ele me leva até a porta e sorri pra mim. Se ao menos ele não fizesse isto...

– Cuidado ao dirigir, hein?

– Com certeza terei cuidado com o carro da Denise. Tchau.

Eu dirijo pra casa ainda com minha mente flutuando.

Estou embevecida por aquelas sensações recém-descobertas. Como se agora até respirar fosse diferente com esta nova realidade.

Quando chego em casa com o carro de Denise totalmente intacto, me surpreendo ao ouvir vozes vindas da piscina.

– Mia? – A voz de Denise me chama e eu vou até lá.

Ela está com um biquíni vermelho minúsculo ao lado de Taylor.

– Como foi seu piquenique? – pergunta, com seu sorriso irônico.

– Piquenique? – Taylor indaga curiosa.

– Não fui a nenhum piquenique – respondo a contragosto. – E seu carro está intacto.

– É bom mesmo – ela recoloca os óculos de sol.

– Eu vou subir.

– Por que não põe um biquíni e se junta a nós? – Taylor pergunta.

– Eu nem tenho biquíni – desconverso, tentando fugir, Taylor é muito rápida e se coloca de pé.

– Não tem problema, eu te empresto um meu.

Eu ainda tento convencê-la de que tomar sol não é uma boa pra mim, porém, Taylor é uma força da natureza e, sem que eu perceba, estou vestindo um minúsculo biquíni branco, deitada ao lado de Taylor e Denise na beira da piscina.

As duas travam uma conversa sobre pessoas que eu não conheço, obviamente em tom de fofoca, até que um nome é citado.

– Alexia está na cidade de novo – Taylor diz. – Encontrei-a no

shopping ontem.

– Jura? Vou ligar pra ela e ver se quer ir com a gente hoje.

– Seria legal. Será que o Lukas vai?

– Duvido. Ele anda tão chato. Devia ligar pra ele e insistir.

– Você vai com a gente, não é, Mia? – Taylor pergunta e eu abro os olhos.

– Eu não sei...

– Vamos, por favor! Vai ser divertido! Eu até já separei uma roupa pra você!

Eu rolo os olhos e me levanto, pois estou começando a sentir minha pele queimar, apesar do protetor que Taylor passou em mim.

– Vou dar um mergulho, está quente demais.

– Você é branca demais, credo – Denise comenta – podia fazer bronzeamento artificial.

Eu ignoro seu comentário sem noção e pulo na piscina.

Deveria imaginar que não seria fácil fugir de Taylor e é assim que, algumas horas depois, me vejo em frente a um espelho trajando a roupa mais escandalosa que eu jamais sonhei vestir.

– Eu sou muito, muito boa! – Taylor se parabeniza atrás de mim e eu continuo olhando horrorizada para minha imagem no espelho.

Estou vestindo um vestido de couro preto curto e justo. O preto faz um contraste dramático com minha pele clara. Ela também me obrigou a usar saltos ridículos eu estou realmente com medo de cair a qualquer momento.

– Está exagerado – murmuro e Taylor rola os olhos, ajeitando meu cabelo, que está penteado de um jeito selvagem.

– Está maravilhoso! Não seja chata!

Eu engulo em seco, me afastando do espelho e testando meu equilíbrio em cima do sapato.

– Vê? Já está andando toda elegante. Até o fim da noite, vai ter gostado tanto que nunca mais vai querer tirar o salto alto.

– Duvido muito!

– Vamos, Denise já deve estar nos esperando.

Taylor me puxa escada abaixo e o queixo de Denise cai quando me vê.

– Meu Deus, você parece pelo menos uns cinco anos mais velha! Parabéns Taylor, você operou um milagre!

– Obrigada! Agora vamos logo!

Nós três entramos no carro de Taylor, que é a encarregada de dirigir hoje e Denise comenta que deveriam ter chamado um motorista.

– Ah claro, você quer dizer o tal Paul, não é? – Taylor pisca pra mim.

– Não inventa coisas. – Denise desconversa, eu percebo que ela está meio sem graça, o que não combina com ela.

Será que Denise estava a fim do motorista?

Isto sim seria algo surreal.

Nós chegamos à boate no centro, Taylor me arrasta até a entrada onde uma fila se forma, o segurança, ao nos ver, imediatamente abre a porta para nós.

– Não tínhamos que ficar na fila?

As duas riem.

– A gente nunca fica na fila! – Denise debocha.

– Eles sabem que somos irmãos de Lukas Constantini – Taylor explica.

– E o nome Lukas Constantini abre portas em qualquer lugar – Denise completa, enquanto adentramos no ambiente enfumaçado e somos levadas até uma mesa.

Um garçom se aproxima para anotar nossos pedidos. Taylor é menor pelas leis do estado, mesmo assim pede um drink alcoólico.

Eu sei que poderia fazer o mesmo, porém, nem ousou.

– Um refrigerante pra mim.

– Refrigerante? Não seja ridícula! – Denise se intromete – um Sex on the Beach pra ela!

Taylor apenas ri.

– Será que o Lukas vem?

– Eu não consegui falar com ele hoje à tarde. É até bom que não venha, assim não vai ficar enchendo nosso saco!

As duas riem e nossas bebidas chegam à mesa.

Eu olho para meu copo bonito com uma bebida amarela.

– Vamos brindar! – Taylor grita acima da música alta e eu bato o copo nos delas, hesitando na hora de beber.

– Beba logo, vai gostar! – Denise insiste rolando os olhos e eu tomo.

Hum, é realmente bom. E, sem ao menos perceber, já bebi quase metade do copo quando uma música conhecida começa a tocar.

É a música que Lukas havia colocado para tocar na sua casa.

– Eu amo esta música – exclamo sem perceber e Taylor puxa minha mão, animada.

– Então vamos dançar.

Eu sou puxada por ela e Denise nos acompanha até a pista.

Talvez seja minha cabeça já um tanto alcoolizada ou a força da música, eu fecho os olhos e deixo a batida guiar meus movimentos.

E quando volto a abri-los por um instante, Lukas Constantini está diante de mim.

Capítulo 10

Mia

Eu esqueço de respirar por alguns instantes.

Lukas está a poucos metros de distância, olhando pra mim com os olhos fixos. De onde estou não consigo definir sua expressão por causa da semiescuridão do salão.

Só o fato de saber que ele está ali já basta para fazer meu coração disparar ridiculamente e eu ofego, perdida na avalanche de sensações que me dominam.

A euforia que eu sinto por ele ter vindo é tanta que sorrio sem perceber.

Ele não está sorrindo. Está sério como aquele Lukas dos meus sonhos.

É naquele momento que eu começo a ouvir um alarme baixinho em algum recanto do meu cérebro, como que me avisando "acorda Mia". Do mesmo jeito que nos recusamos a acordar quando estamos num sono profundo repleto de sonhos perfeitos, eu ignoro o aviso quase sonoro em minha mente.

– Lukas! – O grito de Taylor me tira do transe e Denise também o vê ao mesmo tempo. As duas me arrastam em sua direção e de perto ele está totalmente maravilhoso.

Todo de preto. Com uma carranca que, em vez de desfazer sua perfeição, só o torna mais irresistível.

Deus, eu estava totalmente perdida. E não estava me importando.

– Eu achei que não vinha! – Denise e Taylor o cercam e eu fico ali, de lado, sem coragem suficiente pra me aproximar. Afinal, eu não tinha a liberdade que as meias-irmãs dele tinham.

Ah, como eu queria ter alguma liberdade com ele.

Não de irmã. Certamente.

– Veja a Mia, não está maravilhosa? – Taylor me puxa de repente, enquanto todos se sentam e eu dou graças à escuridão do local que encobre meu rosto vermelho. – Diz se não sou muito boa? Deixei a Mia linda!

– Ela está parecendo mais velha – as palavras de Lukas soam como censura.

– Era esta a ideia! – Denise ri, tomando um grande gole de sua bebida e chamando o garçom. – Ei, traz mais pra gente!

– Claro que era este o objetivo! – Taylor concorda. – E eu fui brilhante, ela ficou perfeita! Ninguém diria que ela tem dezessete anos!

– Ela tem dezessete anos! – Repreende e eu me encolho.

Ok, agora não havia dúvida, Lukas estava bravo.

Eu fico confusa por um momento sem entender o motivo. Seria porque eu estava naquela boate com suas irmãs me passando por mais velha? E por que diabos ele ficaria bravo por causa disto? Eu respiro fundo e tomo o resto da minha bebida.

– Você está bebendo? – Eu levanto o olhar quando ele fala comigo em tom de repreensão.

– Estou – respondo simplesmente.

– Você não tem idade pra beber.

– Ah Lukas, para de ser chato! – Denise ri quando o garçom se aproxima trazendo mais bebidas. – Eu e a Taylor bebemos desde os quinze anos!

– Sim, para de encher a Mia! Ela está se divertindo!

– Olha, não é o Adam? – Denise pergunta apontando pra alguém na multidão.

– Sim, vamos lá falar com ele! – As duas se levantam e se afastam pro meio da pista, me deixando sozinha com Lukas.

Agora ele está bebendo algo que parece uísque e não olha pra mim. Parece tenso. Ou irritado Ou as duas coisas.

– Você está bravo comigo? – Pergunto timidamente.

Ele solta uma risada. Não tem o menor humor. Seu copo está quase vazio.

– Não estou bravo com você, acredite.

– Então está bravo com suas irmãs.

Ele não responde. Apenas esvazia seu copo.

– Eu nunca vim numa boate – digo, como se esse fato explicasse o que estou fazendo ali. Como se eu precisasse provar um ponto a ele. Algo que eu sei, bem no fundo, é desnecessário, mesmo assim faço. – Eu só queria saber como é. E suas irmãs insistiram... E eu nem fazia ideia de que você viria também...

– Chega Mia! – Ele me encara e eu engulo em seco.

Mas eu não quero parar. Quero entender o que está se passando.

Porque hoje no seu apartamento ele foi tão gentil comigo e agora está me tratando como se eu tivesse cometido algum erro terrível.

Era realmente difícil de entender!

Antes que eu possa continuar insistindo naquela discussão, Taylor e Denise se aproximam.

– Ei, olha quem está aqui! – Taylor sorri empolgada de braços dados com um rapaz bonito e eu me pergunto se este Adam é algo mais dela.

– E aí Lukas? – O rapaz cumprimenta Lukas que apenas resmunga algo que parece um cumprimento. Então Adam me encara. – Eu não conheço você.

– Esta é a Mia – Taylor diz simplesmente por um momento me pergunto se ela vai dizer quem eu realmente sou. Ela não diz o que de certa forma é um alívio.

Adam sorri se aproximando e me dando um beijo no rosto.

– E aí, Mia?

– Oi – respondo sem jeito.

– Sua amiga é tímida, Taylor. – Adam ri ainda mais e eu realmente acho que ele está meio bêbado. Taylor ri junto.

– Ela é, vamos dar um jeito nisto. Vem, vamos dançar! – Ela me puxa de novo pra pista e eu não tenho alternativa a não ser segui-la.

Eu tento dançar com eles, porém meus olhos a toda hora se voltam pra mesa onde Lukas ficou com Denise.

Ele continua bebendo e Denise não parece muito agradável enquanto

fala com ele. Não que Denise não seja bem azeda na maior parte do tempo e ela e Lukas pareciam não se entender às vezes, eu me questiono sobre qual seria o motivo da conversa tensa agora.

Então, de repente eu levanto o olhar e Lukas não está mais lá.

Me pergunto se ele foi embora, sentindo um grande vazio.

Eu não queria que ele fosse embora. Não ainda. Não antes de saber por que ele está bravo comigo de verdade.

Não antes de... O quê?

De repente eu me dou conta de que não sei como agir. Ok, eu estava atraída por ele, pra dizer o mínimo, o que eu ia fazer com isto?

Até este momento, desde que constatei o que estava sentindo, simplesmente me deixei levar pela empolgação sem me preocupar com o que ia acontecer de verdade.

Alguma coisa poderia realmente acontecer?

Talvez a manhã passada com Lukas tenha me dado a impressão que sim. De novo aquele alarme soa na minha mente, agora um tanto mais alto eu começo a me sentir mal.

– Ei, tudo bem? – Taylor pergunta e eu sacudo a cabeça negativamente.

– Eu vou ao banheiro – respondo.

– Vou com você.

– Não precisa. Está tudo bem.

E eu me afasto antes que ela me impeça ou tente vir junto. Caminho por entre o mar de gente suada e bem vestida, tentando achar onde pode ser o banheiro.

Respiro fundo quando finalmente chego num corredor vazio.

E paro chocada com a cena na minha frente.

Lukas está ali. E não está sozinho.

Ele está prensando alguém na parede. Alguém de cabelos loiros, que geme e ri de olhos fechados. Uma mão nos cabelos perfeitos que eu sonhava secretamente bagunçar e outra abrindo seu cinto, enquanto ele enterra o rosto em seu pescoço e desliza uma das mãos para a barra do vestido que ele ergue rapidamente. Fecho os olhos quando vejo a calcinha vermelha também sendo

abaixada. E saio correndo.

Lukas está transando com Alexia Duran.

Capítulo 11

Lukas

Quando foi que tudo começou a ruir a minha volta?

O mundo que eu tinha cuidadosamente construído em todos aqueles anos após a morte da minha mãe? Quando eu decidi quem eu queria ser e não era aquele cara inconsequente e irresponsável que minha mãe morreu achando que eu era.

É a pergunta que faço incessantemente a mim mesmo enquanto observo Mia Agnelli dormir.

Mia Constantini, me corrijo.

Sim, talvez a ruína tenha começado quando decidi que ela teria que ser a Senhora Constantini. Aquela menina de dezessete anos, filha do homem que havia me roubado por anos a fio e de quem eu nem poderia me vingar ou cobrar algo.

Eu tinha que cobrar. Era necessário.

Era vital para manter a empresa do meu pai de pé e provar a todo mundo que eu era capaz sim de administrá-la sem levá-la à falência.

Então valia tudo. Até me casar com aquela garota e ficar com ela por cinco anos num casamento de mentira.

A Constantini continuaria de pé. Eu teria, de certa forma, feito John Agnelli pagar com aquele "favor" e minha vida seguiria em frente.

Mia Agnelli seria apenas um meio para um fim.

Minha boca se distende num sorriso amargo. Se eu fosse um cara que acreditasse em lances espirituais, diria que minha mãe estava rindo de mim em algum lugar do paraíso.

"Isto é por você tentar me enganar", ela diria com um sorriso daqueles que só as mães dão quando sabem que têm razão no final.

Porque foi o que eu fiz. Eu a enganei. Forjei um casamento de fachada para receber o seu dinheiro. E achei que sairia impune.

Eu não poderia estar mais enganado.

Então, quando meu inferno começou?

Talvez tenha sido naquela noite no jardim da minha mãe. Quando ela me fez rir ao imaginá-la com cabelos verdes.

Eu a encontrei no jardim com Jack e fiquei furioso. Eu não gostava de Jack Sloan. Achava realmente que Danielle merecia coisa melhor. Infelizmente ela era completamente apaixonada por ele e eu não fazia campanha contra seu noivo, porque sabia que não ia adiantar. Jack sempre me incomodava, como se algo nele não fosse correto.

Vê-lo com Mia fez meus instintos gritarem e a vontade que eu tinha era de proibi-lo de chegar perto dela.

Então nós nos sentamos e conversamos. Conversamos de verdade pela primeira vez. Ela era uma garota tímida, embora tenha demonstrado muita coragem em ocasiões desafiantes. Mesmo assim, ainda era uma menina que corava quando menos se esperava e parecia deslocada naquele jantar na minha casa com a minha família.

Então, meio que me surpreendi quando ela se mostrou brincalhona e me fez rir de verdade com suas histórias envolvendo cabelos verdes.

Quem diria que Mia Agnelli poderia ser engraçada?

Naquela noite eu a achei encantadora.

E dei o anel da minha mãe pra ela. No fundo, eu não entendia o porquê daquele gesto. Eu apenas senti necessidade de cumprir um desejo da minha mãe e achei que Mia, de alguma forma, era digna de colocar aquele anel no dedo. Mesmo sendo apenas um noivado de mentira.

Pelo menos o anel era de verdade e eu me senti bem comigo mesmo por estar realizando uma parte do desejo da minha mãe.

Passei as semanas seguintes do famigerado casamento, mergulhado no trabalho me sentindo de certa forma satisfeito comigo mesmo. Afinal, as coisas não precisavam ser ruins só porque começaram de forma estranha e forçada.

A realidade estava ali: eu teria que ficar casado com aquela garota por cinco anos. Já estava decidido que eu ia cuidar dela da melhor maneira

possível. Ela iria viver na minha casa com as minhas irmãs e não lhe faltaria nada. Iria para a faculdade, eu poderia cuidar disto também. Até pedi para meu corretor procurar um apartamento para comprar em New Haven, próximo a Yale. E, no final de cinco anos, o contrato e o casamento seriam desfeitos e nós seguiríamos com nossas vidas.

Isto era o que eu pensava até aquela noite no jardim. Daquela noite em diante, eu comecei a me perguntar se nós não poderíamos ser algo mais do que duas simples assinaturas num contrato.

Afinal, já que estaríamos presos a ele, poderíamos conviver da melhor maneira possível, não é? Ela parecia uma garota gentil, educada e divertida. Com quem eu ansiava conversar mais. Por que não podíamos ser amigos ou algo assim?

Então o dia do casamento chegou. Obviamente eu mal prestei atenção no que Taylor estava aprontando, até que ouvi as vozes alteradas vindas do quarto.

E qual não foi minha surpresa ao ver Mia vestida de noiva, sentada num sofá no meio do quarto.

Por um momento eu fiquei tão surpreso que não esbocei nenhuma reação.

Ela estava... Linda.

Não havia outro adjetivo para descrevê-la.

Era como se aquela Mia adolescente com cabelos escondidos num capuz preto houvesse desaparecido e no lugar dela surgisse uma moça linda de pele tão branca que rivalizava com o tom do vestido cheio de tule e cabelos vermelhos que dançavam em volta do seu rosto corado pela irritação.

E que cabelos eram aqueles? Eu quase podia ficar com raiva de pensar que ela os escondia o tempo inteiro naquele capuz horroroso que agora eu queria achar e queimar numa fogueira.

Eram, sem dúvida, os cabelos mais bonitos que eu já tinha visto e meus dedos chegaram a coçar de vontade de passar por entre os fios, para ver se eram tão macios quanto pareciam.

Toda aquela minha epifania durou apenas alguns segundos até eu me dar conta, em choque, que eu estava claramente admirando-a muito mais do que seria adequado. Ou certo.

Inferno, aquela era Mia Agnelli, a filha de 17 anos de John Agnelli, a quem eu tinha pedido em casamento só para cumprir a porra de uma cláusula de testamento.

Ela não era uma garota a quem me era permitido achar bonita.

Xinguei-me mentalmente e entrei no quarto disposto a acabar com aquela confusão. Quando ela disse, mortificada, que não queria usar o vestido porque simplesmente aquele casamento não era de verdade, eu prontamente concordei com ela aceitando que o tirasse.

Principalmente porque ela estava muito bonita e diferente com ele e vê-la estava bagunçando minha mente mais do que eu gostaria.

De repente eu achava quase um alívio vê-la de moletom de novo. Moletom era seguro e previsível. Então ela pediu que eu abrisse a porra do vestido de noiva. Por um momento tive vontade de sair correndo.

O simples fato de ela usar a expressão "tirar vestido" me pareceu quase obsceno. Engolindo o desconforto e, porque não dizer, certo medo que eu não sei de onde vinha, me aproximei para ajudá-la.

O vestido branco tinha pequenos botões de pérolas nas costas e eu comecei a abri-lo rapidamente. Suas costas nuas foram se revelando.

E, mil vezes inferno, eu era apenas um cara.

Caras costumam ser irracionais quando se trata de peles macias e excepcionalmente convidativas, ainda mais quando seus dedos roçam sem querer nelas.

Eu respirei fundo e engoli em seco, desviando meu pensamento do que estava fazendo, bloqueando a visão diante de mim até que, graças a Deus, o serviço estava feito e eu pude me afastar.

Eu lembro que me refugiei no escritório me sentindo quase um maníaco em potencial.

Era errado demais sentir qualquer coisa física por Mia.

A começar pelo fato de que ela era só uma menina que estava confiando em mim naquele acordo que eu garanti que seria apenas um acordo.

Não que eu estivesse desenvolvendo alguma ideia sobre algo diferente. Claro que não. Apenas me perturbou demais vê-la despida de suas vestes normais de adolescente e com os cabelos soltos. Ela ficou diferente, só

isto.

Era só uma questão de me acostumar. E tudo ia continuar como sempre foi. Tranquilo e seguro em nosso contrato.

Quando ela desceu, vestindo suas roupas habituais, jeans e um suéter simples, respirei aliviado.

Ainda era quase a mesma Mia Agnelli de antes. Íamos assinar um contrato e pronto.

Ela parecia tão apreensiva que me deixou preocupado, eu quis garantir a ela que tudo ficaria bem. Que eu não era um monstro, embora a tenha obrigado a se casar comigo, minha consciência sussurrava incomodamente dentro de mim.

Eu não tive escolha, rebato. Eu fiz o que precisava ser feito e pronto. E a única coisa que podia garantir agora era que aqueles cinco anos não seriam prejudiciais a ela.

– Não quero que tenha medo. Eu nunca seria capaz de fazer qualquer mal a você. Eu estou te prometendo, Mia. Eu vou cumprir.

E ela sorriu dizendo que acreditava em mim. Confiava em mim.

E eu beijei sua testa fraternalmente dizendo a mim mesmo que ia ser digno daquela confiança.

Se, assim de perto, ela cheirava muito gostoso, um perfume floral, era um detalhe insignificante.

E, naquela noite, eu fui posto a prova mais uma vez quando fui procurado por Andrea Agnelli em meu escritório.

– Será que podemos ter uma conversa antes de eu ir? – Ela perguntou mais séria do que eu já a tinha visto antes.

– Sim, entre.

Ela sentou-se na minha frente.

– Eu vou direto ao ponto. Não quero que pense que só porque concordei com este casamento, estou deixando minha filha desamparada nesta casa.

– Ela não está desamparada – respondo friamente.

– O que estou querendo dizer é que espero que você cumpra o que prometeu – falou incisiva. – Quero que me prometa que não encostará um

dedo em minha filha. Que ela sairá desse casamento do mesmo jeito que entrou. Sem ser abusada ou seduzida.

– O que a faz pensar que não cumprirei o combinado? – Mal contive minha fúria. – Nós temos um contrato, é o único motivo de ela estar aqui. Nada mais. Eu jamais descumpriria nosso acordo.

– É sempre bom nos certificarmos de colocar todos os pingos nos is.

– Não era absolutamente necessário. Mia está perfeitamente segura. E vai permanecer pelos próximos cinco anos. Eu juro.

– Sei que ela não é mais criança e em breve será uma adulta. Me preocupo com ela, é uma garota inocente. E me sinto de certa forma culpada por ela estar neste casamento.

– Tudo está sob controle e vai permanecer. Ela continuará quase com a mesma vida que tinha na sua casa. Não lhe faltará nada e, quando os cinco anos acabarem, estará livre pra seguir sua vida.

Ela sorriu parecendo satisfeita, se levantando.

– Que ótimo que tivemos esta conversa. Até mais.

Então saiu da minha sala me deixando com uma sensação ruim na boca do estômago.

Se eu achava que tudo estava voltando ao controle, estava enganado. Na tarde seguinte encontrei Paul, o motorista que eu tinha designado para Mia na sede da Constantini e, para minha consternação, ele disse que havia deixado Mia na casa da sua mãe e que ela alegou que não ia mais precisar de motorista porque usaria o antigo carro. Aquele Ford mais velho que meu avô, certamente.

Eu me irritei e fui tirar satisfação e de novo topei com aquela Mia obstinada que defendia seu ponto de vista a qualquer custo, que conheci no meu escritório semanas atrás.

E o mais bizarro era que achei muito fofo vê-la cheia de eloquência discordando de mim, sendo teimosa pra cacete.

Mia Agnelli com certeza era um oponente de respeito.

E me venceu naquela briga.

Então ontem eu a encontrei com o carro quebrado na estrada. Resolvi, ignorando todos os compromissos que tinha para aquele dia, levá-la para meu apartamento. E qual o problema? Eu estava apenas sendo gentil. Em nenhum

lugar do contrato estava escrito que eu tinha que ser frio e indiferente o tempo inteiro. Poderíamos ter um relacionamento cordial e amigável sem nenhum envolvimento emocional, ou, Deus nos livre, sexual.

Era perfeitamente normal que eu a deixasse à vontade no meu apartamento, onde eu não gostava de levar nem minhas irmãs, alimentá-la e inseri-la no meu gosto musical, adorando o quanto ela mostrou gostar das músicas que eu gosto.

É realmente muito fácil conversar com ela e falar até mesmo da minha mãe e do meu passado desastroso sem ter vontade de mudar de assunto. Ela parece entender e não se importar.

Então meu telefone tocou, colocando um fim a nossa conversa e fiquei sabendo que seu carro estava devidamente consertado. Ao perceber que ela não estava ouvindo minha conversa com o mecânico, pedi que ele o mantivesse lá por mais tempo. Não queria Mia dirigindo aquela lata velha e comecei a fazer planos de comprar um carro pra ela.

Claro que era melhor que, por enquanto, ela não soubesse de nada. Eu só precisava achar um jeito de convencê-la.

E, no final das contas, passar a tarde com ela me fez perceber que gostava cada vez mais de sua companhia e podia, quem sabe, passar mais tempo na casa do lago com ela e minhas irmãs. Perfeitamente normal.

Então acordei com ela na minha porta naquela manhã. Segurando uma sacola com um sorriso tímido nos lábios.

Bonita pra caramba.

Deixei-a entrar e preencher minha cozinha com sua presença ensolarada, cozinhando panquecas tão boas quanto as que Erin preparava pra mim quando eu estava na sua casa, ou até melhores, pois vinham acompanhadas do sorriso ansioso de Mia, esperando minha reação. E ela não tinha com que se preocupar, estavam realmente deliciosas.

De novo eu me peguei apreciando demais nossa conversa e me diverti pra cacete jogando Xbox com ela.

Definitivamente eu tinha que passar mais tempo na casa do lago, estava lamentando quando meu telefone tocou e eu me afastei pra atender.

Era o corretor sobre alguns apartamentos que encontrou em New Haven, ele ficou de me mandar informações na segunda sobre dois apartamentos que se encaixavam no que eu queria e eu me perguntava se Mia

NACIONAIS-ACHERON

gostaria de viajar comigo para vê-los e escolher ela mesma.

Ela pareceu um tanto retraída quando se juntou a mim na varanda e eu decidi não falar nada por enquanto.

Então aconteceu.

Ela fechou os olhos e levantou a cabeça para o sol.

E eu fiquei ali admirando seu rosto banhado pela luz da manhã que findava, reparando nas pequenas sardas sobre seu nariz que nunca tinha reparado antes.

Ela nunca me pareceu tão linda.

Como um anjo iluminado e intocado.

– É tão raro ter sol nesta cidade – ela havia murmurado. – Eu amo o sol.

– Tanto aqui em Seattle quanto em Redmond chove quase o tempo inteiro. Deve achar horrível.

Seus lábios se ergueram num sorriso, ainda de olhos fechados.

– Gosto de Seattle e sempre vou a Redmond. Às vezes nós nos aproximamos daquilo que sabemos que não seria perfeito pra gente e que, mesmo assim, exerce uma atração estranha sobre nós que vai além da razão.

Ah sim, Mia.

De atração estranha eu começava a entender bem. E também de coisas que começam a ir além da razão. Eu havia sentido um arrepio estranho atravessar meu peito. Tudo me pareceu sombrio de repente. Dei um passo para longe dela quase sem perceber. Afastando-me do proibido.

Depois que ela foi embora, comecei a remoer aqueles instantes estranhos na varanda.

Não foi nada. Claro que não foi nada.

Foi apenas uma apreciação inocente. Como se aprecia uma obra de arte na qual não podemos pôr a mão para não estragar sua pureza. Mesmo a gente querendo tocar para saber como é.

Eu podia conviver perfeitamente com isto. Estava tudo sob controle.

Mia ainda era aquela garota de dezessete anos sob minha proteção. Casada comigo apenas no papel por causa de um testamento.

E se agora tornava-se algo mais, qual o problema?

Não sabia como chamar nosso relacionamento, amizade parecia algo que não se encaixava, então eu deixo sem rótulos, por enquanto.

E, para provar a mim mesmo que está tudo bem, peguei as chaves do meu carro e decidi ir até a casa do lago.

Talvez tenha sido aí que minha certeza de controle começou a ruir de vez.

Quando me aproximei da janela ao ouvir as vozes de Denise e Taylor e vi Mia caminhando à beira da piscina.

Se eu achava bonita apenas com o rosto iluminado pelo sol, agora eu estava com o queixo caído ao vê-la vestindo duas tiras brancas que alguém resolveu chamar de biquíni.

Eu a admirei sem conseguir tirar os olhos de seu corpo perfeito com curvas suaves nos lugares certos enquanto ela, mais uma vez, parava em frente ao sol, levantando o rosto e suspirando para então pular na piscina com um movimento gracioso.

E eu fiquei ali, como o stalker filho da puta que eu tinha me transformado, esperando-a emergir da piscina, quase salivando de ansiedade, então ela saiu. Gloriosamente molhada, subindo pela escada de metal até parar no piso ladrilhado, tirando o excesso de água dos cabelos vermelhos depois caminhando de costas pra mim para junto de Denise e Taylor.

E percebi, com os olhos cobiçosos presos nos movimentos de seus quadris, que estava tendo uma maldita de uma ereção.

E, entre irritado e chocado, peguei novamente as chaves do carro e desapareci.

O controle estava perdido. Pra sempre.

E não sabia como resgatá-lo.

Eu passei a tarde remoendo minha culpa. Minha raiva por mim mesmo.

E minha frustração sexual.

Inferno, mil vezes inferno!

Como pude deixar acontecer? Em que momento Mia Agnelli tinha se transformado de adolescente tímida e sem graça, para uma garota linda e sensual que era agora minha fantasia?

E a ironia de tudo é que eu era casado com ela. *Fodidamente* casado

NACIONAIS-ACHERON

com aquela garota de corpo perfeito que me deixou duro e com um tesão que se recusava a ir embora.

Eu estava muito ferrado.

Quando escutei a mensagem de Denise no celular perguntando se eu ia ao clube noturno com elas, decidi ir. Talvez fosse o que eu precisava. Uma noite perfeita regada a álcool com adultos. Com mulheres adultas. E disponíveis.

Nada de garotas proibidas.

Sim, eu já não conseguia me lembrar da última vez que transei com alguma mulher. Estava tão focado em resolver os problemas com o desfalque, que não fiz nada a não ser trabalhar nos últimos tempos.

Então me arrumei e fui para a boate da moda que elas estariam.

Eu deveria saber que o universo estava conspirando contra mim quando, ao chegar à mesa das minhas irmãs, olhei para a pista e vi Mia Agnelli dançando.

E que porra aconteceu com ela?

Nada da Mia tímida usando jeans de hoje pela manhã.

Hoje a noite ela vestia couro preto que contrastava sensualmente com sua pele imaculadamente branca.

Eu a medi de cima a baixo, reparando nos saltos sensuais, nas pernas que não pareciam ter fim e nos seus seios mal cobertos pelo decote.

E ah, seu rosto.

Seu lindo rosto que já era perfeito sem maquiagem alguma, estava brilhando sob o peso de uma maquiagem elaborada que tingia seus lábios de vermelho dando uma ênfase maior a seus olhos cor de âmbar.

Eu havia ficado congelado no lugar, vendo-a se mover ao som da mesma música que coloquei no seu ipod e que é perfeita para descrever exatamente a merda que eu ando sentindo ultimamente.

Uma obsessão.

E tudo o que eu desejo é obedecer àquela atração sem medida que me liga a ela, atravessar a pista e tirá-la dali, para que aqueles homens que a cobiçam saibam que é minha.

Só que ela não é minha.

Apesar de sermos casados no papel, de maneira alguma ela pertence a mim.

E nunca vai pertencer.

Somos apenas duas assinaturas num contrato.

O que eu estava sentindo agora, aquela vontade de me aproximar e cheirar o suor que escorre de seu pescoço enquanto ela dança e depois lambe sua pele brilhosa para ouvi-la gemer e se enroscar em mim e sentir o quanto eu a estou desejando naquele momento, é muito, muito impróprio.

De repente comecei a sentir um ódio absurdo de tudo o que a transformou naquilo. Naquele ser sedutor de couro preto.

Quis que ela voltasse a ser a menina de sempre. Segura e adorável Mia Agnelli.

Não queria mais me sentir sujo por desejá-la.

Aquilo estava errado. Errado demais.

Então Taylor e Denise me veem e a trazem na minha direção.

Eu forcei meus olhos para longe dela me sentindo um cretino por magoá-la com minha irritação e frieza.

Não conseguia agir de outra maneira. Se eu me permitir encará-la e ser legal com ela, vou sucumbir. Vou pôr tudo a perder. Tudo o que eu prometi quando entramos naquele casamento. Deixá-la intacta. Nada além de uma fachada.

Eu prometi até para mãe dela, inferno!

Então a deixei ir dançar de novo com o idiota do Adam que a cobiçava como todos ali. Tinha vontade de gritar que ela tem dezessete anos e que vou chamar a polícia se algum desgraçado ousar colocar as mãos nela.

– Que diabos está acontecendo com você? – Denise perguntou secamente.

– Que foi? – Resmunguei no mesmo tom.

– Está insuportável! Está sendo grosso e mal-educado!

Eu dei uma risada sem humor.

– Quem fala!

– Sabe o que você precisa? De uma foda! Deve ser o que está te deixando chato deste jeito, não é? Pelo amor de Deus, olha quanta garota

fácil deve ter neste lugar. Pega uma, duas ou três sei lá, leva pra casa e dá um jeito neste humor!

Eu não falei nada. Apenas tentei não olhar para Mia dançando na pista. Linda. Sensual. Fazendo meu pau subir mesmo eu não podendo fazer nada a respeito.

Denise podia ter razão. Eu não precisava ficar assim, sofrendo por alguém que eu nunca vou poder ter.

Eu me levantei do sofá, disposto a acabar com aquele inferno de vez.

Caminhei pelo lugar cheio, quando alguém se posicionou na minha frente.

– Olá, Lukas.

Alexia Duran sorria pra mim. Por um momento eu tive vontade de empurrá-la e continuar minha busca.

– Estava mesmo me perguntando se viria hoje... Se poderíamos acabar o que começamos na outra noite... Nunca mais tivemos oportunidade – seus dedos de unhas vermelhas desceram por meu peito. – Por favor, Lukas. Não vou te cobrar nada, se é o que te preocupa... – ela sussurrou no meu ouvido. – Pode fazer o que quiser comigo...

Eu lutei contra meus demônios apenas alguns instantes.

Talvez Alexia seja a resposta às minhas preces. Alguém disponível e sem cobranças. Apenas um corpo onde eu poderia descarregar minhas frustrações.

Sem mais considerações a levei para um corredor escuro.

E transei com Alexia Duran ali mesmo.

Foi uma transa rápida e afoita, desconfio que Alexia nem conseguiu gozar. Eu não era o tipo de cara que não tinha consideração pela mulher, no entanto, hoje eu estava além da razão. Toda minha dor na consciência estava concentrada nos meus sentimentos errados por Mia, então simplesmente me afastei de Alexia ajeitando minha roupa e ela não pareceu estar brava enquanto arrumava a sua com um sorriso.

– Uau. Isto foi inesperado... serviu... pra quebrar o gelo. Eu vou ao banheiro. Me espera aqui.

Depois que Alexia voltou, nós fomos para uma mesa. Na ala vip e bem afastada de onde estavam minhas irmãs e Mia. Lá nós pedimos bebidas e

Alexia ficou se enroscando em mim fazendo mil promessas em meu ouvido.

Enquanto eu bebia cada vez mais, rezando para ficar bêbado. Para minha infelicidade hoje eu sou bem resistente ao álcool.

Depois de um tempo, Alexia sorriu sugestivamente.

– Nós podíamos terminar a noite na sua casa, o que acha? Seria muito bom um lugar mais confortável para... – ela me deu um beijo rápido no queixo. – Explorarmos.

Eu tive vontade de declinar, depois decidi que seria melhor eu não ficar sozinho hoje.

Como dizem? Estar no inferno e abraçar o capeta?

Ela se afastou para ajeitar a maquiagem e eu peguei o celular para mandar uma mensagem avisando Denise que estava indo embora. Não mencionei Alexia.

Depois de alguns segundos, o telefone tocou e eu atendi, tentando ouvir por cima do barulho de música alta.

– Onde está? – Denise perguntou.

– Não recebeu minha mensagem? Estou indo embora.

– A Mia está passando mal.

– O quê? – Fiquei alerta de repente.

– Eu não sei o que deu nela. Ela sumiu e Taylor foi atrás, agora me ligou dizendo que estão num banheiro e Mia está vomitando.

Eu soltei um palavrão.

– Onde estão? – Comecei a me mover automaticamente.

– No banheiro da ala oeste.

Eu desliguei e corri, tentando tirar as pessoas do meu caminho.

Quando cheguei lá, entrei no banheiro, ignorando as vozes femininas gritando a meu redor.

Taylor e Denise estavam ao lado de Mia que parecia desmaiada num sofá de brocado.

– O que aconteceu? – Eu tomei seu pulso fraco e toquei seu rosto muito pálido.

– Acho que ela bebeu demais. – Taylor comentou e eu as fuzilei com

o olhar.

– Não deveriam ter dado bebida alcoólica pra ela, droga!

Eu bati em seu rosto levemente.

– Mia, lembra...

Ela gemeu resmungando algo e eu respirei aliviado.

– Vamos embora. Ela precisa ir pra casa.

Eu a peguei no colo levando-a para o carro.

Taylor e Denise entraram no carro delas em silêncio. Elas deviam saber que eu estava puto e iam ficar longe.

Mal sabem elas que estava irritado era comigo mesmo.

Eu havia prometido que ela ficaria segura na minha casa e, na primeira oportunidade, ela desmaiava numa boate.

Enquanto eu estava transando com Alexia.

A culpa me corroía, agora era tarde.

Eu dirigi até a casa do lago e a tirei do carro, levando-a para o quarto com Denise e Taylor atrás de mim.

– Nós vamos trocar a roupa dela e colocá-la pra dormir – Denise garantiu.

– Vocês estão ferradas comigo – rosnei e Denise rolou os olhos.

– Deixa de ser exagerado! Foi só uma bebedeira, quem nunca...?

– Vá ajudar Taylor, converse com vocês amanhã.

Eu fui pro meu próprio quarto e tomei um banho, tentando tirar o cheiro do perfume de Alexia de mim.

Mas as lembranças permaneceram.

Depois caminhei silenciosamente pelo corredor e entrei no quarto de Mia.

Me aproximei da cama e fiquei olhando-a dormir.

Quando foi que tudo começou a ruir a minha volta?

Eu não queria sentir nada por ela. Eu não deveria sentir nada.

Eu tinha que sufocar esse sentimento. Aquela dor estranha no peito ao pensar nela sofrendo. E não estou falando só por causa da bebedeira de hoje a noite. E sim pelo fato de eu tê-la obrigado a se casar comigo.

Do que adiantava eu me arrepender? Estava feito.

Assinado e sacramentado.

Tínhamos que conviver com aquilo.

Eu me afastaria dela. Talvez precisasse me voltar para mulheres como Alexia. E esquecer aqueles sentimentos proibidos.

Mia continuaria sendo apenas minha esposa de fachada. Um meio para alcançar um fim.

Eu me aproximo e a cubro direito e, sem me conter, beijo seus cabelos.

Cheiram a rosas.

Cheiram a ela.

Quando saio do quarto, sei que não vou esquecer aquele cheiro tão cedo.

Capítulo 12

Mia

O mundo em que eu acordei naquela manhã era completamente diferente daquele no qual estava até ontem.

Ontem eu era uma garota de dezessete anos que, apesar de ter passado por experiências traumatizantes, como o acidente e o coma do meu pai acusado de desfalque e um casamento de fachada com um homem quase estranho, ainda via a vida com uma inocência quase pueril.

Ainda se maravilhava com a primeira atração de verdade, e ansiava por descobrir mais, mesmo sem saber como seria.

O mundo pode ser cruel com quem não faz ideia do que acontece nos corredores escuros de boates enfumaçadas.

Lukas e Alexia.

Eu me recordo do choque e da minha mente girando confusa, querendo negar o que meus olhos viam.

Lukas estava transando com Alexia. Ou prestes a. O que importa?

Eu fugi antes que visse tudo ao vivo e em cores.

Nem precisava ver. Enquanto corria por entre as pessoas que se movimentavam ao som da música, finalmente aceitei a realidade.

Lukas com Alexia.

Senti a bile na minha garganta, o gosto amargo da decepção.

Meu coração parecia afundar no peito até não poder mais ser encontrado.

Estava doendo.

Eu queria morrer. Sumir.

Esquecer.

Como esquecer?

Finalmente encontrei um banheiro e me tranquei lá, vomitando toda minha desilusão. E, enquanto estava ali, era como se junto com o vômito, estivesse expelindo toda a minha ingenuidade e inocência.

Eu sabia que eu nunca mais seria a mesma.

Não me lembro de muita coisa depois. Talvez Taylor me encontrando e gritando comigo.

Eu me sentia fraca demais pra reagir.

Então desmaiei num bem-vindo esquecimento que veio junto com a inconsciência.

No entanto, as lembranças voltaram junto com a minha consciência à luz do dia.

Fixo meus olhos na janela aberta, onde vejo o dia cinza e escuro.

E agora, passado o choque do momento, passado o nojo inicial, eu sou dominada por outros sentimentos.

Raiva.

Vergonha.

Humilhação.

Raiva daquela moça loira, bonita e mais velha que era tão mulher a ponto de ele querer pôr suas mãos nela. Foder com ela. A palavra forte invade minha mente num fluxo de fúria.

E raiva do Lukas. Que havia sorrido pra mim. Sido gentil comigo. Me fazendo querer mais do que eu deveria daquele nosso estranho relacionamento.

Me fazendo querê-lo.

Quão idiota eu podia ser por sequer imaginar que Lukas poderia querer algo comigo?

Com certeza ele devia se sentir compelido a me tratar com cordialidade porque eu era a garantia de que ele receberia todo o dinheiro de sua mãe para salvar a Constantini.

Eu era apenas um meio para atingir um fim.

Um mal necessário.

E então veio a vergonha.

Vergonha por tudo o que eu senti. Por ter ido atrás dele como uma fã boba atrás do ídolo. Fazendo papel de idiota ao deixar sua irmã me vestir como uma mulher adulta na esperança de que ele fosse me enxergar de maneira diferente.

Me desejar.

A humilhação faz meu rosto se tingir de um vermelho vívido.

Ele nunca me quis e nunca ia querer. Ele queria mulheres como Alexia Duran, que gostavam de ser fodidas na parede de uma boate.

Fecho os olhos com força quando aquelas imagens teimam em voltar a minha mente. Obrigo-me a respirar fundo várias vezes engolindo o nó que se forma na minha garganta. Não vou chorar.

Não vou me permitir ser idiota de novo.

E nem vou sofrer por algo que não tenho escolha.

Abro os olhos e me levanto da cama, indo para o chuveiro.

E, enquanto a água escorre por meu rosto, prometo a mim mesma que jamais deixarei Lukas me humilhar de novo. Ele pode trepar com todas as mulheres de Seattle. Não vou me importar.

Ele não é nada pra mim, assim como eu não sou nada pra ele.

Assim vai ser de agora em diante.

Eu agradeço por ser bem cedo quando saio do quarto e não tem ninguém acordado ainda. Pego as chaves do carro de Denise e vou pra casa da minha mãe.

– Nossa, caiu da cama? – Andrea fica surpresa ao me ver na sua cozinha quando acorda.

– Senta, preparei seu café.

Ela levanta a sobrancelha, mas faz o que eu pedi.

– Não vou fingir que não aprecio, sabe que meus dotes culinários são nulos.

Eu sorrio de leve, até onde meu humor escasso permite. Andrea me observa atentamente.

– Não é muito cedo para estar aqui?

Dou de ombros, servindo uma xícara de café.

– Achei que podíamos ir ao parque, caminhar. Depois almoçar em um

NACIONAIS-ACHERON

daqueles restaurantes vegetarianos que adora.

– Hum, seria ótimo.

Eu fico aliviada por Andrea não fazer mais perguntas e nós saímos para caminhar no parque, ignorando o tempo ruim.

– Caminhar com este tempo? Não foi uma boa ideia.

– E daí? Queria fazer alguma coisa ao ar livre.

– Tem bastante ar livre naquela mansão com jardim maravilhoso onde mora.

Mordo os lábios.

– Não quero ficar lá hoje.

– Por que não?

Eu não respondo e Andrea me obriga a parar.

– O que aconteceu?

– Nada...

– Não, você parece chateada... – Andrea estreita os olhos astutamente.

- Lukas fez alguma coisa...

– O quê? Não! – Nego veementemente, chocada por Andrea achar que Lukas pode ter feito alguma coisa. Até parece! – Nem um milhão de anos Lukas ia querer alguma coisa comigo, ele tem suas próprias conquistas por aí – resmungo, voltando a caminhar.

– Claro que tem – Andrea me segue. – Ele é um homem jovem, rico, bonito. Já devia saber não é, Mia?

– Sim, deveria – torço meus lábios.

– Vem, vamos sair desta chuva chata e ir almoçar. Que tal um cinema depois?

Eu concordo, feliz com a mudança de assunto.

Volto para a casa ao anoitecer e, para minha consternação, encontro Lukas sozinho na sala.

A vontade que eu tenho é de virar as costas e ignorá-lo, porém não quero parecer infantil ou, Deus me livre, ofendida com algo que ele tenha feito.

Então eu simplesmente lanço-lhe um olhar desinteressado.

– Onde estão Denise e Taylor?

– Saíram com uma amiga.

Eu me pergunto se a amiga é Alexia Duran.

E por que Lukas não foi junto?

– Onde estava? – Ele indaga.

– Com a minha mãe, onde mais? – Minha voz sai ríspida.

– Eu imaginei, só não tinha certeza. Fiquei por aqui o dia todo, queria conversar com você.

Como é?

– Conversar o quê? – Pergunto entre curiosa e indignada.

– Sobre ontem a noite.

Eu fecho o rosto.

– O que tem ontem a noite?

– O que tem? – Ele parece irritado. – Você bebeu até desmaiar Mia.

– Eu não fiz isto!

– Não? Nós te trouxemos desmaiada pra casa. Não deveria ter bebido daquele jeito, inferno, nem tem idade pra beber! Na verdade foi um erro ter ido naquela boate, é muito jovem para aquele tipo de ambiente...

– Está falando sério? Está me dando um sermão?

– Estou.

– Não pode me dar sermão!

– Eu posso sim! Posso quando você age com irresponsabilidade e acontece o que aconteceu ontem e...

– Só pode estar de brincadeira! Não vou admitir que brigue comigo! Que me passe sermões, quem você pensa que é? Não é meu pai! – Grito.

– Certamente não sou seu pai – sua voz sai amarga, quero que ele engula aquele amargor e morra engasgado.

Por um momento a consciência da minha própria amargura me deixa zozza e irritada comigo mesma.

– Então me deixe em paz! – Grito, lhe dando as costas e subindo para meu quarto.

Eu não volto a descer naquela noite e, quando finalmente consigo

NACIONAIS-ACHERON

adormecer, sonho com Lukas.

Não é o Lukas frio dos meus antigos sonhos.

É o Lukas sedutor e vestido de preto da boate. Como naquela noite os encontro no corredor. Lukas e Alexia.

E eles se beijam e se consomem.

Quero correr, por mais que eu tente não me movo, meus pés pareciam grudados no chão.

Acordo na manhã seguinte com imensas olheiras e com péssimo humor pela noite mal dormida.

Me arrumo para a escola mecanicamente e desço para encontrar Mary que sorri pra mim na cozinha.

– Tome café.

Eu me sento e me obrigo a comer, apenas para não ser indelicada com sua gentileza, assim que disfarço o suficiente, me levanto pegando minha mochila e me despeço pra ir à escola. Quando chego ao jardim me lembro que não tenho carro e preciso decidir qual carro Constantini usar, já que provavelmente Denise precisará do dela pra ir à faculdade.

Quando me viro para entrar, me surpreendo ao ver Paul saindo da casa.

Ele parece surpreso quando me vê também.

– Mia... é, oi.

Eu franzo a testa.

– O que faz aqui?

– Bem... eu...

Então eu entendo.

– Você dormiu aqui?

– É... Sim.

– Oh meu Deus, estava com a Denise!

Paul dá de ombros, sorrindo.

– Me pegou.

– Nossa, é surpreendente!

– Adoraria ficar e levar um papo com você, mas preciso ir, me

esperam na Constantini, já que fui dispensado dos meus trabalhos aqui.

– Você poderia me levar à escola, então?

– Achei que ia dirigir o próprio carro.

– Meu carro quebrou.

– Neste caso, estou à disposição – ele faz uma mesura e me leva até o carro.

Nós seguimos uma parte do caminho em silêncio eu ainda estou digerindo o fato de que a sofisticada Denise está transando com o motorista.

– Lukas sabe que está transando com a irmã dele?

– Se souber, provavelmente estarei no olho da rua, acredito.

– Bom, vocês são maiores de idade, imagino que não é da conta do Lukas com quem a irmã dele fica.

– Pode até ser. Eu ainda sou seu empregado e imagino que ele não vai curtir muito ver a preciosa irmã comigo. Além do mais, não quero enfurecê-lo. Estou almejando um cargo de segurança na Constantini.

– Ah é? Não quer ser motorista?

– Só aceitei o cargo de motorista pra conseguir mais facilmente entrar pra equipe de segurança.

– E acha que transar com a irmã do presidente da empresa vai facilitar?

– Não estou transando com a Denise para conseguir um cargo – ele parece meio ofendido.

– Está apaixonado por ela?

– Quem sabe? Nos conhecemos há um minuto e ela é gostosa. Por enquanto é o que eu sei.

– Boa sorte pra você então – eu salto quando chegamos ao colégio.

O dia na escola é um inferno. Infelizmente hoje tenho Educação física e sou obrigada a jogar vôlei justamente contra o time de Janini, que não vai muito com a minha cara ultimamente e imagino que tenha a ver com Zac Smith. Sou alvejada por uma bola na cara no fim do primeiro tempo. O que me obriga a ir para a enfermaria e ficar por lá um bom tempo e, quando me olho no espelho, gemo desalentada ao ver que provavelmente ficará roxo.

E, se eu imaginava que meu dia já estava ruim o suficiente, realmente

não fazia ideia que podia piorar. Quando saio vejo um reluzente carro preto parado no estacionamento e Lukas Constantini me esperando em frente a ele.

E por que ele parece tão lindo, encostado no carro distraidamente com a mão nos bolsos da calça impecável e o vento bagunçando os cabelos escuros?

Eu fecho meus punhos no bolso do moletom, furiosa com aquela atração estúpida que me faz ter vontade de correr na direção dele.

– O que está fazendo aqui? – Pergunto friamente ao me aproximar.

Seu olhar muda, de distraído para preocupado, quando dá alguns passos em minha direção e toca meu rosto.

– O que foi isto? Está machucada? O que aconteceu?

Eu empurro suas mãos, ignorando a sensação de calor que elas causaram em meu rosto.

– Não ponha a mão em mim!

– Ei, calma! – Ele levanta as mãos, parecendo chocado com meu grito. – Só queria saber o que aconteceu, você está machucada!

– Estou bem! Foi apenas um acidente na aula de Educação Física.

– Acidente? Parece que levou um soco.

– Levei uma bola na cara! Por que está aqui?

– Paul me contou que te trouxe pra escola porque estava sem carro. Ele não poderia te buscar porque Denise pediu que a levasse a um evento de caridade.

Eu rolo os olhos, incrédula com a cara de pau daqueles dois. Lukas não fazia ideia do que estava rolando.

– Não explica o motivo de você estar aqui.

– Eu vim te buscar, obviamente.

– Não me parece nada óbvio. Com certeza você deve ter coisas mais importantes pra fazer do que ficar servindo de motorista.

– Pode até ser, também queria me certificar que estava bem, depois de ontem. Queria te pedir desculpas.

Cruzo os braços e fico olhando para meus pés, sem saber o que dizer. Eu estava realmente surpresa por ele se abalar até ali para me pedir desculpas.

Se ao menos as desculpas fossem pelo que realmente tinha me

NACIONAIS-ACHERON

machucado...

Lembrar dele com Alexia faz minha mágoa renascer, respiro fundo voltando a encará-lo com um olhar duro.

– Desculpado. Apenas não ouse mais agir como se mandasse em mim. Agora vamos logo embora.

Eu abro a porta do carro e entro sem esperar por ele.

Lukas dá a volta e senta no banco do motorista, dando partida. O percurso até a casa é feito em silêncio até que ele liga o som, ouvir aquelas músicas me faz lembrar de quando estávamos em seu apartamento e ele foi muito legal comigo. E eu havia pensado que...

Eu bufo, irritada, estendendo a mão e desligando o som.

Lukas me lança um olhar questionador.

– Estou com dor de cabeça.

Eu penso que estarei livre dele então, quando chegamos, Lukas salta atrás de mim.

– Ei, Mia, ainda está com dor de cabeça?

– Não, já melhorei.

– Acho que talvez devesse ir ao médico para ver este machucado.

– Já falei que não é nada. Estou bem.

– Tem certeza? Eu posso levá-la se quiser...

Eu me viro irritada.

– Eu não quero.

Ele franze os olhos.

– Você ainda parece brava comigo. É por causa da briga de ontem? Eu já pedi desculpas por ter agido com você daquela maneira, só fiquei preocupado...

– Ah, Lukas, vamos voltar a este assunto? Esquece, eu já esqueci! Eu não estou brava com você – minto. – Estou apenas cansada da escola e querendo que logo tudo isto acabe!

– Falta pouco para terminar as suas aulas, não é? Já recebeu a resposta de Yale?

– Ainda não. Agora se me der licença, quero subir e descansar.

– Tudo bem.

Eu subo me refugiando no quarto, me pergunto se ele foi embora, quando ouço uma leve batida na porta e Mary entra com uma bandeja.

– Lukas disse que podia estar indisposta. O que aconteceu com seu rosto?

Ela se aproxima olhando meu olho roxo.

– Levei uma bolada.

Ela sorri.

– Tome este remédio. Vai ser bom pra dor de cabeça.

– Não estou com dor...

– Pode ter dor por causa disto. E coma tudo! Vou ficar de olho em você. Lukas deixou ordens expressas para que a levasse ao médico se fosse preciso.

Eu reviro os olhos.

– Lukas está exagerando.

– Ele me pareceu preocupado. Ele é assim mesmo. Pode não parecer, quando uma das irmãs dele se machuca ou fica doente, é muito cuidadoso com elas também. É um garoto muito bom.

Eu sorrio amarelo, não querendo discordar de Mary.

Ela finalmente me deixa em paz e eu durmo a tarde inteira quando desço pra jantar, encontro Taylor e Denise.

– Nossa, que aconteceu com seu rosto? – Taylor pergunta horrorizada.

– Se meteu em alguma briga? – Denise ri.

– Um acidente na aula de educação física – respondo.

– Nossa, está bem feio. Se quiser eu posso fazer uma maquiagem...

– Não precisa.

– Devia aceitar, parece que levou um soco – Denise critica. – Aliás, você deu um trabalhão no sábado, hein? Agora sabemos que teremos que te ensinar a beber pra não dar vexame.

– Eu não bebi demais! – Afirmo e as duas riem.

– Não deve ter bebido muito mesmo, pra quem não está acostumada um pouco já é veneno! – Taylor sorri. – Da próxima vez...

– Não haverá próxima vez – corto.

– Por que não? – Denise indaga. – Ah, já sei, é coisa do Lukas, não é? Ele é um chato, eu acho que...

– Não tem nada a ver com o Lukas. Eu só descobri que não gosto – meu apetite vai embora e me levanto da mesa. – Eu vou dormir.

Ao descer para ir à escola na manhã seguinte, Taylor está me esperando na ponta da escada.

– Vem comigo até a garagem? Você precisa escolher um carro pra usar.

Eu a acompanho porque tenho mesmo que ter um carro pra ir à escola até que o meu fique pronto.

Eu fico abismada por ver, além do Porsche de Taylor e a BMW de Denise, mais três carros.

– Pra que tudo isto?

Taylor ri e dá de ombros.

– Lukas gosta de carros. E nós também. Agora pode escolher qualquer um.

Meus olhos vão pra uma picape Toyota.

– Acho que quero a picape.

Taylor me joga uma chave.

– É toda sua! Eu e Denise vamos ao cinema hoje à tarde. Não quer ir com a gente? – Taylor pergunta.

– Não, obrigada – respondo entrando no carro.

Não quero amizade com as irmãs do Lukas. Do mesmo jeito que não quero amizade com o próprio Lukas.

Eu quero distância de toda família.

Nos dias que se seguem, eu não preciso fazer esforço para me afastar, porque parece que eles entenderam o recado.

Ainda vejo Taylor e Denise pela casa, compartilhamos algumas refeições e algumas palavras educadas, Lukas nunca mais apareceu.

Eu sinto alívio.

Também sinto um pesar irritante. Tenho vontade de dar socos na

minha consciência cada vez que lamento sua ausência.

Eu passo pelas provas finais e o dia da formatura se aproxima cada vez mais. E com isto as férias. Minha mãe me disse que quer ir pra Miami, visitar amigos na cidade e eu estou bem inclinada a ir com ela.

De maneira alguma eu passaria dois meses ociosos naquela casa.

Naquela tarde visito meu pai que continua na mesma e depois vou pra casa da minha mãe. Ela está muito animada quando me recebe na porta e me dá um envelope. Eu ofego ao ver que é de Yale.

– Vamos, abra!

Eu abro ansiosa e solto um grito ao ver que fui aceita.

Minha mãe me abraça muito feliz.

– Queria que seu pai estivesse aqui para ver. Ele iria ficar muito orgulhoso.

– Não fale como se ele tivesse morrido, mãe – digo com o peito apertado, Andrea acaricia meu cabelo com um sorriso triste.

– Temos que estar preparadas, querida.

– Eu não quero estar. Ele vai ficar bem – falo com uma convicção que no fundo não sinto. Só que não quero admitir.

O dia da minha formatura finalmente chega e recebo meu diploma com uma sensação de alívio e ao som dos aplausos de Andrea.

– Ei, Mia. Vamos a uma festa hoje na casa do Smith, você vai? – Louise me aborda ao final da cerimônia.

– Hum... Não vai dar.

– Por que não? Vai ser divertido. Última festa do colégio!

– Eu não posso – minto.

– Ah, que pena. Me liga se mudar de ideia, iremos juntas.

– Pode deixar. – Eu me despeço indo procurar a minha mãe, fico chocada quando a encontro e vejo Lukas com ela.

Ele sorri comedido para mim, como se receasse minha reação ao vê-lo.

Eu ignoro as borboletas no meu estômago e me concentro na raiva.

Era muito mais seguro.

– Parabéns Mia!

– Obrigada. Estou surpresa de vê-lo aqui.

– Lukas nos convidou para jantar. Ele quer conversar com a gente sobre os arranjos para Yale.

– Eu não posso. Tenho uma festa na casa de uns amigos – digo rapidamente.

– Festa? – Lukas levanta a sobrancelha com um olhar estranho e eu o encaro desafiadoramente.

– Sim, uma festa. Com pessoas da minha idade e diversão. Algum problema?

– Não, claro que não – ele responde por fim. – Bom, eu preciso ir.

E sem mais, ele se afasta.

– Vai mesmo numa festa? Achei que íamos jantar juntas – Andrea reclama.

– Sim, eu vou. É uma festa de despedida.

– Tudo bem. Tome cuidado, hein?

– Eu sempre tomo.

Eu digo a mim mesma que vou me divertir esta noite com meus amigos enquanto estou indo pra casa de Zac. E não vou me lembrar do olhar de censura de Lukas. Não mesmo.

Quando chego à festa, Louise me abraça na porta.

– Vem, vamos entrar e nos divertir!

Enquanto as horas passam, eu percebo que não estou me divertindo. Eu nunca tinha ido naquelas festas do colégio. Nunca me atraiu me juntar com um bando de adolescentes e beber até cair e beijar bocas desconhecidas.

Eu simplesmente achava aquilo muito imaturo e uma perda de tempo.

Louise havia sumido com seu namorado e eu tentava conversar com um garoto que a toda hora tentava passar a mão em mim, o que já estava ficando bem irritante. Então eu dou uma desculpa e, jogando o copo de cerveja que estava intocado na minha mão numa planta da sala de Zac, me dirijo à porta.

– Mia, já vai? – Zac corre atrás de mim no estacionamento.

– Sim, está tarde.

– A festa nem começou direito! – Ele ri já meio bêbado.

– Eu imagino – digo com ironia. – Quero mesmo ir embora. Divirtam-se.

Ele sorri de uma maneira esquisita, me avaliando.

– Você sempre foi uma garota estranha, Mia Agnelli.

– Por que diz isto? – Indago incomodada.

– Você parece não pertencer a lugar algum. Espero que encontre o que almeja.

Eu lhe dou as costas, ignorando suas palavras de bêbado e entro no carro.

Enquanto dirijo pela noite escura me pergunto se ele tem razão. Eu realmente me sinto alheia a tudo. Pelo menos àquele mundo adolescente ao qual deveria pertencer.

Também eu não pertenço ao mundo adulto de Lukas e suas irmãs.

Eu não pertenço a lugar nenhum mesmo.

Ainda estou perdida em pensamentos quando chego ao portão da casa Constantini e os seguranças me cumprimentam quando passo, arregalo os olhos surpresa ao ver alguns carros parados na porta e a casa toda iluminada.

Desço do carro e, antes mesmo de entrar, escuto uma música alta e som de vozes animadas. Que diabos está acontecendo? Minha pergunta é respondida quando vou pra área da piscina e pelo menos umas vinte pessoas estão por ali. Todas rindo, dançando e bebendo.

Está rolando uma festa.

– Ei Mia, junte-se a nós! – Taylor aparece saltitando e de biquíni dourado.

– O que está acontecendo Taylor?

– Uma festa, oras!

– Olha só quem apareceu! – Denise caminha ao lado de Adam de salto alto, vestido branco quase transparente e uma bebida na mão.

– Estou vendo que estão dando uma festa, por que não me avisaram? Estou surpresa de chegar em casa e ver tudo isto...

– Você anda sumida, pensamos que nem ia se importar! – Denise sorri com ironia e então eu a vejo se aproximando atrás dela.

Alexia Duran. De biquíni vermelho e sorridente.

– O que ela está fazendo aqui? – Eu não consigo evitar que toda minha raiva venha à tona.

– Ah, já conhece a Alexia, não é? – Denise sorri.

– Mia, hoje é aniversário da Alexia a festa é pra ela – Taylor explica.

– O quê? Estão dando uma festa pra... ela? – Eu queria falar pra esta puta, mas me calo a tempo. No entanto, não consigo parar as borbulhas de raiva e indignação dentro de mim.

– Qual o problema? – Denise exclama. – Vai ficar chateada porque não a convidamos? Achei que não queria mais participar de nada com a gente...

– Por que está irritada Mia? – Taylor pergunta confusa.

– Estou brava porque eu moro aqui e poderia ter sido consultada se iam dar uma festa!

– Ai, que exagero – Denise rola os olhos.

– Coitadinha Denise – Alexia resolve se manifestar. – Ela é só uma garotinha, com certeza fica assustada com festas deste tipo! Vai dormir querida, a gente promete diminuir o som...

Ah, foi o que faltava para minha raiva explodir de vez.

– Quer saber, chega! – Eu caminho decidida até o aparelho de som e desligo com um safanão.

Escuto alguns sons de desagrado, ignoro.

– Todos pra fora, a festa acabou!

– Está maluca? – Denise fala chocada.

– Mia, não precisa... – Taylor tenta me acalmar.

– Eu disse, todos pra fora. Agora! – Grito.

– Não pode fazer isto! – Denise grita vindo na minha direção.

– Posso sim, esta casa é minha e, se estas pessoas não forem embora, eu chamo os seguranças para colocar todo mundo pra fora!

– Melhor a gente dar o fora, galera – Adam diz sabiamente, percebendo a tensão e os convidados começam a dispersar.

Alexia continua parada no lugar, como se estivesse petrificada.

– Não ouviu o que eu disse? – Eu a encaro. – Fora da minha casa!

Adam segura o braço dela e sai puxando.

Quando todos se foram, Taylor e Denise me encaram com raiva.

– Não precisava ter feito isto! – Denise diz. – Esta casa nem é sua de verdade...

– Esta casa é mais minha do que sua enquanto eu estiver casada com Lukas! E eu escolho quem entra aqui!

– Você nem é casada de verdade, Mia – Taylor começa, eu a corto.

– Não interessa! Se estiverem insatisfeitas, podem fazer as malas e seguir a amiguinha vadia de vocês. Pouco me importa! – Esbravejo antes de me afastar, indo direto para meu quarto.

Eu não sei o que deu em mim, mas me sinto muitíssimo bem.

De maneira alguma eu ia aguentar aquela Alexia me chamando de criança. Não ia mesmo! E se as irmãs do Lukas a preferiam, que fossem pra Aspen atrás dela! Ou pro inferno.

Eu deveria saber que eu tinha passado do limite, quando escuto uma batida forte na porta e em seguida Lukas entra me encarando irado.

Capítulo 13

Mia

Eu sustento seu olhar, sem medo.

No fundo, eu sabia exatamente o que tinha feito e todos os limites que eu tinha ultrapassado, porém sentia-me energizada.

Como se fosse exatamente disto que eu estivesse precisando. Chutar o pau da barraca, como diziam.

– O que aconteceu? – Ele pergunta devagar, como se estivesse contendo a fúria.

Eu cruzo os braços em frente ao peito e dou de ombros.

– Aposto que uma das suas irmãs já explicou se veio me dar bronca.

– Eu não vim te dar bronca, inferno! – Ele respira fundo depois de praguejar, como se obrigasse a manter a calma. – Eu recebo uma ligação irada de Denise que me diz que você enlouqueceu e o que quer que eu pense? Eu só quero entender que porra aconteceu aqui!

– Ela não te deu detalhes?

– Sim, ela gritou detalhes com a voz estridente no meu ouvido, pontuados com: "aquela vadia louca que você trouxe pra casa surtou e expulsou todos nossos convidados da festa".

Eu solto uma risada sem humor.

– Acho que foi bem isto.

– E por que diabos você faria uma coisa desta? – Ele parece abismado.

– Eu moro aqui e não sou obrigada a aceitar suas irmãs dando festas sem ao menos me consultar!

– E por que elas iriam te consultar se nem fala com elas?

– Quem disse que eu não falo com elas?

– Eu posso não morar aqui, mas sei bem como se comporta Mia! Taylor e Denise vêm tentando se aproximar de você, que as tem ignorado ou evitado.

Eu mordo os lábios, com o rosto tingido de vermelho culposos, porque é a mais pura verdade.

Eu realmente evito as irmãs adotivas de Lukas.

– Então elas são suas espiãs? Passam relatórios dos meus passos na casa?

– Não seja exagerada! Você sabia que eu queria que morasse aqui com elas pra não ficar sozinha! Claro que eu ia querer saber o que faz!

– E por quê? Duvido que se importe!

– Você está fugindo da discussão em pauta! Eu quero saber por que acabou com a festa delas? Se ficou irritada porque não te convidaram...

Deus, aquilo soou tão infantil, que eu fico vermelha de indignação.

– Eu não ligo pra isto! Pelo amor de Deus, eu lá quero ser convidada pra alguma festa das suas irmãs?

– E por que faz tanta questão de se afastar delas? Eu não entendo Mia! Eu achei que estavam se dando bem até o dia em que foram à boate. Se for por isto que está chateada com elas, pelo o que aconteceu com você...

– Isto não tem nada a ver com o motivo de eu estar chateada! – Corto tarde demais, me dando conta de que minhas palavras confirmam que sim, eu estou chateada com algo.

– Então com o que está chateada?

Eu tenho vontade de dizer exatamente o motivo do meu surto. O motivo de que eu tenho me mantido afastada não só de Taylor e Denise, como também dele.

Eu simplesmente não conseguia lidar com aquela realidade na qual existia Alexia Duran.

Não posso dizer nada disto. Se disser, estarei dando abertura para Lukas descobrir exatamente como me sinto em relação a ele.

E Lukas jamais poderá saber.

– Com nada! – Acabo dizendo – Ou melhor, com tudo! Acha que é

fácil pra mim? Acha que estou amando viver longe da minha mãe, tendo meus passos vigiados, tendo que conviver com suas irmãs que são de um mundo completamente diferente do meu? É difícil desejar me aproximar delas! É óbvio que elas me suportam porque você exige que o façam!

Ele respira fundo, passando a mão pelos cabelos, pensativo.

– Eu não tinha ideia de que estava tão chateada.

Eu não falo nada, desviando o olhar para meus sapatos, tentando conter a umidade em meus olhos.

Não quero parecer vulnerável na frente dele.

– Mia, olhe pra mim – ele insiste numa voz suave que me deixa mole por dentro.

Mil vezes inferno, eu obedeço.

– Você não quer mais viver aqui com Denise e Taylor?

– Acho que não faz diferença agora se em pouco tempo eu estarei na faculdade.

– Mesmo assim, eu não quero que se sintam mal por nada.

Ele se aproxima e tira um molho de chaves do bolso, do qual destaca uma das chaves.

– Pegue.

Eu pego a chave da sua mão com um olhar interrogativo.

– Esta é a chave do meu apartamento. Você pode ir pra lá quando quiser.

– Eu não posso... é sua casa...

– Entenda uma coisa, qualquer casa que eu tenha é sua casa também.

Eu engulo em seco, tentando ignorar as batidas firmes do meu coração e uma estranha emoção fechando minha garganta.

– Obrigada – sussurro, sem conseguir encará-lo.

A sensação de poder que a discussão com as irmãs tinha me dado se dissipa e, em seu lugar eu me sentia fraca como um bebê com a atitude de Lukas.

O pior é que eu queria me aproximar, passar meus braços a sua volta e pedir que ele me abraçasse, que tirasse aquela sensação de desolação de dentro de mim. Aquela sensação de solidão que eu sentia nos últimos dias.

Eu sei que não posso mais me aproximar dele. Porque no fundo, eu não quero só sua amizade e proteção.

E é só isto que Lukas está disposto a me dar.

O que eu queria que ele me desse estava reservado para Alexia Duran.

Engulo de novo a vontade de chorar.

– Me desculpa por ter feito escândalo na festa das suas irmãs. – sussurro por fim.

– Tem que pedir desculpas a elas, não a mim.

– Eu farei. Acho que... elas ficarão aliviadas por saber que eu vou viajar em poucos dias.

Ele franze a testa.

– Vai viajar?

– Sim, vou com a minha mãe pra Miami. Ela quer visitar uns amigos.

– Certo. Nós conversaremos sobre sua mudança quando voltar.

– Tudo bem.

– Eu preciso ir. Pode me ligar se precisar de qualquer coisa.

– Eu não precisarei de nada.

Ele ainda permanece ali por alguns instantes, como se quisesse dizer algo e me lembro que, provavelmente, não o verei por mais de dois meses.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me dá as costas e sai do quarto.

No dia seguinte, eu engulo o orgulho e peço desculpas a Denise e Taylor.

– Você foi totalmente ridícula ontem, sabe disto não é? – Denise diz com acidez.

– Eu sei. Por isto estou pedindo desculpas. Não vai acontecer novamente.

– É bom mesmo! – Resmungo, enquanto lixa a unha.

Taylor se aproxima e segura meus ombros.

– Não entendo por que odeia a gente.

– Eu não odeio vocês. Apenas...

– Só odeia isto tudo, não é? – Ela dá um sorriso de entendimento e eu

apenas assinto.

– Quase isto.

– Bom – ela se afasta, pegando uma revista de moda – acho que no seu lugar sentiria o mesmo.

Uma semana depois eu viajo para Miami com a minha mãe. E, para minha surpresa, quando chegamos lá sou recebida no aeroporto por Paul.

Ele sorri ao pegar nossas malas.

– O que está fazendo aqui? – Pergunto boquiaberta.

– Ordens do patrão – ele sorri pra minha mãe. – Olá, eu sou Paul, estarei à disposição de vocês enquanto estiverem aqui.

– Sabia disto? – Pergunto a minha mãe quando entramos no carro e ela coloca os óculos escuros.

– A secretária de Lukas me ligou na semana passada e disse que já tinha acertado tudo para nossa estadia em Miami. Deve saber que ele até alugou uma casa para nós.

Eu arregalo os olhos.

– Jura?

– Pois é. Poupou-nos um monte de dinheiro, não ia dizer não. E vamos combinar que ter um motorista a nossa disposição vai ser ótimo!

Eu tento achar tudo aquilo "ótimo", só me sinto um tanto sufocada.

Quando Paul estaciona em frente à casa que mais parece uma mansão, eu o encaro me dando conta de mais uma coisa.

– Aposto que Denise deve me odiar ainda mais agora que eu "roubei" seu namoradinho por dois meses.

Ele solta uma gargalhada.

– Acho que conhece Denise melhor do que eu imaginava!

Eu acabo sorrindo também.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Lukas

Eu sentia que não tinha moral nem comigo mesmo.

Que tipo de imbecil sem nenhum senso de preservação eu havia me tornado?

Eu tinha prometido a mim mesmo me afastar, ficar longe para o bem da minha sanidade mental. E também para me livrar daquele tesão sem noção que eu sentia por Mia.

Eu fui embora naquela manhã após a boate, depois de mal pregar o olho a noite inteira, disposto a cumprir minha palavra.

Meu celular estava cheio de mensagens de Alexia quando me lembrei de verificar e soltei um palavrão ao me recordar que a deixei sozinha na boate sem nenhuma explicação. Eu deveria ligar pra ela e pedir desculpas, como meu humor não estava dos melhores, apenas digitei uma mensagem pedindo desculpas e explicando que Mia havia passado mal e que tivemos que ir embora.

Eu me surpreendi quando Alexia respondeu com um: "Não fazia ideia de que Mia estava com vocês. Ela tem idade pra frequentar este tipo de lugar"?

Eu quis até responder que não era da conta dela, optei por ignorar. Na verdade Mia não tinha mesmo idade pra frequentar boates.

Eu decidi correr, apesar da chuva que caía, pra tentar limpar minha mente, no entanto, minha atitude na noite anterior insistia em me atormentar, me enchendo com uma ressaca moral que não sentia há muito tempo.

Eu não deveria ter transado com Alexia. Ela era encrenca. Inferno, não foi por isto que eu a descartei quando precisei de alguém para me casar?

Então por que diabos eu tinha trepado com ela como um cachorro no cio sem pensar nas consequências?

Eu sabia a resposta, claro. Esta realização deixou com um gosto ocre na minha garganta. Era tudo culpa daquela minha pequena e inconveniente obsessão por uma garota tão desejável quando proibida.

NACIONAIS-ACHERON

Era mesmo uma puta de uma ironia que eu pudesse ter qualquer uma e estava morrendo exatamente por aquela que nunca poderia ter.

Quando cheguei em casa Denise me ligou dizendo que Alexia estava ligando pra ela perguntando por mim.

– Você não disse que a encontrou com ontem à noite...

– Não preciso te contar tudo. Além do mais, sabia que ela ia contar.

– E o que aconteceu? Vocês ficaram? Alexia não quis me dizer.

Eu me senti aliviado, pelo menos Alexia estava sendo discreta.

– Mia está aí? Como ela está? – Desconversei, aproveitando para saber de Mia.

– Ela saiu cedo. Não faço ideia de onde foi.

– Como não sabe aonde ela foi?

– Lukas, eu não sou babá de sua esposa de mentirinha, ok? Vai se foder! – E desligou na minha cara.

Eu tomei um banho e resolvi ir até a casa do lago e esperar por Mia. Eu ainda estava preocupado com ela. Mia não era o tipo de garota que frequentava festas e bebia, pelo o que eu tinha percebido. Pensar que ela se embebedou a ponto de desmaiar, me enchia de pavor.

Quando chegou em casa me tratou friamente, ainda ficou irritada quando lhe dei um sermão sobre bebida e me deixou falando sozinho. A vontade que tinha era de ir atrás dela e obrigá-la a me ouvir. Obrigá-la a entender que eu só queria o seu bem-estar. Certamente Mia não estava interessada naquele tipo de preocupação, então eu fui embora.

Na manhã seguinte, eu me encontrei com Taylor e fomos a uma concessionária.

– Vamos comprar um carro novo? – Ela perguntou animada.

– Vamos comprar um carro para Mia.

– Hum, e ela vai aceitar? Acho que ouvi você e Denise comentando que ela não queria um carro novo...

– Nós não vamos contar que o carro é novo.

– Ah, estou começando a entender – ela sorriu.

Então ia ser assim. Eu cuidaria de suas necessidades. Não deixaria que lhe faltasse nada. E me manteria o mais longe possível.

Longe da tentação.

Meus planos foram para escanteio, quando encontrei Paul na sede da Constantini e ele perguntou se deveria buscar Mia na escola.

– Por que teria que buscá-la?

– Ela está sem carro, não é? Eu a levei para a escola hoje de manhã. Como eu tenho um compromisso com a, é... a senhorita Denise.

– Minha irmã?

– Sim, ela pediu que eu a buscasse para levá-la a um evento de caridade, acho.

– Tudo bem – respondi distraído – eu busco a Mia.

– Eu posso perguntar se temos algum motorista disponível...

– Eu cuido disto, Paul – respondi, dispensando-o com um olhar que não admitia discussão.

Então fui atrás dela, de novo.

O que dizia a mim mesmo era que eu queria me certificar que estava tudo bem com ela depois da experiência de sábado, ontem a noite ela me pareceu irritada.

Novamente ela parecia brava comigo, o que me obrigou a pedir desculpas pelos sermões que lhe passei.

Também fiquei irritadíssimo com a contusão no seu rosto, que ela insistia não ser nada, no entanto, o que eu podia fazer?

Apenas pedi para Mary cuidar dela e levá-la ao médico se fosse necessário.

Naquela tarde liguei para Mary algumas vezes para saber se ela estava bem, o que a deixou um tanto irritada.

– Lukas, me deixe fazer meu serviço! Pare de ficar ligando e atrapalhando. Que coisa! A menina está bem!

Fiquei satisfeito no dia seguinte, ao receber uma ligação de Taylor dizendo que Mia nem desconfiou de que o carro que estava usando era novo e comprado especialmente pra ela.

– E como está tudo aí? – Perguntei evasivo.

– Hum, se quiser saber como Mia está eu não sei.

– Como assim não sabe?

– Ela tem estado estranha com a gente. Nós a convidamos pra ir ao cinema, por exemplo, ela não quis. Denise diz que devemos ficar longe dela, que é o melhor que fazemos. Eu acho que ela não gosta da gente, sinceramente.

– Dê um tempo a ela. Mia ainda é muito nova.

– Sim, foi o que eu disse a Denise. Ela é só uma adolescente. Acho que basta deixá-la sozinha por um tempo. Embora eu tenha muita vontade de levá-la para fazer compras – acrescentou com um risinho.

Alguns dias depois eu não pude mais ignorar Alexia Duran, Megan entrou na minha sala quando eu despachava alguns documentos com Danielle.

– Lukas, uma tal de Alexia Duran está insistindo em falar com você.

Eu soltei um palavrão que fez Danielle e Megan trocarem olhares entre divertidos e curiosos.

– Olha eu já disse a ela que não poderá falar com você sem marcar horário, ela é bem insistente e disse que é pessoal e que você, quais foram mesmo suas palavras? "Me demitiria se não o avisasse da presença dela aqui".

– Certo. Peça pra ela aguardar enquanto eu termino, falarei com ela depois.

Assim que Megan saiu, Danielle me encarou brincalhona.

– Namorada nova?

– Que namorada, Danielle, não inventa!

– Nossa, por que tanta indignação? Vai me dizer que é por ser um cara casado?

Isto me irritou ainda mais.

– Não sou casado de verdade, sabe muito bem!

– Estou brincando! Na verdade, eu estava mesmo curiosa pra te perguntar como está sendo? Como está seu casamento de mentira com a tal Mia Agnelli?

– Não tem nada pra saber. Como disse, é tudo de mentira! Ela está morando com as minhas irmãs.

– E esta Alexia seria o que, então?

– Não é nada.

– Sei... Um nada que você leva pra cama.

"Ou para a parede de boates, pra ser mais preciso", minha consciência resmungou.

Apesar de Danielle ser minha amiga, eu não me sentia à vontade para contar a ela. Muito menos o que andava sentindo por Mia.

– Terminamos? – Perguntei e ela assentiu, se levantando.

– Sim. Acho que conseguimos adiantar bastante coisa não sentirá minha falta nas férias – ela disse satisfeita.

– Ainda não me disse para onde vai viajar.

– Nós vamos pra Europa – ela sorriu – Jack sempre quis conhecer a Inglaterra.

– Hum, um mês na Europa, acho que estou te pagando muito bem – comentei a contragosto, ao pensar em Jack usufruindo deste dinheiro.

– Na verdade Jack está bancando a viagem, não seja maldoso.

– Está? Como se ele nem emprego tem?

– Ele tem investido. Alguns negócios deram certo.

– Sério? Talvez possamos conversar sobre esse assunto algum dia...

– Claro. Assim que você parar de ser chato e aceitá-lo como amigo. Ele é um cara legal, Lukas.

– Se você está dizendo...

Assim que ela saiu da sala, Alexia entrou.

Estava usando um vestido verde curto e tinha um sorriso nos lábios.

– Olá!

– Oi, Alexia.

– Espero que não tenha ficado irritado por eu ter vindo te visitar. Eu venho te ligando todos os dias e você não responde.

– Estou ocupado.

– Ocupado ou me evitando? – Ela me surpreende indo direto ao ponto. – Lukas, não vamos ficar com rodeios. Eu sei muito bem o que está rolando.

– E o que está rolando?

– Denise me contou sobre seu... casamento. Se é que posso chamar assim.

– Desde quando você sabe?

– Não se irrite com a sua irmã. Sei que, devido à situação inusitada, deve ser um segredo, embora eu me pergunte, sendo você quem é até quando vai conseguir esconder.

– Não acho que seja da sua conta.

– Claro que não.

– Então por que está aqui?

Ela se inclinou pra frente com os olhos brilhando.

– Eu vim te dizer que não me importo. Eu entendo que precisou se casar com aquela garotinha por causa do dinheiro. Acho que até te admiro por isto – seu sorriso é de um leopardo. – Eu sou discreta, Lukas. E nada exigente. Se quiser repetir o que aconteceu na boate, estou interessada. Muito. Não vou te cobrar nada, porque sei o que está em jogo pra você.

Então ali estava. A proposta de Alexia.

Sexo fácil, sem compromisso.

Não podia negar que uma parte de mim estava pronta para concordar. Afinal, era tudo o que eu precisava no momento, não é?

Também sabia que Alexia não me inspirava confiança.

– Eu agradeço sua... disposição, não estou interessado.

Seu sorriso se desfez.

– Não deveria me jogar pra escanteio com tanta facilidade.

– Me desculpe – eu digo sendo quase sincero – não quis ser grosseiro.

– Mas foi.

– Olha Alexia, eu apreciei nosso momento na boate. Você é uma mulher bonita, só que neste momento eu estou focado na Constantini.

– Você não vai trepar com a Constantini quando tiver vontade!

Eu tenho que rir, porque ela tem razão.

– Bom, quando eu tiver vontade como diz, eu tenho certeza que acharei alguém disponível.

– E por que não eu?

– Acho que nós dois sabemos – respondo e ela pisca algumas vezes.

Será que ela achava que eu não tinha percebido?

Ela se levantou, juntando sua dignidade.

– Claro. Disponível existe um monte. No entanto, alguém como eu, que sabe da verdade e que mesmo assim não se importa e está realmente interessada em você, não vai encontrar. Passar bem, Lukas!

E ela saiu da sala com seus saltos batendo no chão.

Deixando-me com um pressentimento ruim com suas palavras.

Para piorar, naquela noite Denise me ligou para contar do surto de Mia.

Por um momento eu me recusei a acreditar. Aquilo simplesmente não combinava com ela, peguei o carro e fui para casa para encontrar Mia trancada no quarto, nem um pouco arrependida do que tinha feito.

E inferno, eu me senti realmente muito mal quando ela disse que estava chateada com tudo. A culpa varreu meu peito e, por um momento, me arrependi amargamente de ter arrastado aquela menina para este malfadado casamento.

Infelizmente era tarde. Nós dois estávamos presos àquele contrato e eu tinha que arcar com as consequências.

Foi assim que me vi dando a chave do meu apartamento pra ela, sem pensar nas consequências. Naquele momento enquanto ela me encarava com os olhos cheios de tristeza, eu daria qualquer coisa para tirar aquela expressão de seu rosto.

Para vê-la feliz de novo.

Ela queria ir pra Miami?

Eu mandaria alugar a melhor casa que encontrasse e designaria Paul para ficar a sua disposição pedindo a ele que ficasse de olho nela.

Ele me passava relatórios regulares sobre sua estadia em Miami.

– Elas visitam pontos turísticos e muitos amigos da mãe dela. A mãe sai sozinha também, algumas vezes com um tal de Mark.

– Mark?

– Sim, um cara mais jovem, bonitão. Parece que elas o conheceram num clube de campo que foram na semana passada.

– E Mia, conheceu alguém? – Perguntei só por curiosidade, claro.

– Ela lê bastante, toma banho de piscina. Parece que adora o sol. Fica bastante tranquila, na verdade. Só sai com a mãe e os amigos.

Assim, dois meses se passaram.

E aqui estou eu.

No aeroporto de New Haven. Esperando ansiosamente a chegada do seu voo.

Obviamente não havia a menor necessidade de eu esperá-la. Eu havia comprado o apartamento e mandado preparar tudo pra sua chegada.

Como tinha passado duas semanas em Nova York, tratando de negócios, não pude acompanhar os preparativos para sua mudança. Mas eu queria ter certeza que ela ficaria bem ali. E a quem eu queria enganar? Eu também queria vê-la.

Ela passaria quatro anos na faculdade e, certamente, quase não a veria mais.

Podia encarar aquele reencontro como uma espécie de despedida.

Então, caminho em direção ao desembarque quando os passageiros começam a sair.

E lá está ela, vindo em minha direção.

Os cabelos ruivos dançando em volta dos ombros, vestindo jeans desbotado e suéter claro, parecendo jovem e fresca como o verão.

Algo em meu íntimo se aperta. De alívio e pesar.

Percebo o quanto senti sua falta naqueles dois meses.

E o quanto continuaria sentindo durante quatro anos. Eu estava definitivamente ferrado.

Capítulo 14

Mia

Por um momento penso que estou delirando. Ver Lukas me esperando no aeroporto em New Haven não condiz com a realidade.

Não, não estou em mais um dos meus sonhos bizarros “estrelando Lukas Constantini”. Ele está mesmo ali, vestido com calça jeans e suéter branco fazendo um contraste absurdamente lindo com seu cabelo escuro e sua pele bronzeada.

Eu me seguro para não suspirar feito a adolescente idiota que ainda sou quando chego perto dele. E ele sorri.

Olá, borboletas.

– Oi, Mia.

– O que faz aqui? – Meu rosto é uma máscara de confusão e incredulidade quando Lukas pega a alça da minha mala de rodinhas.

– Estava em Nova York a negócios, resolvi passar por aqui para me certificar que estava tudo certo.

– Achei que já estivesse tudo certo – eu o acompanho pelo aeroporto apinhado.

– Nunca se sabe.

Nós chegamos ao estacionamento e ele abre a porta de um carro preto.

– É alugado – responde antes que eu pergunte.

Sinto-me um pouco sufocada enquanto Lukas dirige pela cidade desconhecida pra mim. Ainda estou envolta naquela nuvem de irreabilidade que sua presença provoca em mim.

Passei quase três meses sem colocar meus olhos nele. Evitando até pensar que ele existia enquanto estava em Miami acompanhando minha mãe em todos aqueles programas bizarros com seus amigos esquisitões. Fugindo,

NACIONAIS-ACHERON

quando conseguia, para ouvir música, ler um livro e tomar sol na piscina.

Às vezes eu conversava com Paul que era um cara muito legal e engraçado e me perguntava o que ele via em Denise, afinal de contas.

No fundo eu bem sabia qual era o atrativo dela para os homens. Devia ser o mesmo que Alexia Duran tinha para Lukas.

Então eu me pegava pensando nele e remoendo tudo de novo a humilhação do clube noturno.

Juro que tentei evitar aquele tipo de pensamento. E até tive certo sucesso.

Quase comecei a acreditar que o tempo era realmente a cura para todos os males.

E atrações proibidas.

Enquanto os dias passavam se transformando em semanas, eu tinha esperança de que iria esquecer completamente aqueles sentimentos confusos por Lukas.

A distância se certificaria de fazê-lo.

E agora ali estava ele, a centímetros de distância. Sua voz perfeita cantarolando a música do rádio distraidamente, seus dedos longos presos ao volante, seu rosto bonito com uma expressão compenetrada que o tornava mais irresistível.

Irresistível? Eu tinha mesmo dito esta palavra mentalmente?

Finalmente estacionamos o carro numa garagem subterrânea e saltamos. De novo, ele fez questão de levar minha mala quando entramos num elegante elevador seguindo para o vigésimo andar e caminhamos por um curto corredor, então Lukas abre uma porta e faz sinal para eu entrar.

Eu fico boquiaberta quando me deparo com um apartamento tão bonito e moderno quanto o dele de Seattle.

– Gostou? – Lukas pergunta ao fechar a porta atrás de nós.

– Eu continuo achando que poderia viver perfeitamente num dormitório estudantil.

Ele me encara como se eu tivesse dito uma blasfêmia.

– Seria absurdo sendo que pode morar num apartamento ótimo como este.

Eu rolo os olhos, olhando a minha volta.

– A não ser que não tenha gostado? – Ele parece meio inseguro. – Se não gostou podemos conseguir outro...

– Não disse que não gostei. Apenas... – dou de ombros. Eu não sabia como fazê-lo entender que toda aquela ostentação era estranha pra mim. Obviamente Lukas não via problema nenhum em comprar um apartamento em cada cidade que precisasse, afinal, ele nasceu rico.

E se tornou ainda mais rico ao se casar comigo, penso ironicamente.

De repente seu telefone toca e ele atende com um sorriso: "Não consegue ficar um dia sem me ligar?"

Eu sinto uma reviravolta no estômago ao imaginar quem poderia ser. Seria Alexia?

Será que estão juntos?

Eu me afasto sem querer ouvir a conversa, levando minha mala pelo corredor. Encontro dois quartos e me instalo no primeiro, mesmo porque não há diferença entre os dois. Ligo para minha mãe para dizer que está tudo bem e penso em tomar um banho, claro que não podia fazer isto com Lukas ali.

O que faz eu me indagar quando ele vai embora. Eu me pego desejando imensamente me livrar dele, também já sinto um desagradável vazio por dentro ao imaginá-lo indo.

Quão patética eu podia ser?

Volto para a sala e ele não parece muito contente.

– Eu preciso voltar a Seattle. Megan reservou um voo que sai em uma hora.

– Tudo bem – digo, adorando que ele não possa ler meus pensamentos e por isto mesmo não está testemunhando minha ridícula luta interna neste momento.

– Vai ficar bem? Eu tinha planejado levar você para conhecer a cidade. Talvez pudéssemos dar um pulo no campus...

– Tinha realmente planejado? – Pergunto surpresa que ele tenha feito planos para passar um tempo comigo.

Era... Perturbadoramente adorável.

E fazia meu peito esquentar. Assim como meu rosto.

E algumas áreas mais ao sul.

Respiro fundo me xingando mentalmente.

– Seria mesmo muito legal da sua parte, não se preocupe eu sei me virar sozinha.

– Não disse que não pode se virar sozinha, Mia, apenas...

– Eu entendi – digo rápido. Estávamos indo bem até ali e eu não queria me despedir dele com uma briga.

Afinal, eu não sabia quando o veria outra vez.

Novamente sinto aquela estranha desolação me atormentar.

Ele parece hesitar por um momento. Como se não soubesse como agir para se despedir de mim. E eu hesito também.

Apenas um: "boa viagem, até sei lá quando", me parecia muito frio.

O que seria adequado para duas pessoas que eram casadas apenas por causa de um contrato, que tiveram uma pseudo-amizade estragada por uma atração proibida e unilateral?

Aposto que nem Taylor conhecia uma regra social para algo desse tipo.

Então, mesmo sabendo que posso estar fazendo uma grande burrada da qual me envergonharei mais tarde, ou até mesmo me arrependerei, atravesso a sala em poucas passadas e jogo meus braços a sua volta, abraçando-o.

Por um instante, Lukas parece petrificado no lugar, tomado de surpresa. Mortificada me preparo para me afastar quando sinto seus braços a minha volta também.

Dura apenas alguns segundos, que me pareceram eternos, ficando próximos como nunca estivemos. Sinto o calor que vem do seu corpo através das roupas, escuto as batidas do seu coração em meu ouvido colado em seu peito e me delicio com a felicidade proibida de sentir suas mãos em minhas costas.

– Boa viagem – digo ao soltá-lo, enquanto todas as células do meu corpo gritam lamentando por eu as estar privando dele.

Lukas me fita com um semblante indecifrável enquanto coloca as mãos no bolso.

– Obrigado. Sabe que pode me ligar se precisar de qualquer coisa. Ou fale com Megan.

– Claro, obrigada.

Ele se vai e eu fico ali, sozinha no apartamento silencioso. Ainda sentindo pequenos tremores de felicidade em minha pele por sua breve proximidade.

Volto à realidade rapidamente, me obrigo a ser racional e prática. Daqui pra frente, nada de ficar fantasiando com Lukas Constantini.

Eu era quase uma adulta agora, estava sozinha por minha própria conta pela primeira vez na vida, precisava ser centrada e madura.

Tomo um banho, desfaço minhas malas e fuço pelo apartamento. As aulas terão início em alguns dias e posso aproveitar para me familiarizar com a cidade começando por sair para procurar um supermercado próximo, já que a geladeira está vazia.

Sorrio pra mim mesma, afinal, os lacaios de Lukas esqueceram daquela parte essencial. Obviamente eu tenho um cartão de crédito sem limites e uma conta bancária que nem faço questão de saber quanto tem, não penso em gastar mais do que o necessário.

Fiquei sabendo disto quando chegamos a Seattle depois das férias e me foi entregue um envelope contendo meus novos cartões, os papéis de minha matrícula em Yale, assim como as informações de que Lukas havia adquirido um apartamento perto do campus e meu carro já havia sido levado pra lá.

Eu havia imaginado que seria meu antigo carro, ao pegar as chaves na cozinha, reconheço a chave do Toyota que usava em Seattle.

Onde diabos estaria meu velho Ford?

Eu teria que ligar para minha mãe pedindo para que ela verificar. De maneira alguma ia ligar pra Lukas. Estava decidido. Nada de desculpas para entrar em contato com ele. Fazia parte do meu esforço de "dessensibilização a Lukas Constantini".

Eu volto do mercado com várias sacolas e ando com esforço até o elevador, me pergunto como vou apertar o botão do andar com as mãos ocupadas, quando um cara loiro entra atrás de mim.

Ele sorri, observando as sacolas.

– Qual andar? – Pergunta solícito.

– Vigésimo, por favor – respondo e, antes que eu me dê conta do que está fazendo, ele pega minhas sacolas.

– Não precisa...

– Claro que precisa. Estão bem pesadas. Vai dar um jantar pra dez pessoas?

Eu rio.

– Eu moro sozinha, na verdade.

O elevador chega ao andar e ele me segue até a porta e, sem que eu peça, entra e vai até a cozinha colocando minhas compras sobre o balcão.

– Muito obrigada mesmo.

Ele estende a mão.

– Evan Hall.

– Mia Agnelli... Constantini... quer dizer... – eu fico totalmente embaraçada sem saber o que dizer e ele sorri.

– Está tendo dificuldade de lembrar seu sobrenome?

– Agnelli, Mia Agnelli – decido por fim. Ele não precisa saber que sou casada, claro.

– Muito prazer, Mia Agnelli. Eu moro no apartamento defronte ao seu.

– Jura?

– Sim, me mudei há pouco tempo também. Vou fazer pós em Yale.

– Eu também estudarei lá. Primeiro ano.

– Que interessante. Posso te dar carona, se quiser.

– Eu tenho um carro.

– Ah, ou você pode me dar carona... que seja! Seja legal com este forasteiro do Texas sem amigos e um pouquinho sociável, Mia Agnelli.

Eu rio com vontade. Este cara parece realmente legal.

– Acho que posso abrir uma exceção.

– Exceção? Não costuma ser sociável?

– Faço mais o tipo: "sofro sozinha".

– Talvez possamos resolver este problema com algumas sessões de cinema francês. Você tem cara de quem gosta de cinema Francês.

– Não, nem um pouco. Ou melhor, acho que nunca assisti.

– Eu também não.

Nós rimos e ele olha o relógio.

– Estou tomando seu tempo, garota antissocial.

– Não sou tão antissocial assim.

– Não, eu sei que está imaginando várias formas educadas de se livrar de mim, já estou indo. Preciso pensar em qual gororoba congelada comerei para o jantar.

Eu o acompanho até a porta.

– Obrigada mais uma vez.

– Não precisa agradecer. Sou um cavalheiro minha mãe me ensinou a ser legal com as garotas.

– Sua mãe é uma mulher sábia.

– Com certeza. Até mais.

Eu volto pra cozinha para guardar minhas compras e fazer meu jantar ainda sorrindo. Quando termino de prepará-lo, sinto-me um tanto solitária por comer sozinha.

Sem pensar muito, bato na porta do meu gentil vizinho e o convido para jantar comigo. Ele parece realmente agradecido quando aceita.

– Me salvou de uma lasanha congelada.

– Meu Deus, que horrível! Não sabe cozinhar?

– Nem um ovo. Sou um rapaz do Texas, querida. Lá as mulheres cozinham, lavam e passam – ele pisca brincalhão e eu rolo os olhos, surpresa.

– Bom, eu posso te convidar pra jantar de vez em quando pra não morrer de fome, só não pense que lavarei suas roupas.

Ele solta uma gargalhada.

– Um homem pode tentar.

Nem em um milhão de anos eu imaginaria que ficaria amiga de um cara tão fácil e rápido quanto fiquei de Evan Hall. Ele era realmente um cara muito legal e engraçado. Me fazia rir além de ter algo nele que me deixava

relaxada e a vontade.

Talvez fosse porque, apesar de ser muito gentil e até mesmo carinhoso comigo, não dava em cima de mim. Eu me sentia segura.

Às vezes eu pensava que estava sendo estúpida ficando feliz por ele parecer querer ser apenas meu amigo, afinal, eu estava prestes a completar 18 anos e estava entrando na universidade. Eu devia querer ter encontros, não é?

A verdade era que me sentia uma fraude a maior parte do tempo. Eu era casada. Ok, era um casamento de mentira. Uma farsa. Não havia feito votos reais de fidelidade.

Nenhum voto foi real. Nem de honrar, nem de amar. Nem nada.

Entretanto, havia alguma coisa dentro de mim que me deixava travada ao me imaginar saindo com caras aleatoriamente. Mesmo o cara em questão sendo um homem que eu estava aprendendo a confiar e a gostar de verdade.

Pelo menos era o que dizia a mim mesma racionalmente.

Então à noite, sozinha em meu quarto, eles vinham. Os sonhos.

Que agora eram ainda mais perigosos do que os ameaçadores. Eles eram invariavelmente lembranças. Tão doces que se tornavam amargas quando acordava e sentia aquele vazio por dentro. O vazio da ausência de Lukas.

Eu lavava meu rosto todas as manhãs e vestia um sorriso ao imaginar que Evan estava me esperando para irmos juntos à faculdade.

Lukas estava temporariamente esquecido.

Assim, as semanas foram passando.

Eu completei 18 anos sem contar a Evan ou a qualquer pessoa. Evidentemente tinha feito algumas amizades superficiais. Principalmente garotas do meu curso que na maioria das vezes se aproximavam de mim interessadas em saber se Evan estava disponível.

Sempre respondia que elas deviam perguntar diretamente a ele eu não iria servir de intermediária entre ele e suas paqueras.

Nestes momentos sentia certo ciúme. Evan era meu amigo, a pessoa mais próxima que eu tinha em New Haven e não queria dividi-lo com ninguém.

Era egoísta e insano, só não conseguia evitar. Se ele saía com alguma garota, não me contava, mas eu duvidava, já que na maior parte do tempo

NACIONAIS-ACHERON

estava comigo.

Nós começamos a frequentar algumas festas. Eu nunca fui fã deste tipo de evento. Sempre me sentia deslocada e sem jeito, Evan insistia que eu fosse com ele, me apresentava um monte de gente, dizia quais bebidas eu podia beber e o quanto para não dar vexame, também me livrava do avanço de caras insistentes.

Numa noite, depois de me afastar de um cara que jogava futebol, tinha o dobro do meu tamanho, o cérebro de uma minhoca e que insistiu que eu deveria ir pra seu quarto pra ver "o jogo", senti necessidade de me explicar pra Evan.

– Você me acha esquisita? – Perguntei enquanto caminhávamos de volta ao nosso prédio.

– Por que acharia?

– Porque nunca estou disposta a ficar com nenhum cara que dá em cima de mim.

– Eu não acho esquisito, Mia.

– Então acha o quê?

Ele dá de ombros.

– Que você é seletiva?

Eu rio.

– Mais ou menos por aí.

– Olha, não precisa ficar me dando explicações sobre como se sente. Eu entendo quando uma pessoa simplesmente não se sente pronta a ficar com ninguém.

– É assim que se sente? – Pergunto curiosa e ele me olha intrigado.

– Eu?

– É, você. Nunca vi você ficar com ninguém.

Ele sorri com malícia.

– Acha que sou gay?

– Não foi o que eu disse! – Rio e depois fico séria. – Você é?

Ele joga a cabeça pra trás numa gargalhada.

– Não Mia, não sou gay.

– Então por que não sai com nenhuma garota? Elas praticamente se esfolam por você.

– Talvez pelos mesmos motivos que você – ele diz e então algo passa pela minha cabeça.

Será que existe alguém a quem está direcionando seus pensamentos? Alguém com quem ele não pode estar no momento, ou que não corresponde a seus sentimentos?

Assim como eu?

Outro pensamento bizarro se forma. Será que ele sente algo... por mim?

Eu desvio o olhar, meio apavorada.

– Ei, o que está passando por sua cabeça?

– Nada... – eu aperto o passo, evitando seu olhar, Evan me alcança, segurando meu braço.

– Vamos, me diz o que está pensando.

– Nada, é que... Às vezes eu penso que... Nós... Nós dois... Você... Droga, esquece, é besteira.

– Não é besteira – ele insiste subitamente sério. – Por acaso acha que eu, de alguma maneira, dei em cima de você?

– Não, você nunca deu em cima de mim! É só que... A gente é amigo, não é? Eu gosto de você... acho que as coisas ficariam muito esquisitas se algo mudasse. Eu não quero que nada mude. Sinto-me segura com você.

– E pode continuar se sentindo. Claro que é uma garota linda e qualquer cara seria um filho da puta sortudo de ter você, mas eu só quero ser seu amigo, Mia. Este é o nosso lance. Acredita em mim?

– Acredito.

Ele fica sondando meus olhos, com um ar divertido, como que confirmando se eu realmente entendi e eu rio.

– Não seja idiota!

Ele me solta rindo também e passa o braço em volta do meu ombro quando entramos no prédio.

– Vamos garota antissocial, vamos assistir um filme francês.

Nós vínhamos fazendo sessões de filmes franceses no meu
NACIONAIS-ACHERON

apartamento, tinha evoluído de uma piada para uma apreciação verdadeira.

E nós estamos rindo, ainda com seus braços a minha volta, quando entramos no meu apartamento e damos de cara com Lukas na sala, nos encarando com expressão irritada.

– Lukas!

Paro completamente chocada com sua presença.

Junto com o choque, vêm outros sentimentos que não deveriam estar ali.

Como aquele contentamento absurdo que me faz querer abrir um sorriso bobo ou correr em sua direção.

Ele olha de mim pra Evan com visível desconfiança.

– Mia – ele diz meu nome com a voz tensa. – Onde estava?

– Numa festa com Evan – respondo simplesmente. Por que estava me sentindo culpada como se estivesse fazendo algo errado?

Não era como se eu tivesse transado com Evan em alguma parede suja por aí, penso com ironia, o que basta para deixar a raiva substituir a culpa.

– Ah, deixe-me apresentá-los – falo jovialmente. – Evan, este é Lukas Constantini, Lukas, este é Evan Hall, meu vizinho ele estuda em Yale também.

Evan se adianta e estende a mão para Lukas.

Por um instante, sinto um medo terrível de que Lukas vá contar quem ele é.

De qualquer maneira, como vou explicar a presença de Lukas? De repente me sinto péssima por estar mentindo para Evan, afinal, somos amigos, não é?

Lukas apenas assente em silêncio.

Eu me viro pra Evan, me perguntando o que se passa em sua cabeça.

– Nos vemos amanhã?

– Claro. Boa noite! Tchau, Lukas – ele acena e vai embora.

Eu cruzo os braços em frente ao peito para encarar Lukas de novo.

– O que faz aqui?

– Estou na cidade a negócios.

– Não sabia que tinha negócios aqui.

– Tenho negócios em muitos lugares.

– E resolveu... fazer uma vista? – Indago ironicamente.

– Basicamente – ele também cruza os braços em frente ao peito. – Queria saber se está tudo bem. Se precisa de algo... Vejo que está se virando muito bem. Tem até uma vida social intensa, pelo que estou deduzindo.

Eu franzo a testa.

– Que tom é este? Está insinuando alguma coisa?

– Não, não estou – ele mente.

– É bom mesmo – desafio.

Por um momento nenhum dos dois diz nada, somente nos encaramos numa tensão silenciosa, até que ele solta uma longa golfada de ar, passando os dedos pelos cabelos.

– Eu deveria ter avisado que viria, me desculpe. Eu só... Não pensei muito.

– Sim, deveria. Tudo bem. A casa é sua, não é mesmo? – Dou de ombros.

Ele olha o relógio.

– É tarde, preciso encontrar um hotel...

– Achei que fosse ficar aqui – digo sem pensar e já me arrependo, bom... a casa também é dele, não é? Seria justo eu expulsá-lo pra um hotel? – Quer dizer, nós temos dois quartos. Por que ir pra um hotel?

Ele hesita por um instante.

– Eu partirei amanhã cedo de qualquer maneira.

– Certo.

– Eu vou... dar uma saída.

– Tudo bem.

Ele sai, fechando a porta atrás de si e eu solto o ar devagar, sentindo a tensão se esvaindo do meu pescoço.

Enquanto tomo uma ducha para tirar o cheiro de cigarro da festa, meu pequeno coração traiçoeiro cantarola.

Lukas está na cidade. Vai passar a noite ali. Comigo.
Lá se vai a dessensibilização.

Lukas

Caminho pela rua escura sem rumo por um tempo. Não tinha nada para fazer na rua, só precisava sair e me acalmar.

Não gostei nada de ver Mia acompanhada.

Definitivamente eu não estava preparado para vê-la tão relaxada e feliz. Me fez lembrar dos dias em que ela se permitia ser assim comigo. Como quando estávamos no meu apartamento, ela fez panquecas e jogamos Xbox.

Então tudo azedou quando comecei a desejar mais do que era permitido. Quando comecei a ter aquelas pequenas fantasias sacanas com a filha de John Agnelli, que por acaso era minha esposa perante a lei.

Entretanto, ela era apenas uma garota. E tínhamos um acordo.

Então eu me afastei deixando-a viver sua vida universitária como deveria. A quem eu estava querendo enganar? Pergunto-me quando entro no elevador subindo até o vigésimo andar e bato em sua porta.

Evan abre a porta e faz um sinal para eu entrar.

– Que porra está acontecendo aqui? – Pergunto, com mal contida irritação.

– Acontecendo? Eu achei que estivesse fazendo meu trabalho, protegendo sua esposa, como instruiu.

– Levando-a para festinhas universitárias?

– Preferia que ela fosse sozinha?

Solto um palavrão, passando os dedos pelo cabelo, frustrado.

Eu até tentei deixar Mia sozinha. Tentei dizer a mim mesmo que ela saberia se cuidar como qualquer universitária normal.

No fim, aquele meu lado que não conseguia deixar de ser superprotetor com ela venceu e contratei um segurança para ficar de olho nela em New Haven.

Conhecendo Mia, claro que ela seria contra andar com um segurança

NACIONAIS-ACHERON

pessoal. Evan sugeriu que poderia ser apenas o vizinho e colega de faculdade. Eu hesitei num primeiro instante, mas acabei concordando.

Evan era um profissional muito conceituado e de confiança, já havia trabalhado com esposas de políticos e milionários, embora tivesse apenas 27 anos.

Então confiei nele para proteger Mia.

Definitivamente não estava preparado para a onda de ciúmes que me acometeu quando o vi com as mãos nela.

– Escute, está tudo sob controle – ele diz com a voz profissional. – Mia é somente uma garota na universidade, é normal que se divirta um pouco. Eu a acompanho a todos os lugares e a protejo de qualquer ameaça, até dos universitários cheios de hormônios com cérebros alcoolizados. Ela está muito bem protegida comigo, não se preocupe.

– Certo. Acho que eu... não estava preparado para vê-los parecendo tão... íntimos.

– Eu precisava ser íntimo dela para que confiasse em mim. – Evan diz seriamente. – Embora não me agrade ter que mentir a ela. É necessário, agora que a conheço vejo que tinha razão. Ela jamais concordaria em andar com um guarda-costas.

– Ela sabe ser teimosa quando quer – resmungo e Evan ri me servindo de um copo de uísque.

– Tome, está precisando.

Nós tomamos a bebida enquanto Evan me conta a sua rotina com Mia.

Tento me lembrar que ele é um profissional, mesmo assim, sinto que há um carinho genuíno por ela em sua voz e o encaro desconfiado quando ele termina.

– Você está fazendo um bom trabalho. Preciso te perguntar algo e quero que seja sincero – falo seriamente. – Está apaixonado pela Mia?

Evan sorri daquele seu jeito de quem sabe de todos os segredos do mundo. O que é irritante pra caralho.

– Eu não estou apaixonado por ela – responde. – Certamente não sou eu que estou, meu caro – diz num tom estranho, tomando seu uísque.

Eu faço o mesmo, ignorando seja lá que ele tenha tentado dizer e me levanto.

– Me comunique caso tenha algum problema. Estou indo embora amanhã.

– Não se preocupe está tudo sob controle.

Eu volto para o apartamento e está tudo silencioso. Procuro Mia na cozinha, encontro apenas um prato com alguns sanduíches em cima do balcão e um bilhete.

"Caso esteja com fome".

Eu sorrio e me dou conta de que realmente estou com fome. Continuo a procurá-la e a encontro dormindo no sofá com um livro de Jane Austen sobre o peito.

Por um momento fico ali, vendo seu peito subir e descer numa respiração calma.

É fantástico velar seu sono, poderia fazer isto durante toda a noite.

Em vez disto, me aproximo e a pego no colo. Ela resmunga algo, mas não acorda enquanto a levo pra cama e a cubro, apagando o abajur.

Como naquela noite da boate, beijo seus cabelos que têm um cheiro maravilhoso e único que aspiro como um drogado, deixando por um momento minha mente vagar para aquela tarde em que a deixei em New Haven e ela me abraçou.

Foi sensacional senti-la tão perto. Suas curvas suaves roçando em mim. Se apertando em mim.

Infelizmente ou, felizmente, durou apenas alguns segundos. Foi o suficiente para acordar meu desejo proibido.

Desejo de não deixá-la se afastar de segurá-la ainda mais forte. Descer minhas mãos por suas costas e apertar seus quadris nos meus mostrando a ela o que causava em mim.

Só de pensar nisto eu já me sinto como um perverso filho da puta e me afasto, lutando contra a ereção indesejada que começa a despontar em minha calça.

– Maldição! – Praguejo saindo do quarto fechando a porta atrás de mim, como se com esse gesto pudesse afastar todas as tentações.

Eu não deveria ter ficado. Definitivamente.

Eu era só um cara.

Um cara que não transava desde aquela fatídica noite com Alexia Duran.

Talvez fosse esta a solução. Eu precisava transar. Urgentemente.

O problema era que quando eu pensava em sexo, somente uma pessoa me vinha à mente e ela estava deitada a poucos metros de mim.

Irritado, afrouxo a gravata e verifico se tem algo nos bolsos do meu paletó antes de tirá-lo e encontro um cartão.

Imediatamente me lembro de que estava num bar com alguns executivos há duas noites e uma garota bonita se aproximou de mim e, sorrindo sugestivamente, deslizou o cartão para meu bolso. Estava escrito Nathalie e um telefone.

Eu pego meu celular e disco, ignorando a voz irritante da minha consciência que diz que estou só me enganando.

Alguns minutos depois, tenho um encontro marcado para quando voltar a Seattle.

Capítulo 15

Mia

Acordo com batidas na porta, me levanto cambaleando ainda sem conseguir pensar direito e Evan me encara com um sorriso.

– Bom dia!

Resmungo algo, lhe dando as costas e ele entra fechando a porta atrás de si enquanto eu me enrosco no sofá.

– Noite ruim? – Pergunta depois de estudar meu rosto por um momento, então eu me lembro.

Lukas estava ali na noite passada.

Eu me sento empertigada, olhando em volta como se ele fosse sair de trás de alguma porta a qualquer momento. Afinal, ele disse ontem que iria passar a noite. Devo ter adormecido depois de começar a ler no sofá.

No sofá? Interessante, eu acordei na cama.

– Oh droga! – Resmungo.

– Lukas Constantini saiu cedo, hein? – Comenta casualmente. – Eu o encontrei no estacionamento logo de manhã quando estava voltando da minha corrida matinal. Disse que estava voltando pra Seattle.

Então ele tinha ido embora. Sem nem ao menos se despedir de mim. Eu luto contra a decepção, ao mesmo tempo, sinto certo alívio.

Encaro Evan, curiosa.

Evan não faz ideia de quem Lukas é. O que será que se passa pela sua cabeça no momento? E por que ele não está me crivando de perguntas?

Se uma mulher estranha aparecesse em seu apartamento e passasse a noite, eu iria perguntar quem é ela em sua vida, não é?

Evan não parecia nada curioso. Por um momento tenho vontade de

responder qualquer bobagem como "pois é" e mudar de assunto deliberadamente. Algo na postura de Evan dizia que ele não iria insistir. Sua atitude me fez gostar dele ainda mais. Porque era óbvio que Lukas era alguém pra mim, já que estava dentro do meu apartamento quando chegamos e havia dormido ali, mesmo assim, ele pareceu intuir que não era um assunto fácil e estava me poupando.

Também sentia que, apesar de sua discrição, eu lhe devia a verdade. Não seria sua amiga se não contasse, por mais constrangedor e delicado que aquele assunto fosse.

– Evan, você deve estar se perguntando quem é Lukas Constantini, não é?

– Na verdade eu sei quem ele é. Qualquer pessoa que lê revistas sobre finanças sabe.

– Sério?

Ele sorri.

– Claro Mia. Ele é um dos empresários mais bem-sucedidos de Seattle.

– Não sabia que lia revistas de finanças – brinco com meu cabelo e ele pisca.

– Também leio revistas sobre cavalos, não conta pra ninguém.

Eu sorrio nervosamente.

– Isto não explica o que Lukas Constantini é... pra mim.

Evan fica subitamente sério.

– Você não precisa contar se não quiser.

– Eu quero... ele é... – eu respiro fundo tomando coragem. – Meu marido.

Eu não sei o que esperava. Talvez que seu queixo caísse, ou que ele desse um pulo de susto, ou um grito de "o quê?", Evan apenas me encara com a sobrancelha levantada.

– Diz alguma coisa – peço mortificada.

– Isto é... inesperado, certamente.

– Eu sei! Desculpa por nunca ter te contado nada, é que... Nós não somos casados de verdade. Trata-se apenas uma espécie de contrato. Olha,

pra entender eu tenho que te contar tudo desde o início.

– Se for uma história longa vá se vestir. Vou levá-la pra tomar café.

Eu achava que seria difícil contar a Evan, surpreendentemente não foi. No fundo, acabou sendo muito libertador poder finalmente contar a alguém. Ainda mais alguém como Evan, que apenas segurou minha mão e disse que compreendia perfeitamente por que eu tinha me colocado naquela situação.

Claro que deixei de fora toda aquela confusão de sentimentos que Lukas despertava em mim e também a humilhante noite em que o flagrei com Alexia Duran. Evan era meu amigo, porém aquela parte era íntima demais.

– E você não quer que ninguém saiba que é casada com ele?

– Seria muito constrangedor explicar todos estes detalhes de contrato.
– eu me arrepio só de pensar.

– Não é da conta de ninguém.

– Eu sei. Acho que também não me sinto à vontade dizendo por aí que sou casada, sendo que no fundo, não sou! E, daqui a cinco anos, tudo estará acabado mesmo.

– Tudo bem, eu entendo – ele aperta minha mão. – Seu segredo está bem guardado comigo.

Eu sorri.

Muito grata por ter surgido na minha vida um amigo como Evan.

Assim, as semanas foram passando e o frio do inverno cobriu as ruas de New Haven.

Um belo dia eu recebo uma ligação de Taylor.

– Mia, sou eu, Taylor – sua voz estridente me surpreende do outro lado da linha. Nem Taylor e muito menos Denise, tentaram nenhum contato comigo naqueles meses.

– Oi, Taylor.

– Eu te liguei para saber se irá viajar com a gente para Aspen no Natal.

Eu rolo os olhos. O Natal seria daqui alguns dias na verdade eu nem tinha feito planos. Claro que, muito provavelmente, voltaria para Seattle e ficaria com a minha mãe.

De onde Taylor tirou a ideia de que eu iria pra Aspen passar o Natal

com eles. Ela era louca?

– Claro que não!

– Oh, por que esta voz de espanto? Você é família!

– Não vejo a situação desta maneira – rebato, sem disfarçar a ironia. – Por acaso Lukas sabe que está me ligando?

– Não preciso de autorização do Lukas pra ligar pra você, ou preciso? Eu só estou começando a fazer minhas compras de Natal e fazendo listas, resolvi te ligar pra saber se estará com a gente. Eu realmente pensei que...

– Pensou errado. Não tem por que eu passar o Natal com vocês. Ficarei com a minha mãe em Seattle.

– Tudo bem. Acho que é justo, você tem a sua mãe, claro. Ela também será bem-vinda na nossa casa em Aspen e...

– Não, Taylor. Muito obrigada pelo convite, mas...

– Nós não somos sua família, entendi. Denise tem razão. Eu sou muito sem noção às vezes.

Espera, ela estava chateada comigo?

Eu respiro fundo.

– Eu não quis ser grosseira...

– Não disse que foi grossa, apenas... Olha, sei que seu casamento com o Lukas é só um contrato e que vai acabar em cinco anos, o que não significa que não posso gostar você, ou que não podemos, pelo menos, ser amigas.

– Vocês não precisam se esforçar para serem minhas amigas só porque o Lukas pediu.

– Sim, o Lukas pediu, ou melhor, exigiu que a gente te tratasse bem. Eu a trataria como irmã mesmo que ele não pedisse.

Eu mordo os lábios com força. Era inacreditável. Taylor queria de verdade ser minha amiga? Não sei o que pensar daquilo.

Todo o tempo que permaneci naquela casa me esforcei para ficar longe das irmãs do Lukas. Pra mim, elas eram uma extensão dele.

Se eu me aproximasse demais delas, se me permitisse gostar delas, estaria me permitindo gostar de Lukas também. E de toda aquela vida como uma Constantini.

Só que eu seria uma Constantini apenas por um determinado tempo.

Então por que iria me permitir apreciar o relacionamento pra depois perder?

– Taylor eu...

– Tudo bem, tudo bem – ela volta a usar aquele tom descontraído na voz. – Não liguei para termos uma DR, só queria saber se ia pra Aspen e a pergunta já foi respondida! Tchau, Mia!

Evan entra na minha sala e me encontra com cara abobalhada.

– O que foi?

– Acabei de receber uma ligação de uma das irmãs do Lukas.

Ele levanta a sobrancelha.

– Ele tem duas meias-irmãs. Na verdade, são enteadas do padrasto dele. Ele as trata como irmãs de verdade. Quando nós... nos casamos eu fiquei morando com elas na casa da família. Os pais moram em Aspen e elas fazem faculdade em Seattle.

– Vocês se tornaram amigas?

Eu faço uma careta.

– Longe disto. Bem que elas tentaram, embora sejam muito diferentes de mim. Elas são muito sofisticadas, bonitas e experientes! Eu não estava a fim de amizade com elas.

– Por que não?

Eu dou de ombros. De novo hesito em dizer a Evan meus verdadeiros motivos.

– Elas são muito diferentes. Nunca daria certo.

– E o que queriam?

– Quem ligou foi a Taylor. Ela é... completamente louca! Adora se meter na vida dos outros. Ela queria saber se eu ia pra Aspen. Tipo, eu em Aspen? O que diabos eu iria fazer lá?

– Não é onde a família vai passar o Natal?

– Não sou família! Você sabe de toda a história, ela devia saber que de maneira alguma eu iria pra lá!

– Talvez Lukas queira que você vá – ele diz com cuidado.

– Lukas não manda em mim! Duvido que ele me deseje lá de qualquer maneira.

– Se não vai passar o Natal com os Constantini, o que fará?

– Ficarei com a minha mãe, claro. E você? – Pergunto, desviando o foco de mim.

– Meus pais são do Texas. Faz algum tempo que eu não os vejo. Eu ainda preciso verificar se não terei trabalho...

– Que trabalho?

– Quer dizer, tenho uns trabalhos da pós que talvez me tomem tempo.

– Que bobagem, deve ir pro Texas ver seus pais!

Ele sorri.

– Quando você viaja para Seattle?

– Na véspera.

– Dia 24? Tão em cima da hora?

Eu não queria dizer que, indo em cima da hora, não arriscaria encontrar Lukas ou sua família em Seattle. A esta altura todos estariam em Aspen.

– Não tem por que ir antes.

– Então, vamos sair hoje e comemorar nosso Natal antecipado.

– Eu concordo!

Alguns dias depois me despeço de Evan no aeroporto e embarco para Seattle. Evan iria para a casa de seus pais no Texas.

Sinto-me um pouco apreensiva quando pouso em Seattle e não consigo falar com a minha mãe pelo celular. Eu havia tentado falar com ela o dia inteiro ontem, não consegui.

Cansada de tentar contato sem sucesso, pego um táxi para casa, já pensando na bronca que daria nela por não atender o celular. Quando toco a campainha ninguém atende.

Olho a hora e vejo que ainda são pouco mais de dez da manhã. Onde Andrea se meteu àquela hora? Convencida de que não tem ninguém em casa, procuro a chave reserva embaixo do capacho, não encontro nada.

– Que droga – praguejo, lamentando não ter mais a chave de casa comigo.

O frio é cortante e começa a nevar. Estremeço, pegando o celular tento ligar pra minha mãe novamente. Desta vez, ela atende.

- Mãe, cadê você?
- Oi, filha, tudo bem?
- Onde está? Estou congelando na porta de casa!
- Em casa? O que está fazendo aí?
- Como assim? Mãe, onde diabos se meteu? Precisa vir pra casa, não acho a chave reserva...
- Mia, querida, não estou em Seattle.
- O quê? Como assim?
- Resolvi viajar de última hora com uns amigos!
- Onde está?
- Em Santa Barbara, na Califórnia.
- Por que não me avisou? Sabia que eu viria pra casa!
- Achei que fosse pra Aspen! Taylor me ligou há alguns dias e disse que ia pra lá!
- Taylor está louca! Não disse que iria! Ela me ligou dois dias atrás e perguntou se eu ia e respondi que não!
- Oh, querida, que confusão!
- Por que não me avisou que ia viajar mãe?
- Eu ia avisar. Foi tudo tão em cima da hora... Eu cheguei aqui ontem a noite. Ia te ligar avisando, meu celular estava sem bateria e sabe como eu sou com estas coisas...
- Eu suspiro pesadamente.
- Tudo bem, não faz diferença.
- Filha, e agora? Não pode passar o Natal sozinha, será que ainda dá tempo de viajar com a família de Lukas?
- Devem estar em Aspen há tempos!
- Então vem pra cá! Talvez ainda consiga um voo.
- Não, está em cima da hora...
- Você nem tem a chave de casa...
- Vou pra casa do Lago – respondo a contragosto. Que outra alternativa eu tinha?

- Eu não estou gostando nada de você ficar sozinha...
- Mãe, é só um feriado, ok? Nós nem somos religiosos, fala sério.
- Tudo bem então... Me liga quando chegar lá!
- Pode deixar.

Eu desligo e chamo um táxi.

Ir pra casa do lago? Ficar naquela casa enorme sozinha? Na verdade, eu nem sei se Mary ou os seguranças estarão por lá. Subitamente tomo uma decisão.

Eu ainda tenho a chave do apartamento de Lukas. Decido ir pra lá. Lukas e a família estão em Aspen e posso ficar até conseguir um voo de volta para New Haven.

O táxi para em frente ao prédio de Lukas e subo pelo elegante elevador até seu andar. Estar ali faz meu coração se apertar um pouquinho. São boas recordações. Da época em que eu era uma menina boba e impressionável lidando com a descoberta de uma atração nova e avassaladora.

Suspiro ao abrir a porta e entrar no apartamento silencioso. A vista de Seattle é a mesma. Agora com a neve caindo pela Janela. Eu caminho até lá, apreciando a paisagem, então escuto passos atrás de mim e me viro, assustada.

Não sei quem está mais chocada. Se eu ou a garota alta e bonita vestindo apenas uma camisa masculina que surge do corredor.

Ela solta um pequeno grito colocando a mão na boca com uma expressão de horror.

Não consigo esboçar nenhuma reação porque meu cérebro deduz no mesmo instante quem é aquela garota.

Quase nua, o cabelo castanho com mechas loiras caindo pelas costas e restos de maquiagem nos olhos.

Ela passou a noite ali.

Na cama do Lukas, com certeza.

Por um momento, tenho vontade de simplesmente caminhar até a porta novamente e desaparecer sem olhar pra trás.

Ou, em vez disto, procurar um tonel de gasolina, ir até o quarto onde

imagino que Lukas ainda deve estar dormindo depois de comer esta garota boa parte da noite, jogar sobre seu corpo e acender um fósforo.

Ou então eu poderia me aproximar da garota, agarrar aqueles cabelos bem cuidados e arrastá-la porta afora.

Ou simplesmente aceitar aquele nó que aperta meu coração até torná-lo pequenininho e dolorido e começar a chorar de dor.

O mais incrível é que, uma parte bem sórdida dentro de mim está pensando que Alexia Duran não tem o monopólio da cama de Lukas, afinal. E esta pequena parte está gargalhando de satisfação.

– Oh meu Deus! – A garota tira a mão da boca, ainda em choque. – Que susto!

Eu respiro fundo, tão calma que assusto a mim mesma.

– Quem é você? – Pergunto com a voz destituída de emoção.

– Nathalie – ela balbucia. – Meu nome é Nathalie... Quem diabos é você?

– Oi, Nathalie. Eu sou a esposa do Lukas.

Ela arregala os olhos, mais chocada que antes.

– Esposa? Como assim?

– Oh... Lukas não te contou que é casado?

– Ai meu Deus! – Ela empalidece a ponto de eu achar que vai desmaiar e sai correndo em direção ao corredor.

Eu continuo ali, sem saber o que esperar. Talvez ela estivesse acordando Lukas, fazendo perguntas e exigindo respostas. Talvez até estivesse batendo nele, que era o que ele merecia certamente, era óbvio que ele tinha dormido com aquela garota sem se dar ao trabalho de contar que era casado.

Espera... Por que ele contaria?

Nós não éramos casados de verdade. Não existiam votos a serem honrados.

No final das contas, não havia traição.

Nós não tínhamos um relacionamento de verdade. Nunca teríamos. Ele simplesmente estava vivendo a sua vida como sempre viveu antes de mim.

Eu não tinha o direito de exigir que fosse diferente.

De repente a garota emerge do corredor, vestida com uma saia curta e uma camisa transparente, segurando a bolsa com força contra o peito seus sapatos em uma mão.

Ela ainda olha pra mim com olhos assustados.

– Eu... não fazia ideia... eu...

– Acho melhor você ir embora.

– O Lukas...

– Estou... mandando... você ir embora – sibilo ameaçadoramente.

Ela abre a boca como se quisesse dizer algo, mas só geme e desaparece porta afora.

Eu respiro aliviada.

E agora, o que fazer?

Seguir seu exemplo e dar o fora também?

Eu não fazia ideia de que Lukas ainda estava em Seattle. E pior com uma mulher a tiracolo! Com certeza, a qualquer momento, ele iria surgir na minha frente e ficaria enfurecido por eu ter acabado com seu interlúdio amoroso.

Então pego o telefone e disco para a companhia aérea para reservar um voo para New Haven, definitivamente hoje não é meu dia de sorte.

– Todos os voos acabaram de ser cancelados.

– Como assim cancelados?

– Por causa da nevasca que está se aproximando da cidade.

– Quando voltará ao normal?

– Ainda sem previsão.

Eu desligo bufando, me perguntando o que vou fazer quando levanto o olhar e vejo Lukas me encarando surpreso.

Ele veste apenas uma calça de pijama e os cabelos estão em desordem.

Infelizmente ainda há um pouco daquela menina boba dentro de mim, que suspira deslumbrada com sua beleza.

Eu me chuto mentalmente e ergo o queixo ao encará-lo.

– Mia?

– Esperava outra pessoa? Nathalie talvez?

– Você... você viu Nathalie aqui?

– Só não veria se ela fosse transparente, aliás, ela ficou bem na sua camisa.

Ele solta um palavrão irritado.

– E, antes que pergunte, eu a mandei embora.

– Você a mandou embora?

Dou de ombros.

– Queria o quê? Que eu fizesse panquecas pra ela? Ovos talvez?

– Inferno! – Ele passa a mão pelos cabelos parecendo confuso. – Eu não fazia ideia que ia aparecer, Mia...

– Percebi. Pensei que estivesse em Aspen. Por isto vim.

– Por que não me ligou? Eu jamais...

– Eu vim pra ficar com a minha mãe, ela viajou sem me avisar e estou sem a chave de casa! Não queria ficar sozinha na mansão do lago. Achei que você estivesse em Aspen com a sua família...

– Eu ainda vou...

– Ia, os voos foram cancelados. Acabei de tentar um pra New Haven.

– Não precisa voltar a New Haven.

– Eu não posso ficar aqui.

– Por que não? Aparentemente nós dois estamos presos em Seattle.

Eu mordo os lábios, me dando conta de que ele tem razão.

Eu acabo de pegá-lo em flagrante com outra mulher mais uma vez e agora serei obrigada a ficar em seu apartamento por causa da nevasca.

– Eu ainda posso ir pra casa do lago.

– Ficar sozinha lá? De jeito nenhum!

– Eu não vou ficar aqui! – insisto de forma mais estridente do que gostaria.

– Escuta – ele dá um passo em minha direção. – Eu peço desculpas. De verdade. Não era para... Porra, nem sei como começar a pedir desculpas!

– Não precisa – digo, com a voz sumida. – não me deve satisfação, Lukas.

– Mas eu quero dar!

– Não somos casados de verdade, não é como se estivesse me traindo! Ok, foi um momento esquisito ver uma mulher quase pelada vir do seu quarto, acho que ela ficou mais chocada do que eu.

– Imagino... – ele diz sombrio.

– Além do mais, não foi a primeira vez que vi você com uma mulher, devia imaginar...

– Espera, do que está falando?

– De Alexia. Eu vi vocês naquela boate.

Lukas empalidece assustado.

– Você nos viu.

– Sim, eu vi.

Por um momento nenhum dos dois fala nada, Lukas parece mortificado.

Enquanto eu me sinto quase aliviada por contar a ele o que vi. Que sei o que acontece na vida dele.

– Eu sinto muito – ele diz de novo – Estas suas namoradas... Alexia sabe que a está traindo? – Pergunto.

– Não são minhas namoradas. Não tenho este tipo de relacionamento.

– Por quê? – Nem sei por que estou fazendo aquelas perguntas.

Talvez sempre tenha tido aquela curiosidade dentro de mim. Sobre o que Alexia significava realmente. Ele era apaixonado por ela? E aquela garota Nathalie?

Ou quantas outras mais existiriam?

– Por que, Lukas? – Insisto quando ele não responde.

– Precisa mesmo perguntar, Mia? Por sua causa.

– Por causa do nosso contrato?

– Claro que sim – ele responde. – Embora nosso casamento seja apenas um contrato, não me envolveria com ninguém a sério estando casado, mesmo não sendo um casamento de verdade. Não seria justo com a outra

pessoa.

– E você queria? Queria se envolver com alguém? – Pergunto num fio de voz.

– Não foi o que eu disse! Mia, por que estamos tendo esta conversa, por Deus! – Ele passa os dedos pelos cabelos, se virando. – Vou levar sua mala para o quarto de hóspedes.

– Eu não concordei em ficar...

– Mas vai. Ou nós dois iremos para a casa do lago. Pode escolher.

Eu suspiro, vencida.

– Tudo bem.

Ele me deixa sozinha no quarto e eu tomo um momento para me acalmar depois de todos aqueles acontecimentos bizarros.

Parece que um caminhão passou por cima de mim, minha cabeça está doendo.

O que eu queria mesmo era ir embora. Ficar sozinha, porém estava presa ali com Lukas.

E sabe Deus até quando.

Quando saio do quarto, encontro-o na cozinha e ele faz um sinal para eu me sentar, enquanto fala com alguém ao telefone.

Eu me sento, vendo que ele fez o café da manhã.

– A culpa não é minha se está nevando, Taylor – ele diz impaciente.

Agora ele veste jeans e suéter azul, seus cabelos estão molhados, o que denuncia que acabou de sair do banho. É realmente um desperdício que ele seja um babaca tão lindo.

– Taylor vou desligar. Bom Natal!

Ele desliga, sentando diante de mim.

– Não está tão bom quanto suas panquecas, acho que vai servir – ele aponta para as torradas e o café na mesa. – Nós precisamos ir ao supermercado encher a geladeira, como ia viajar ela está vazia.

– Tudo bem – concordo, começando a comer – Taylor ficou brava com você.

– Com certeza. Ela terá que se conformar.

Ele pega o jornal e começa a ler.

Eu tomo o café, me sentindo um pouco desconfortável com aquela cena tão doméstica.

Para qualquer um de fora nós passaríamos facilmente por um casal normal.

– O que foi? – Ele abaixa o jornal de repente e eu fico vermelha.

– Nada, eu... pode me emprestar o suplemento literário?

– Claro – ele responde solícito, me passando a página e eu me distraio lendo.

– Podemos ir? – Ele diz – parou de nevar por enquanto.

– Claro.

Eu me levanto pegando o casaco e seguindo-o porta afora.

Ele dirige com cuidado pelas ruas de Seattle até um grande supermercado e de novo surpreendo-me ao perceber como aquela situação quase nos transforma em um casal, enquanto fazemos compras, debatendo sobre o cardápio dos possíveis próximos dias de nevasca.

– Você parece saber o que está fazendo – ele comenta, surpreendido quando pego sem hesitar os ingredientes.

– Eu sei cozinhar desde muito nova, eu te disse!

Ele sorri.

– Sim, até já provou que sabe fazer panquecas fantásticas.

– Eu vou provar que sei fazer muito mais – sorrio, levando o carrinho para o caixa e ele me segue.

OK, estava sendo mais divertido do que eu gostaria.

Eu não queria ter momentos bons com Lukas.

Sabia que tudo era falso no final das contas.

A prova era a garota seminua de hoje cedo. Pensar naquilo me deixa com um gosto amargo na boca, jogo este pensamento para o fundo da minha mente.

Não quero ficar pensando.

Quanto antes eu me acostumar com as "garotas" de Lukas, melhor seria.

Nós voltamos pra casa e ele diz que tem ligações de negócios para fazer e eu levanto a sobancelha enquanto descarrego as compras em cima da mesa.

– Na véspera de Natal?

– Todos os dias são assim pra mim.

– Deve ser exaustivo.

– Não me importo. Minha vida é a Constantini – ele diz com convicção.

Claro que eu sabia que a vida dele era a Constantini. Afinal, ele tinha até se casado comigo por causa da empresa.

– Tudo bem, vou fazer o almoço.

Lukas aparece quando estou acabando de tirar as panelas do fogo e me ajuda colocando a mesa. De novo aquela falsa cena doméstica...

Nós conversamos sobre o tempo horrível em Seattle e eu falo sobre o tempo em New Haven enquanto comemos. Assuntos triviais e seguros.

Então, quando acabamos de comer, ele fala que vai lavar a louça.

– Sério? Eu posso fazer isto.

– Não, você já fez a comida. Eu lavo a louça.

– Certo.

Eu vou pra sala e vejo que ele não tem uma árvore de Natal.

– O que foi? – Lukas pergunta.

– Você não tem uma árvore de Natal.

– Preciso ter?

Eu dou de ombros.

– Oras, é Natal. Eu adoro enfeitar a árvore. Eu e Evan enfeitamos uma na minha sala em New Haven.

– Você e Evan?

– Sim, lembra dele? Meu vizinho.

– Claro, eu lembro.

Ele pega a chave do carro e o casaco.

– Aonde vai?

– Vou buscar sua árvore.

– Agora? Acredita que vai conseguir uma árvore, agora?

– Mia, eu sou rico – ele pisca e desaparece porta afora.

Umás duas horas depois, ele realmente aparece segurando um lindo pinheiro e uma caixa cheia de enfeites e laços.

– Pronto, aí está sua árvore.

Eu sorrio.

– Ah, como é bom ser rico – suspiro ironicamente.

Ele alinha a árvore num canto.

– Você nem imagina.

Eu pego um enfeite.

– Me ajuda? – Pergunto timidamente e ele sorri pegando o enfeite da minha mão e colocando na árvore em reposta.

Nós passamos a tarde enfeitando a árvore quando terminamos, ele tira uma foto com seu Iphone.

– O que está fazendo? – Pergunto.

– Mandando pra Taylor.

Eu rio, pegando a sujeira do chão e a levando para o lixo.

Lukas está em frente à parede de vidro quando volto. A noite está caindo lá fora e ainda neva.

– Será uma noite fria – digo.

– Sim, vou acender a lareira.

– Eu posso fazer chocolate quente.

Ele esboça um sorriso quase infantil.

– Com marshmallow?

Eu reviro os olhos.

– Claro que sim! É a melhor parte!

Naquela noite, enquanto estamos em frente à lareira, tomando chocolate quente com marshmallow e vendo a neve cair, finalmente eu aceito que sim, estou me divertindo com Lukas.

E posso me iludir pensando que somos um casal normal o que me

deixa quase feliz. E o quase é porque, para sermos normais, ele estaria me abraçando, me beijando ou algo do tipo.

E eu mordo os lábios, desviando os olhos para a neve que cai lá fora, dizendo a mim mesma para ficar feliz com o que tenho no momento e não sonhar com coisas impossíveis.

Afinal, eu não sou mais uma criança que acredita em pedidos de Natal.

Se acreditasse, fecharia os olhos e pediria fervorosamente que tudo deixasse de ser apenas uma cena falsamente normal e se transformasse em realidade.

Na manhã seguinte continua nevando. Acordo sonolenta e me arrasto de pijama até a sala, Lukas já está lá e sorri pra mim.

– Achei que estivesse dormindo. – O encaro meio sem graça no meu pijama de flanela.

– Passa das dez.

– Nossa, dormi demais.

– Por que acordar cedo? É Natal. Isto me lembra... – ele caminha até a árvore e pega um pequeno pacote, me entregando.

– Um presente?

– É o que parece.

– Não devia me dar um presente!

– É Natal, Mia!

– Mesmo assim – meu rosto está queimando. – Eu não comprei nada pra você.

– Não se preocupe. Vamos, abra.

Eu desfaço o pacote e encontro uma pequena caixa preta com o logotipo de uma famosa joalheria e meu queixo cai ao ver um colar com um pingente de diamante.

– Isto é... ostensivo – murmuro e Lukas o pega.

– É lindo e combina com você.

Eu fico mais vermelha ainda.

– Vire-se para eu colocar.

Eu faço o que ele pediu, levantando o cabelo e Lukas o coloca no meu pescoço, fazendo um arpejo percorrer minha nuca.

Eu toco o colar aninhado em meu peito.

– Obrigada, é realmente lindo.

Ele me encara como se quisesse dizer alguma coisa e eu espero. Ele não diz nada, apenas passa as mãos pelos cabelos dando de ombros.

– Feliz Natal, Mia!

– Feliz Natal, Lukas!

Nós passamos aquele dia como o outro, eu faço comida, almoçamos conversando sobre amenidades e ele lava a louça.

À tarde eu leio um livro deitada num sofá e Lukas mexe em seu laptop, muito concentrado, até que anoitece e ele diz que desta vez gostaria de fazer o jantar e eu rio, desacreditando.

Quando chego na cozinha, sinto um cheiro gostoso de molho e manjericão, ele diz com um sorriso nostálgico que era uma receita de sua mãe.

– Ela deve ter sido uma mulher maravilhosa.

– Ela era. Sinto sua falta nesta época de festa. Assim como você, ela adorava enfeitar a árvore.

Eu sorrio, experimentando o macarrão que está realmente muito bom.

– Está delicioso. Espero que ela tenha te ensinado a fazer outras coisas além de macarrão?

– Eu não estava muito aberto a aprender naquela época. Talvez se você quisesse me ensinar agora...

– Ah, acha mesmo que eu posso te ensinar a cozinhar?

– Você pode tentar.

– Acho que posso te ensinar uma coisa ou duas, senhor Constantini – respondo brincalhona e ele ri.

Eu me pego desejando muito, muito mesmo, me aproximar e tocar sua boca levemente suja de molho de tomate com a minha.

Me contento em comer meu macarrão.

Depois, como ele fez o jantar, eu lavo a louça, quando vou pra sala ele pergunta se quero assistir um filme.

Eu digo que estou com sono e vou pro quarto.

De repente ficar perto de Lukas e sentir aquela vontade quase insana de tocar nele e não poder começa a me exasperar.

A tentação é realmente uma droga.

Na manhã seguinte acordo antes dele e me arrumo. Lukas me encara confuso quando me vê arrumada.

– Vai a algum lugar? Ainda não tem voo, não pode ir embora...

– Vou ver meu pai.

– Ah, entendi. Espera eu me arrumar que te levo.

Meu pai continua na mesma e vê-lo daquele jeito, me enche de tristeza. E remorso por eu ter ficado tanto tempo sem visitá-lo.

Lukas fica ali do meu lado o tempo todo, sem me apressar, já é fim de tarde quando peço pra ir embora.

Nós voltamos pra casa e Lukas pergunta se eu quero comer, eu declino e vou pro quarto.

E choro até dormir.

Na manhã seguinte, ligo para a companhia aérea. Ainda não tem voos.

– Amanhã pode ser que esteja tudo normalizado.

– Certo, obrigada.

Eu levanto a cabeça e vejo Lukas me observando, ele tem um olhar reprovador.

– O que foi?

– Conseguiu voo?

– Nada. Talvez amanhã.

– Certo. Eu tenho trabalho a fazer, estarei no escritório.

– Tudo bem.

Ele passa o dia no escritório e eu fico lendo. Na hora do almoço eu preparo sanduíches e deixo na sua mesa, ele sorri levemente me agradecendo e eu sinto meu coração bater forte.

– Ridícula – murmuro a mim mesma quando me afasto.

Eu acabo lendo até adormecer, quando acordo no dia seguinte, ainda está nevando.

Eu suspiro ao ir pra sala e olhar a neve caindo.

– Não pode ir embora – eu me viro ao ouvir a voz de Lukas.

– Não... o tempo está horrível.

– Desculpe-me por deixá-la sozinha ontem, estava cheio de trabalho.

– Não tem problema.

– O que quer fazer hoje?

– Hoje? Não sei...

– Podemos almoçar fora, o que acha?

– Pode ser.

Nós almoçamos em um restaurante italiano que Lukas diz ser seu preferido e de novo aquela atmosfera de "casal normal" se abate sobre nós.

Pelos menos é assim que eu me sinto e me pergunto se ele sente o mesmo. Se ao menos eu fosse mais velha, se tivéssemos nos conhecido de outra forma, quem sabe...

– Oi, Lukas – estamos indo em direção ao carro, quando uma mulher loira de uns cinquenta anos nos aborda. – Quanto tempo!

– Oi, Lindsay – Lukas a cumprimenta e a mulher me encara, curiosa.

– Quem é esta? Sua namorada?

– Esta é Mia... minha esposa – ele completa fazendo-me quase cair pra trás de susto.

Ele disse realmente isso?

– Não sabia que era casado – a mulher sorri me medindo com franca curiosidade. – Onde a estava escondendo?

– Eu estava em New Haven. Faculdade – respondo.

– Ah sim, está na universidade? Que interessante! – Ela se vira pra Lukas. – Você irá com sua bela esposa ao nosso jantar de réveillon, não é?

– Nós...

– Não aceito não como resposta! Sei que recebeu os convites! Claro que vai! Não pode dizer não a um jantar com o prefeito, querido! Até mais, vejo vocês no jantar!

Ela desaparece no restaurante acenando animada.

Nós entramos no carro e eu fito Lukas, insegura.

– Quem é ela?

– Lindsay Howard.

– Esposa do prefeito Howard? – Indago surpresa.

– Sim.

– Nossa, não sabia que conhecia o prefeito.

– Nós jogamos golfe juntos. E já estive em alguns eventos na casa deles.

– E este tal jantar que ela falou?

– Nós teremos que ir, claro.

– Eu não sei... – digo indecisa. – Ela sabe que somos casados...

– Nós somos casados, Mia.

– Entendeu o que eu quis dizer.

– Mais dia menos dia, seria público.

Eu me mexo incomodada.

– Eu nem tenho um vestido...

Ele ri.

– É este o problema? Pode ser resolvido facilmente.

Ele para o carro em uma loja de grife e eu passo as horas seguintes experimentando vestidos caros como nunca vi na vida.

– Problema resolvido? – Lukas pergunta quando dá o cartão para a vendedora que sorri de orelha a orelha.

– Este sim.

Eu passo os dias que se seguem ansiosa. Não sei o que pensar. Ainda estou um tanto chocada por Lukas ter dito em alto e bom som que éramos casados. E agora nós fomos convidados para comparecer como um casal a uma festa formal.

Fico tão desorientada que me fecho em mim mesma. Se Lukas percebe, não diz nada. Ele também passa muito tempo trabalhando e eu fico sozinha, lendo ou remoendo meus pensamentos tumultuados.

E então, o último dia do ano chega.

Eu digo a Lukas depois do almoço que quero ver meu pai e ele não se opõe que eu vá sozinha me entregando a chave do seu carro.

– Eu tenho que resolver alguns assuntos urgentes, tudo bem?

– Claro, sem problemas.

Eu visito meu pai no hospital e na volta, passo em frente a um salão de beleza e, sem pensar, paro o carro e entro. Afinal, se vou usar um lindo vestido tenho que fazer jus a ele e não sei me maquiar muito menos pentear o cabelo direito.

Eu tinha um cartão de crédito e fui prontamente atendida e arrumada por profissionais ansiosas para agradar, ainda mais quando disse que iria a uma festa na casa do prefeito.

Saio de lá me sentindo quase outra pessoa.

Ao chegar ao apartamento no começo da noite, Lukas ainda está no escritório então vou direto para o quarto me arrumar.

Quando me olho no espelho, sinto-me subitamente tímida. Aquela não sou eu.

Como naquela noite da boate, em que Taylor me arrumou, me sinto mais velha e mais bonita. Devia me sentir segura, no entanto, só me sinto uma fraude.

– Mia? – Lukas me chama na sala eu respiro fundo e vou em sua direção.

E, pela primeira vez, vejo Lukas sem fala ao me medir.

– Você está...

– Exagerada? Diferente? Ridícula? – Pergunto com uma careta, ele apenas sacode a cabeça, limpando a garganta mudando a expressão para uma que eu não sei decifrar.

– Linda – diz com a voz sem entonação.

Eu toco o colar que ele me deu alinhado no decote do vestido prateado e longo que uso.

– Espero que esteja adequado.

– Está sim. Vamos?

Eu coloco o casaco e o sigo porta afora.

A mansão está iluminada e cheia de convidados quando saímos do carro.

– Achei que fosse apenas um jantar – murmuro e Lukas ri.

– É um jantar. Você não tem noção do que é uma festa pra Lindsay.

– Imagino...

Nós tiramos nosso casaco no hall e Lukas segura minha mão na dele quando entramos.

Eu me sinto como em um dos meus sonhos.

Não que já tivesse sonhado comigo e Lukas de mãos dadas em uma festa Black-tie, eu jamais poderia imaginar que aquilo era real.

Lindsay Howard nos recebe efusivamente em um vestido branco brilhante, segura meu braço nos guiando por entre os convidados e minha mente gira quando começa a me apresentar a uma infinidade de pessoas.

– Esta é Mia Constantini, esposa do Lukas! Não é linda?

Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.

Aquilo estava realmente acontecendo?

Eu não sei a quantas pessoas sou apresentada, parece ter sido a metade do estado, a metade rica pelo menos, quando finalmente Lindsay me deixa para ir ciceronear outro convidado.

Lukas me serve uma taça de champagne.

– Você está bem? Está pálida.

– Minha mente está girando.

Ele parece realmente preocupado.

– Me desculpe. É demais pra você. Eu deveria saber...

– Não. Não se sinta culpado. Acho que só preciso respirar um pouco longe de Lindsay.

Ele ri.

– Ela é exagerada.

– Ela me lembra Taylor.

– Definitivamente – ele concorda e nós rimos.

Um homem se aproxima de nós e cumprimenta Lukas efusivamente.

– Mia este é Peter Grayson, um amigo de longa data. Esta é Mia... minha esposa.

De novo eu sinto vertigem quando ele fala.

Eu iria me acostumar um dia?

Peter sorri pra mim.

– Muito prazer, Mia. Quando se casou, Lukas? Fiquei tanto tempo assim fora do país?

– Nos casamos há alguns meses. Mia está em New Haven agora fazendo faculdade.

– Yale também? Lukas contou que nós dois fizemos Yale?

– Vocês se conhecem da faculdade? – Pergunto curiosa.

– Sim, eu estudei jornalismo – Peter responde. – Trabalho na Europa. Atualmente sou correspondente na Inglaterra.

– Nossa, que interessante. Eu quero ir pra Inglaterra um dia. Penso em fazer especialização lá, ou algo assim.

– Qual a área que irá seguir?

– Literatura.

– Uma acadêmica, Lukas?

Lukas sorri.

– Uma fã de Jane Austen.

– Ei, aí está você! – Uma garota de cabelo curto se aproxima segurando o braço de Peter. – Oi, Lukas.

– Oi, Claire. Mia, esta é Claire, a namorada do Peter.

– Noiva! – Ela mostra um grande anel.

– Você ficou tão metida com este anel – Peter rola os olhos, sorrindo docemente pra ela.

Eu sinto uma pontada de inveja.

– Querida, esta é Mia, esposa de Lukas.

– Jura que se casou? E nem fomos convidados? – Ela fala entre brincalhona e indignada.

– Estávamos na Europa, amor – Peter diz.

De repente a música para e começa a contagem regressiva para a meia noite.

– Venham, vamos pro terraço ver os fogos – Claire diz animada e nós todos vamos pra lá.

Sinto as mãos de Lukas nas minhas costas de leve me guiando.

A noite parece mágica, enquanto olhamos o céu, todos contando para o começo de um novo ano.

– 4, 3, 2, 1!

Os gritos e fogos começam.

Casais se beijam a nossa volta.

Peter beija Claire eu olho para Lukas que está olhando pra mim.

E fico paralisada quando ele se inclina, como se em câmera lenta na minha direção e sinto seus lábios nos meus.

Lukas está me beijando sob os fogos de artifício.

Capítulo 16

Mia

Paro de respirar, de pensar e tenho certeza que o mundo parou de girar a minha volta quando Lukas me beija.

Cerro meus olhos, sentindo o toque de seus lábios nos meus, sugando ligeiramente meu lábio superior. Duas vezes.

E então acaba.

Ele se afasta e eu abro os olhos, assustados, chocados.

E frustrados.

Os fogos continuam a explodir a nossa volta, assim como os gritos excitados de felicitações.

– Ei, feliz ano novo! – Peter e Claire se aproximam nos abraçando quebrando o momento estranho.

Outras pessoas se aproximam, outro champagne é colocado em nossas mãos. Brindes são feitos, mas estou bem longe dali. Ainda perdida naquele momento do beijo.

Eu fui beijada por Lukas.

Beijada!

Meu interior está exultando.

O beijo durou apenas alguns segundos. Que bastaram para fazer meu mundo explodir como os próprios fogos que queimavam no céu.

Eu estou queimando.

Meu coração bate desenfreado e tenho certeza que meu rosto está vermelho, numa mistura de excitação e constrangimento.

Eu procuro os olhos de Lukas ansiosa por entender que diabos foi aquilo.

Seus olhos fogem dos meus.

E agora?

Claro que naquela hora todos os casais se beijaram e provavelmente ele só foi levado pelo momento. Nem este pensamento faz minha felicidade roubada diminuir. Eu jamais imaginei que algo assim aconteceria. Que eu seria beijada por Lukas. Mesmo sendo um beijo rápido e fugaz.

As horas seguintes passam por mim como um borrão de brindes, conversas frívolas e toques casuais dele.

Claro que era perfeitamente normal que suas mãos me conduzissem, ora nas minhas costas, ora segurando meu braço, até mesmo seus dedos quentes envolvendo os meus às vezes. Meus sentidos embaralhados pelo champagne e a lembrança recente do seu beijo em minha mente, fazem pequenos arrepios de uma espécie de antecipação percorrer minha pele cada vez que eu sinto seu toque sutil.

A noite termina quando nos despedimos e ele me conduz até o carro.

Sinto-me terrivelmente ansiosa e insegura quando entramos e Lukas dá a partida, me pergunto o que vai acontecer enquanto nos distanciamos das luzes da festa e pegamos a estrada.

Será que ele irá falar sobre o beijo? Vai se justificar? Ou vai deixar pra lá?

E o que eu quero? Me pergunto, olhando a noite escura pela janela.

Quero falar sobre o beijo, admito. Ao mesmo tempo tenho medo de que ele se justifique dizendo que foi algo de momento, para manter as aparências de um casal normal.

Pensar em Lukas dizendo isto me deixa desanimada. Porque, por mais bobo que seja, prefiro manter a fantasia de que ele me beijou de verdade.

Que foi um momento verdadeiro. Embora no final seja somente isto. Um momento.

Ainda estou perdida em pensamentos quando estaciona na garagem do seu prédio e saltamos em direção ao elevador. Eu relanceio um olhar pra ele. Parece sério e com o pensamento longe.

Longe de mim.

Mordo os lábios, frustrada, quando chegamos ao andar e ele caminha na minha frente, abrindo a porta do apartamento.

Então vai ser assim. Não haverá nenhuma conversa sobre o beijo.

Talvez eu esteja sendo muito infantil achando que temos algo pra conversar. Afinal, foi apenas um beijo de ano novo que não devia significar nada.

A quem eu quero enganar? Significava pra mim.

"É, só pra você mesmo", minha consciência sussurra amuada me deixando tão irritada, que passo por Lukas ainda com a sala na total escuridão, com o intuito de me afastar o mais rápido possível e me esconder com minhas fantasias idiotas, mas acabo virando o pé com os saltos ridiculamente altos que uso, teria ido ao chão, se a mão dele não se fechasse em meu braço, impedindo-me de cair.

– Ei, cuidado! – Lukas me segura.

– Droga, são estes sapatos ridículos – bufo mais irritada. – Não sei como ainda não caí e quebrei o pescoço... – antes que eu termine a sentença, Lukas me puxa para seu colo.

– O que está fazendo? – Pergunto sem fôlego, totalmente chocada e tonta com sua súbita proximidade.

– Impedindo que você quebre seu lindo pescoço – Lukas responde calmamente.

– Não é absolutamente necessário – digo mortificada, passando o braço por sua nuca enquanto ele caminha comigo pelo corredor escuro até meu quarto.

Duas coisas passam pela minha cabeça quando ele entra comigo no quarto semi-iluminado pela claridade que se insinua pela janela aberta: a primeira é que eu gostaria que meu quarto fosse mais longe para passar mais tempo em seus braços, aspirando aquele seu cheiro incrível e desfrutando do seu bem-vindo calor.

E a segunda é a percepção prodigiosa de que Lukas está me carregando diretamente para minha cama.

Este pensamento invade minha mente como uma droga intoxicante e derrete meus sentidos. Por um momento louco, paro de respirar esperando por algo inimaginável.

Algo tão surreal que não existia nem nos meus sonhos mais loucos. Até agora!

Então o momento se esvai como fumaça quando Lukas me coloca na cama e me dá as costas, se afastando e fechando a porta do quarto atrás de si com um baque silencioso.

E fico ali. Respirando por arfadas depois de ficar sem ar por tantos segundos, como alguém que emerge depois de um longo mergulho.

Naquela noite sonho com Lukas.

Sonho que enquanto estou ali, lutando por ar e para organizar a bagunça de sentimentos dentro de mim, a porta que ele fechou entre nós se abre novamente.

E ele vem até mim, estende a mão e acaricia meu rosto com seus dedos mornos, como naquele momento sob os fogos de artifício, se inclina e me beija.

Agora os fogos queimam dentro de mim, sob minhas pálpebras fechadas, em mil cores de calor e brilho que irradiam por minha pele que arde e fervilha.

Eu acordo sem ar de novo. E muito quente.

E confusa.

Por que ele me beijou?

Eu quase chego a sentir raiva porque, se antes eu já precisava conviver com todos aqueles sentimentos proibidos, agora teria também a lembrança vívida de seu toque.

E foi somente uma amostra do que seria um beijo de verdade, eu tinha certeza, sentia minha mente girar e meu corpo tremer só de imaginar.

O pior de tudo era que eu ansiava pelo pacote completo.

Só que não devia querer, Lukas me via como uma criança. Pra ele, eu era apenas a filha do homem que o roubou e com quem ele se casou por causa de uma herança.

Apesar de que ele nunca me tratou mal, por eu ser filha de John Agnelli. Quando sonhava com ele, antes de nos casarmos, sempre tinha medo. Medo de sua ira e ódio. No entanto, no final, nunca realmente senti este ódio.

Ele disse no dia em que nos casamos que não queria ser meu inimigo, que eu não devia temê-lo porque nunca iria me machucar. No entanto ele me machucava quando insistia em me ver apenas como uma garota a ser

protegida por causa de um contrato. Quando se afastava depois de me beijar, mesmo o beijo, muito provavelmente, tendo sido por aparência.

E, sobretudo, quando me fazia ver que existiam outras mulheres em sua vida. Mulheres interessantes a quem ele dava partes de si que nunca daria a mim, aquela com quem ele se casou.

Sinceramente, não era nem um pouco justo!

Eu bufo e jogo as cobertas para o lado, desistindo de dormir e me levanto indo para cozinha. O dia está começando a amanhecer e ainda está muito frio lá fora, mas não me importo. Começo a mexer no armário decidindo cozinhar para espairar minha mente.

Enquanto estou ali, fazendo algo que me sinto segura e capaz, um pensamento começa a se infiltrar em minha mente. Se Lukas não pretendia falar sobre o beijo, eu falaria.

Sim, nem que fosse para ouvi-lo dizer que foi só pra manter as aparências na frente de seus amigos, eu ia perguntar por que diabos ele havia me beijado.

Não queria admitir para mim mesma que existia um frio na minha barriga pela pequenina e remota possibilidade de ele responder algo diferente.

Então, quando escuto passos se aproximando no corredor, respiro fundo, tentando conter minha ansiedade quando Lukas aparece na porta da cozinha, vestindo calça de pijama folgada no quadril e sem camisa.

Minha boca fica seca e mordo os lábios, meus dedos segurando com força a xícara de café quente.

Quente era a palavra do momento.

– Bom dia – digo.

– O que faz acordada tão cedo? – Ele passa a mão pelos cabelos despenteados, mirando-me com seus olhos pesados de sono.

Tento não suspirar.

– Perdi o sono. Estou fazendo café.

A sombra de um sorriso se forma em seu rosto bonito.

Um arrepio sobe por minha espinha.

– O cheiro está bom.

Eu dou de ombros.

– Está quase tudo pronto.

– Certo... vou tomar um banho então.

– Claro – engulo em seco com as imagens que se formam em minha mente, todas envolvendo Lukas molhado.

Ainda bem que ele já tinha se afastado e não ouviu meu suspiro ridículo.

Eu me apresso a colocar a mesa e tirar os pães do forno e, quando está tudo pronto, me sinto tão ansiosa que vou a sua procura. Talvez ele ainda esteja no banho eu posso bater e entrar e...

Eu paro na porta do quarto quando escuto sua voz.

– Você não deveria me ligar... – Silêncio. Eu franzo a testa. Ele está no telefone, obviamente. Eu já começo a me afastar quando escuto a frase seguinte. – Nathalie, eu não posso falar agora...

Nathalie?

Eu congelo por dentro.

Ele está falando com Nathalie. A garota que esteve bem ali, há poucos dias vestida somente com sua camisa.

Meu estômago embrulha. Eu sei que devia sair dali, não consigo, me sinto paralisada.

– Tudo bem, eu vou. Onde nos encontramos? – De novo o silêncio. – Certo. Eu não devo demorar. Vou só me vestir e nos encontramos em vinte minutos.

Ele desliga e eu o escuto se movimentando no quarto.

Finalmente eu consigo obrigar meus pés a se moverem de volta para a cozinha. Ainda estou respirando com dificuldade. Um nó horrível aperta minha garganta e parece que minha alma está sendo sugada para algum lugar escuro e sombrio.

– Mia, preciso sair, infelizmente não vou poder tomar café com você, tudo bem?

Levanto a cabeça quando Lukas surge na porta. Ele está vestido casualmente e seus cabelos estão molhados.

– Aonde vai? – Ouso questionar.

– Alguns negócios a resolver. Com Wilson.

Wilson uma ova! Como ele pode ser tão cínico?

– Tudo bem – afirmo dando de ombros.

Ele hesita, passando a mão pelos cabelos, como se fosse dizer algo, então se afasta e escuto a porta bater na sala.

Então é isto.

Enquanto eu me consumia em fantasias bobas por causa do beijo, Lukas estava planejando um encontro amoroso com sua mais recente amante.

Pisco para afugentar as lágrimas traidoras que teimam em surgir. Não vou chorar. Recuso-me a chorar.

Estou tão cansada de ser idiota, de imaginar e ansiar coisas com Lukas que nunca serão possíveis, que tenho vontade de me chicotear! Quando é que eu vou aprender?

Lukas não se importa comigo. Não do jeito que eu gostaria que se importasse.

E o pior é que eu não tenho o menor direito de cobrar nada. Na teoria somos casados, na prática, ele é livre pra ter quantas amantes quiser. Menos eu.

Nunca seria eu.

Lukas

O café em que marquei o encontro com Nathalie fica a poucas quadras do meu apartamento então eu vou caminhando, ignorando o frio cortante do inverno e a garoa fina e gelada em meu rosto.

O frio é bem-vindo.

Estou enfurecido. Confuso.

Tudo porque ontem eu fiz a maior merda que eu poderia fazer pra foder tudo.

Eu a beijei.

Eu tinha beijado Mia.

Foi uma porra de um beijo quase insignificante. Um simples juntar de lábios que durou o quê? Cinco segundos?

O problema foi o que veio depois. A vontade de prosseguir. De continuar beijando sua boca com gosto de champagne. Vontade de morder seus lábios para ouvi-la gemer e afastá-los para a passagem da minha língua.

Eu ainda me pergunto como foi que eu consegui parar e continuar interagindo com meus amigos como se nada tivesse acontecido.

Eu sabia que foi exatamente a presença deles que me fez parar e cair na real. Pra começo de conversa, eu nem deveria tê-la beijado. Foi um impulso. Algo sobre todos estarem se beijando a nossa volta, envolvidos pelo clima dos fogos e felicitações de um novo ano que começava.

Pareceu perfeitamente natural que eu me inclinasse e a beijasse, como se fôssemos um casal normal.

No entanto, nós não éramos.

Nunca seríamos.

E a percepção me bateu logo em seguida. Enquanto prosseguíamos com os brindes e felicitações, eu observava Claire e Peter, eles sim eram um casal de verdade e não duas pessoas que se juntaram por causa de um contrato.

E vi o quanto eu estava errado. O problema todo começou com sua aparição no meu apartamento, justamente quando Nathalie estava lá.

Eu ainda me lembrava do meu pavor quando acordei achando que encontraria Nathalie na minha sala e encontrei Mia.

E ela tinha visto Nathalie. Porra!

Eu me senti exatamente como um marido adúltero naquele momento, embora no fundo soubesse que não era. Inferno, Mia não era minha esposa de verdade!

Era justamente por causa desta merda que eu estava saindo com Nathalie, não era? Para não ficar imaginando como seria levar a única garota que eu não poderia ter, pra cama.

Até aquele momento estava dando tudo certo. Quando voltei de New Haven me encontrei com Nathalie. E o que dizer? Nathalie foi uma surpresa. Não era como Alexia, dissimulada e esperta como uma cobra, sempre esperando para dar o bote. Tinha vinte e quatro anos e acabara de voltar de uma temporada em Paris, ou algum outro país da Europa, onde tentou a carreira de modelo, sem grande sucesso. Agora estava de volta à cidade, onde dividia apartamento com uma amiga de faculdade e era sustentada pelo pai, um advogado proeminente da cidade. De maneira alguma parecia interesseira ou falsa. Na verdade, existia até certa inocência nela, uma doçura que me fez querer encontrá-la mais vezes do que pretendia no início.

Não que tivesse interesse em aprofundar as coisas, nada mais do que algumas horas de bom sexo, seguido de uma conversa interessante. Nathalie era um sopro de frescor no meio da minha vida tão atribulada.

E agora, enquanto entrava no café e a via sentada num canto, vestida com seu elegante casaco rosa e me olhando com seus grandes olhos castanhos, acusadores e magoados, me dava conta do motivo de ter gostado dela.

Ela me lembrava Mia.

Não que houvesse algo na aparência física. Nathalie era alta e com longos cabelos castanhos alourados. Porém, aquele jeito quase ingênuo de encarar a vida, sem parecer ter maldade ou qualquer truque escondido, era muito parecido com Mia, embora as duas fossem de idades diferentes.

E claro, eu duvidava que Nathalie tivesse lido algum livro na vida, ou que soubesse fritar um ovo.

NACIONAIS-ACHERON

Enfim, era isto. Nathalie me fazia lembrar Mia. Foi o que me atraiu nela, mais do que qualquer outra coisa.

Eu entro no café e sento à sua frente.

– Oi Nathalie.

Eu me surpreendo quando seus olhos se enchem de lágrimas.

– Como você pôde?

– Nathalie...

Eu sabia que teria que ligar pra ela em algum momento e explicar sobre minha esposa cuja existência ela não fazia ideia.

De novo constato mais um erro que cometi. Eu não contei a Nathalie que era casado. Não achei que seria necessário, já que nossos encontros eram meramente casuais e não estavam programados para durar muito. Eu certamente não contava com a aparição de Mia no meu apartamento nos pegando em flagrante.

Agora ela parecia magoada. Mil vezes inferno, eu sinto uma onda de culpa me corroer. Foi exatamente por isto que eu não contei nada a ela. No fundo, eu sabia que Nathalie não era o tipo de garota que se envolveria numa situação como esta.

Agora eu teria que explicar. Com Mia no meu apartamento me esqueci completamente dela.

Eu sinto um aperto no peito ao me lembrar daqueles dias. De como eu me senti quase feliz por ela estar ali, depois de três meses sem vê-la.

Não foram poucos os momentos em que eu comecei a inventar motivos para mim mesmo para ir a New Haven, o que seria só uma desculpa esfarrapada para vê-la.

E eu não podia mais continuar com isto. Não podia mais alimentar aquela atração sem sentido. Mia não era pra mim. Ela era somente a filha de John Agnelli, que eu prometi manter intacta e protegida.

Protegida até de mim.

De repente ela estava por perto. Deixando seu cheiro de rosas pelos cantos, fazendo aquela porra de comida gostosa que me fazia salivar só de lembrar e me tentando cada vez um pouco mais com um sorriso, ou um balançar de cabelos, ou mordendo os lábios, distraída.

E me deixei levar feito um idiota, dizendo a mim mesmo que não

havia perigo algum. Como um alcoólatra que diz a si mesmo que está imune ao primeiro gole.

O primeiro gole pra um viciado é fatal você só quer continuar a beber cada vez mais.

Eu a seguia com os olhos quando ela não percebia, como o maldito pervertido que estava me transformando, deslizando meus olhos por seus seios, enquanto ela, distraída, montava a árvore de natal imaginando que tipo de sutiã ela usaria, se seus seios caberiam em minha mão e que textura teriam em meus dedos.

Descia o olhar ávido por seu quadril, seu jeans delineando o traseiro redondo perfeito. Mia era toda perfeita. E eu tinha vontade de chegar perto e colocar todos meus dedos nela.

Como não podia me trancava em meu escritório, fingindo trabalhar e amaldiçoando a mim mesmo e minha libido descontrolada.

No entanto, sempre voltava para sua companhia. Como um maldito viciado volta para seu tipo preferido de heroína. Eu podia me acostumar facilmente com aquela doce e torturante rotina de nós dois sozinhos. Como um maldito casal normal.

Então veio o encontro com Lindsay e, talvez levado por aquela rotina proibida, eu a apresentei como minha esposa.

E tudo começou a rolar ladeira abaixo.

Claro que ela estava deslumbrante naquele vestido prateado, tanto que foi difícil disfarçar o quanto que eu havia apreciado. O pior de tudo foi o quanto me senti bem circulando com ela naquela festa, segurando sua mão enquanto Lindsay a apresentava como minha esposa.

Naquele momento, era difícil distinguir a realidade da fantasia.

Também esquecer o fato de que aquela era Mia Agnelli, quase uma adolescente ainda. Alguém inocente que foi forçada a se casar comigo por causa de um erro do pai.

E claro, veio o beijo que acabou de esculhambar com tudo.

Eu ainda me lembrava de como o carro pareceu sufocante na volta pra casa, de como eu estava com raiva de toda aquela merda. Eu estava desejando uma garota que não podia desejar e a culpa era toda minha.

Eu tinha me metido naquela encrenca e teria que sair dela. Então me

distanciei, até ela tropeçar e me obrigar a pôr as mãos nela, como eu havia desejado a noite inteira ou, pra ser mais exato, vinha desejando há dias.

Mesmo assim, consegui me afastar. Saí quase correndo de seu quarto como o diabo fugindo da cruz mergulhando noite adentro em vários copos de uísque.

Para completar meu martírio, Nathalie me ligou logo cedo. Justo quando estou disposto a tomar um café da manhã tranquilo com Mia e usufruir pela última vez de sua companhia antes de despachá-la para New Haven e voltar à minha vida sem a tentação da sua presença.

– Eu preciso falar com você.

– Nathalie, você não deveria ter me ligado! – Exclamei irritado, enquanto ela começou a falar descontrolada.

– Eu esperei você me ligar para me dar uma explicação plausível! Acho que mereço pelo menos isto, não é? Temos que nos ver hoje!

Eu respirei fundo.

Sim, ela merecia.

– Tudo bem. Eu vou. Onde nos encontramos?

Ela falou o nome do café no qual já tínhamos nos encontrado algumas vezes.

Eu não gostei de mentir pra Mia, também não queria jogar Nathalie na sua cara mais uma vez. Mia parecia entender a situação, mas não me sentia à vontade de qualquer maneira.

O que me fez lembrar de ela ter dito que me viu com Alexia. Eu senti meu estômago embrulhar de horror ao imaginá-la me vendo naquela situação.

O que eu podia fazer? Era fato consumado.

Eu só queria que ela nunca mais visse nada assim.

E aqui estamos nós.

Nathalie me fita com um olhar acusador.

– Sabe como eu me senti? Sabe o que foi acordar e ver uma garota me encarando e dizendo que é sua esposa?

– Espera... Mia disse que era minha esposa?

– Por quê? Ela não é? Ela mentiu?

– Diga-me exatamente o que aconteceu naquela manhã.

– Ela não te contou? Não disse que eu saí do quarto com a sua camisa e nos encaramos chocadas? Eu nem sei quem estava mais surpresa! Aí ela perguntou quem eu era, eu disse meu nome e perguntei quem era ela. Por um momento imaginei que fosse uma de suas irmãs... aí ela disse que era sua esposa. E me mandou embora. É óbvio que saí imediatamente! Nunca me senti tão humilhada na minha vida!

Eu passo os dedos pelos cabelos Mia tinha dito a Nathalie que era minha esposa. Por algum motivo não achava que ela tivesse chegado a tanto.

– Sim, ela é minha esposa – concordo por fim.

Nathalie sacode a cabeça com as mãos trêmulas.

– Deus... Por que nunca me contou, Lukas?

Eu sei o motivo de não ter contado a ela. E é exatamente por isto que não estou contando toda a verdade agora. Que meu casamento não é verdadeiro. Que no fundo, não traí ninguém.

Porque sei que Nathalie é diferente. Que ela está realmente magoada comigo. E que, por mais que eu nunca tenha prometido nada, ela tem sentimentos que podem crescer ainda mais se ela souber que não sou um safado de um marido adúltero.

Muito provavelmente concordará em ficar comigo. E aí sim, estarei cometendo um erro terrível. Nathalie é o tipo de garota que se apaixona. E eu sei, bem no fundo que, por mais interessante e sincera que ela seja, não vou me apaixonar por ela.

Eu não quero envolver Nathalie ainda mais em toda a bagunça que é minha vida. Ela não merece.

– Eu sinto muito, Nathalie. Você não merecia.

– Eu nunca teria ficado com você se soubesse...

– Eu sei. Então é melhor que esta seja a última vez que nos vemos.

– Pode ter certeza que é a última vez! Eu não quero mais nada com um filho da puta mentiroso como você! – Ah, esta eu mereci. – Tenho pena daquela garota que é sua esposa. Tão jovem e já envolvida com um homem do seu tipo, sem nenhum caráter!

Ela funga, enxugando os olhos. Deus, eu me sinto um completo imbecil, quando ela se levanta e, lançando-me um último olhar magoado, se afasta em direção à rua.

Eu caminho sem rumo antes de voltar pra casa. Depois do encontro desastroso com Nathalie, hesito em encontrar com Mia.

Algo sobre Nathalie me chamando de mentiroso e sem caráter me faz sentir péssimo. Me faz querer chegar em casa e parar de mentir pra Mia. Contar a ela o tipo de homem em quem ela confiou.

Eu não quero magoá-la. Sinto uma opressão terrível só de pensar em vê-la tão magoada quanto Nathalie.

Não. Mia tem que ficar longe de mim.

Como tínhamos combinado desde o início. Apenas um contrato.

Quando eu chego ao apartamento ela se foi.

Há apenas um bilhete na mesa.

“Lukas,

A nevasca acabou, estou voltando a New Haven.

Mia”

Nada mais.

Mia parecia louca para voltar a sua vida em New Haven. Bem longe de mim.

Eu amasso o bilhete. Embora devesse sentir alívio, só sinto o vazio. Foi melhor assim?

Eu sigo com a minha vida como planejado.

Mergulho no trabalho. Tento não pensar em Mia ou no que estaria fazendo em New Haven. Evan continua me fazendo relatórios, nos quais não há nada de novo. Somente estudo, alguma vida social com amigos e nada mais.

Às vezes tenho vontade de perguntar alguma besteira do tipo: "Evan,

ela parece feliz"?

Me contenho. Já sei mais sobre sua vida do que deveria. Seria demais querer saber também seus pensamentos.

E a vida segue. Um dia me dou conta de que faz um ano que a conheci e três meses que não a vejo.

Talvez por isto eu tenha concordado em ir com Taylor e Denise naquela festa do tal amigo Adam. Eu tenho vivido quase sem vida social.

– Não parece estar se divertindo – Taylor abraça minha cintura por trás.

– Achei que estivesse aqui apenas pelo seu flerte – aponto pra Adam e Taylor se coloca na minha frente, dando de ombros.

– Cansei dele. Acho que quero me apaixonar – diz com um olhar sonhador e eu rio.

– Tenho pena do pobre coitado desde já.

Ela apenas pisca e se afasta.

– Vou dançar. Cansei de sua chatice! Está aprendendo a ser chato com a Mia?

Eu fico sério e seguro seu braço.

– O que sabe da Mia?

– Eu? Nada, claro! Às vezes eu ligo pra ela, como sabe ela não é muito comunicativa! Eu não desisto! Qualquer dia destes farei uma visitinha a New Haven...

E ela se afasta de vez, me deixando sozinho com meus pensamentos.

– Então nos encontramos de novo.

Eu reconheço a voz antes de me virar e ver Alexia.

Ela continua bonita e elegante e com um sorriso calculado. Não parece guardar mágoas de nosso último encontro no meu escritório.

– Oi, Alexia.

Ela franze a testa, me estudando.

– Parece cansado.

Eu não falo nada.

– Está trabalhando demais? Problemas demais?

– Um pouco de tudo.

– Precisa relaxar.

Agora seu sorriso é convidativo.

Não me sinto tentado, apesar de tudo.

– Calma Lukas. Sei que não está a fim de continuar de onde paramos. Que tal sermos amigos?

– Amigos?

– Por que não? Se deixar, vai descobrir que sou uma ótima amiga! – Ela se engancha em meu braço. – Vem, vamos procurar uma bebida e ficar bêbados! Acho que está precisando!

– Alexia...

– Ei, não seja chato! Podemos aproveitar e conversar sobre meu amante atual. – Ela pisca maliciosamente apontando pra um rapaz alto e moreno do outro lado do salão numa roda de amigos. – Seu nome é Fernando e ele é italiano. E, claro, podre de rico! Acho que posso apresentar vocês...

Eu me deixo conduzir por Alexia.

Como ela havia previsto, ficamos bêbados.

Então ela foi embora no fim da noite com seu namorado italiano que parece um cara legal.

Dias depois, nos encontramos novamente em outra festa. Fernando e eu começamos a falar de negócios em comum, que se transformaram em uma boa parceria. Alexia está sempre conosco. Dois meses depois, quando Fernando vai embora para a Itália, terminando seu caso com Alexia, nós acabamos na cama.

Eu me sinto levemente apreensivo no dia seguinte.

Eu sei quem é Alexia. E, por mais que ela tenha parecido uma boa companhia nos últimos tempos, ainda tenho medo do que ela pode se transformar.

– Eu sei o que se passa na sua cabeça. – Ela diz quando me acompanha em um suntuoso café da manhã na suíte do hotel onde está hospedada. – Você não confia em mim.

– Por que deveria?

– Lukas, eu sei quem você é. Sei que está metido neste casamento de

contrato. Que não quer se envolver com ninguém. Como eu disse antes, não estou cobrando nada. Sei onde estou entrando. Só quero que possamos nos divertir. Qual o problema?

– Eu não acho que vai querer somente diversão.

Ela rola os olhos.

– Você está se superestimando! Posso ter o homem que quiser na hora que quiser! E eu vou querer. Você me viu com Fernando! Não estamos falando de exclusividade ou amor pra vida inteira, Lukas. Só de diversão com alguém que sabe tudo e não vai cobrar nada.

– Alexia, eu realmente não estou interessado – insisto.

Ela dá de ombros.

– Tudo bem. Não vou rastejar, Lukas! Saiba que pode me ligar quando quiser. Talvez eu esteja com a agenda vazia... Ou não.

Eu disse a mim mesmo que não ia ligar pra Alexia. Acabei voltando atrás meses depois, quando Denise me ligou numa manhã dizendo que Mia estava vindo para casa.

– Tem certeza? – Mia não dava notícias há meses.

– Sim. Ela falou para Mary que ficará uns dias aqui. Ela passou o tempo inteiro das férias em New Haven. Aparentemente não quis viajar com a mãe dela pra Califórnia ou algo assim, sei lá! Taylor que anda fofocando! Achei que gostaria de saber, afinal... Bom, não sei se isso te interessa, na verdade. Taylor pediu pra eu te ligar, porque, sabe como é Taylor, ela descobriu que é aniversário da Mia esta semana e está preparando uma surpresa. Enfim, Mary a está ajudando a preparar um jantar especial! Você virá?

– Sim, claro. Tudo bem.

Denise ainda resmungou mais alguns comentários irônicos e desligou.

E eu, que me julgava curado daquela atração proibida, passei a contar as horas para ver Mia novamente.

Quão fodido eu estava?

Irritado, acabei ligando pra Alexia.

Eu precisava de uma boa dose de distração. Era isto.

Não estava nem aí se a estava usando. Ela mesma disse que não se

importava, não é? Eu ia transar com Alexia e quando encontrasse Mia, não pensaria em nada inadequado e proibido.

Mia voltaria a ser apenas minha esposa sob contrato.

Nada mais.

Capítulo 17

Mia

Eu olho Seattle pela janela começando a sentir meu coração pesado.

Aqui estou novamente, tantos meses depois de deixar a casa de Lukas sem ao menos me despedir.

Naquele dia me senti não só decepcionada. Senti raiva. Mais de mim mesma que de Lukas, na verdade. Eu não estava naquele arremedo de casamento pra sentir o que quer que fosse por ele. Estava nele para salvar minha família.

E devia ser somente isto.

Lukas não me devia nada. Ele sequer fazia ideia de que eu sonhava com ele noite após noite, desejando algo que nunca iria acontecer.

Então por que eu insistia naquilo? Só sendo muito masoquista e sem amor próprio. Eu não queria ser assim. Não queria sofrer por causa dos meus sentimentos proibidos e desejos impossíveis.

Assim, eu fiz minhas malas e voltei para minha vida em New Haven bem longe de Lukas.

Os meses passaram e foi ficando mais fácil, longe de tudo o que me lembrava aquela vida de "casada de mentirinha" em Seattle.

Evan, meus novos amigos, meus estudos. Eu podia viver bem.

Obviamente às vezes os sonhos voltavam. Não conseguia impedi-los, infelizmente. Sempre que eles me assombravam à noite, eu passava o dia amuada e com um vazio no peito, sentindo a ausência de alguém cuja falta eu não tinha direito de sentir. Nestas horas ficava tão revoltada que me dava vontade de ficar com o primeiro cara que aparecesse na minha frente.

Até isto Lukas havia estragado pra mim. Bastava um homem chegar perto, sorrir e começar a flertar que eu imediatamente fazia as inevitáveis

comparações. E ficava tão fria quanto um bloco de gelo.

Eu me perguntava quando é que me curaria de vez daquela paixão sem sentido.

Será que estava fadada a passar os cinco anos de contrato sozinha amargando uma paixão platônica sem nenhum futuro?

Eu pedia a Deus que não.

Agora sinto uma apreensão incômoda na boca do estômago quando o avião pousa em Seattle, porque sei que mais dia menos dia o reencontro será inevitável.

Enquanto pego minha mala me pergunto se foi um erro ter voltado. Eu não podia ficar longe pra sempre. Sentia saudades da minha mãe e queria ver meu pai. Pensar em John ainda me deixava muito triste, fazia mais de um ano que seu quadro não tinha alteração. Mesmo precisando voltar pela minha família, devia ter resistido aos insistentes pedidos de Taylor para ficar na casa deles.

Todavia, Taylor insistiu tanto que me vi concordando só pra ela parar de me ligar todos os dias. Na hora não me pareceu tão ruim. Eu passaria uns dias em Seattle, visitaria meu pai e minha mãe, deixaria Taylor fazer o tal jantar de aniversário que ela queria tanto. Agora, caminhando pelo desembarque, sinto uma angústia oprimindo meu peito.

O que é totalmente ridículo. Talvez eu nem veja Lukas. Certamente ele deve estar muito ocupado como sempre, ou deve ter vários compromissos com alguma garota com quem está dormindo.

O problema é justamente este, constato com vergonha de mim mesma. No fundo, tenho mais medo que ele nem se dê ao trabalho de querer me ver, do que de vê-lo.

Eu mereço uns tapas na cara pra tomar jeito.

– Bem-vinda de volta.

Eu levanto o olhar e fico surpresa ao ver Paul me esperando.

– Paul!

– Oi Mia – ele sorri daquele mesmo jeito que me lembrava. É uma boa surpresa vê-lo.

– Não esperava te ver.

Ele se adianta e pega minha mala.

– Eu sou seu motorista.

Eu sorrio e o acompanho pelo estacionamento até o carro e insisto em sentar na frente.

– Não me crie problemas... – ele coça o cabelo, dando a volta, se sentando no banco do motorista e dando partida.

– Por que teria problemas?

– O chefe é bem exigente com o decoro, sabe como é.

– Falou o cara que dorme com a irmã do chefe... – digo ironicamente e ele ri.

– Ele não faz nem ideia. E tenho certeza de que alguma falta de decoro com a irmã do chefe é bem diferente de falta de decoro com a esposa.

Eu me mexo incomodada.

Como se Lukas se importasse com alguém faltando com o decoro comigo, penso.

– Tenho certeza que não vai faltar com o decoro comigo, ou vai?

– Não sou nem louco!

– Então não temos nenhum problema. Como vai, Denise?

Ele faz uma careta.

– Mais ou menos.

Fico curiosa.

– Explique-se!

– A gente ainda sai de vez em quando... continua na mesma. É apenas... – ele dá de ombros – sou apenas o motorista que dorme com a irmã do patrão.

– E você queria mais. – Não é uma pergunta.

Eu fico com raiva de Denise que, provavelmente, nem percebe que Paul está apaixonado por ela.

Sinto alguma solidariedade por ele. Sei por experiência própria o que é ter sentimentos por alguém que não está nem aí pra gente.

– Ela sabe o que você quer?

– Mulheres como Denise sempre sabem, nem precisa dizer.

– O que vai fazer? Vai continuar assim?

– O que posso fazer? Sou apenas o motorista e preciso do emprego. Não quero confusão com o Constantini.

– Ele não tem nada a ver com isto.

– Eu sei, como você já sabe eu desejo ser segurança. Preciso ter a confiança dele.

– Eu sei. Denise e você é outra história.

Ele sorri pra mim.

– Você é tão inocente, Mia. Seria bom se as coisas fossem assim tão simples.

– Infelizmente, nunca são – digo sombriamente quando ele para o carro em frente à casa dos Constantini.

Eu salto e ele me segue para dentro de casa segurando minha mala. Taylor aparece praticamente pulando em mim com um abraço apertado.

– Finalmente!

– Oi, Taylor.

– Oi, Paul – ela me solta pra encarar Paul. – Leve as malas de Mia para o quarto dela!

Paul se despede de mim com um aceno e Taylor me puxa para a sala.

– E então como foi a viagem?

– Rápida e cansativa. Quero apenas um banho e descanso.

– Nada disto! Quero que me conte tudo sobre New Haven! Sei que é uma cidade pequena e deve ser entediante!

– Não é entediante. Não para mim, pelo menos.

– E o que faz lá para se divertir? Tem muitos amigos? Vai a festas malucas?

– Claro que não!

Taylor dá uma boa risada.

– É, imagino mesmo que não. Acho que se meu irmão ficasse sabendo de uma coisa desse tipo a colocaria sobre suas pernas e lhe daria umas boas palmadas na bunda!

Eu coro violentamente ao imaginar a cena. Deus, qual o meu problema? Eu devia ficar horrorizada com a sugestão de Lukas me batendo,

do jeito que Taylor falou, pareceu algo quase safado.

Eu mordo os lábios com força.

– Como se Lukas se importasse com o que eu faço – resmungo e Taylor franze a testa.

– Claro que ele se importa! Lukas é super controlador!

– Duvido. Eu não o vejo há meses.

– Bom, não perdeu muita coisa. Ele anda insuportável. Só trabalhando, é um sacrifício fazê-lo sair com a gente.

– Ele sai muito com vocês? – Eu não consigo me conter. Na verdade, queria saber se Alexia Duran sai com eles. Ou Nathalie. Ou seja lá qual mulher que ele anda saindo.

– Às vezes. E você? O que faz em New Haven? Devo te fazer uma visita pra você me mostrar os bares da moda?

– Eu vou a algumas festas de amigos da faculdade com Evan...

– Evan? Quem é este?

– Um amigo. Ele é meu vizinho, na verdade. É um cara muito legal.

Taylor fica hesitante.

– Mia... Você por acaso está saindo com este Evan?

– O quê? Não! – Nego indignada. Eu queria dizer: "Taylor, eu sou casada, credo", paro a tempo ao perceber o ridículo desta afirmação. – Somos apenas amigos.

– Ah tá. Quer dizer, sei que você é tipo, casada com meu irmão, só que não é de verdade, né? Acho que seria normal se saísse com alguém.

– Eu não saio com ninguém – afirmo com uma convicção desnecessária, não consigo evitar. – E seu irmão sai?

Oh Deus, por que eu estou fazendo aquele tipo de pergunta a Taylor?

– Lukas? Acho que sim, né? Não que eu o tenha visto com alguém. Ele não namora faz tempos, na verdade. Conhecendo Lukas, ele deve ficar com alguma garota sim, quando larga daquele escritório.

– Não é da minha conta – desconverso me levantando – vou tomar um banho e descansar.

– Tudo bem. Amanhã, nós vamos sair pra fazer compras!

– Taylor...

– Nem pense em negar. Vamos comprar algo lindo pra usarmos no jantar do seu aniversário!

– Espero mesmo que seja só um jantar íntimo. Você prometeu!

– Sim vai ser como eu prometi, não se preocupe.

Eu subo pro meu quarto, desfaço as malas e tomo um banho.

Ao descer para o jantar, Mary me dá um longo abraço de boas-vindas e janto com Taylor e Denise que se juntou a nós. Ela me cumprimenta com um sorriso quase sarcástico e, como sempre, se limita a falar mais de si do que perguntar sobre mim. O que é até bom, se levar em consideração o fato de que Taylor pergunta pelas duas.

Eu vou dormir cedo, muito cansada da viagem e acordo com Taylor abrindo as cortinas e puxando minhas cobertas.

– Acorda! Feliz aniversário!

Oh Deus, em que eu tinha me metido?

Embora eu tenha ficado realmente apreensiva em sair com Taylor, o dia acaba sendo agradável. Taylor é uma companhia divertida, quando me permito me deixar levar. Talvez fosse justamente isto que eu precisava. Um pouco de futilidade, como fazer as unhas e comprar roupas pra esquecer que estou com o estômago revirando por ver Lukas de novo.

Nós voltamos pra casa no fim da tarde e Taylor cisma de me arrumar. Eu consigo pelo menos tomar banho sozinha e ela dá boas risadas quando lembra da primeira vez que eu estive ali jantando com eles e havia usado meu vestido preto de enterro.

– Você parecia uma noviça ou uma beata! Naquele momento fiquei louca para pôr minhas mãos em você! E olhe só, eu tenho mesmo bom gosto.

Eu me olho no espelho. Estou usando um vestido verde que Taylor chama de Vintage que é realmente bonito sem ser exagerado, como a roupa sensual que ela me fez usar naquela noite da boate.

– Sim, é bonito – concordo.

– Você tem bom gosto também. Eu amei aquele vestido prata que usou no ano novo.

– Como sabe? – Eu me surpreendo.

– Vi sua foto nas colunas sociais, claro.

– O quê? Como assim colunas sociais?

– Você não sabia? – Taylor ri e me puxa pela mão até seu quarto, onde começa a revirar várias revistas e abre uma. – Aqui, eu até marquei. Estava realmente deslumbrante.

Eu arregalo os olhos chocada ao ver uma foto minha e de Lukas na festa de Lindsay.

– Eu nem sabia que estavam tirando fotos...

– Era uma festa na casa do prefeito! Claro que haveria paparazzi! Você fez bonito! Sabe que eu recebi centenas de ligações de pessoas curiosas sobre você? Foi bem divertido.

– E o que você disse a elas?

– Nada, lógico. Meu irmão me mataria! Mandeí perguntar pra ele e claro que ninguém teria coragem. Como você nem estava na cidade, o buchicho passou logo.

– Buchicho...

– Calma. Não se preocupe! Ninguém faz ideia deste seu contrato – ela me puxa pra sala.

E eu quero dizer a ela que nem sei se é o que me preocupa. Eu paro de pensar nestes problemas quando chegamos à sala e minha mãe está lá com Denise.

Andrea está muito bonita num vestido preto e até parece mais jovem.

– Está bonita, mãe. Mudou o cabelo?

– Percebeu? Queria dar uma repaginada.

– Ficou ótimo Andrea – Taylor concorda, seu sorriso se ilumina quando olha pra porta. – Lukas, você veio!

Eu paro de respirar, meu corpo inteiro fica tenso, quando me viro e finalmente estamos frente a frente.

E mil vezes inferno, ele está ainda mais lindo do que eu me lembro, se é que é possível. Vestindo um terno cinza, seus olhos verdes se prendem em mim quase cautelosos.

– Oi Mia.

– Oi Lukas.

Taylor se aproxima e o abraça.

E eu tenho tempo de me recompor, dizendo a mim mesma que posso ser superior àqueles sentimentos ridículos que sinto por ele.

– E então, mãe. Como está o papai? – Eu me viro pra Andrea, disposta a ignorar Lukas o quanto puder. Onde está escrito que eu lhe devo alguma atenção especial?

– Na mesma, querida. Na verdade, quero muito conversar com você...

– Que bom que vieram! – Eu levanto a cabeça ao ouvir a voz animada de Taylor e vejo Danielle e seu noivo Jack entrando.

Eu realmente não entendo por que eles vieram. Obviamente Taylor deve tê-los convidado, eu não fazia nenhuma questão. Eles se aproximam e Danielle até me deseja feliz aniversário, assim como Jack, que me abraça, beijando meu rosto.

Não sei por que sinto um arrepio de medo quando ele chega perto de mim, o que é meio absurdo.

Quando se afastam levanto o olhar e Lukas está me olhando fixamente, parado do outro lado da sala, com as mãos no bolso.

Eu queria ter forças suficientes para segurar seu olhar ou até mesmo lançar-lhe um olhar do tipo: "perdeu alguma coisa"? Como não sou tão forte assim, desvio meu rosto para minha mãe que começa a falar sobre seu último curso de cerâmica.

Mary nos chama para o jantar, que transcorre com conversas amenas e percebo que Lukas só fala quando solicitado, parecendo meio ausente e até um pouco tenso.

Então um pensamento começa a me incomodar. Será que ele está ali obrigado? Será que gostaria de estar em outro lugar? Com uma de suas amantes talvez?

– Vamos pra sala! Hora de abrir os presentes! – Taylor se materializa ao lado da minha cadeira, toda empolgada e nós seguimos até a sala. – Vamos, abre primeiro os meus.

Taylor pega pelo menos uns dez pacotes de várias cores e tamanhos.

– Taylor, eu não quero presentes...

– Não seja desagradável, Mia! – Ela rola os olhos. – Vou até ajudá-la a abrir.

Como esperado, Taylor me deu muitas roupas, duas bolsas de marcas famosas e um conjunto de lingerie preta que me deixa roxa de vergonha e fez Denise e Danielle soltarem risinhos maliciosos. Eu nem ousou levantar a cabeça pra ver o que Jack ou, Deus me livre, Lukas, está pensando!

– Este é de Denise! – Taylor diz e Denise apenas joga o cabelo.

– Espero que goste!

Eu abro o pacote e vejo um perfume francês.

– Obrigada, Denise.

Minha mãe me dá uma pulseira de coral que ela diz ter comprado de uma tribo indígena na Califórnia e que juraram que dá sorte. Bem a cara de Andrea. Danielle me entrega um pacote e eu sorrio sem graça ao abrir e agradeço ao ver um outro perfume.

Que gente sem imaginação penso com ironia.

E então Lukas está na minha frente e eu mordo os lábios toda tensa quando ele me entrega um pequeno pacote.

– Não precisava... – murmuro e ele dá de ombros.

– Não seja absurda.

Eu abro o pacote e tem uma caixa com o logotipo de uma famosa joalheria e, dentro da caixa de veludo preto, um par de brincos de diamante que ofuscam meus olhos.

– Uau! – Taylor assovia.

– São realmente perfeitos – até Andrea parece impressionada.

– E caros – Jack sorri com aquele seu sorriso que parece não chegar aos olhos.

– É... exagerado – digo.

– São lindos e combinam com você – Lukas diz e eu o fito.

– Acha que eu combino com brincos de diamantes? Sério? – Insisto com ironia.

– Você combina com coisas bonitas.

Eu engulo em seco, irritada por ter ficado sem graça com suas palavras.

– Eu nem sei onde usaria – murmuro, fechando a caixa.

– Hum, com certeza, se descobrirem que está aqui, será convidada pra algum evento social importante! – Taylor diz.

– Bobagem – desconverso.

– Hora do bolo. – Mary aparece com um bolo cheio de velas e todos cantam parabéns, me deixando vermelha e me obrigando a assoprá-las.

– Nós temos que ir – Danielle avisa logo.

– Já? – Taylor reclama. – Achei que poderíamos esticar a noite, sair pra dançar.

– Taylor, não! – A interrompo – ainda estou bastante cansada, não quero sair.

– Ah, tudo bem, então.

Danielle e Jack vão embora e de novo eu sinto aquela sensação ruim quando Jack me olha, me deixando desconfortável.

Minha mãe também se despede e nós combinamos de nos encontrarmos no hospital no dia seguinte.

– Tem certeza que não quer sair? – Taylor insiste.

– Tenho sim. Estou com sono. Quero apenas dormir.

– É seu aniversário e...

– Taylor, deixa a Mia em paz – Lukas a corta.

– Certo. Vou ajudá-la a levar seus presentes lá pra cima então!

Taylor finalmente me deixa sozinha e eu respiro aliviada.

Quando me deito, estou quase feliz comigo mesma. Sobrevivi ao meu reencontro com Lukas.

Eu estava sendo exagerada por estar apreensiva. Claro, eu ainda ficava toda tensa e com aqueles arrepios bobos na espinha quando olhava pra ele. Minha atração por Lukas era quase como uma gripe que demorava a passar, um dia os sintomas iriam embora. E eu finalmente estaria curada.

Naquela noite, eu sonho.

Sonho que abro os olhos, focalizando o quarto escuro e ele está ali, olhando pra mim na ponta da minha cama.

Acordo assustada, com a sensação quase real de que ele realmente estava ali.

No entanto o quarto está vazio.

Quando eu acordo no dia seguinte, eu me arrumo para encontrar Andrea no hospital e desço indo direto pra garagem.

Será que poderia usar algum carro, me pergunto ao entrar na garagem, e paro surpresa ao ver meu velho Ford em meio aos carros caros.

– Acordada tão cedo?

Eu quase dou um pulo de susto ao ouvir a voz de Lukas atrás de mim. Me viro para vê-lo na porta da garagem. Parece proibidamente lindo quando anda em minha direção, vestindo jeans e suéter azul escuro.

– Vou ao hospital... Não sabia que meu carro estava aqui.

– Onde mais estaria?

– Não sei. Eu fiquei usando aquele carro caro de vocês e pensei que talvez você tivesse se livrado dela.

Ele sorri de lado e eu mordo os lábios pra não gemer.

– Era esta minha intenção, só achei que você iria ficar chateada.

– Sim eu iria.

Ele caminha até uma parede onde tem um gancho com várias chaves e pega uma, me jogando. – Acho que vai querer sair com ele, não é?

Eu sorrio, pegando a chave no ar.

– Com certeza.

– Então... É isto. – ele hesita e faz menção de se afastar, eu o chamo.

– Lukas, posso te pedir uma coisa?

Ele para, me fitando.

– Sabe o Paul?

– O motorista?

– Sim, ele mesmo.

– O que tem ele?

– Sabia que ele quer ser segurança?

– Não. Como sabe?

– Ele me disse.

Lukas fica muito sério de repente.

– Desde quando você tem conversas com motoristas, Mia?

Eu rolo os olhos.

– Desde que eu passo algum tempo no carro com eles! Não seja esnobe!

– Não sou esnobe!

– Se está dizendo... Bem, o caso é que ele é muito competente, presumo, entrou na Constantini pensando em ter uma oportunidade de entrar pra equipe de segurança; eu acho que deveria dar uma chance a ele. Por favor – acrescento.

Eu queria realmente poder ajudar Paul.

Lukas me estuda por um momento.

– Tudo bem. Acho que podemos fazer um teste e veremos como ele se sai.

Eu sorrio abertamente.

– Muito obrigada! Acredito que não vai se arrepender! – Entro no carro me sentindo realmente feliz por poder ajudar Paul.

Eu não vejo mais Lukas naqueles dias que passo em Seattle. Fico triste quando vejo meu pai e converso com os médicos perguntando sobre seu estado. Todos dizem a mesma coisa: não há mudança em seu quadro.

E, enquanto estou ali do seu lado, segurando sua mão, me pergunto como seria se ele acordasse. Será que ficaria bravo por eu ter me casado? Certamente que sim. John era muito protetor e ficaria enfurecido. Provavelmente moveria céus e terras para acabar com aquele contrato.

Eu gostaria disto?

Deveria. Ficar livre de Lukas era tudo o que deveria querer.

Livrar-me daquela tensão na boca do estômago cada vez que era obrigada a ficar perto dele. Daquela dorzinha incômoda que apertava meu peito cada vez que o imaginava com garotas como Nathalie e Alexia.

E, principalmente, me livrar daquela esperança tola e sem sentido de que um dia ele iria querer mais de mim do que uma simples assinatura em um contrato.

Quando menos espero, já é dezembro, estou me despedindo de Evan e voltando para Seattle para passar o Natal com a minha mãe.

O tempo inteiro enquanto estou no avião, fico recordando os dias passados com Lukas em seu apartamento no Natal passado.

Fico repassando tudo como um filme em minha mente odiando aquele sentimento de frustração por saber que nunca mais irão se repetir.

Este ano, eu tinha certeza que Lukas estaria em Aspen com sua família. Taylor me ligou há dois dias para me fazer a mesma pergunta do ano passado e eu respondi o mesmo, que iria passar com minha mãe e ela disse que todos estavam indo pra Aspen naquela tarde, inclusive Lukas.

– Uma pena que não irá com a gente! Podia vir e trazer seu tão falado amigo Evan.

– Evan tem sua própria família no Texas que interesse é este?

– Fiquei curiosa pra conhecê-lo. Está com ciúmes?

– Claro que não! Vou falar pra ele que está famoso aí em Seattle.

Taylor riu com seu jeito animado.

– Pode falar!

Então, quando desembarco no aeroporto, tento ficar animada por pelo menos este ano ter certeza que passarei com Andrea, que foi avisada com antecedência da minha chegada e não vai aprontar o que aprontou ano passado.

Fico surpresa ao chegar ao desembarque e ver Paul sorrindo pra mim.

– Paul? O que faz aqui? Não sabia que iam mandar você me buscar!

– Não mandaram. Não sou mais motorista!

– Ah! – eu finalmente reparo que ele não usa mais o uniforme de motorista e sim uma roupa preta que, aliás, lhe cai muito bem. – Oh meu Deus, é da equipe de segurança agora?

– Sim, senhora!

Eu não me contenho e lhe dou um abraço.

– Parabéns! Se não é mais motorista, o que faz aqui?

– Denise me contou que ia chegar hoje e eu queria te ver pra agradecer por ter intercedido por mim junto ao Lukas.

– Bem, eu só lhe dei algumas ideias...

– Eu sei que você pediu a ele que me desse uma chance. Muito obrigada.

– Como sabe?

– O próprio me contou. Não sem antes me fazer um interrogatório desconfiado sobre que tipo de relação tínhamos.

– Não acredito que Lukas fez isto! – Exclamo chocada.

– Ele só estava curioso, digamos assim. Acho que no lugar dele faria o mesmo.

– Lukas é um idiota – resmungo desconcertada e Paul ri, pegando minha mala.

– Vem, vou te dar um carona. Vai pra casa da sua mãe, presumo.

– Sim, eu vou. E você? Não foi convidado a passar o Natal com a família de sua namorada?

– Denise não é minha namorada.

– Ah, claro. Agora o lance deixou de ser "motorista/irmã do patrão" e virou "segurança/irmã do patrão"?

– Bem isto – ele ri.

– Ah, continuam correndo em círculos então.

– Exatamente – entramos no carro e eu suspiro.

Paul e Denise, sua indefinição me lembra bem outras duas pessoas.

Apesar de estas outras duas pessoas não estarem transando loucamente nas horas vagas.

Infelizmente.

Eu e Andrea passamos um Natal tranquilo em casa e me sinto triste o tempo inteiro porque meu pai não está conosco.

Eu o visito todos os dias, passando horas apenas observando-o em silêncio no hospital.

Certo dia estou saindo do seu quarto num fim de tarde quando vejo um rapaz loiro se aproximando. Ele sorri pra mim, ao parar na minha frente.

– Mia Agnelli, quem diria!

Eu franzo a testa...

Quem é aquele?

– Não está me reconhecendo? Joe DeLuca. De Redmond!

Eu arregalo os olhos de surpresa.

Claro, aquele é meu amigo de infância, filho de um dos melhores amigos de John, Jim.

Fazia alguns anos que eu não via Joe ele estava muito diferente agora. Muito mais alto e forte.

– Nossa, nem te reconheci! Joe DeLuca! – Sorrio e ele me abraça me levantando do chão e girando. – Uau, você está forte!

Ele dá de ombros, todo vaidoso.

– Ando malhando.

– Não seja metido! Está muito alto!

– Bom, você também está um pouco diferente...

Eu reviro os olhos.

– Nem tanto assim. O que está fazendo aqui?

Ele fica sério.

– Eu e meu pai viemos visitar o John. Sinto muito por tudo o que está acontecendo, Mia. Nós estivemos aqui algum tempo depois do acidente, chegamos a ver sua mãe, ela disse que estava viajando.

Por que minha mãe mentiu? Será que Joe e Jim nem faziam ideia do casamento?

– É... Não me lembro quando foi. Minha mãe nem me contou.

– Sério? Eu disse que queria te ver, não fiquei insistindo, porque sua mãe parecia tão abalada... Enfim, meu pai disse que tínhamos que respeitar a dor de vocês. E não havia muito que pudéssemos fazer mesmo. Meu pai liga sempre pra Andrea e, quando ela nos contou que os aparelhos seriam desligados, nós...

– Espera, o que disse?

Ele fica confuso.

– Andrea nos contou que decidiu que os aparelhos serão desligados, já que o coma parece irreversível.

Eu sinto o chão fugir sob meus pés num estado de total horror.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 18

Mia

Eu praticamente pulo do carro da minha mãe, batendo a porta atrás de mim e corro pra casa à sua procura.

Ainda estou tremendo inteira, com as palavras de Joe DeLuca reverberando em meus ouvidos. Simplesmente não pode ser possível que minha mãe esteja pensando em fazer isto.

Foi o que eu disse a Joe, ele insistiu que Andrea havia confirmado a Jim por isto eles vieram, para uma última visita. Eu não me lembro de muita coisa depois, apenas que me despedi de Joe com pressa e corri pra casa pra confrontar Andrea.

Eu a encontro na cozinha, usando seus óculos de leitura e folheando um livro de receitas veganas, sua mais recente mania.

– Oi, filha... – ela sorri, seu semblante feliz logo se desfaz quando vê minha cara. – O que aconteceu?

– Diz que é mentira que está pensando em desligar os aparelhos do John.

Ela suspira e tira os óculos.

– Meu bem...

– Ah meu Deus! – Gemo, o mundo caindo ao perceber, por sua expressão, que é realmente verdade. – O que está pensando? Não acredito que esteja falando sério!

– Mia – ela se levanta. – Vamos conversar sensatamente, se acalme.

– Não vou me acalmar a não ser que diga que vai desistir!

– Querida, seu pai está em coma há quase dois anos. Sua atividade cerebral não sofreu alteração desde então. Acordar seria um milagre...

– Para! Não fale como se ele já estivesse morto! Ele está em coma!

– E pode não acordar nunca!
– Como pode dizer isto? É meu pai! É seu marido! E você quer matá-lo!

– Não fale desse jeito! Estou sendo misericordiosa! Acha que John ia querer viver deste jeito? Vegetando?

– Você não sabe o que ele ia querer!

– Quem decide sou eu. Não posso mais, Mia, sinto muito...

– Só pensa em você, não é? Sempre fez isso!

– Está sendo tão injusta...

– Você está sendo injusta, não eu! Ele é meu pai e não vou permitir!

– Mia, precisa ser sensata. Sei o quanto é difícil. Pra mim está sendo horrível também. Pensei muito antes de chegar a esta decisão. Vai ser melhor pra todos nós. Poderemos seguir em frente... Eu já falei com os médicos.

– Quando iria falar comigo? Depois de tudo feito? – Eu não consigo controlar minha raiva.

– Não! Estava esperando passar o Natal conversarmos antes de você voltar pra New Haven.

– Eu não posso...

– Querida, embora seja triste, vai ser melhor... – ela tenta tocar meu cabelo, eu me afasto, chorando.

– Não. Não posso concordar.

– Eu já assinei os papéis, sinto muito...

Um soluço sai do meu peito e corro pro meu quarto, ignorando os chamados aflitos de Andrea.

Minhas mãos tremem, quando pego o celular e disco o número da única pessoa que pode me ajudar.

– Lukas Constantini – sua voz fria atravessa a linha.

– É a Mia... – eu tento parar de chorar pra falar.

– Mia? O que foi?

– Lukas... Eu preciso de você.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Lukas

O Natal nunca foi um feriado muito festejado por mim. Eu sempre lembrava mais da minha mãe e sentia falta dela nesta época.

Só conseguia me lembrar de um Natal que foi diferente. Há um ano, quando fiquei preso com Mia em Seattle por causa da nevasca. Olhando para trás, vejo aqueles dias como um oásis no meio do deserto. Um dia de sol no meio de um inverno profundo.

Luz na escuridão.

Então, ela partiu. E tudo voltou a ser como sempre foi.

Talvez eu ainda seja apenas um menino mimado, desejando algo que não posso ter e projetando minha suposta felicidade neste desejo.

Então sigo em frente.

Trabalho, algum afeto com minha família adotiva, um ou outro amigo de quem sei que nem sou realmente íntimo e algumas noites de sexo sem nenhum compromisso com Alexia Duran.

Dizia a mim mesmo que era o bastante. Mia Agnelli era o fruto proibido e mais dias menos dia, eu deixaria de querê-la.

Aí ela surgia de novo. Me atormentando. Me tentando.

Então eu voltava a ser o idiota cheio de tesão e insatisfeito com a minha vida cuidadosamente planejada.

Quando eu a vi naquele singelo vestido verde na sala da minha casa, me olhando com seus lindos olhos cor de avelã, senti que nada mais teria graça se ela não estivesse por perto. Nem que fosse apenas pra ficar olhando-a de longe como um maldito stalker, estudando seus movimentos tão inconscientes de sua sedução natural, que me atraíam cada vez mais. Deixando-me cada vez mais angustiado por não poder tê-la.

Ela partiu de novo e me senti tão aliviado quanto pesaroso.

Eu era um fodido completo.

Apenas seguindo minha rotina e esperando o dia em que ela ia

aparecer na minha vida outra vez.

Então, quando atendo o celular no aeroporto naquela tarde, onde estou com Denise e Taylor aguardando nossa partida para a minha mais nova casa de praia no Havaí, me surpreendo ao ouvir sua voz chorosa.

– Mia, o que foi? – Pergunto preocupado, me afastando do barulho da sala de embarque vip para poder escutá-la melhor.

– Lukas, eu preciso de você – ela soluça e eu me preocupo imediatamente.

– O que está acontecendo? Por que está chorando?

– É minha mãe... ela quer desligar os aparelhos de John... Por favor, me ajuda. Não sei como fazê-la desistir...

Passo os dedos pelo cabelo um tanto aliviado por ela não estar machucada ou algo assim e pensando em seu pedido angustiado.

– Me desculpa – ela gagueja de repente. – Estou tão apavorada, nem pensei antes de te ligar. Deve estar ocupado, nem está em Seattle...

– Não, tudo bem. Fique calma. Estou indo pra aí.

– Está bem, obrigada.

Eu desligo, Taylor e Denise estão me encarando curiosas.

– O que foi? – Denise pergunta.

– Terão que ir sem mim.

– Como assim, não podemos! – Taylor parece consternada.

– Surgiu um problema em Seattle – respondo vagamente, porque não estou a fim de responder suas perguntas curiosas.

Pego meu celular e disco pra Wilson.

Chego a Seattle no começo da noite e vou direto para a casa de Mia.

Andrea abre a porta pra mim com um sorriso surpreso.

– Lukas! O que faz aqui, não estava em Aspen com sua família?

– Preciso falar com a Mia.

– Hum, claro, entra...

Assim que eu entro Mia aparece no alto da escada. Seus olhos estão inchados de tanto chorar. E eu sinto vontade de esmurrar quem a deixou assim. Ou seja, sua mãe.

– Mia, querida, Lukas veio conversar com você.

– Não precisava ter vindo – ela diz, descendo as escadas.

– Precisava sim. Você está bem?

Ela dá de ombros, parecendo muito deprimida com os braços cruzados em frente ao peito.

– Lukas – Andrea se intromete. – A Mia está bem, estamos tentando resolver uma questão difícil...

– Eu sei muito bem o que está acontecendo – corto-a friamente e me viro pra Mia. – Pode me deixar sozinha com sua mãe?

Ela parece confusa.

– Confie em mim. Nada vai ser feito contra sua vontade.

Ela apenas assente e se afasta.

Andrea parece desconcertada – Mia te contou?

– Sim, ela me ligou desesperada pedindo ajuda.

– Não era pra tanto. É uma questão de família...

– Sim, e Mia é minha família. Estou aqui pra garantir que nada vai ser feito contra sua vontade.

– Ela está sendo muito emocional...

– É o pai dela, como quer que ela reaja?

– John está em coma há quase dois anos, não vai se recuperar, os médicos me disseram! Não podemos mais viver nesta incerteza. Estou fazendo isto para que possamos seguir em frente...

– Você seguir em frente, quer dizer, não é? – Digo ironicamente. – Quem sabe com um tal de Mark, não é este o nome do seu namorado?

Andrea empalidece.

– Não sei do que está falando.

– Não sabe? – Pego o envelope no meu casaco e passo a ela. – Então vamos esclarecer.

– O que é isto? – Ela retira as fotos do envelope e cobre a boca chocada. – Como... como... não é possível...

– Seu marido me roubou durante anos. Claro que eu não confio em você totalmente. Eu a mantenho sob vigilância. Afinal, como podia ter

certeza que não sabia de nada sobre o paradeiro do meu dinheiro?

– Eu disse que não sabia!

– Bom, até agora parece que não sabe mesmo. Veja que coisa interessante caiu em minhas mãos faz alguns meses. Você e este rapaz bonito em momentos românticos na praia... Talvez Mia precise saber.

– Mia não pode saber, ela não iria entender...

– Duvido muito mesmo que ela entenda que sua mãe quer desligar os aparelhos que mantêm o pai vivo só pra poder ficar com o amante.

– Você não entende! John está naquela cama de hospital, eu estou viva! Não é justo que eu me enterre com ele eternamente! – Ela começa a chorar copiosamente. – Eu sofri muito com seu acidente, queria que ele estivesse aqui, porém tudo está perdido agora. Eu mereço viver!

– Talvez sim. Só que não a custa da morte do John.

– Como você o defende? Depois de tudo que o acusou!

– Acusei com provas. Estou fazendo pela Mia. Ela é filha dele e merece ter o poder desta decisão mais do que você – eu me aproximo de Andrea. – É assim que vai ser. Os aparelhos não serão desligados. A não ser que um dia Mia decida. Se quiser ficar com seu amante, assumo pra sua filha, sem que custe a morte do pai dela.

– Não posso... Não quero que Mia saiba assim...

– É um problema seu.

– Por favor, não conte a ela.

– Não contarei. Esse assunto você tem que resolver com ela. Só quero uma garantia que não vai desligar os aparelhos.

– Não pode me obrigar...

– Posso sim – digo ameaçadoramente. – Posso muito bem acusar você também de roubo.

– Eu não fiz nada.

– Você teria que provar. Só entenda que sou eu que tenho o dinheiro e os melhores advogados.

– Não teria coragem de me acusar!

– Experimente pra ver. Estamos acertados?

Andrea finalmente assente.

– Tudo bem. Acho que no fundo tem razão. É o pai da Mia, ela tem o direito de decidir, eu só queria... poder seguir em frente sem me sentir culpada.

– Culpada você seria se desligasse os aparelhos contra a vontade de sua filha.

Eu subo para o segundo andar e bato à porta do quarto de Mia.

Ela está sentada toda encolhida numa poltrona.

– Eu conversei com sua mãe. Ela não vai mais desligar os aparelhos, pode ficar tranquila.

Ela respira cheia de alívio.

– Tem certeza? Como conseguiu convencê-la?

– Simplesmente coloquei os fatos como são. Você é a filha e tem o direito de decidir.

– Muito obrigada. De verdade.

– Não precisa agradecer. Eu cuido dos meus.

Ela abaixa a cabeça, mordendo os lábios. Parece ainda aquela menina de dezessete anos que entrou na minha sala, toda perdida. Deixa meu coração apertado. Não muito tempo havia se passado e tanta coisa havia acontecido com ela.

O pai em coma, acusado de roubo, uma mãe omissa e, além disso, estava presa a um casamento imposto.

Eu me sinto velho e quase um carrasco por ter minha parcela de culpa em seu fardo.

Tão jovem. Tão bonita.

Ela merece coisas melhores da vida.

De repente eu penso na casa naquela ilha do Havaí.

Desde que eu a vi na sacada do meu apartamento, dizendo adorar o sol, eu quis lhe comprar um lugar onde ela pudesse se sentir feliz. E há alguns meses finalmente encontrei a casa perfeita. E eu só pensava que a queria lá.

Depois do nosso afastamento no último ano, certamente ela não aceitaria de bom grado nada que eu quisesse dar a ela, além do que já era obrigada a aceitar.

Então convidei minhas irmãs pra irem comigo.

Será que ela aceitaria viajar comigo se eu a convidasse?

Claro que não.

Eu passo os dedos pelos cabelos.

– Eu preciso ir.

– Claro. Deve voltar pra sua família.

– Você ficará bem?

– Sim, me sinto mais aliviada.

– Tem certeza? Será que não... quer viajar comigo e minhas irmãs?

– Não – ela responde rapidamente. – Eu vou voltar a New Haven.

Combinei passar o réveillon com Evan.

– Como preferir – respondo quase irritado.

Às vezes eu sentia uma inveja imensa de Evan por poder ter tantos momentos com Mia. Ao mesmo tempo me sentia seguro, porque sei que ele a protegeria.

– Então, boa viagem – eu me afasto, ao chegar à porta, ela me chama.

– Lukas? – Eu me viro a tempo de vê-la se aproximando e, sem aviso, jogar os braços a minha volta, enterrando a cabeça em meu peito.

– Nunca vou esquecer o que fez. Significou muito – ela diz com a voz abafada eu me recomponho do choque e a abraço também, passando os braços em volta de sua forma frágil mergulhando por um momento meu nariz em seus cabelos macios.

É como o paraíso.

Como bom pecador que sou este tipo de paraíso não é pra mim e a vejo se afastando com um enorme pesar.

– Significa muito pra mim te proteger. Eu prometi, não é? Pelo menos isto eu posso cumprir.

Sem mais, eu me afasto.

Agora sou eu que vou embora deixando-a para trás.

Três meses se passam até que eu a veja de novo.

Eu me sinto ansioso. Demais.

Mais do que é permitido e saudável.

Eu já cansei de dar murros imaginários em mim mesmo, me amaldiçoando por sentir falta de Mia Agnelli.

Então simplesmente deixo aquele sentimento de antecipação me consumir.

Mesmo assim, havia ainda um pouco de bom senso em mim. Ou senso de autopreservação, o que seja, que me fez estar ali, naquele quarto de hotel com Alexia Duran.

Ela me fita surpresa quando deixo escapar que vou com Mia ao baile anual do Governador, no qual serei homenageado como empresário do ano.

Na verdade, eu ainda mal podia acreditar que ela realmente viria. Não me passou pela cabeça convidá-la. Afinal, ela vivia outra vida.

Então Taylor disse que todos esperavam que eu aparecesse com ela.

– Lukas, eu tenho que ficar dando desculpas esfarrapadas quando me perguntam por que você nunca é visto com sua esposa.

– Não precisa de desculpas esfarrapadas. Ela faz faculdade em outra cidade, é muito simples.

– Mesmo assim! É um evento muito importante e ela deve comparecer!

– Vocês estarão comigo. Duvido que Mia esteja interessada. Ela tem a vida dela em New Haven.

– Eu vou convencê-la, não se preocupe.

Alguns dias depois, ela me mandou uma mensagem de texto dizendo que Mia havia confirmado que viria para Seattle e me acompanharia ao baile.

Desde então não pensei em outra coisa. Quando Alexia me ligou dizendo que estava na cidade, pensei seriamente em declinar de seu convite. Mas não seria sensato. Eu precisava ficar com Alexia para me lembrar que minha situação com Mia continuava a mesma. Apenas um contrato.

Mia não era mais a adolescente de dezessete anos, embora ainda fosse uma garota inocente a ser protegida. Uma garota da qual eu havia jurado manter minhas mãos bem longe.

Apenas mais três anos. E ela estaria livre.

Assim como eu.

O tempo parecia se arrastar.

– Vai ao baile com a Mia? – Alexia pergunta, se afastando e colocando um roupão, enquanto eu coloco meu paletó. – Ela não está em New Haven, na faculdade?

– Ela acabou de chegar – respondo casualmente, me recordando da mensagem de Paul dizendo que buscara Mia no aeroporto.

E minha cabeça já não estava mais totalmente focada naquele encontro, depois de saber que Mia estava por perto, Alexia perdeu qualquer graça que podia ter.

– Não entendo por que vai com ela. Nem são casados de verdade.

– Ninguém sabe do nosso arranjo.

– Desde quando vai a eventos sociais com ela? Mia não passa de uma menina! Nem deve saber se comportar nestes eventos, não acho justo obrigá-la.

Eu respiro fundo pra não me irritar com Alexia. Não valeria a pena começar uma discussão.

Também não quero de maneira alguma discutir Mia com Alexia.

– Não é problema seu Alexia. Eu preciso ir – pego meu celular. Tenho que ir pra casa e tomar um banho pra tirar seu perfume enjoativo de mim.

– Espera, eu queria tanto ir ao baile. Pensei que iria pelo menos me conseguir um convite.

– Acho melhor não ir – respondo antes de sair e não dando tempo de ela insistir.

Eu corro ao meu apartamento tomo um banho e vou pra casa do lago. Abril está terminando e um sol pálido fecha a tarde quando estaciono em frente a casa, ao sair do carro, me viro na direção do lago e a vejo.

Mia está na pequena ilha. Eu caminho em sua direção como se um imã invisível me puxasse. Ela está de costas, os longos cabelos vermelhos dançando ao vento, o olhar preso no pôr do sol com um vestido branco que Taylor chamaria de elegante e eu chamo de provocante, pois marca suas curvas sutis de forma tentadora. Eu sorrio ao ver que ela está descalça. Um par de sapatos dourados muito alto está sobre o banco.

– Oi, Mia.

Ela se vira e por um momento eu me surpreendo com sua beleza.

Ela está tão bonita que chega a doer meu peito.

Inferno. Mil vezes inferno.

Estou tão cansado de resistir...

Mia

Eu mordo meus lábios para não suspirar como a menina boba que jurei não ser mais.

Ele está tão lindo, vestido com seu elegante smoking que me tira o fôlego.

– Oi, Lukas – murmuro por fim e ele sorri.

Deveria ser proibido alguém ter um sorriso tão perfeito.

– Não tinha certeza se viria – ele diz.

Eu dou de ombros.

– Taylor sabe ser persuasiva.

– Hum, realmente pensei que o fato de estar aqui se devia aos poderes de persuasão de Taylor. – Ele parece meio decepcionado ou é impressão minha?

De qualquer maneira, eu me vejo me justificando.

– Não é só por causa de Taylor. Ela disse que este evento era importante pra você. Que seria importante eu estar aqui, quer dizer... – de repente eu me embaralho toda. Não quero dizer que eu me acho imprescindível. – É uma homenagem e... é algo importante, claro.

– Não queria que Taylor te obrigasse.

– Ela não me obrigou. Embora sua irmã seja insistente, tenho força de vontade suficiente pra dizer não quando quero. Se estou aqui, é por minha própria vontade. Se você não queria...

– Ei, eu não disse isto – ele fala rápido.

– Então por que estamos discutindo?

Ele respira fundo passando a mão pelos cabelos daquele jeito que lhe é característico. Bagunçando tudo. O que o deixa, muito, muito sexy.

– Me desculpe – sua voz se suaviza. – Estou feliz que tenha vindo. Sim, é algo importante e é importante que esteja com minha família.

Obrigado.

Eu sorrio um pouco.

– Não precisa agradecer. – Ele sorri quase timidamente pra mim, fazendo mil borboletas enlouquecerem no meu estômago.

Eu desvio o olhar para o lago, tentando recuperar meu fôlego perdido.

Não tinha jeito. Eu passava meses sem vê-lo e, quando o reencontrava, era sempre a mesma coisa.

Eu me sentia uma massa trêmula e carente de puro desejo.

Não era nada justo.

Eu queria odiá-lo por fazer eu me sentir desse jeito. Por ele seguir sua vida como se eu não existisse, enquanto eu não conseguia me interessar por mais ninguém.

Ninguém se comparava a Lukas.

Aí ele mostrava se importar comigo, como no Natal, confrontando minha mãe para que ela não desligasse os aparelhos de John. Eu perguntei a ela como Lukas a havia convencido, ela não quis contar. Desde então nosso relacionamento andava estremecido.

E agora eu estava de volta a Seattle para o baile do governador. Nem sabia que este evento existia até Taylor me ligar, como sempre fazia todas as semanas, com seus monólogos intermináveis sobre moda, ou seu último flerte e me contar que Lukas seria homenageado neste evento como Empresário do Ano.

– Você virá, não é?

– Eu?

– Claro! Todos nós iremos. Até meus pais estão vindo pra Seattle. Você deve ir também.

– Taylor, não tem por que eu ir.

– Como não? Vocês são casados, espera-se que o acompanhe.

– Não somos casados de verdade.

– E daí? É algo social. Tem que participar! Lukas não pode ir sozinho, sem a esposa, num evento como este. Vai ficar todo mundo especulando. E vai ser pura fofoca!

Eu havia hesitado. Será que ela tinha razão?

– O Lukas nem vai querer que eu vá com ele... – falei indecisa.

– Claro que ele quer! Não seja boba! Pronto, está combinado. Você vem. Vou começar a procurar um vestido. – Ah, e por que não traz seu amigo? Ele pode ser meu par! Denise está saindo com um almofadinha insuportável e...

– Espera, Denise está saindo com alguém? – E Paul? Me pergunto.

– Sim, um playboy muito rico! Chama-se Ralf Van Allen ela está toda metida! Acho que vai dar em casamento, se depender da vontade dela.

Eu fico triste por Paul, mas me calo. Não sei se Taylor sabe do caso deles.

– Não sei se Evan vai querer ir.

– Convença-o. Diga a ele o quanto sou linda e interessante.

Eu rio.

– Tudo bem, vou tentar.

E assim eu comecei a me consumir de ansiedade esperando o dia em que veria Lukas novamente.

Evan veio comigo, mesmo parecendo meio tenso.

Foi engraçado quando conheceu Taylor. Não é que eles pareciam mesmo ter uma química?

Taylor já estava carregando-o pra cima e pra baixo. O que pelo menos, me deixava mais livre. Então, depois de ela me arrumar, fugi para o lago para respirar.

E Lukas apareceu.

– Não sei se eu deveria ir – digo baixinho, expressando meus medos.

– Por que não? – Lukas pergunta confuso.

Eu dou de ombros, ficando vermelha ao fitá-lo.

– É um baile.

Ele levanta a sobrancelha.

– Deveria entender?

Eu gemo desalentada.

– Eu não danço. Entendeu? Nunca danço. Não sirvo pra nada que exija alguma coordenação.

Lukas ri.

– Sério que é esta sua preocupação?

Eu fico ainda mais vermelha.

– Só me prometa que não terei que dançar e está tudo certo.

– Não posso prometer já que vou querer dançar com você.

Meu coração dispara. Sinto uma mistura de prazer e choque me dominar.

– Não deveria.

– Eu quero.

Ah Deus, por que ele diz estas coisas? Ainda mais dessa forma tão intensa e com uma voz que nem sei dizer o que parece, só que é algo que me deixa arrepiada e mole?

Então ele toca meu pulso, me obrigando a ficar de frente pra ele.

Eu estremeço.

– Não tenha medo – murmura com um sorriso de lado, enquanto seu outro braço cinge minha cintura, me levando pra perto. Roçamo-nos.

É perfeito.

Então ele me surpreende ainda mais quando me puxa pra si, para que meus pés descalços descansem em cima dos dele.

Finalmente ousa fitá-lo nos olhos. Estamos tão próximos que sinto sua respiração no meu rosto. Fico tonta.

Ele se move devagar numa dança sinuosa.

–Vê? Está dançando – diz com aquele sorriso desconcertante.

Eu sorrio sem graça.

Sem ar.

– Isto é trapaça.

– Somos dois trapaceiros então.

– Somos mesmo, não é?

Dois trapaceiros que enganavam todo mundo num casamento falso. Este pensamento tira um pouco a magia do momento.

Eu não sei se Lukas pensa o mesmo, porque ele me solta devagar e eu dou um passo para trás.

– Ei vocês! – Denise chama e nós voltamos para a casa. Está anoitecendo.

O crepúsculo está caindo e nos envolvendo.

Taylor e Evan surgem. Estão de mãos dadas.

Que rapidez!

Lukas olha pra eles com um olhar curioso.

– Perdi alguma coisa?

– Não seja chato – Taylor ri. – Conhece o amigo da Mia, não é?

– Sim, nos conhecemos – Lukas diz estranhamente e Evan parece muito tenso.

Será que ele está com medo de Lukas por estar obviamente ficando com Taylor?

– Vamos logo? – Denise nos chama com voz irritada.

Então eu reparo que ela está na porta de uma limusine com Paul. E eles não parecem estar muito felizes.

Eu havia conversado com Paul quando foi me buscar e ele me contou que tiveram uma briga feia, quando ele exigiu que parassem de se encontrar escondido e Denise não concordou. Agora ela estava saindo com um ricoço e Paul estava mordido de ciúme.

Erin e Richard surgem e me cumprimentam, antes de nos dividirmos e entrarmos nas duas limusines que estão na porta.

Eu e Lukas vamos com Richard e Erin, o que me deixa aliviada e decepcionada. Seria muito interessante ficar sozinha com Lukas, também fico tensa sem saber o que seria sensato. Ainda sinto pequenos tremores em meu corpo quando me lembro de como estivemos próximos no lago. E ele disse que íamos dançar de novo. Mal posso esperar.

É como estar numa realidade paralela quando saímos das limusines e caminhamos por um tapete vermelho sentindo os flashes de fotógrafos nos acompanhando enquanto entramos no salão apinhado de gente elegante, famosa ou rica. Ou as três coisas.

Tudo isto com Lukas segurando firmemente minha mão. Como naquele dia do réveillon, ele me apresenta como "sua esposa" me deixando assustada e deliciada ao mesmo tempo. Também sou apresentada a várias pessoas, me pergunto se lembrarei o nome de todos depois. Fico feliz de

NACIONAIS-ACHERON

rever Peter e Claire que também estão lá.

– Precisa parar de esconder sua esposa, Lukas, devemos combinar um jantar qualquer dia destes. – Peter diz piscando e eu fico vermelha sem saber o que dizer.

– Mia está em New Haven – Lukas responde impassível.

– Claro, a faculdade – Peter concorda. – Quando estiver na cidade, vamos marcar! Você trabalha demais, nunca mais saímos.

Nós somos chamados à mesa para o jantar algum tempo depois e Denise me apresenta seu namorado rico. Ele é bonito e tem cara de canalha, ela não parece se importar, fica pendurada nele o tempo inteiro.

Pobre Paul.

Durante o jantar, Taylor fofoca sobre os convidados, divertindo os demais. Eu não conheço ninguém então nenhuma das intrigas faz sentido pra mim. Até que por fim os discursos começam e chamam Lukas ao palco.

Ele se levanta sob aplausos e se coloca em frente ao microfone para um discurso.

– Como todos sabem a Constantini foi fundada por meu pai, Anthony Constantini há mais de vinte anos. E se consolidou com seu casamento com minha mãe, Elizabeth. Ele morreu quando eu era criança e tão jovem que não pude assumir a empresa construída por ele. Minha mãe manteve sua memória viva pra mim e também o quanto a empresa era importante pra nossa família. Minha mãe morreu há mais de dez anos e, infelizmente, naquela época, eu não era o que se podia chamar de herdeiro ideal e confiável. Eu prometi a mim mesmo, em nome de sua memória, que ria honrar este legado. Eu iria estudar com mais afinco que qualquer um e iria dedicar minha vida a me preparar para assumir a empresa. Há quase quatro anos eu assumi a Constantini sob um coro de descrença. Nós passamos por algumas dificuldades dois anos atrás. E tive sérias dúvidas se conseguiria mantê-la de pé. Eu não poderia deixar de agradecer a uma pessoa que tornou tudo possível – ele faz uma pausa, olhando diretamente pra mim. – Não vou citar seu nome, esta pessoa não tem consciência do quanto foi essencial para que eu não caísse. Enfim, ainda estamos aqui. E posso dizer que consegui. Minha mãe estaria orgulhosa de mim. Obrigado.

Ele deixa o palco sob uma salva de palmas e eu luto para engolir o nó na minha garganta. Sinto seu toque leve em meu braço e levanto o olhar.

NACIONAIS-ACHERON

– Tudo bem?

– Sim. Só... fiquei um pouco assustada com o final do seu discurso.

Ele sorri.

– Eu fui sincero. Sem nosso casamento, eu teria perdido a Constantini.

– Foi meu pai que te arruinou – murmuro – Sim. E foi você que me salvou.

Ele me encara tão intensamente que eu quero desviar o olhar, não consigo. Um amontoado de emoções ameaça transbordar, me levando à beira de um colapso.

– O baile começou – Taylor grita se levantando e o momento se vai.

Eu desvio o olhar, tomando um grande gole de minha bebida.

– Vamos dançar Evan!

Eles vão pra pista e Lukas também se levanta.

– Venha, vamos dançar – ele diz, segurando minha mão e eu o sigo pelo salão.

Como no jardim, ele cinge minha cintura e me puxando pra perto, porém não me coloca sobre seus pés. Somente me conduz devagar e com destreza.

Por um longo momento, nenhum de nós fala nada. Só dançamos, nos olhando nos olhos.

É quase hipnótico.

Quero ficar assim pra sempre. E, enquanto estamos dançando, com seu braço a minha volta, seu corpo tão perto do meu, seu olhar me prendendo, sinto como se tudo fosse possível.

Cada sonho proibido. Cada suspiro que guardei. Cada arrepio de desejo que eu escondi.

Parecia que tudo podia vir à tona. E estaria tudo bem.

Porque ele sentia o mesmo.

Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.

Eu paro de respirar quando esta percepção passa pela minha cabeça e acho que estou enlouquecendo.

Sim, estou louca. Delirando.

Lukas ainda me olha daquele jeito. Como se...

Como se eu fosse importante.

Como se eu fosse... Desejável.

Mordo os lábios com força, desviando o olhar respirando rápido.

– Ei, o que foi? – Ele pergunta suavemente.

Ah, sua voz...

– Tudo parece tão estranho – murmuro insegura e o fito de novo.

– O que quer dizer?

– Você. O jeito que me olha – confesso.

– E como eu te olho?

– Como se eu fosse bonita.

– Você é bonita.

– Você me acha bonita? – Meu coração parece que vai explodir.

– Eu acho você deslumbrante.

Engulo em seco.

Ele me acha bonita.

Lukas Constantini me acha deslumbrante!

Sinto uma satisfação imensurável me dominando.

Uma espécie de frenesi tomando conta do meu corpo. E, sem que me dê conta, meu braço em seu ombro se ergue mais, minha mão alcança sua nuca se infiltrando em seus cabelos.

Ah, eu sempre quis fazer isto.

Lukas me puxa para mais perto.

Ofego quando nossos rostos ficam mais próximos. Seus olhos me queimam.

Olho para sua boca. Tão perto...

Quero que ele me beije. Muito.

Então um tumulto começa em algum lugar.

Lukas me solta automaticamente e fico confusa.

– Lukas! – Alguém grita e acho que é a voz de Taylor. Ela está

correndo em direção ao tumulto.

Lukas segue pra lá e eu vou atrás.

Quando chegamos ao corredor, vejo o namorado de Denise levando um soco de Paul, que é segurado por Evan.

– Denise está encostada na parede, com o vestido rasgado na frente e muito pálida.

– Que merda está acontecendo aqui? – Lukas pergunta.

– Este imbecil estava atacando a Denise – Paul rosna.

Ralf nem consegue responder, está caído contra a parede com o rosto cheio de sangue.

– É verdade? – Lukas olha pra Denise e ela confirma com a cabeça. Uma lágrima caindo do seu olho bem maquiado. Taylor se aproxima e a segura pelos ombros.

De repente alguns seguranças da festa aparecem alertados pelo tumulto que se formou.

Uma senhora começa a dizer o que viu, enquanto Lukas se aproxima de Denise.

– Eu cheguei e estes dois – ela aponta pra Evan e Paul – estavam batendo naquele outro ali! – Ela olha pra Ralf.

Alguns seguranças o estão examinando.

O que parece ser o chefe deles olha pra Evan e Paul.

– Terão que me acompanhar. Os três. Não vamos permitir tumulto.

Lukas se adianta.

– Não. Eles são meus seguranças. Estão comigo.

Eu fico ali sem entender. Será que ele estava mentindo que Evan era segurança pra tirá-lo da encrenca?

– Os dois? – O homem insiste, vendo as roupas chiques de Evan.

– Sim, eles têm identificação – Lukas diz friamente. – Estavam defendendo minha irmã de um ataque.

Então, como num pesadelo, eu vejo Evan e Paul mostrarem as tais identificações.

Eu ainda não entendo...

– Como assim tem identificação de segurança, Evan? – Taylor se adianta.

Evan me encara. E eu vejo a verdade nauseante em seus olhos.

– Porque eu sou segurança do Lukas.

Então finalmente eu entendo.

E tenho vontade de morrer.

Capítulo 19

Mia

– O quê? – Taylor encara Evan totalmente confusa.

Ela ainda não entendeu, parece.

Eu entendi muito bem. E a cada segundo que este entendimento se consolida na minha mente, sinto mais decepção.

– É bem simples, Taylor. Evan trabalha para o Lukas. É algum tipo de guarda-costas ou sei lá como chama quando alguém contrata um segurança pra ficar de olho em outra pessoa – digo com a voz mais segura do que podia imaginar.

Eu não olho pra Lukas. Eu não olho pra Evan.

Olho para algum ponto além de todos, porque, se eu olhar pra cara de pau de qualquer um deles, sou capaz de cuspir toda a raiva que está ameaçando explodir dentro de mim.

Taylor arregala os olhos em choque.

– Não pode ser! Isto é verdade, Lukas?

– Acho que não é hora de tratarmos deste assunto. – Lukas diz friamente. – Precisamos resolver esta situação. Podemos ir embora? – Ele pergunta para o segurança da festa.

– Ainda precisamos decidir o que fazer com o homem que atacou a moça... Podemos chamar a polícia e fazer uma queixa por agressão...

– Não, eu não quero – Denise fala com voz chorosa. – Eu só quero ir embora.

– Sim, vamos todos embora – Lukas diz firmemente. – Paul e Evan cuidarão de Ralf.

– Mas... – o segurança parece temer por Ralf sendo levado pelos homens que o agrediram.

NACIONAIS-ACHERON

– Nós só queremos que a confusão termine antes que estraguem ainda mais a festa do governador. – Lukas segura os ombros de Denise. – Eu vou levar minhas irmãs e minha esposa pra casa.

Eu e Taylor seguimos Lukas e Denise, encontramos Richard e Erin vindo em nossa direção, com poucas palavras, Taylor os põe a par do que aconteceu, os deixando horrorizados.

Taylor e eu entramos em uma limusine, enquanto Lukas segue com Denise, Richard e Erin, que insistiram em levá-la a um hospital.

Taylor me encara depois de alguns minutos de silêncio tenso.

– Você não sabia do Evan, imagino?

Eu sacudo a cabeça negativamente, incapaz de falar.

Estou perdida em pensamentos.

Lembranças de meu primeiro encontro com Evan, dois anos atrás. Como tudo pareceu casualmente perfeito. Eu tinha ficado feliz por encontrar um amigo com o qual me sentia segura e em quem podia confiar. E o tempo inteiro ele era um segurança contratado por Lukas pra ficar de olho em mim. Eu sinto vontade de bater a cabeça contra alguma superfície bem dura até rachar meu cérebro burro.

– Mas como é possível? Quer dizer que ele era o tempo inteiro um guarda-costas e estava, tipo, te enganando?

– Exatamente.

– Por que ele faria isto? Por que não te contou a verdade?

– Eu posso bem imaginar. Eu jamais ia concordar em andar com algum guarda-costas me seguindo! Então o Lukas deve ter tido a ideia idiota do Evan fingir ser meu amigo.

– Nossa é... tão... horrível! – ela faz cara de nojo. – E eu achando que finalmente tinha encontrado um cara legal!

Eu suspiro pesadamente, olhando a noite escura pela Janela. Claro que Taylor estava decepcionada. No entanto, a minha decepção era mil vezes maior que a dela.

Taylor conhecia Evan há cinco minutos e eu estava convivendo com ele como meu melhor amigo por quase dois anos. Eu sentia vontade de chorar ao imaginar que, enquanto estava comigo, ele estava executando seu trabalho para Lukas.

Nós chegamos em casa e eu subo direto para o quarto, tirando aquele vestido elegante e entrando debaixo do chuveiro morno. Permaneço lá por um longo tempo, onde finalmente deixo o choro vir, colocando pra fora toda minha desilusão.

Em relação a Evan, a Lukas e toda aquela vida irreal que eu era obrigada a viver desde que me envolvi naquele contrato. Era difícil aceitar que uma das poucas coisas verdadeiras que eu acreditava ter, minha amizade com Evan, fosse, no fim, mais uma farsa.

Eu saio do chuveiro muito tempo depois, me sentindo exausta emocionalmente e levo um susto ao entrar no quarto e ver Lukas parado ali. Suas roupas estão amarrotadas e a gravata, assim como paletó do smoking, sumiram.

Parece tenso e cansado passa os dedos pelos cabelos quando me fita.

Eu seguro com força a toalha em frente ao corpo, me sentindo exposta. Eu sabia que nosso confronto viria mais dia menos dia, não era assim que eu imaginava estar.

– Me desculpe – e eu não sei se ele pede desculpas por estar no meu quarto enquanto estou apenas com uma toalha em volta do corpo ou se é por toda a farsa de Evan.

Eu não me sinto nem um pouco misericordiosa neste momento.

– O que faz aqui? – Pergunto friamente.

– Precisamos conversar. Acho que espera uma explicação.

– Não precisa me explicar nada. Já entendi tudo.

– Não acho que tenha entendido realmente...

– Entendi sim! Você contratou um guarda-costas pra mim e pediu que fingisse ser meu amigo!

– Não pedi que ele fingisse ser seu amigo...

– Ah não? Então o Evan me enganou sem você saber? Você pediu a ele que me contasse a verdade e ele se negou? Me poupe! Você esteve com ele na minha sala, e os dois fingiram na maior cara de pau que não se conheciam!

– Eu precisava proteger você!

– Eu só preciso ser protegida das suas armações, isto sim!

– Está sendo injusta!

– Estou sendo coerente, coisa que você não é! Que merda estava pensando me enganando deste jeito? Achou que eu nunca fosse descobrir?

– Eu não queria que descobrisse.

– Eu descobri e agora me sinto uma idiota por ter confiado minha amizade a um cara que o tempo inteiro estava comigo apenas a trabalho!

– Evan não é esta pessoa horrível que está pintando...

– Eu nem sei quem é mais horrível, você ou ele! Do mesmo jeito que nem sei de quem tenho mais raiva no momento. A única coisa que sei, é que quero distância de vocês!

– Inferno, Mia! Eu só queria que estivesse protegida! E eu sabia que não ia concordar com um guarda-costas. Agora vejo que foi uma péssima ideia esconder de você, sinto muito.

– Passou de todos os limites desta vez, Lukas. De todos!

– Sinto muito. Não queria que se sentisse mal.

– Eu me sinto. Tão mal que nem imagina! – engulo o nó na minha garganta. E pensar que há apenas algumas horas eu estava dançando com ele, me sentindo no céu porque ele me achava bonita.

Eu não deveria querer nada vindo de Lukas Constantini. Ele era um cretino controlador e mentiroso.

Ele dá um passo na minha direção e eu recuo, desviando o olhar.

– Sai daqui.

– Mia, por favor. Sei que está com raiva agora...

– Minha raiva ainda vai durar um bom tempo, talvez mais uns três anos! Talvez até o término desta porcaria de casamento! – Respiro fundo pra controlar minha fúria. Não quero perder o controle. Só quero que ele saia da minha frente, antes que eu faça o que tenho vontade e parta pra cima dele com socos e pontapés. – Por favor, Lukas, me deixe sozinha.

Ele ainda parece hesitar, finalmente dá meia volta.

Antes que saia, eu ainda preciso lhe dizer uma última coisa.

– Não quero mais ver Evan na minha frente. Dê um jeito de ele sumir de New Haven. E nem pense em colocar alguém em seu lugar. Eu não preciso de segurança nenhum. Sei muito bem me cuidar sozinha!

– Como quiser – Lukas concorda por fim e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Eu tento dormir depois que Lukas sai, não consigo, então, depois de rolar na cama sem pregar os olhos eu me levanto e vou para cozinha. Quem sabe um chá acalme meus nervos irritados.

Ao chegar lá, dou de cara com Denise.

Está vestindo um robe rosa e xinga baixinho, abrindo todas as gavetas do armário.

– Denise, tudo bem?

Ela se vira pra mim com uma careta.

– Estou procurando a droga de um comprimido pra dor de cabeça. Acho que a Mary guarda aqui.

– Você está bem? Está sentindo alguma coisa?

Ela tem uma mancha roxa em um dos olhos.

– Pareço bem? – pergunta ironicamente e então bufa. – Desculpe, só estou irritada com tudo o que aconteceu essa noite e não consegui dormir! O médico disse que eu podia tomar um analgésico caso sentisse dor...

– Eu tenho no meu quarto. Se quiser.

– Ah, seria ótimo!

Eu busco o comprimido e entrego a Denise.

Ela toma rapidamente, resmungando um “obrigada” daquele seu jeito impaciente.

– E você, o que faz aqui? – Pergunta.

– Eu vou fazer um chá, também não consegui dormir.

– Ah, Taylor me contou que o namoradinho de vocês parece que na verdade é segurança do Lukas.

– Não é meu namoradinho – eu dou de ombros, enquanto ponho a água para esquentar. – De Taylor talvez. Se bem que depois disto tudo...

– Homens são todos uns safados!

Eu a encaro.

– Paul também?

Ela morde os lábios, parecendo indecisa e eu vejo alguma emoção em

seu rosto.

– Ele certamente me odeia agora, então... não faz diferença.

– Ele não te odeia. Claro que está com raiva porque você deu o fora nele.

– Eu não dei o fora nele, foi o contrário!

– Ele estava cansado de esconder a relação de vocês. Devia ser uma coisa legal. Deveria ficar feliz por ter um cara que gosta de você de verdade e quer ficar com você! Não entendo como pode não querê-lo!

– Eu quero.

– Se o quer, qual o problema?

Ela suspira, passando os dedos pelos cabelos.

– Você não entende... Eu sempre tive esta ideia de homem ideal, sabe? Ele seria bonito, rico e me amaria acima de tudo. Era um homem assim que eu queria pra ficar comigo pra sempre. Aí me aparece o Paul. Ele é bonito e me ama acima de tudo.

– Só não é rico – completo, me perguntando como alguém pode ser tão fútil.

– Exatamente. Me acha horrível, não é? – Ela pergunta com sarcasmo. Eu não nego quando sirvo duas xícaras de chá. – É assim que eu sou. Ou eu achava que era... Minha mãe nunca foi rica. Meu pai morreu quando éramos pequenas e minha mãe sempre batalhou muito para nos dar uma vida boa. Sempre achei tão injusto ela precisar trabalhar tanto pra gente ter conforto! Aí ela conheceu o Richard e tudo ficou melhor. Ela finalmente tinha alguém para cuidar dela. Eu achei que queria a mesma coisa, alguém como Richard pra mim.

– Erin ama o Richard.

– Claro que ama. E eu acreditava que iria me apaixonar por alguém como ele.

– E não pelo motorista.

– Pois é. Eu queria somente me divertir com o Paul. Ele é sexy e engraçado. E me adorava. Então percebi que queria mais. Que estava me apaixonando por ele o que estava longe de ser bom pra mim. Por isto disse que não ia assumir nada. Fiquei com medo. Queria que continuasse a ser somente sexo e Paul queria mais. Eu pensei que tinha sido melhor assim. E,

finalmente, encontrei meu milionário – ela faz uma careta. – Que belo milionário! A única coisa que ganhei foram vários hematomas pelo corpo e teria sido pior se Paul não tivesse aparecido.

– Ralf tem cara de canalha, Denise, como não percebeu?

– Acho que estava me iludindo. Quando ele tentou me agarrar... percebi que não queria transar com ele. Ele pensava diferente, que cretino.

– Aparentemente Paul e Evan deram uma lição nele.

– Bem feito. Eu não quero nunca mais ver aquele idiota na minha frente.

– E Paul?

Ela morde os lábios tristemente.

– Acho que agora é tarde.

É realmente muito injusto que Denise tivesse um cara como Paul que a amava de verdade e ela nem desse valor.

Eu sinto certa inveja dela. Ninguém me ama.

De repente o celular dela vibra em cima da mesa deixando-a agitada ao ler a mensagem.

– É o Paul.

– O que ele diz?

– Diz que está com o carro aí na frente e quer conversar.

– E o que está esperando?

Ela parece indecisa.

– Estou horrorosa!

Eu rolo os olhos.

– Tenho certeza que o Paul não se importa.

Ela se levanta ansiosa, sorri pra mim acenando enquanto sai.

Eu acabo meu chá e volto para meu quarto vazio, me perguntando se pelo menos um casal terá final feliz naquela confusão.

Eu acordo cedo na manhã seguinte, depois de uma noite mal dormida, e arrumo minhas malas para partir.

Não quero falar com ninguém, principalmente com Lukas, quando saio com as minhas malas, encontro Paul.

– Bom dia.

– O que faz aqui? – Pergunto curiosa.

– Eu dormi aqui, se é o que quer saber – ele esclarece, segurando minha mala e jogando no carro.

– Ah é? Parece feliz.

Ele abre a porta pra eu entrar.

– Eu vou te levar ao aeroporto e conto tudo o que está querendo saber, senhora Constantini.

Paul me deixa no aeroporto uma hora depois e já me colocou a par de todas as novidades, como eu previa, parece que Denise conseguiu bem facilmente ser perdoada e prometeu que seriam um casal de verdade.

Eu esperava realmente que ela tivesse se conscientizado que ficar com Paul era bem melhor do que continuar correndo atrás de caras com dinheiro que não valiam nada.

Eu chego a New Haven no começo da tarde me sentindo exausta, mais emocional do que fisicamente. Mesmo assim, tomo um banho e visto um moletom para comer alguma coisa e estudar para as provas que começariam na próxima semana. Sinto-me triste quando preparo meu jantar solitário, me dando conta de que será sempre assim de agora em diante. Evan não está mais comigo. Pisco pra afugentar as lágrimas e estou tentando encontrar algum apetite pra comer, quando a campainha toca.

Ao abrir a porta me surpreendo ao ver Evan.

– Oi.

– O que faz aqui? – Pergunto com raiva.

– Posso entrar?

– Não.

– Mia, eu sinto muito. Sei que está me odiando nesse momento, só queria te pedir desculpas.

– Acha que adianta alguma coisa? Eu confiei em você, achei que fosse meu amigo!

– Eu sou seu amigo!

– Você é pago pelo Lukas pra fingir ser meu amigo!

– Não! Eu sou seu amigo de verdade! Embora não acredite em mim,

eu gosto de você Mia, de verdade. Sim, eu estava aqui a trabalho. Eu sou um segurança profissional. Enganar você era a única maneira de fazer meu trabalho. Acredite, eu realmente me sentia culpado por estar te enganando...

– Eu duvido muito.

– Eu sei. Só queria me explicar.

– Já explicou, então desapareça.

– Não queria deixá-la sozinha...

– Ah fala sério, você e o Lukas acham que sou alguma retardada? Sei me defender, não preciso de babá o tempo inteiro! Não tenho ideia do que o Lukas está te pedindo, só não quero mais nada com você!

– Tudo bem. Não vou mais te perturbar. Lukas me dispensou do meu trabalho, mas eu queria continuar aqui com você.

– É muita cara de pau! Acha que voltarei a confiar em você um dia? Você me magoou, Evan!

– Eu sinto muito...

– E ia enganar a Taylor também!

– Taylor não tem nada a ver com isto!

– Ah, nem quero saber! Só quero distância de você, de Lukas e de todo mundo neste momento.

– Certo. Vou respeitar sua vontade. Só queria que soubesse que sinto muito por ter mentido pra você.

– Adeus, Evan – fecho a porta na cara dele e respiro fundo várias vezes pra não chorar, é impossível.

Os soluços cortam meu peito e deixo de me fingir de forte e vou pra cama chorar feito uma criancinha assustada.

Acordo com o barulho do meu celular tocando o atendo sonolenta.

– Alô?

– Mia, é Joe. Joe DeLuca.

Eu me sento, acendendo o abajur.

– Joe?

– Parece surpresa ao ouvir minha voz.

– Hum, estou mesmo.

Eu havia dado meu número a Joe quando nos encontramos para tomar um café no Natal, antes de ele voltar a Redmond com seu pai. Ele nunca tinha me ligado.

– Me desculpe, estou te atrapalhando? Está com uma voz...

– De sono. Estava dormindo.

– Nossa, desculpe...

– Não, tudo bem. Eu dormi demais mesmo. E aí, tudo bem?

– Por aqui tudo bem. Eu me lembrei de você hoje porque passamos em frente a sua antiga casa em Redmond e vi uma placa de vende-se.

– Sério? Minha mãe não me falou nada.

Eu e Andrea não nos falávamos muito nos últimos três meses e eu não fazia ideia por que ela tinha colocado nossa casa de Redmond à venda.

– Não sabia então?

– Não fazia ideia.

– Meu pai achou estranho, eu acho que é até normal, não é? Vocês não aparecem há anos. E agora com seu pai deste jeito...

Eu fico com o coração apertado ao pensar no meu pai, como sempre.

– É as coisas continuam na mesma. Eu vou falar com a minha mãe sobre a casa. Na verdade, não quero que ela a venda, esta casa pertence mais ao meu pai do que a Andrea.

– Também penso assim. Tenho certeza que quando o John acordar vai querer continuar vindo passar as férias aqui.

Eu sorrio tristemente.

– Obrigada por falar isto.

– Falar o quê?

– Que John vai acordar.

– Você não acredita mais?

– Faz dois anos, Joe. É tão difícil.

– Não é impossível. Tem que acreditar.

– Eu tento. Me conte de você. Está namorando?

Ele ri.

– Nada sério. Lembra-se da Lily?

– Não me diz que está ficando com a Lily! Oh meu Deus, me conta tudo!

Passo a hora seguinte me entretendo com as fofocas de Redmond e, quando desligo, me sinto um pouco melhor.

Eu não sou uma garota sozinha. Ainda tenho amigos verdadeiros como Joe DeLuca.

No final das contas, eu sempre teria Redmond.

Pensando nisto, ligo pra minha mãe disposta a convencê-la a não vender a nossa casa.

Redmond continua a mesma.

Lembro que eu costumava odiar quando meu pai me obrigava a passar os verões ali, quando eu preferia mil vezes estar em um lugar com sol.

Quem poderia imaginar que eu estaria em Redmond de livre e espontânea vontade e ainda me sentindo em casa?

Eu estava cheia de sentimentos nostálgicos enquanto Joe percorria as ruas que levavam a minha casa.

– E aí, já arrependida?

Eu sorrio pra ele.

– Nem um pouco.

– Lembro que você reclamava bastante quando vinha pra cá.

– Eu sei. Eu era um pouco impertinente.

– Eu gostava de você mesmo assim.

– Gostava de puxar meu cabelo, isto sim. Você era tão chato!

– Era um garoto bobo apaixonado pela filha do John – ele ri.

Eu me mexo incomodada, e ele percebe.

– Wow, eu disse no passado, não fique toda bolada!

– Não fiquei – minto.

Ele para o carro em frente a minha antiga casa e nós saltamos. Joe entra comigo levando minhas malas.

– A Selena ajeitou tudo pra sua chegada.

Eu dou uma risadinha.

– Sua sogra?

– Eu já falei. Nós terminamos faz mais de um mês! Quer que eu leve as malas lá pra cima?

– Por favor! Vou fazer um chá para nós.

Selena foi realmente fantástica. Encontro a geladeira cheia e preparo também um lanche.

Desde aquela nossa conversa telefônica, Joe e eu ficamos cada vez mais próximos e, quando ele sugeriu que eu viesse passar as férias em Redmond, não hesitei em aceitar.

Não queria ficar com a minha mãe, que de novo iria para Miami e nem queria chegar perto da casa dos Constantini.

Eu não havia falado com Lukas depois da nossa briga por causa da mentira de Evan. A única da família com quem eu conversava às vezes era Taylor. Foi através dela que fiquei sabendo que Denise e Paul estavam namorando sério e que, por incrível que pareça, Lukas não tinha se importado.

– Eu achei que ele não fosse concordar, afinal, Paul é empregado da Constantini, ele parece estar nem aí. Na verdade, Lukas está tão ausente... Só fica socado lá na Constantini trabalhando sem parar e nem sai mais com a gente! Eu fico sozinha, né? Denise grudou no Paul de tal jeito que é nojento! É tão injusto que ela tenha um namorado e eu não! Se ao menos... Enfim, você sabe por quem eu fiquei balançada, né?

– Claro que sei – parece que Taylor estava com dificuldade para superar o flerte com Evan, porque ela sempre dava um jeito de citá-lo no meio de nossas conversas. Depois da briga na festa ele tinha pedido desculpas a ela, sem pedir nada mais além disto. O que deixou Taylor decepcionada.

– Achei que ele fosse implorar pra eu ficar com ele! Acho que não está interessado mim. Simplesmente disse que sente muito por ter mentido e mais nada. Foi embora e nunca mais o vi.

Eu queria dizer pra ela que estava melhor assim, porém não disse nada.

Ela também ficou decepcionada quando disse que ia para Redmond nas férias.

– Está louca? Naquela cidadezinha pequena e fria?

– É a cidade do meu pai.

– E daí? Ninguém merece! Por que não vai pra casa do Lukas no Havaí? É fabulosa, vai amar!

– Não, obrigada – eu havia recusado o convite com um estremecimento de horror.

– Se bem que é até melhor. Parece que Denise vai com Paul pra lá! Credo, eles são insuportáveis, parecem dois coelhos, um horror!

Eu ri, tentando apagar aquela sensação de inveja dentro de mim.

Eu não gostava de imaginar Denise e Paul felizes fazendo sexo sem parar, feito coelhos, como Taylor frisou. Me fazia lembrar da minha solidão.

Desde quando eu me tornei aquela pessoa recalcada?

Eu sei que eu podia sair e conhecer muitos caras se quisesse, no entanto, depois que Evan foi embora, eu simplesmente parei de sair me concentrando nos estudos. Não tinha nenhuma disposição pra vida social, quanto mais pra flerte.

Foi perfeito quando Joe me chamou pra vir pra Redmond.

Ele desce as escadas e entra na cozinha com um sorriso ao ver os sanduíches.

– Me deu fome.

– Imaginei.

Ele se senta a minha frente e me preparo para começar a falar. Eu hesitei, naqueles dois meses que vínhamos conversando em contar sobre meu casamento, mas sabia que não podia evitar o assunto pra sempre e nem queria mentir pra ele.

– Joe, preciso te contar uma coisa.

Eu passo as duas horas seguintes lhe explicando tudo o que aconteceu desde o acidente de John e, quando termino, Joe me encara seriamente.

– Eu já sabia.

– Como assim, sabia?

– Sua mãe contou ao Jim, que me contou, na época do Natal.

– Por que não comentou nada, este tempo todo?

– Pensei que não queria falar sobre o assunto. Imagino que deve ser difícil e, por que não dizer, constrangedor.

– Sim, as duas coisas. Podia ter me contado que já sabia. Fiquei preocupada com o que ia pensar este tempo inteiro.

– Não me deve explicações. Eu entendo por que teve que fazer isto. E sinto muito. Imagino que deve ser estranho...

– Estranho é o mínimo – digo sombriamente.

– E o Lukas Constantini? Como ele é? Tem muito contato com ele?

– Às vezes – respondo casualmente. Não quero falar de Lukas. Nem em Redmond, onde estou livre de todas as suas lembranças. – E aí, o que vamos fazer amanhã?

Ele se levanta e eu o acompanho até a porta.

– É uma surpresa – ele pisca.

– Ah é? Devo me preocupar?

– Acho que sim! Até amanhã!

Eu fecho a porta sorrindo.

No dia seguinte, Joe aparece na porta da minha casa com duas bicicletas.

– Preparada para fazer trilha?

Pode parecer estranho, mas eu realmente curto aquela ideia.

Ao final do verão, eu volto para New Haven com algumas escoriações no cotovelo e no joelho, embora bastante satisfeita com meu verão.

Fiz bem em ir para Redmond. Era tudo o que precisava. Me sentir jovem e livre novamente. Nem que fosse apenas por um tempo.

E Joe foi uma ótima companhia. Muito diferente daquele garoto bobo do qual eu me lembrava que antes me atormentava. Com ele eu podia ser simplesmente Mia Agnelli. Não Mia Constantini, a esposa do rico empresário Lukas Constantini.

Claro que Lukas ainda assombrava meus sonhos quando eu menos esperava. Talvez fosse esperar demais que eu esquecesse de vez da sua existência. Acho que só ia acontecer quando aquele contrato finalmente terminasse e, mesmo assim, eu tinha minhas dúvidas...

Agora os sonhos eram em cores vívidas. Nós sempre estávamos

naquele deck ao pôr do sol e ele dançava comigo uma música que não tinha fim...

Eu sempre acordava com meu coração partido cheio de uma tristeza sem sentido.

Pelo menos eu tinha Joe pra alegrar meus dias despreocupados.

Mas infelizmente o verão acabou e agora eu estava de volta a minha vida solitária em New Haven. E estou saindo do elevador, procurando a chave do apartamento na bolsa, quando escuto uma risada conhecida de alguém que abre a porta do apartamento vizinho, que antes foi de Evan.

E, para minha surpresa, vejo Taylor saindo de lá.

Ela está de mãos dadas com Evan!

–Taylor? – Pergunto chocada, ela levanta a cabeça e sorri pra mim, como se sua presença fosse a coisa mais natural do mundo. E com Evan, que me fita um tanto receoso.

– Oi, Mia! Finalmente voltou pra casa! – Ela me alcança me dando um abraço apertado.

– Que diabos está fazendo aqui e... com Evan!

– Ah, é uma longa história vou te contar com detalhes! Vem, deve estar cansada, vamos entrar! Ela me puxa pra dentro do apartamento de Evan, que está totalmente diferente, com móveis muito mais elegantes e cortinas coloridas.

– Como... Este apartamento ainda é de Evan?

– Agora é nosso! – Ela sorri, me fazendo sentar e eu vejo Evan entrar atrás de nós carregando minha mala.

– Amor, vai fazer um café pra nós! Assim eu vou adiantando a história pra Mia.

"Amor"?

Em que espécie de mundo bizarro eu tinha entrado?

Evan desaparece dentro da cozinha e Taylor se vira pra mim.

– Bom, pra começar eu e Evan estamos morando juntos.

– O quê?

– Não é legal?

– É... Nem sei o que dizer!

– Eu sei...

– Espera... Estão morando juntos aqui?

– Sim, sua boba! Não é óbvio?

– Nada é óbvio nisto tudo!

– Então, você sabe que eu não tinha superado o que aconteceu...

– Percebi.

– Não conseguia esquecer o Evan e ficava o tempo inteiro pensando como poderia ter sido se nada daquilo tivesse acontecido, então criei coragem e fui atrás dele! Claro que ele relutou, disse que não queria contato com uma Constantini – ela revira os olhos. – Meu querido é tão consciencioso! Mas consegui conquistá-lo! Afinal, meu sobrenome é Miller e não Constantini – ela ri. – Nós passamos as férias juntos e foi lindo! No final eu decidi vir com ele pra New Haven.

– Por que New Haven?

– Evan já tinha decidido voltar pra realmente continuar a estudar.

Eu franzo a testa desconfiada, neste momento Evan volta com duas xícaras e me dá uma delas, com um olhar quase temeroso.

– Por que resolveu voltar pra New Haven?

– Taylor te disse. Vou continuar meus estudos.

– Achei que esta coisa de faculdade fosse mentira.

– Não é. Eu realmente me matriculei no curso quando vim pra cá. E o negócio é que não quero mais fazer este trabalho de guarda-costas.

Eu me lembro que Evan me disse que era formado em história. Depois que eu descobri a farsa, achei que fosse tudo mentira.

– Então não é mentira que é formado em história?

– Não. Realmente me formei só nunca trabalhei nesta aérea.

– O Evan que dar aulas, não é lindo? – Taylor beija o rosto de Evan, que sorri ternamente para ela. Nossa, eles estavam realmente apaixonados.

Novamente sou tomada por aquele sentimento de inveja. Mas também fico feliz por eles.

Apesar de Evan ter aprontado comigo. No fundo, eu não tenho nada contra o fato de ele e Taylor estarem juntos.

– Entendi – me levanto, deixando a xícara de lado – preciso ir.

– Claro. Deve estar cansada – Taylor diz. – Evan, querido, ajude a Mia com as malas.

Eu mordo os lábios, contrariada. Sei o que Taylor está tentando fazer, também sei que é difícil dizer não a ela.

Evan me acompanha até meu apartamento em silêncio, quando estamos sozinhos ele me fita.

– Não estou aqui por causa de nenhuma farsa Mia.

– Eu não disse nada.

– Mas pensou. Lukas não tem nada a ver com isto.

– Ele sabe?

– Ficou sabendo na última semana. Não ficou muito feliz.

– Por quê?

– Acha que você ia pensar exatamente o que está pensando, que ele estava aprontando pra você de novo.

– É natural que eu pense depois de tudo!

– Acho que Lukas entendeu que não pode te controlar, acredite.

– Quero muito acreditar.

– Vou te deixar descansar. Seja boazinha com a Taylor, tá? – Ele pede. – Se quiser continuar brava comigo, tem toda a razão, Taylor não tem nada a ver com o que eu fiz.

– Vou tentar – respondo.

Nossa, era realmente uma novidade enorme.

Eu teria Taylor morando com Evan do meu lado!

Quão estranho seria?

Eu poderia ter achado estranho naquele momento, no entanto deveria saber que quando Taylor cismava com algo, ela conseguia.

E o que posso dizer? No começo, relutei muito com sua aproximação, afinal, ser amiga de Taylor, queria dizer ser amiga de Evan e era bem difícil confiar nele, depois do que fez. Os dias foram passando e dizer não pra Taylor ficava cada vez mais difícil então comecei a ceder.

Não demorou para Evan e eu nos reaproximarmos. Era fácil ser amiga

dele. Era quase como antigamente, exceto que agora ele dormia com uma garota tagarela.

Quatro meses depois, faltando alguns dias para o Natal, nós nos despedimos no aeroporto.

– Vai mesmo pra casa da sua mãe? – Taylor pergunta.

– Claro, é Natal, o que mais eu faria?

– Vocês parecem meio distantes... – ela diz com cuidado.

– Ela ainda é minha mãe. A família que eu tenho.

– Sim, só lembre-se de que nós também somos sua família – ela diz, me abraçando. – E nossa casa em Aspen está te esperando, se quiser. Lukas está em Nova York, nem sei se vai conseguir ir a tempo pra Aspen. Credo, só trabalha!

Eu não digo nada, é o que eu sempre faço quando ela menciona Lukas.

Finjo que ela está falando de alguém que não conheço, ignoro o aperto no meu peito ao ouvir seu nome e pronto.

Em Seattle, decido ir visitar meu pai. É tão triste vê-lo assim, sem reagir, cada vez mais eu perco a esperança. Depois de algumas horas com John, finalmente decido ir ver minha mãe.

Quando chego a casa está silenciosa. Pego a chave reserva, que ela voltou a deixar no lugar de sempre, e entro.

– Mãe?

Nada. Eu tiro o casaco e vou pra cozinha. Estou morrendo de frio, coloco água pra esquentar para fazer um chá. Escuto passos na escada e vou até a sala, porém não é minha mãe quem está descendo.

É um homem desconhecido.

Eu me assusto.

– Quem... quem é você?

Ele parece tão chocado quanto eu.

– Oi, eu sou Mark... é... Sou namorado da sua mãe.

Meu queixo cai.

– O quê?

– Mark, querido... – minha mãe surge, descendo as escadas usando apenas uma camisola e empalidece quando me vê. – Mia!

– Mãe, o que está acontecendo aqui? Este cara está dizendo que é seu namorado!

– Filha, precisamos conversar.

– Então é verdade? Mãe, como pode ter um namorado? Você é casada!

– Mark, pode nos dar licença?

O cara dá de ombros e sobe as escadas. Quero mandá-lo descer e sair da casa do meu pai.

Estou horrorizada com o que estou vendo.

– Querida, fique calma, eu posso explicar.

– Explicar o quê? Acho que ficou bem claro o que está rolando. Você está dormindo com este sujeito!

– Não é assim. Eu e Mark estamos apaixonados...

– Apaixonados? É nojento! Você é casada!

– Seu pai está em coma! Está vegetando! Eu estou viva! Ele ia querer que eu fosse feliz!

– Meu Deus, você é tão egoísta!

– Não fale assim.

– É assim, mãe! Só pensa em você!

– Está sendo muito injusta!

– Estou chocada e decepcionada! Como pôde fazer isto com o papai?

– Eu não planejei, aconteceu! Sinto muito.

– Vai ter que terminar mãe. Não pode continuar traindo o papai.

– Não vejo como traição. Ele está numa cama de hospital. Se estivesse aqui, eu iria pedir o divórcio.

– O quê?

– Eu vou morar com Mark.

– Não pode estar falando sério.

– Estou. Eu pretendia conversar com você agora no Natal. O Mark está voltando para Miami, vou me mudar em breve pra lá. Vamos ficar

juntos. Espero que você entenda e me apoie.

– Não posso! Quero ir embora – eu mal consigo respirar, quando pego minha mala no chão.

Andrea vai atrás de mim, eu a ignoro.

– Mia, filha, não vá. Fique, vamos conversar...

– Não quero falar com você – estou chorando quando pego meu celular e disco o número de Taylor.

– Tudo bem, quer agir com infantilidade, que assim seja, quando estiver disposta a ser adulta, conversaremos. – Ela sobe as escadas, me deixando sozinha.

Taylor atende depois de algumas chamadas.

– Taylor, sou eu.

– Mia, está tudo bem?

– Não. Não posso ficar na minha mãe.

– O que aconteceu?

– Não quero falar agora, nós brigamos...

– Nossa! Olha, vem pra cá.

– Eu não sei...

– Por favor, vai ficar tudo bem. Espera, fique na linha que eu vou só fazer uma ligação.

Espero pacientemente, enquanto enxugo as lágrimas que teimam em cair.

Escuto minha mãe descendo as escadas e rapidamente pego minha mala e saio, andando até a calçada, ignorando a neve fria que cai.

– Pronto – Taylor retorna. – Está tudo certo. Fique aí, que alguém vai te buscar.

– Obrigada, Taylor.

Eu sento no meio fio, abraçando meu próprio corpo, chorando toda a desilusão de ver minha mãe traindo meu pai.

Ela não o amava. Era a verdade. Se amasse esperaria o tempo que fosse necessário.

Ela só quer seguir sua vida. Eu choro ainda mais, pensando em John

acordando e vendo Andrea com outro homem. Ele que fez tanta coisa por ela. Deixou sua carreira de policial, a cidade natal, tudo pra ficar com ela. E ainda tinha a questão do roubo. Se foi realmente ele, eu nem tinha mais como defendê-lo, com certeza foi pela minha mãe. E olha como ela retribuía.

Escuto um carro se aproximando, entretanto, continuo ali, meio congelada de tristeza, até que os passos se aproximam.

– Mia? – Levanto a cabeça e vejo Lukas vindo em minha direção.

Levanto-me meio chocada ao vê-lo.

Depois de tanto, tanto tempo. E choro ainda mais.

Sem que me dê conta, ele se aproxima e passa os braços a minha volta, me puxando pra perto. Eu o abraço, soluçando em seu pescoço.

Era mais triste ainda pensar que, de certa forma, ele era a única coisa que eu tinha naquele momento. Porque no fundo, ele nem era meu de verdade.

Pelo menos, estava comigo agora.

Capítulo 20

Mia

Eu sei que não deveria estar agarrada a ele chorando feito uma garotinha indefesa, mas não consigo evitar. Naquele momento, sinto como se os braços de Lukas a meu redor fosse tudo o que me restasse no mundo.

É irônico pensar assim. Estamos casados pela lei dos homens e, para todos os efeitos, é o certo, mas na verdade nada pode estar mais errado.

Lukas não tem obrigação de me proteger.

No entanto, não é exatamente o que ele sempre faz, mesmo quando é de uma forma distorcida e estranha, tipo colocar Evan para me vigiar?

Aquela lembrança, que me causava tanta revolta, já não dói mais. A traição de Lukas e Evan me parece tão insignificante quando comparada ao que Andrea fez.

– Shi, está tudo bem... – murmura contra meus cabelos, sua voz só faz com que eu chore mais. – Vamos embora. – Ele me coloca dentro do carro e se afasta para pegar minha mala, jogar no porta-malas depois sentar no banco do motorista e dar partida, me levando embora.

Vou me acalmando, enquanto as ruas da vizinhança vão ficando para trás até reconhecer o estacionamento do aeroporto.

– Nós vamos pra Aspen? – Agora que meu descontrole emocional está passando, começo a me perguntar por que Lukas estaria ali. Taylor não disse que estaria em New York?

– Sim, minha família está lá – Lukas tira a minha mala e outra que deve ser a dele do porta-malas e seguimos para o embarque. Se eu imaginava que íamos fazer check in como qualquer passageiro comum, estava enganada, passamos por toda a movimentação até uma sala vazia e elegante que nunca vi. Um homem uniformizado nos recebe, ele é calvo e tem um sorriso simpático.

NACIONAIS-ACHERON

– Obrigada por esperar, Rey.
– Sem problemas. O tempo está bom para viajar por enquanto.
– Esta é Mia – Lukas aponta para mim e o homem sorri amigavelmente.

– Muito prazer, Mia.
– Rey é o piloto do meu avião.

Claro que ele tinha um avião. Como poderia ser diferente?

Eu imagino o que o piloto estaria pensando ao me ver com o rosto todo vermelho e inchado de tanto chorar. Ele não comenta nada, bem como a cordial comissária de bordo que só pergunta se quero alguma coisa quando embarcamos no pequeno avião.

– Não, obrigada.

Assim que ficamos sozinhos Lukas me fita com o semblante grave.

– Está se sentindo melhor?

Eu dou de ombros.

– Acho que ainda estou em choque.
– Quer me contar o que aconteceu?
– Taylor não te contou?

– Taylor me ligou e perguntou se eu podia buscá-la porque teve problemas com sua mãe.

– Você não estava em Nova York?

– Eu tive uma reunião hoje cedo em Seattle.

– Não queria atrapalhá-lo.

– Não está atrapalhando. Só estou surpreso por aceitar tão docilmente viajar comigo para passar o Natal com a minha família.

Eu desvio o olhar um tanto constrangida.

– Como disse, acho que ainda estou em choque.

– O que aconteceu?

– Minha mãe tem um caso – começo a contar a ele o que aconteceu na casa da minha mãe.

Se está chocado, não deixa transparecer.

– Sinto muito.

– Era por isto que ela queria desligar os aparelhos, tenho certeza. Nossa, estou tão decepcionada! Como ela pôde?

– Sua mãe é uma mulher jovem, deve ser difícil pra ela ficar sozinha, já pensou nisto?

Eu me sinto um pouco irritada com sua lógica, embora no fundo saiba que faz sentido.

Andrea nunca foi uma mulher conformada com uma vida que não quisesse viver. Por isto foi embora de Redmond quando eu era pequena. Talvez eu tivesse sido bastante ingênua de esperar que ela ficasse ao lado de John. Mesmo assim era difícil aceitar que ela desistiu dele tão facilmente. Seguiu com sua vida sem ao menos se dar ao trabalho de me contar.

– Eu fico chateada porque ela mentiu. Se tivesse sido sincera comigo desde o começo, talvez eu não ficasse tão chocada. Chegar em casa e ver um homem no lugar do meu pai... foi como levar uma facada pelas costas.

– Eu entendo. Então vocês discutiram.

– Foi feio. Eu não podia mais ficar lá. Não ia aguentar, estou muito chateada com ela. Me desculpe por te obrigar a me levar pra Aspen.

– Não estou sendo obrigado a nada, Mia.

– Não quero... Impor minha presença a sua família.

– Você também é família. É você que parece não gostar de ser.

A comissária entra na cabine com uma xícara e me oferece.

– É chá – Lukas esclarece – está precisando. Deve estar congelando.

– Ah, obrigada – eu pego a xícara das mãos da moça e me sinto melhor ao tomar o líquido quente.

– Relaxe, Mia. Temos quase quatro horas de viagem.

– Vou tentar – termino o chá em silêncio, enquanto Lukas atende ao telefone e começa a falar em uma linguagem comercial que não entendo.

Encolho-me na cadeira, observando seu semblante concentrado. Durante todos aqueles meses que passei detestando até sua lembrança, havia me obrigado a esquecer o quanto ele era bonito. O quanto me deslumbra.

Suspiro cansadamente, fechando os olhos.

Não quero me sentir atraída por Lukas de novo. Não posso me

permitir.

Já estava mais do que na hora de superar aquela paixão adolescente.

Eu iria passar o Natal na sua casa, procuraria ficar perto de Taylor e Evan, em perfeita segurança, contra meus hormônios e sentimentos traidores e depois voltaria para a segurança de New Haven. E tudo continuaria como antes.

Cada um na sua.

Até o fim daquele arranjo.

Acordo com a voz do capitão dizendo para nos prepararmos para pousar. Me espreguiço e olho pra Lukas que me estuda.

– Sentindo-se melhor?

Eu dou de ombros.

– Um pouco.

Olho pela Janela e vejo a paisagem fria que domina o ambiente.

– É muito bonito.

– Sim. A paisagem é incrível. E tem pistas de esqui famosas.

– Você esquia?

– Sim. E você?

– Acho que não – respondo com uma careta que o faz sorrir e eu sinto meu coração traiçoeiro batendo mais rápido. Desvio os olhos para a janela de novo. Muito mais seguro.

Nós saímos do avião para o frio cortante, vejo uma pessoa envolta num casaco de pele correndo em nossa direção e jogando os braços em cima de mim.

– Taylor, vai me sufocar – consigo dizer e ela me solta me encarando com o olhar preocupado e curioso.

– Está horrível!

Eu rio.

– Sério, estava chorando, não é? O que sua mãe aprontou? Precisa me contar tudo!

– Taylor, deixa a Mia respirar – Evan aparece do seu lado.

– Sim, a Mia está cansada. Vamos pra casa – Lukas segura meu braço

e me guia até o carro parado na pista.

Evan está dirigindo e Taylor senta atrás comigo, deixando Lukas ao lado de Evan.

Os dois conversam brevemente sobre o tempo e Taylor segura minha mão. Ela deve estar segurando a língua para não me encher de perguntas e também sei que não me deixará em paz até que eu conte tudo.

– O tempo está bom hoje – Lukas diz. – Eu fiquei receoso de não conseguirmos voar se estivesse nevando demais.

– Sim, está ótimo para dezembro. Taylor e Denise querem esquiar amanhã.

– Se o tempo continuar bom iremos.

Taylor sorri ansiosa pra mim.

– Você virá também! Tenho roupas que ficarão ótimas em você, não se preocupe.

– Eu não posso nem me imaginar esquiando...

– Não seja boba é super fácil.

O carro envereda por um caminho de pinheiros, que está totalmente branco por causa da neve, até que estacionamos em uma enorme casa bonita.

Taylor me puxa para dentro gritando para Evan levar as malas e eu fico de boca aberta com a beleza rústica da casa.

Lá dentro, eu encontro Richard e Erin que me cumprimentam efusivamente.

– Finalmente a temos aqui – Erin me abraça. – Sempre disse pra Lukas que deveria vir passar um Natal conosco.

– Ela prefere ficar com a mãe, é normal, Erin. – Richard diz, me fazendo sentir um aperto no peito ao me lembrar do que aconteceu.

Taylor parece notar meu desconforto.

– Vem, vamos subir, vou te mostrar o quarto que preparamos pra você. Vai ser tão legal ter você aqui! – Ela sorri abrindo a porta de um quarto bonito e aconchegante que tem até lareira e um banheiro enorme.

– Gostou?

– Tudo aqui é lindo.

– Minha mãe adora decorar, você sabe! Ainda mais com todo o

dinheiro que o Lukas tem, não há limites!

– Imagino...

– Agora chega de enrolação e me conta! – ela me puxa para a cama e eu suspiro, contando a ela o que aconteceu em Seattle.

– Que vaca! – Ela solta depois coloca a mão na boca, ficando vermelha. – Oh, me desculpe. Sei que é sua mãe, ela poderia ter sido sincera com você.

– É o que eu penso. Estou tão chateada, nem imagina.

– Imagino sim. Pelo menos serviu pra trazer você pra cá! – Ela sorri empolgada. – Denise está tão insuportável! Ela e Paul não se desgrudam, dois nojentos.

– Onde eles estão?

– Saíram para caminhar – ela rola os olhos. – Devem estar se pegando atrás de algum pinheiro, com certeza!

Eu rio.

Escutamos uma leve batida na porta e Evan entra.

– Taylor, deixa a Mia descansar.

– A gente está conversando! – Evan a puxa pela mão e eu lanço-lhe um olhar agradecido, ele pisca ao fechar a porta, ignorando os resmungos de Taylor.

Eu me levanto e vou até a janela. A paisagem é maravilhosa. Por um momento sinto-me quase feliz por estar ali. No fundo, acho que sempre tive certa curiosidade de conhecer a casa da família em Aspen. Nunca me senti suficientemente da família para estar ali.

Graças à briga com a minha mãe, eu estou.

Me pergunto se seria algum sinal do universo. Minha mãe era a única família que me restava e agora eu estava com a família de Lukas. Me lembro das palavras de Lukas: "Você também é família. É você que parece não gostar de ser".

Será que é verdade? Seria eu que me afastava deles?

O que eu podia fazer? Minha permanência naquela família tinha prazo de validade. O tempo estava passando. Mais de dois anos já se passaram.

Sinto um aperto no peito ao imaginar nunca mais vê-los. Nunca mais

ver Taylor, ou Evan. Até mesmo Denise.

E, principalmente, Lukas. O que é algo ridículo.

Eu deveria me sentir aliviada por nunca mais precisar olhar pra ele. Nunca mais sentir falta de ar apenas porque ele sorri, ou sentir meu corpo esquentar nos lugares certos quando ele me toca. Ou meu coração se apertando quando ele me salva de alguma situação difícil como fez naquela tarde.

Eu passei meses achando que estava me imunizando contra o efeito Lukas Constantini, pelo visto, a máxima de que o tempo cura tudo não se aplicava a mim.

Suspirando pesadamente desfaço minhas malas depois tomo um banho, quando pego meu celular vejo várias ligações perdidas da minha mãe. Sinto aquela angústia me dominar de novo, tento me controlar. Não adianta nada ficar pensando nisto. Eu ainda não me sinto preparada para conversarmos sobre o que fez. Sei que terei que encarar a realidade em algum momento, não agora.

– Ei, posso entrar? – Denise entra no quarto. Continua linda como sempre.

– Oi, Denise.

– E aí, Taylor já espalhou a história da sua mãe – ela dá de ombros. – Sei que não tenho nada a ver com isto e aposto que você também não está a fim de falar sobre o assunto neste momento, então só vim te chamar pra ir num pub com a gente.

Eu sorrio, aliviada por Denise entender que eu não quero falar mais da minha mãe.

– Pub?

– Sim, podemos jantar e beber. Não se preocupe por ficar segurando vela pra mim e Paul. Taylor e Evan também irão.

– Claro. Porque segurar vela para dois casais é muito mais divertido.
– Lanço a ela um olhar irônico.

– Lukas vai, então seremos três casais. Ou mais ou menos isto... Você vai?

– Ok eu vou – que desculpa eu tinha?

Taylor entra no quarto minutos depois saltitando e revira minhas
NACIONAIS-ACHERON

roupas, escolhendo ela mesma o que devo vestir.

– Estou tão feliz que esteja aqui – ela me puxa escada abaixo, onde encontramos os outros.

Paul me abraça forte me tirando do chão.

– Eu estou feliz em te ver também – murmuro quase esmagada e ele ri.

– Sempre a seu dispor, senhora Constantini – brinca e eu fico vermelha ao ser chamada assim. Meu olhar vai direto para Lukas.

Como sempre, ele parece perfeito em seu casaco escuro.

Nós nos dividimos em dois carros e, sem que percebesse, estava sozinha com Lukas, já que Taylor e Evan foram com Denise e Paul.

Lukas segue pela estrada e me olha de soslaio.

– Está se sentindo melhor?

– Estou sim.

– Preciso te contar que sua mãe me ligou.

– O quê? – Pergunto surpresa.

– Ela estava preocupada com você e me viu te buscando.

– O que disse a ela?

– Que estava com a minha família. Ela pediu que dissesse a você que gostaria de ter a chance de conversar e se explicar.

– Não me sinto preparada para falar com ela.

– Foi o que falei. Para deixar você digerir tudo depois poderiam conversar.

– Nem sei quando vai ser.

– Você só vai falar com ela quando quiser.

– Ela é minha mãe. E meu pai está naquela situação...

Ele para o carro e me encara.

– Nós somos sua família também, sabe disto, não é?

– Vocês serão minha família até o fim do contrato – murmuro.

– Mia, eu... – Lukas começa e então Taylor bate no vidro.

– Ei, vamos entrar antes de congelarmos!

Lukas solta um palavrão baixo eu abro a porta do carro, sinto sua mão em meu braço e o encaro.

– Nós precisamos conversar. Sei que não é a hora nem o lugar, em algum momento, preciso conversar com você.

– Tudo bem – eu assinto e saio do carro.

Por que Lukas quer conversar comigo? Será algo sobre o contrato? Sobre minha mãe? Sobre o que aconteceu com Evan?

Eu não faço ideia, me sinto ligeiramente curiosa.

Nós entramos no charmoso pub e nos sentamos numa mesa isolada.

Taylor está falando como sempre e Paul também. Ele está sempre com as mãos em Denise, fico feliz por eles terem finalmente se acertado, ao mesmo tempo sinto inveja por eles serem tão apaixonados e livres.

Assim como Taylor e Evan. Que são mais contidos e já estou acostumada com suas demonstrações de afeto, parece diferente hoje por causa da presença de Lukas.

E pensar que para todos os efeitos somos um casal. Nunca seremos como os dois outros casais na nossa frente, que se tocam casualmente com carinho, trocam olhares cúmplices e até beijos furtivos com risadinhas íntimas.

– Denise disse que não vão pro Havaí com a gente? – Paul pergunta a Taylor.

– E eu quero ficar vendo vocês se agarrando? Deus me livre! Se em Aspen já são nojentos, imagina no calor do Havaí!

– Ela está brincando – Evan diz. – Nós vamos pro Texas. Vou apresentar Taylor a meus pais.

– Taylor vai conhecer seus pais? Boa sorte pra eles! – Lukas brinca.

– Não seja chato! – Ela reclama. – Tenho certeza que os pais de Evan vão me amar. Todos vocês me amam! Diz pra eles, Mia, eu fiz até você me amar!

Eu fico vermelha.

– A Mia não teve opção já que se mudou para o apartamento ao lado do dela. – Denise diz.

– Tem razão – concordo com Denise.

– E você vai com a gente pro Havaí, Mia? – Paul pergunta e eu fico sem saber o que dizer.

– Eu... Não sei.

– Deveria. – Lukas diz e eu o encaro indecisa.

– Você vai?

– Desta vez sim. Seria ótimo se viesse também. Denise e Paul com certeza me acharão um chato intrometido.

– A Mia não parece muito animada. – Evan comenta. Claro, ele me conhece.

– Se ela não quiser ir pro Havaí, poderia ir com a gente pro Texas – Taylor arregala os olhos como se tivesse tido uma ótima ideia. – Vai ser demais!

– Por que a Mia iria com vocês ao Texas? – Lukas parece aborrecido – ela vai comigo para o Havaí, sem discussão.

Eu quero argumentar com seu tom incisivo, mas me calo. No fundo estou vibrando por ele ter me convidado para viajar com ele.

– Eu vou ao banheiro – Taylor diz e eu me levanto para ir com ela.

Enquanto espero do lado de fora, Paul aparece e fica na fila do banheiro masculino ao meu lado.

– E aí, Denise me contou sobre sua mãe, espero que não esteja muito mal.

Eu dou de ombros.

– Superando, fazer o que?

– Já perdoou o Evan também, pensei que fosse ser mais durona.

Eu rio.

– Durona, eu? Quem me dera.

– Perdoou o Lukas também? – Ele aponta com o ombro para a mesa onde Lukas e Denise conversam.

Eu mordo os lábios.

– Como disse, fazer o quê?

– Você é tão óbvia que não sei como ninguém percebe.

Eu o encaro confusa.

– O que quer dizer?

– Está apaixonada por ele.

Fico vermelha de embaraço e choque.

– Não! De onde tirou este absurdo?

– Mia, ao contrário dos outros não sou cego. Está muito óbvio em seu jeito de olhar pra ele quando pensa que ninguém está olhando. Ele olha pra você do mesmo jeito.

– Agora está delirando – eu sinto meu coração vindo à boca.

Paul não pode estar falando sério. Lukas não olha pra mim do mesmo jeito que olho pra ele. É absurdo.

– Não estou e bem no fundo você sabe.

– Está sendo absurdo. Eu e Lukas temos apenas um contrato.

– Se é o que dizem... – ele dá de ombros. – Não é da minha conta, não é? Fique tranquila que nem com a Denise eu comentei sobre isto. É algo entre vocês. – Ele desaparece dentro do banheiro masculino me deixando ali, totalmente perturbada.

– Pode ir – Taylor abre a porta e então franze a testa. – O que foi? Está com uma cara estranha.

– Nada – desconverso e entro na segurança do banheiro.

Minha mente está girando com as palavras de Paul. Será que eu era assim tão óbvia? Talvez só para Paul, como ele disse ninguém parecia perceber.

Ele falou também que Lukas me olhava do mesmo jeito que eu olhava pra ele. Claro que não podia ser verdade.

"Ele disse que me achava bonita", uma vozinha murmura dentro de mim, lembrando-me da noite do baile, que me obriguei a esquecer depois da decepção por causa de Evan.

Naquela noite, ele realmente havia me encarado de um jeito diferente. Como se realmente me achasse atraente.

E me senti realmente bonita.

Fecho os olhos e sacudo a cabeça, me obrigando a parar de pensar naquilo.

Eram absurdos. E só.

Saio do banheiro e volto à mesa.

Todos estão envolvidos em uma conversa sobre esquiar amanhã quando me sento, quase dou um pulo quando sinto a mão de Lukas sobre a minha.

– Tudo bem? – Pergunta gentilmente, enquanto seus dedos desenhavam arabescos na palma da minha mão embaixo da mesa.

– Tudo – respondo, tentando me lembrar de como respirar.

As palavras de Paul teimam em invadir minha mente.

– Estou feliz que esteja aqui – ele diz e tenho certeza que só eu posso ouvir.

Por um momento louco, tenho vontade de me aproximar e beijar sua boca talvez até soltar uma risadinha boba como Denise enquanto ele me puxaria pra perto cheiraria meus cabelos e...

– Claro que a Mia vai esquiar! – Volto dos devaneios malucos com a voz de Taylor.

– Eu não sei esquiar.

– Não é difícil. Nós ensinamos – Lukas sorri.

– Eu sou uma pessoa totalmente descoordenada, não vai dar certo – argumento ao mesmo tempo em que tento esquecer que ele ainda segura minha mão.

– Lukas ensinou a mim e a Denise, Mia. Com certeza ele pode te ensinar também. – Taylor diz e o assunto começa a girar em torno de esqui.

E Lukas continua segurando minha mão. O tempo inteiro.

Como se fosse algo natural.

Desejo mais do que tudo que seja mesmo.

Ele só solta minha mão, quando o garçom se aproxima com a conta e ele vai pegar seu cartão.

Na hora de ir embora, sinto-me subitamente covarde e me coloco ao lado de Denise, dizendo que vou com eles no carro e Taylor diz que acha ótimo eles irem com Lukas já que não terá que aguentar a agarrão dos dois.

– Nada disto – Paul a puxa para o banco traseiro do carro, ignorando seus protestos. – Aposto que reclama da nossa agarrão porque tem inveja.

– Não! Evan faça alguma coisa! – Taylor reclama, Evan apenas ri e

Denise rola os olhos enquanto entram no carro e a mim não resta alternativa a não ser acompanhar Lukas.

Evito olhar em sua direção, embora esteja totalmente consciente de sua presença.

Me lembro de sua mão segurando a minha, queria que ele não a tivesse soltado.

"E ele olha para você do mesmo jeito também". As palavras de Paul martelam na minha mente, me enchendo de uma perigosa expectativa.

Queria ter coragem suficiente para me virar pra Lukas e perguntar o que teria acontecido naquela noite em que dançamos e ele me olhou como se realmente me visse de verdade.

Quando ele disse que eu era bonita.

Não consigo parar de pensar, se o desfecho seria diferente se Denise não fosse atacada e eu não tivesse descoberto sobre Evan.

O que teria acontecido?

Mordo os lábios com força, dizendo a mim mesma para não criar fantasias tolas em minha mente.

Lukas passou todos aqueles meses sem ao menos tentar entrar em contato comigo. Provavelmente ficou aliviado por não ter mais que me ver.

Não foi o que eu pedi a ele? Que ficasse longe de mim? Então, de quem era a culpa?

– Mia?

De repente a voz de Lukas me tira dos meus devaneios e percebo que estamos parados em frente a casa.

– Achei que estivesse dormindo de tão distraída – Lukas diz.

Eu me espreguiço.

– Quase. Estou cansada – minto.

Nós saímos do carro e entramos na casa silenciosa – Eles ainda não chegaram? – pergunto.

– Devem ter chegado há mais de 15 minutos.

Eu franzo a testa, sem entender.

– Eu fiz um caminho mais longo, acho – Lukas diz simplesmente.

– Então... Boa noite.

– Mia, será que podemos conversar?

– Agora? – De repente eu me sinto meio covarde.

– Tudo bem se estiver muito cansada.

– Não, podemos conversar, claro – me obrigo a ser corajosa.

O que ele poderia me dizer que pudesse piorar nossa situação?

Eu o acompanho até a sala, onde ele acende a lareira e sentamos em sofás opostos.

– Eu queria te pedir perdão mais uma vez.

Ah, então era isto.

Acho que me sinto um tanto decepcionada.

– Pelo o que exatamente? – Pergunto quase petulantemente.

– Por ter colocado Evan com você em New Haven. Eu... Sei que foi errado, eu só queria ter certeza que estava protegida.

– Acho que já discutimos esse assunto, Lukas. Por que voltar a ele?

– Porque quero que entenda meus motivos.

– Certo. E quais são seus motivos?

Ele passa as mãos pelos cabelos, parecendo angustiado.

– Eu fico... aflito quando imagino você sozinha.

– É absurdo.

– Eu sei, acredite. Só não consigo evitar. Eu tenho esta... necessidade irracional de protegê-la. Até de mim.

– De você? Que mal faria a mim?

– Você não tem ideia...

Ah eu tenho.

Ele já faz sem nem ao menos se dar conta.

Há mais de dois anos que eu chafurdo cada vez mais naqueles sentimentos proibidos, que me consomem e atormentam. Odiando o fato de ele me ver apenas como uma criança. A garota filha do ladrão com a qual ele foi obrigado a se casar.

Uma obrigação.

Quando tudo o que eu mais desejo é que ele me queira.

Assim como eu o quero.

Obviamente não é deste mal que Lukas está falando.

– Acho que não faz sentido este tipo de discussão agora.

– Você me perdoou então?

Ele parece tão ansioso quanto um garoto que fez arte o que me faz sorrir. Quero aproximar meus dedos de seus cabelos e sentir sua textura.

Torço as mãos que formigam ansiosas sobre meu colo.

– Acho que sim.

– Tem certeza?

Eu rolo os olhos.

– O que quer Lukas? Que eu jure? Que escreva uma declaração?

– Eu só quero ter certeza que não me odeia.

– Eu não odeio você – murmuro. Ah, claro que eu tentei. Seria muito mais fácil se eu conseguisse.

– Me sinto aliviado. Eu fiquei todos esses meses achando que me odiava de verdade.

– E faz realmente diferença pra alguém como você?

– O que quer dizer com alguém como eu?

Dou de ombros.

– Eu não sei, só... achei que no fundo estivesse aliviado por não ter mais que me aguentar.

– Eu senti sua falta todo este tempo, Mia – ele diz baixinho e, por um momento, eu temo não ter ouvido direito.

Lukas estava realmente dizendo que sentiu minha falta?

Sinto o ar me faltar e meu coração disparar alarmantemente no peito, desvio o olhar para minhas mãos, corando com o prazer proibido que suas palavras invocam em meu íntimo.

– E eu passei todos esses meses tentando odiar você e seu instinto controlador, acredite – confesso e sorrio, voltando a encará-lo.

Ele sorri também. Lindamente.

Um sorriso que faz meu sangue cantar. Agitando-se em minhas veias.

– Que bom que não conseguiu.

Por alguns momentos apenas nos encaramos sorrindo.

E lá estão elas novamente, as borboletas sobrevoando meu estômago.

– E agora, onde estamos? – Pergunto por fim e eu vejo o sorriso de Lukas morrer em seu rosto, sendo substituído por uma expressão de... incerteza? Derrota? Angústia?

Não sei dizer. Apenas me deixa confusa e temerosa de novo.

Ele se levanta.

– Acho melhor irmos dormir. Está cansada, foi um longo dia pra você.

Eu me levanto um tanto decepcionada e ao mesmo tempo feliz por termos conversado. Por ele ter dito que pensou em minha naqueles meses, que estava feliz por eu não odiá-lo.

Eu devo ser importante pra ele, não é? Nem que seja um pouquinho.

Embriagada por esta certeza eu me aproximo ficando na ponta dos pés e beijo seu rosto.

– Boa noite Lukas!

Passo por ele, subindo pro meu quarto com um sorriso no rosto.

Amanhã seria outro dia. E eu estava cheia de uma doce expectativa.

Como se algo realmente bom me esperasse em breve.

Naquela noite, os sonhos voltam.

Caminho sem rumo pela neve até perceber que estou seguindo alguém. Um homem alto com cabelos escuros, despenteados pelo vento. Eu grito seu nome, minha voz é engolida pela nevasca.

Eu acordo tremendo de frio e percebo que a janela se abriu durante a noite, deixando o quarto gelado.

Me levanto tiritando de frio e fecho somente o vidro. Fico observando a paisagem fria e linda lá fora. O que aquele sonho queria dizer? Seria só um reflexo do frio que eu sentia? Ou havia alguma mensagem escondida?

– Que bom que está acordada – Taylor entra no quarto toda sorridente, carregando uma pilha de roupas. – Trouxe algumas roupas. Vamos esquiar.

Eu faço uma careta.

– Eu realmente não acho uma boa ideia...

– Não seja boba! Todos nós vamos! Quer dizer. Menos mamãe e Richard. – ela me segura pelos ombros, me empurrando para o banheiro. – Não adianta tentar fugir. Eu vou ficar aqui te esperando e te vestirei como minha boneca.

Eu gemo desalentada entrando no banheiro, de onde saio 20 minutos depois, Taylor mantém sua ameaça de me vestir.

Nós descemos para o café da manhã e só não estou mais apreensiva com aquela ideia de esqui, porque sei que Lukas estará comigo.

Pensar nele me faz quase correr na frente de Taylor para encontrá-lo mais rápido, modero meus passos assim como obrigo meu coração a atenuar suas batidas.

Quando entramos na ampla cozinha onde todos estão reunidos, meus olhos varrem os presentes, até pousar nele.

É claro que Lukas está lindo. É óbvio que faz meu coração voltar a bater num ritmo animado. Ainda mais quando me lança aquele sorriso meio de lado.

Mordo os lábios e desvio o olhar.

– Mia não está muito animada para esqui – Taylor fala, me puxando para sentar do seu lado e fico vermelha.

– Eu disse que sou uma pessoa descoordenada.

– Não se preocupe, cuidarei de você – Lukas diz sorrindo. – Se consegui ensinar Denise e Taylor, consigo ensinar você também.

– Duvido que elas tenham nascido com dois pés esquerdos – murmuro insegura.

– Deixe de falar bobagens, você vai aprender – Taylor bate na minha mão e eu rolo os olhos, desistindo de argumentar.

– O St Regis é maravilhoso – Taylor explica quando o carro passa pelo famoso resort. – Além de ser a duas quadras das pistas de esqui, tem um Spa maravilhoso. Se der tempo podemos vir aqui, seria tão legal – ela começa a tagarelar sobre as maravilhas do lugar, eu só sinto meu estômago dando nó.

Evan estaciona e descemos num lugar bonito. A paisagem é realmente maravilhosa, por um instante esqueço por que estou ali e curto o momento.

– Certo, vou deixar você com o Lukas agora, novata! – Taylor acena

NACIONAIS-ACHERON

quando se afasta com seus esquis e Evan, seguindo Denise e Paul.

– Você parece que está indo para uma sessão de tortura. – Lukas ri, enquanto caminhamos.

– Eu realmente não estou certa sobre esqui.

– Parece difícil só no começo, vai pegar o jeito.

É difícil acreditar nele, quando até andar com aquelas botas de esqui é esquisito.

– Dê passos largos Mia, é mais fácil – explica.

– Fácil falar!

– Não devia reclamar, eu estou carregando seus esquis.

– Você inventou, então não reclame!

Nós nos posicionamos num lugar que me pareceu bem perigoso e Lukas me ajuda a colocar os malditos esquis e começa a me instruir como fazer.

– Está segura?

– Está de brincadeira, não é?

Ele ri.

– Estou perguntando se seus pés estão bem presos.

– Bom, acho que sim...

– Deslize cada um dos pés para trás e pra frente e veja se está bem preso.

Eu faço o que ele mandou, tentando não cair.

– Acho que sim.

– Se você cair e tiver dificuldade para se levantar, tire um dos esquis, levante-se com a ajuda do outro e dos bastões, depois fixe a bota ao esqui removido.

– Fácil falar – afirmo e ele fica do meu lado, calçando seus esquis.

Parece tudo tão fácil pra ele!

– Flexione os joelhos de modo que suas canelas fiquem apoiadas na frente das botas e incline-se ligeiramente para frente – instrui.

– Eu acho que vou cair!

– Não vai. O comprimento dos esquis não deixará que você caia para

a frente. Coloque suas mãos através das tiras dos bastões.

Faço como ele mandou.

– Por favor, diz que não vai me empurrar agora.

Ele ri.

– Claro que não. A primeira coisa que deve aprender é andar sobre o esqui. Pronta?

– Duvido...

Ele começa a me ensinar como devo andar. É realmente muito estranho, consigo me mover depois de um tempo.

– Muito bem. Agora vamos a uma bunny hill.

– Que diabos é bunny hill? – Pergunto, andando ao seu lado tentando não me desequilibrar.

– É uma pista para iniciantes, de inclinação suave.

– Quão suave?

– Não seja medrosa.

Nós entramos em um teleférico e tento ficar calma até chegarmos ao topo. Não é tão alto, embora... pareça tão mortal quanto as outras pra mim.

– Pronta?

Eu engulo em seco.

– Lembre-se, quanto mais você separar as pernas, mais lento vai esquiar. Não coloque um esqui sobre o outro, causará uma perda de controle. E não se esqueça de como desacelerar.

– Certo – eu mal respiro.

– Comece a deslizar ladeira abaixo, vá devagar. Mantenha as pontas dos seus esquis juntas. Quando se aproximar do pé da colina, aponte os esquis um para o outro formando um ângulo bem largo. Irá fazer com que você pare de deslizar. Se cair, posicione os esquis perpendicularmente à inclinação. Empurre-se para cima, oriente-se e continue a descer a colina.

– Espera mesmo que eu me lembre de tudo isto quando estiver indo na direção do chão?

– Não tenha medo de cair. Todo mundo cai nas suas primeiras vezes. Até os esquiadores experientes caem de vez em quando. Se um tombo for inevitável, caia para o lado. Se cair para trás, seus esquis vão continuar a

descer a colina arrastando-a, com pouco ou nenhum controle.

– Era pra me deixar tranquila?

Ele ri e coloca os óculos de proteção. Eu faço o mesmo.

– Vamos!

Eu gemo e me forço a ir pra frente, como ele falou, bem devagar. Sinto a adrenalina disparando em meu peito conforme vou ganhando velocidade.

– Está indo bem, Mia... – Lukas grita do meu lado e eu o encaro, sorrindo. – Olhe para frente!

Eu volto a olhar pra frente. Aquilo era realmente emocionante!

Estou começando a gostar, quando perco o equilíbrio e caio na neve, sem aviso.

Lukas para ao meu lado rindo e estende a mão para me ajudar.

– Eu falei que ia cair.

– Você foi muito bem. Venha, vamos subir e descer de novo!

Da segunda vez eu caio antes de começar a descer, o que faz Lukas rir mais ainda, ele continua me incentivando.

Da terceira vez consigo me equilibrar e cair apenas no trecho final, não posso negar que estou começando a adorar aquela sensação.

Depois de algumas descidas, paro de cair e estou curtindo a adrenalina.

– Quando vamos para pistas maiores? – Pergunto a Lukas empolgada e ele sorri.

– Primeiro você vai aprender a virar.

Claro que aprender a virar me faz levar mais alguns tombos, eu nem estou me importando mais.

– Planeje com antecedência: no começo, as curvas serão mais abertas. Crie bastante espaço para passar os obstáculos! Depois que você aprender como fazer isso, pode descer a colina em uma espécie de curvas em ziguezague. – Lukas diz e, só pra constar, preciso dizer que ele é muito, muito fofo quando está tão sério em seu modo instrutor.

– Entendi!

– Agora que você já domina a bunny hill, vamos para outra pista.

Eu quase saltito de ansiedade e Lukas sorri, me puxando pela mão.

Nós paramos em frente a um mapa, onde estão marcados os vários graus de dificuldade que Lukas me explica.

– Um círculo verde indica uma pista fácil, ou pista para iniciantes. Ela não é muito rápida, tem poucos obstáculos e não é muito longa. Um quadrado azul indica uma pista intermediária. Ela pode conter alguns obstáculos ou ser mais íngreme, você deve evitá-la até que já tenha dominado as pistas mais fáceis. Um losango preto indica uma pista difícil. Ela contém obstáculos, pequenos montes de neve e uma rampa íngreme com um caminho de descida estreito.

– Para qual vamos agora?

– Não tente esquiara numa pista difícil se for inexperiente.

– Não sou mais inexperiente – reclamo.

– Embora possa pensar que está pronta, não está, Mia.

– E quando vou estar pronta? – Pergunto e, de repente, é como se não estivéssemos mais falando apenas do grau dificuldade da pista.

– Vamos tomar um café! – a voz de Denise nos interrompe e nos viramos para o grupo que se aproxima.

– E aí? Lukas conseguiu te ensinar? – Taylor indaga curiosa.

– Mia já está se sentindo uma veterana – Lukas diz enquanto caminhamos para fora da pista em direção ao café.

– O Lukas acha que sou inexperiente demais para certos desafios. – digo.

Não consigo encará-lo para ver se ele captou meu duplo sentido.

– Lukas é tão cauteloso! – Denise rola os olhos.

– Ele está certo. Pode ser perigoso para uma iniciante – Evan comenta enquanto entramos no café pegando uma mesa, Taylor e Lukas vão buscar nossas bebidas.

– Então gostou de esquiara? – Denise pergunta.

– Eu amei – digo impressionada.

– O esqui é um esporte emocionante que pode saciar a necessidade de descarga de adrenalina de qualquer um – Paul comenta. – Eu adoro também.

– Quem diria que ia se tornar uma viciada em adrenalina, hein, Mia? –

Evan brinca.

Taylor e Lukas voltam à mesa e ele senta do meu lado.

– Estávamos comentando como a Mia se viciou em adrenalina – Denise diz e Lukas sorri.

– Isto porque estava morrendo de medo.

– Estava mesmo. Sou uma pessoa totalmente descoordenada e claro que levei vários tombos.

– É normal cair – Paul comenta.

– A emoção da descida compensou. Eu amei. Já quero passar para pistas mais perigosas.

– Que garota mais audaciosa! – Denise pisca. – Primeiro esqui, o que vai ser depois? Vai pular de paraquedas?

– Não é má ideia – rio. – Nas minhas férias em Redmond eu fazia trilhas de bicicleta e algumas eram bem perigosas.

– Jura? – Taylor arregala os olhos. – Como é isto?

– Meu amigo Joe adora s esportes radicais...

– Quem é Joe? – Eu me viro para Lukas ao ouvir sua pergunta. Ele está sério agora.

Eu dou de ombros.

– Um amigo de infância. Nunca falei sobre ele? O pai dele é amigo do John.

– Não, nunca falou. – Lukas diz desviando o olhar e eu fico com a impressão que ele está... contrariado?

Por que eu nunca falei sobre Joe?

Sinto-me mal de repente. Quase com uma culpa que nunca tinha sentido. O que é um pouco ridículo.

– Então tem um amigo radical? Que peculiar! – Denise diz com seu tom mordaz.

– Ele é só um amigo de infância – por que estou com aquela voz de quem está se explicando?

– Ele parece ser legal. – Taylor diz. – Convida ele a ir pra New Haven te visitar! Ou melhor, vamos todos pra Redmond! Seria demais...

E Taylor começa a divagar sobre uma fantástica viagem a Redmond como se fosse algo realmente possível, enquanto Denise e Paul começam a brincar de roubar beijos um do outro e Lukas continua calado, olhando para seu café.

Depois de um tempo, nós saímos do café e os casais caminham na frente, deixando Lukas e eu para trás.

– Eu disse alguma coisa errada? – Pergunto e ele me encara dando de ombros.

– Acho que fiquei surpreso por saber que estava com alguém em suas férias em Redmond.

– Como eu disse, Joe é um amigo de infância. ele me ligou dizendo que minha mãe queria vender a casa que temos lá. Não queria que acontecesse e no fim acabei aceitando o convite para ir passar as férias.

– Como é este Joe?

– Um garoto como qualquer outro.

– Ele tem namorada?

– Tinha, estavam brigados quando estive lá.

– Rolou alguma coisa entre vocês?

Eu paro o encarando surpresa com a pergunta.

– Como é?

– Eu perguntei se rolou algo entre vocês – ele insiste muito sério, quase... com raiva.

Fico vermelha e irritada com a insinuação absurda.

– Claro que não! Somos amigos! Que absurdo!

– Por que seria tão absurdo assim?

A primeira resposta que me vem na ponta da língua é: "porque eu sou casada".

Quão ridículo seria?

Não somos casados de verdade. Não devemos fidelidade um ao outro.

O próprio Lukas tem uma amante. Ou várias, o que eu sei de sua vida? Estávamos juntos ali agora, mas, o que ele tinha feito durante todo o ano? Ficado com Alexia? Ou com outras mulheres como a tal Nathalie?

Pensar nisto, faz toda a alegria que eu vinha sentindo por estar com ele desaparecer.

Não éramos de verdade.

Nada daquilo era real.

A merda é que parecia ser. Inferno!

Eu sentia como se fosse e por isto eu não conseguia achar natural ficar com outros caras.

A minha triste realidade era esta.

De repente estou cansada de mentir. Mentir pra mim mesma, mentir para o mundo.

Respiro fundo e cruzo os braços em frente ao peito.

– Eu sou casada. – Digo seriamente.

Lukas empalidece.

Eu espero sua réplica quase sem respirar, então duas coisas acontecem ao mesmo tempo. O celular de Lukas toca e Taylor nos grita.

– Vamos logo!

Lukas pega o telefone e solta um palavrão baixo.

– Vá com eles, preciso atender.

Eu quero dizer que não, que estamos no meio da conversa mais séria que já tivemos até hoje, mas ele já se afasta.

Derrotada, eu caminho em direção a Taylor.

– Cadê o Lukas?

– Disse que precisava atender uma ligação.

– Ah, sempre trabalhando!

Nós caminhamos para a pista, paro em total horror ao ver quem está conversando com Denise.

Ali, bem na minha frente está Alexia Duran.

Capítulo 21

Mia

– Lembra-se da Alexia, Mia? – Taylor pergunta empolgada, alheia à minha tensão.

Alexia e Denise se viram e Alexia me encara com um olhar tão chocado quanto o meu.

– Lembro sim – murmuro.

– Mia Agnelli! Não sabia que estava em Aspen. – Ela diz com um sorriso que não chega aos olhos.

– É Mia Constantini – rebato.

– Ah sim, claro – ela dá de ombros. – Realmente estou surpresa. Nunca passa os Natais aqui.

– Mia brigou com a mãe dela – Taylor fala.

– Taylor, basta! – Evan a repreende ao ver meu olhar consternado.

– Também estou surpresa de vê-la aqui – digo.

– Somos vizinhos – ela sorri.

Ah claro, como eu poderia ter esquecido?

– Bom, ou pelo menos minha família é. Eu estou morando em Seattle agora.

– Claro que sim – digo com ironia.

– Cadê o Lukas? – Taylor resmunga. – O tempo está fechando e está ventando forte! Provavelmente vão fechar a pista! Vamos logo!

– Vou ligar pra ele. – Denise pega o celular e troca algumas palavras rápidas.

– Ele diz para seguirmos, que pode demorar.

– Que chato – Taylor reclama.

Eu me pergunto se Lukas tem ideia de que Alexia está aqui.

Certamente ele deve saber que ela está em Aspen, pelo menos.

De repente outras ideias mais nefastas começam a girar minha mente. Tipo eles combinando de passar o Natal juntos. Talvez minha presença estivesse atrapalhando.

Tento ignorar a dor no meu peito.

Melhor me concentrar na raiva. Com ela eu posso lidar.

– Quer que eu vá na pista fácil com você, Mia? – Evan pergunta e eu recuso.

– Não, eu vou com vocês.

– Ainda não está pronta, Mia. Talvez devesse ficar na pista intermediária.

– Nada disto. Eu disse que vou com vocês – insisto, entrando no teleférico com Denise que me encara indecisa.

– Não tem medo de quebrar o pescoço?

– Não – rosno.

– Está rebelde hoje, hein?

– Você não viu nada!

Ela ri daquele seu jeito irônico e não diz mais nada.

Nós chegamos à pista e Evan ainda tenta me dissuadir.

– Mia, é perigoso.

– Eu estou bem!

– Evan tem razão. Melhor não ir – Paul diz.

– Não adianta tentar me impedir. Eu vou!

– Certo, então tome cuidado – ele começa a dizer a mesmas coisas que Lukas me disse sobre os cuidados que eu finjo ouvir, estou mais preocupada em lançar olhares mortais a Alexia que conversa despreocupadamente com Denise.

Talvez eu pudesse empurrá-la só um pouquinho...

– Ok, vamos então – Evan diz e colocamos nossos óculos.

Sinto a adrenalina tomar conta de mim e impulsiono para frente.

É bem diferente da pista fácil.

A descida é bem mais íngreme e a pista mais estreita. Eu tento manter o foco e seguir o que Lukas me ensinou, mantendo o equilíbrio.

Milagrosamente chego lá embaixo sem levar um tombo sequer.

Sorrio feliz quando tiro meus óculos.

Taylor me abraça.

– Você está muito boa mesmo!

– Eu disse!

– Mesmo assim foi perigoso. Agora que já matou sua vontade, melhor não descer mais – Evan insiste.

– Podíamos ir procurar o Lukas – Paul diz. – Talvez devêssemos ir embora, o tempo está ficando ruim.

– Sim, vamos – Evan e Paul se afastam.

– Vamos descer mais uma vez – Alexia propõe.

– Achei que a Mia não fosse mais – Taylor me olha confusa.

– Claro que eu vou. Você viu, eu consigo.

– Então vamos – Denise e Taylor sobem em um teleférico e só me resta ir com Alexia em outro.

O silêncio entre nós é opressor e eu me pergunto o que se passa por sua cabeça.

– Se não se importa, eu vou ficar na próxima pista – ela diz quando estamos chegando.

– Que pista?

– A mais difícil.

– Achei que esta fosse a mais difícil.

– Não, ainda tem a pista extrema. É a próxima. Deve ficar aqui, se ainda é inexperiente.

– Não, eu vou com você!

Ela levanta a sobrancelha.

– Achei que estava começando a aprender.

– Estou, mas eu consigo.

Ela dá de ombros e nós passamos a pista onde Denise e Taylor ficam e descemos na pista mais alta. Mais íngreme. Mais estreita.

Meu coração está disparado no peito. O céu acima de nós está escuro.

– Uau. Parece difícil – digo quase pra mim mesma.

– É a pista para experts. A única pista mais difícil que esta é a helisking, aquelas onde os esquiadores são levados por helicópteros.

– Sei...

– Ainda está em tempo de desistir. Pode voltar no teleférico.

– Não. Eu vou tentar...

– Certo. Então vamos novata.

Ouvir a palavra novata da boca daquela piranha me deixa com uma raiva sem limites e eu coloco meus óculos. Ok, vamos mostrar a ela quem era a novata.

Eu impulsiono e saio deslizando. A adrenalina corre rápida pelo meu sangue. Escuto os esquis de Alexia atrás de mim e acelero ainda mais. Sorrio pra mim mesma. Não é difícil. Eu posso conseguir. Então começo a ouvir outro barulho e olho para trás, me lembrando, tarde demais, de Lukas dizendo para eu manter os olhos à frente.

Meu coração para ao ver a massa branca de neve acumulada vindo em nossa direção.

– Mia, vire, vire! – Alexia grita indo para a direita bruscamente e eu só tenho alguns segundos para conseguir sair do choque e segui-la. A virada é tão brusca que meus esquis se prendem no chão e eu caio para frente, e saio rolando várias vezes até parar, ofegante.

Alexia para ao meu lado. Claro, ela não caiu.

– Está bem?

– Acho que sim... O que foi aquilo? – Tiro meus óculos e olho na direção de onde estávamos. Nós saímos da pista e estamos numa área diferente. Eu só vejo neve à minha frente. Muita neve.

– Avalanche. – Alexia diz sombriamente.

– E agora?

– Agora vamos tentar descer por aqui.

– Esquiando? – Arregalo os olhos.

– Não. Andando.

Eu começo a sentir certo horror.

– O que faremos com o esqui?

– Deixe aí. Só vai atrapalhar...

Ela pega o celular, então faz uma careta.

– Esta porcaria está sem sinal.

Eu pego o meu.

– O meu também.

– Bem, melhor tentarmos descer então. O céu está escurecendo e está ventando.

– Verdade – concordo olhando para cima e estremecendo.

Nós começamos a descer devagar. Como o terreno é íngreme demais paramos em seguida.

– Teremos que esperar aqui.

Eu abraço meu próprio corpo, começado a sentir frio.

– Eles mandarão alguém, não é?

– Estamos fora da pista e não sei como foi esta avalanche. Infelizmente pode demorar.

Nós nos sentamos e esperamos.

Talvez devido ao frio que ficava cada vez mais intenso, os minutos pareciam horas.

Quanto tempo demoraria para nos resgatarem?

De repente começo a me arrepender de ter sido tão infantil querendo esquiar com Alexia naquela pista. Justamente com quem eu estava presa agora!

– Algo assim já te aconteceu alguma vez? – Pergunto.

Não queria conversar com Alexia, porém aquele silêncio já estava me matando de tensão.

– Nunca. Uma vez um primo de uma amiga ficou preso numa avalanche na Suíça.

E o que aconteceu?

– Ele morreu.

– Oh meu Deus!

– De frio. Morreu congelado antes que o resgate o alcançasse.

Eu estremeço começando a sentir mais frio ainda.

Será que era o que ia acontecer com a gente? Iríamos ter hipotermia e morrer ali? Tento não ser dramática, fica difícil ser racional sentindo o gelo cortando meu rosto.

Eu estou perdida no meio de uma avalanche na neve com Alexia Duran. A namorada de Lukas.

Aquela mulher que tem tudo dele que eu gostaria de ter. E provavelmente nunca terei.

Passei mais de dois anos desejando algo que nunca poderia ter. Quantas coisas eu havia perdido nesta ilusão? Eu podia dizer que sempre soube que era impossível. Lá no fundo, eu sabia que eu tinha alguma esperança. Por menor que fosse, ela ardia dentro de mim.

Talvez movida por aquilo que Paul tinha me dito, que Lukas olhava para mim como eu olhava para ele. Talvez bem no fundo do meu coração, eu tenha sentido algo. Tenha esperado que ele parasse de me ver como algo proibido e intocado. E revelasse que não era só eu sentindo aquela atração.

Será que eu estava enlouquecendo com o frio e o desespero estava me fazendo inventar histórias?

Talvez nem fizesse diferença agora.

Sinto vontade de chorar.

– Não se preocupe, devem estar mandando um helicóptero atrás de nós – ela diz segura. – Se existe alguém que tem poder pra isto é Lukas.

– Claro... você deve saber – não consigo evitar.

Ela me olha entre surpresa e curiosa.

– Então você sabe sobre nós? – Pergunta por fim.

– Não é segredo, não é? – Confirmo.

– Hum... E como se sente a respeito?

Eu tenho vontade de pegar um monte de neve e enfiar na sua boca perfeita, mas só dou de ombros.

– Não é da minha conta com quem Lukas dorme. Não somos casados de verdade. Eu até já conheci outra de suas namoradas.

Ela arregala os olhos.

– Como?

Ah, isto ia ser bom.

– Você não? O nome dela é Nathalie. Muito bonita. Estava dormindo no apartamento dele quando cheguei.

– Ela dorme no apartamento dele? – Alexia parece irritada agora. – Eu nunca dormi lá... – murmura como que para si mesma e eu sinto uma alegria mórbida ao vê-la com ciúme.

Tome um pouco do próprio veneno, vadia.

– Então ele ainda está com essa Nathalie?

– Não sei. Como eu disse, não é da minha conta...

De repente o celular de Alexia toca e ela o pega rapidamente.

– Voltou o sinal, finalmente... Alô? Lukas, ainda bem! – Eu sinto todo o alívio se transformar em amargor quando ela diz que é Lukas ao telefone. Ele ligou para ela. – Eu não sei... Estávamos esquiando e avalanche começou. Saímos da pista... O quê? Mia? Sim, estamos bem. É melhor mandar logo alguém nos buscar, senão vamos congelar aqui... Hum? Espera.

Ela me passa o celular.

– Ele quer falar com você.

Eu coloco o aparelho no ouvido.

– Mia?

– Oi – respondo fracamente.

– Você está bem? Está machucada?

– Estou bem...

– Por que diabos foi para esta pista? Eu disse que não deveria...

– Não grite comigo! Eu estava esquiando bem e não tenho culpa se teve esta avalanche!

– Inferno, Mia estou morrendo de preocupação. Tem certeza que está bem? Estamos no helicóptero tentando localizá-las.

Só então eu escuto o barulho do helicóptero através da ligação e respiro quase aliviada.

– Nós tentamos descer.

– Não se movam mais. Fiquem aí. Nós vamos encontrá-las.

– Tudo bem. Estou congelando, acho que não conseguiria me mexer

mesmo. – Estremeço.

– Não vai congelar. Eu vou buscar você. Prometo.

Eu fecho os olhos, tentando acreditar nas suas palavras.

E o celular perde o sinal.

– O que ele diz?

– Está no helicóptero.

– Foi o que ele me disse também. Bom, só nos resta esperar.

O tempo parece não passar. Ou talvez esteja passando rápido.

O frio é tanto que acho que está congelando meu cérebro. Estou tremendo e Alexia também.

E se Lukas não nos encontrar?

Eu deveria ter dito a ele... O quê?

Me despedido?

Dizer que me arrependia de nunca ter tido coragem de lhe dizer como eu me sentia de verdade? O que eu queria de verdade?

De repente escutamos um barulho acima de nós e lá está o helicóptero se aproximando cada vez mais.

Ele pousa a certa distância e, como num sonho, vejo Lukas e um homem desconhecido saltando.

Ele vem em minha direção e me abraça, me levando para junto de seu corpo.

– Mia, graças a Deus!

Eu tento sorrir, mas começo a chorar.

– Achei que nunca ia me encontrar.

Ele me aperta mais.

– Eu te encontrei. Eu disse que encontraria.

Me pegando no colo, ele me leva em direção ao helicóptero e só então vejo que o homem desconhecido já colocou Alexia lá dentro.

Lukas me coloca em seu colo e me cobre com um cobertor, enquanto o homem fecha a porta e o helicóptero ganha altura novamente.

Enterro minha cabeça em seu peito, suas roupas também estão úmidas, não me importo. Apenas fecho os olhos e me deixo embalar, ainda

sentindo pequenos tremores em meu corpo.

– Você está bem? – Escuto sua voz sombria e abro a boca pra responder, mas não foi pra mim que ele perguntou, pois Alexia responde, numa voz estranha.

– Estou.

E nada mais é dito.

Estou apenas semiconsciente quando Lukas me tira do helicóptero. Sinto a neve fria sobre nós e escuto vozes a nossa volta, não reconheço o lugar para onde ele me leva, até que me coloca sobre o chão de mármore branco.

– Onde estamos? – murmuro ainda trêmula, olhando em volta de um grande banheiro.

– No resort.

– Por que não estamos na casa dos seus pais?

– Porque precisamos esquentar você e as estradas estão ruins – ele diz, ligando a torneira da banheira.

Então se volta pra mim e começa a tirar minhas roupas com mãos eficientes.

Eu não ofereço resistência. Sinto frio ainda e a fumaça que sai da água que enche a banheira parece perfeita.

Rapidamente estou de calcinha e sutiã – Seus lábios estão roxos. – Lukas passa os dedos por meus lábios que tremem, não mais de frio.

Aqui estou eu, seminua na frente de Lukas, que me despiu. Quantas vezes, sozinha na minha cama, eu fantasiei algo assim?

Agora é real. Só não é como nos meus sonhos.

Lukas afasta os dedos de mim, me pega no colo num movimento ágil me colocando daquele jeito mesmo dentro da banheira.

Ah, é bom sentir o calor sobre minha pele fria.

Fecho os olhos por um momento, quando os abro Lukas não está mais lá.

Eu ainda fico na banheira, até sentir meu sangue descongelando finalmente.

Levanto-me tiro minhas roupas íntimas molhadas, me seco com uma
NACIONAIS-ACHERON

toalha e saio do quarto.

Lukas está no telefone.

– Ficaremos por aqui até que ela esteja bem... Certo.

Ele desliga e me encara, passando os dedos pelos cabelos úmidos.

Parece exausto.

– Quanto tempo ficaram nos procurando?

– Por um longo tempo. Primeiro saímos a pé, quando percebemos que tinha havido a avalanche, desistimos e voltamos para buscar um helicóptero. Eu pedi que Evan e Paul levassem Denise e Taylor embora, elas estavam histéricas.

Eu esboço um sorriso fraco.

– Imagino... Me sinto culpada.

– Não se sinta.

– Eu fui infantil. Sabia que não poderia ir esquiar naquela pista.

– Eu quase enlouqueci de preocupação quando descobrimos a avalanche. Uma tragédia podia ter acontecido.

Eu estremeço de horror.

– Não aconteceu – murmuro, apertando a tolha na frente do meu corpo. Ainda me sinto fraca e com meus pensamentos embaralhados. Eu estive tão perto da morte. Era quase estranho estar ali em segurança.

– Você deveria se esquentar também – digo. Ele parece realmente esgotado.

Ele olha pra si mesmo, como se só agora constatasse que também está com as roupas úmidas de neve.

Eu mordo os lábios.

– Pode adoecer. Se ficar doente, vou me sentir mais culpada do que já estou.

– Tudo bem. Se quiser, peça algo para comer. Vamos embora assim que se sentir melhor.

– Tudo bem.

Ele se afasta e eu olho a paisagem pelo vidro da janela.

É a hora do crepúsculo. As nuvens escuras fecham o céu e ainda neva.

Eu poderia estar lá fora agora. Congelada.

Sinto lágrimas quentes no meu rosto e os enxugo, mordendo os lábios para não soluçar.

Eu não congelei. Estou viva.

E Lukas está a poucos passos de mim. De repente, não sinto mais vontade de chorar. Sinto-me quase como se estivesse flutuando até o banheiro. A porta está apenas encostada e entro no ambiente enevoadado como num sonho.

Largo a toalha no chão e, nua, entro no boxe com Lukas.

Ele me encara com os olhos chocados, por um momento nenhum de nós fala nada. O vapor quente nos envolve num manto etéreo que ajuda a aumentar minha sensação de irreabilidade.

– Mia... – sua voz está cheia de angústia, incredulidade e, para minha mais doce satisfação, desejo.

Cada célula do meu corpo está exultante com esta constatação. Meu corpo inteiro começa a se preparar para encontrar o dele. Finalmente!

Inferno, estou me preparando para um momento como aquele há mais de dois anos.

Uma longa e angustiante espera. De maneira alguma quero esperar mais.

– Lukas! – Seu nome escapa de meus lábios com a força do meu anseio e dou um passo em sua direção. Suas mãos se erguem para se interpor entre nós.

Ah Lukas, nem adianta colocar mais barreiras. Eu vou derrubar uma a uma.

Custe o que custar.

– Mia, não faça isto... – sua voz contém reprovação e também medo.

– Eu quero – digo erguendo minhas mãos e segurando as suas. – Quero ficar com você. Aqui. Agora. Deste jeito.

Ele fecha os olhos, tirando suas mãos das minhas então, segurando meus ombros, me afasta, até que eu esteja encostada nos azulejos. Mal sabe ele que aquela tentativa de rejeição me incendeia mais. Ofego e ele me solta como se eu fosse um ferro em brasa.

Nesse momento sou quase isto.

– Não. Você está confusa... Passou por um trauma...

– Sim, eu passei por um perigo de morte. E sabe o que pensei durante todo o tempo Lukas? Sabe a única coisa que teria lamentado se tivesse morrido? Só lamentaria o fato de nunca ter sentido você dentro de mim.

Lukas solta um rosnado.

– Inferno, Mia! Não posso...

– Você não me quer? – Pergunto com uma ponta de incerteza e lanço automaticamente meu olhar para baixo perdendo o ar ao ver que Lukas pode negar o quanto quiser, mas ele me quer sim.

Prendo meu olhar no dele de novo.

– Por favor – imploro. E nem estou me importando.

Sua mão toca meu rosto, fecho os olhos indo em sua direção novamente.

Desta vez ele não me impede nossas peles molhadas se roçam sob a água. Nós dois estremecemos. É como um choque.

Abro os olhos e seu rosto está muito próximo. Respiramos juntos. Me embriago com seu hálito.

– Por favor – imploro de novo e, desta vez, com um gemido, ele me beija.

Doce, forte e imprudente.

Um beijo completo, com língua, dentes e gemidos.

Meu primeiro beijo de verdade.

Sinto uma exultação que vai além do desejo físico. É quase como presenciar um milagre.

Lukas está me beijando.

Aquele cara sombrio e assustador que havia acusado meu pai de roubo. Que me obrigou a casar com ele. Que desejei em segredo por um tempo infinito tinha sua língua acariciando a minha com avidez. Seus braços me apertando contra seu corpo evidentemente excitado.

Deixando-me levar por aquela excitação, o beijo de volta, sem restrição. Subindo minhas mãos para acariciar seus cabelos molhados me colando nele.

E dói.

Uma dor deliciosa atormenta meus seios, meu ventre e desce...

Esfrego-me nele despidoradamente, querendo aplacar aquela ânsia, Lukas afasta os lábios dos meus para trilhar beijos por meu rosto, enquanto suas mãos descem das minhas costas para meu quadril, apertando. Gemo alto quando sua óbvia ereção aperta meu ventre.

Deus. Deus. Deus. Preciso dele dentro de mim. Saber como é...

– Por favor – peço fracamente, sentindo-me desfalecer com sua boca colada em meu pescoço, seus dentes mordendo meu ombro.

Puxo seus cabelos.

– Que se dane eu preciso foder você – sua voz sai quase ríspida contra minha pele e é o que basta para uma poça se formar no meio das minhas pernas e não é água do chuveiro.

Estou me desfazendo em desejo puro e cru e não consigo pensar em nada. Estou só meio consciente quando Lukas desliga o chuveiro e me leva para a cama.

Finalmente!

O quarto está envolto na penumbra quando ele me deita e eu abro os olhos, fitando-o com fervor, sentando ao meu lado.

E não gosto do que vejo em seus olhos.

Ele está pensando. Está refletindo...

Está se afastando.

Sento-me quase em desespero e toco seu ombro com meus lábios.

– Não me deixe agora...

– Mia... não sabe o que está me pedindo...

Seguro seu rosto.

– Sei que quero você. Por favor... – puxo-o pra mim. – Por favor...

Com um gemido, ele vem.

Beijos molhados enchem minha boca e me roubam a capacidade de pensar, enquanto suas mãos se movem febris por meu corpo, acariciando, apertando, marcando.

Não importa a intensidade.

Eram toques de Lukas. E eram muito bem-vindos.

– Não posso esperar... – ele rosna entre beijos e eu abro minhas pernas num convite mudo.

– Então não espere.

Se ele não podia esperar, eu tampouco. Estive me preparando para aquele momento por dois malditos anos.

Lukas hesita, seu corpo pairando sobre o meu.

– Pode doer.

– Não importa – ergo meus quadris para encontrar os dele.

Sinto uma físgada quando sua ereção rompe minha virgindade, é quase nada se comparada com o inferno que foi esperar por aquele momento.

Tudo era bem-vindo. Tanto o prazer quanto a dor.

Queria tudo que viesse dele.

Lukas para por um momento, respirando com dificuldade.

– Tudo bem?

– Sim... não acredito que está acontecendo... – murmuro com um sorriso inseguro e ele sorri de volta, beijando minha testa.

– Nem eu.

E se move devagar dentro de mim.

Deslizo numa doce inconsciência onde só há sensação. Começando com suas estocadas ritmadas, num delicioso impulso e recuo que eu não demoro a acompanhar e se espalhando como milhões de ferroadas por minha pele, transformando tudo em calor e vida.

Isto é que era viver de verdade.

A plenitude de se sentir preenchida, física e emocionalmente.

A experiência sem igual de dar e receber prazer.

Fecho os olhos e me delicio com seus gemidos roucos em meu ouvido, seu suor se misturando ao meu, seu respirar profundo em minha pele.

E tudo vai crescendo num grande espiral de sensações que colapsa meu ventre e acaba por fim explodindo e me desmanchando em mil pedaços e eu gozo com seu nome escapando de meus lábios entreabertos. Logo em seguida, ouço seu rosnado rouco em meu cabelo quando ele goza dentro de

mim.

Eu acordo de um sono sem sonhos com a claridade do dia cinzento invadindo o quarto estranho. Por um momento, sinto-me confusa e desnorteada, então me lembro.

E me sento na cama, olhando em volta.

Estou sozinha. Lukas desapareceu.

Recosto-me de novo sobre os travesseiros fechando os olhos me recordando de tudo.

Não foi um sonho. Eu e Lukas fizemos amor.

Transamos. Fizemos sexo.

Eu queria usar todas as palavras e definições.

Queria dançar sobre a neve e gritar feito louca.

Não foi um sonho, embora sentisse quase como se tivesse sido.

Onde ele estaria?

Me levanto, sentindo-me deliciosamente dolorida e tomo um banho rápido. Minhas roupas limpas e secas estão sobre a cadeira. Deve ter sido cortesia do hotel cinco estrelas.

Assim que acabo de me vestir, alguém bate à porta e reconheço a voz de Paul.

– Mia, está acordada?

Eu abro a porta e ele me estuda com seus olhos levemente preocupados.

– Está tudo bem?

– Agora sim. Mas ontem...

– Nossa, você quase nos matou de susto.

– Eu imagino. Me desculpe. Fui imprudente.

– Tudo bem, a avalanche não foi sua culpa. Está pronta? Eu vim te levar embora.

– Onde está Lukas?

Ele dá de ombros.

NACIONAIS-ACHERON

– Sinceramente eu não sei. – Como assim não sabia? – Ele esteve em casa logo cedo, pediu que Taylor pegasse umas roupas suas e disse que você estava no hotel, dormindo. Pediu que eu viesse te buscar e saiu.

– Hum... Tudo bem – tento conter minha decepção.

Paul me leva pra casa, assim que chegamos, Taylor me abraça fazendo mil perguntas.

– Como tudo aconteceu? Nós ficamos tão preocupados...

– Deixe a Mia respirar – Evan pede. – Aposto que ela quer descansar.

– Não, estou bem. Foi horrível, claro. Muito frio.

Conto a eles resumidamente o que aconteceu.

– Queria que Lukas tivesse te trazido pra casa ontem! – Taylor reclama. – Ele preferiu que ficasse aquecida e o hotel era mais perto. Enfim, pelo menos está bem. Nos deu um susto! Devo ter umas rugas a mais por sua culpa.

– Exagerada – Denise rola os olhos. – Mas ela tem razão. Ficamos muito preocupadas. Um conhecido nosso já morreu num acidente assim. E ver você e Alexia nesta situação...

Eu disfarço uma careta ao me lembrar da existência de Alexia.

Foi fácil esquecer que ela existia ontem. Agora...

Sinto dor de estômago de repente.

– Onde estão seus pais? – Pergunto pra mudar de assunto.

– Meu pai teve uma emergência no hospital e minha mãe tem uma igreja que sempre visita no dia de Natal para caridade.

– Nossa, hoje é Natal – me lembro.

– Pois é! Já já eles estarão em casa. Está com fome? Primeiro precisa trocar esta roupa!

Troco de roupa e Taylor me puxa pra cozinha me obrigando a comer. Ela se afasta para ir colocar uma blusa, me deixando sozinha por um instante. Estou acabando a refeição, quando escuto um carro estacionando lá fora e olho pela janela. É Lukas.

Meu coração dispara de ansiedade e corro para fora, Denise chegou antes de mim e está conversando com ele.

– E ai, como ela está?

Eu paro.

– Está bem, foi apenas o susto – Lukas diz sério.

Então eu entendo. Ele tinha ido ver Alexia Duran.

Sinto vontade de vomitar de repente e, dando meia volta, corro para meu quarto, fico ali me obrigando a respirar devagar para não surtar.

Não tem jeito. A dor está se alastrando rapidamente, como câncer, comendo minha felicidade pouco a pouco.

– Mia?

Eu levanto o olhar e Lukas está na minha frente.

– Podemos conversar?

– Onde estava? – Questiono subitamente.

– Eu... – ele passa os dedos pelos cabelos.

– Você foi vê-la – respondo por ele. – Foi ver Alexia – minha voz está cheia de acusações e não me importo.

Depois de ontem eu acho que tinha todo o direito, sinceramente.

– Sim. Eu precisava saber se ela estava bem.

Engulo o vômito na minha garganta.

– Claro. Que consciencioso – ironizo.

– Mia, escuta, precisamos conversar...

– Sobre ontem?

– Sim.

De repente fico com medo. Aquele tom...

Primeiro ele saiu da minha cama para ir ver Alexia. E agora estava com cara de...

Sinto uma pontada no peito. Pressinto que será a primeira de muitas.

– Nós fizemos amor – murmuro.

– Foi um erro.

Ah, Lukas.

Se eu tivesse apostado um milhão que ele diria isso, estaria rica.

Quero gritar.

Apenas me mantenho assombrosamente calma.

– Por quê?

– Ainda pergunta? Nós temos um contrato, Mia. Temos um acordo no qual prometi te manter protegida. Segura.

– Eu continuo segura. Nada aconteceu comigo porque fizemos sexo! Por que... Por que está agindo assim? Aquele contrato foi feito quando eu era uma criança! Eu tinha 17 anos. Olha pra mim, Lukas. Não sou mais criança. Eu tenho vinte anos. Eu fiz o que queria.

– Você estava confusa e eu não deveria ter me aproveitado...

– Acredita mesmo que se aproveitou de mim? Fui eu que entrei no banheiro e te implorei... – Deus, eu nem consigo falar mais. Não acredito que Lukas vai continuar com essa merda!

– Mia, eu sinto muito, não deveria ter acontecido.

– Não deveria?

– Não. Foi um momento de fraqueza. No fundo, acho que nem estava pensando direito...

– Mas aconteceu. E agora?

– Vamos esquecer e seguir em frente.

Meus lábios tremem. Quero chorar. Quero esbravejar, quero agredi-lo.

– Você está arrependido – afirmo. Não é uma pergunta. Rezo para que ele diga que estou enganada. Pelo menos isto.

Ele apenas assente.

Pisco para afugentar as lágrimas.

– Por que está agindo assim? É por causa da Alexia, não é? – Começo a chorar sem conseguir mais me conter. – É por causa dela.

– Não... – ele nega apesar de eu saber que é. Só pode ser.

Por que aquela imbecil não morreu na avalanche? Acho que nunca tive tanto ódio de alguém na vida.

– Está apaixonado por ela? – Pergunto, me esquecendo de resguardar meu orgulho.

De que ele me serviria agora?

Comecei a perdê-lo ontem à noite quando entrei no chuveiro e me ofereci a ele.

NACIONAIS-ACHERON

Oh Deus...

Será mesmo que eu poderia chamar Lukas de canalha aproveitador?
Eu praticamente me joguei em cima dele!

Me encho de vergonha.

– Mia, não faça isto. – Ele dá um passo em minha direção, então para.
– Droga, precisa entender. O que aconteceu entre nós foi errado. Nunca deveria ter acontecido. Eu sinto muito. Nunca quis te magoar, ver você chorar me mata por dentro.

– Mentira! Você não está nem aí pra mim, nunca esteve! – Esbravejo.
– Eu não passo de um fardo pra você! A filha de um ladrão, que você é obrigado aguentar e com quem, ontem à noite, foi coagido a transar!

– Não é nada disto...

– Então o que é? Explique porque está difícil de entender!

– Entenda: Temos que esquecer o que aconteceu e seguir em frente. Eu não... – ele respira fundo, como se buscando palavras. – Eu tentei parar ontem. Juro que tentei. Eu já deveria saber que seria um erro terrível. Apenas aceite que estaremos melhor do jeito que sempre estivemos. Apenas um contrato. Eu não sou... bom pra você, Mia.

– É, estou descobrindo – cuspo as palavras, enxugando meu rosto e me obrigando a parar de chorar.

Lukas é um idiota sequer merece que eu chore por ele.

A verdade é a mesma de sempre. Ele não se importa.

Talvez tenha tido algum tesão por mim e eu forcei a barra ontem. Bastou ele ir ver a piranha da amante para me jogar pra escanteio e eu voltava a ser o que sempre fui. A garotinha boba com quem ele era obrigado a conviver num casamento de conveniência.

Respiro fundo, tentando juntar um resto de dignidade.

– Quero ir embora.

– Não precisa.

– Quero ficar o mais longe possível de você. Tem razão. Você é tóxico pra mim!

– Tudo bem. Vou mandar preparar o avião.

– Vou fazer minhas malas.

Eu começo a tirar minhas coisas de dentro do closet, ele continua ali.

Enxugo uma lágrima que teima em cair e o ignoro.

– Vá embora, Lukas – resmungo, sem conseguir aguentar mais sua presença.

– Nós ainda precisamos conversar sobre algo – ele reluta. – Ontem a noite nós não usamos proteção. Preciso saber se...

– Não se preocupe. Eu tomo pílula há muito tempo! – Resmungo, tentando fechar a mala, sem encará-lo. No momento parecia providencial que eu tivesse problemas com minha menstruação e estivesse tomando pílulas.

– Acredite Mia. Você estará melhor sem mim e meus problemas.

E, sem mais, ele finalmente sai fechando a porta atrás de si.

Eu desisto da mala e me deixo cair no chão.

Dilacerada.

Capítulo 22

Mia

Não sei se é dia ou noite lá fora.

Desde o momento em que entrei no meu apartamento, não me dei ao trabalho de abrir a janela. Só tirei a roupa e deitei na cama, puxando as cobertas sobre minha cabeça mergulhando num sono permeado por pesadelos.

E, se os sonhos eram ruins antes, agora eram o próprio inferno.

Era exatamente onde eu me sentia. Fui do paraíso ao inferno.

Sinto um peso oprimindo minha cabeça. Meu corpo. Meu coração.

Só quero dormir e esquecer.

Então, como se viesse de muito longe, escuto o som incessante da campainha. Tento ignorar, seja quem for não é bem-vindo. O barulho intrometido continua, impedindo que eu durma novamente como desejo.

Com um suspiro me levanto, arrastando meus pés até a sala. Quando abro a porta, minha mãe está ali, parada na minha frente.

É o que basta para eu desabar de vez. Com um soluço, deixo que ela me abrace e chore comigo.

Eu sei o que ela fez. Sei o quanto me revoltou e decepcionou.

No entanto, ela continua sendo minha mãe. Depois da mágoa e decepção com a atitude de Lukas, o que ela fez parece ter diminuído de importância. Só queria que ela me embalasse como fazia quando eu era criança e levava um tombo.

Não sei por quanto tempo eu choro, quando volto a mim estamos sentadas em meu sofá, ela está chorando também quando me encara.

– Querida, eu sinto tanto. Nunca deveria ter escondido de você...

Respiro fundo, me afastando um pouco e enxugando o rosto.

– Realmente não deveria... Eu fiquei...

– Decepcionada, eu sei. Tive bastante tempo para pensar nas minhas atitudes e compreender o quanto errei... Sei que deveria ter contado a verdade, porém você estava longe e eu já tinha te dado um fardo tão grande com o casamento com o Constantini... Não seria justo colocar em seus ombros minhas frustrações e medos.

– Deveria ter confiado em mim.

– Eu sabia que se sentiria traída por causa do seu pai.

– Foi traição mãe.

– Eu sei. Claro que eu sei. Eu me sinto culpada só... não consegui evitar. Seu pai e eu... Nós éramos felizes. Depois que ele se foi...

– Ele não morreu, não fale assim!

– Ele está em coma, filha. Sabe o que é ser casada e não ter seu marido do seu lado? Não ter ninguém com quem contar em todos os momentos, dividir os problemas, dormir e acordar junto, ter um pouco de carinho...

Ah mãe, eu sei.

E como sei!

Andrea continua.

– Eu me senti perdida. Sempre fui muito dependente, nunca vivi sozinha na minha vida... Então conheci o Mark. E ele era tão jovem e livre! Ficou interessado em mim. No começo eu disse que seríamos apenas amigos e ele aceitou. Ele sabia da situação do seu pai. Com o tempo... percebi que estava me apaixonando por ele e seu pai não acordava...

– Por isto quis desligar os aparelhos – acuso.

– Não... quer dizer... conversei com os médicos, procurei saber se há chances de ele voltar, todos dizem a mesma coisa, voltar, depois de anos, seria um milagre. Então por que não terminar logo com isto? Esta incerteza me mata dia a dia!

– Nunca vou deixar desligarem os aparelhos, mãe. Seria assassinato!

– Eu sei. Acho que a bronca de Lukas me fez perceber que acima de tudo ele é seu pai...

– Lukas?

– Sim, no dia em que você o chamou por causa da nossa discussão. – ela dá de ombros. – Ele sabia de Mark e ameaçou contar a você, caso eu continuasse com a ideia. Juro que não foi por isto que desisti de desligar os aparelhos, eu realmente percebi que...

– Espera, ele sabia do Mark?

– Sim, ele sabia. Parece que mandou detetives me investigarem. Não entendo estas artimanhas de gente rica, eu...

Engulo mais uma decepção. Lukas sabia o tempo inteiro que minha mãe tinha um amante e escondeu de mim.

Quantos segredos mais esconderia?

– Enfim, eu não podia desligar os aparelhos de John, porque tinha decidido seguir em frente. Também não queria contar a você sobre Mark. Sabia que não iria entender.

Jogo a raiva que estou sentindo de Lukas para escanteio, porque de nada vai adiantar acrescentar mais aquela mágoa às várias que já me oprimem e encaro minha mãe.

– Olha mãe, é realmente difícil pra mim. Meu pai está em coma e, apesar de não saber se vai voltar ou não, não quero desistir dele. E ver você seguindo em frente, dói.

– Eu sinto muito...

– Acho que também tenho que tentar entender suas escolhas. A senhora é jovem e quer viver a sua vida, como posso condená-la?

– Então não me odeia?

– Você é minha mãe, claro que não a odeio, por mais que esteja chateada. Vou deixar de fazer drama. Pode viver do jeito que escolher. É a sua vida.

– Ah, filha, fico mais aliviada ao ouvir... – ela aperta minha mão. – Acredito ser o momento de te lembrar que estou me mudando para Miami.

– Vai se mudar?

– Sim. Mark mora lá. Ele pediu que fôssemos morar juntos.

Eu mordo os lábios com força pra manter minha promessa de não mais fazer drama sobre aquele assunto.

O meu lado sensato entendia que a vida era de Andrea para ela viver do jeito que quisesse, ao mesmo tempo ela ainda era minha mãe e, ter escolhido morar com outro cara significava que, mesmo que meu pai acordasse, o casamento deles estaria terminado pra sempre.

– Tudo bem – murmuro.

– Que bom que voltamos a nos entender! – Ela me abraça, toda feliz e então me analisa. – Você não parece nada bem... Pensei que estaria em Aspen nos feriados. Quando liguei, Denise me disse que você tinha voltado pra cá no Natal. Não entendi...

– Sabe que eu não sou muito de confraternizar com eles – desconverso. – Eu tentei, no fim, preferi voltar pra cá.

– Por que está com esta cara pálida e olhos inchados? Está doente?

– Mais ou menos, acho que peguei uma virose em Aspen – minto descaradamente.

Não quero contar a minha mãe meu fiasco com Lukas.

– Ah querida, ainda bem que estou aqui para cuidar de você. Venha, vou preparar uma sopa e depois alguns chás... Sabem estou estudando fitoterapia e...

Me deixo levar pela conversa de minha mãe, tentando esquecer pelo menos momentaneamente meus problemas.

Andrea passa alguns dias comigo e depois se vai, me fazendo prometer visitá-la em Miami em breve. Prometo, mesmo sabendo que não irei. Ainda não estou pronta pra confraternizar com seu namorado.

Passar esses dias com minha mãe foi essencial para que eu parasse de me esconder na minha concha de autocomiseração e acordasse para a vida novamente.

Claro que eu ainda chorava quando me deitava sozinha à noite. E os sonhos continuavam ali para me atormentar e não me deixar esquecer. Pelo menos tinha conseguido voltar à quase normalidade.

O tempo iria me ajudar. Eu precisava acreditar nisto.

Nos primeiros dias de janeiro, Taylor e Evan voltaram do Texas, como não podia deixar de ser, ela estava muito curiosa sobre os motivos que me fizeram ir embora tão bruscamente de Aspen.

Não me despedi de ninguém naquele dia fatídico deixando para

NACIONAIS-ACHERON

Lukas, a responsabilidade de contar o que ele quisesse.

Obviamente sabia que ele diria qualquer coisa, menos a verdade.

Taylor tinha ligado um dia em que minha mãe estava em casa e pedi para Andrea atender e dizer que eu não estava.

– Mia, o que deu em você? – Taylor reclama batendo os seus saltos no chão da minha sala. – Primeiro vai embora sem se despedir e...

– Lukas não disse a vocês por que eu vim embora? – Pergunto.

– Ele disse que você estava chateada com o acidente e não queria mais ficar em Aspen, acha que eu acreditei? Claro que não!

– Eu disse a Taylor que era normal que você quisesse partir depois do seu trauma. – Evan diz.

– Sim e, só porque Evan insistiu, não deixei o Texas pra lá e vim atrás de você! Fiquei te ligando e você não atendia. Quando atendeu era sua mãe! Que diabos sua mãe estava fazendo aqui? Vocês não tinham brigado?

– Ela veio conversar comigo e se explicar. Está tudo bem agora.

– Sêrio?

– Sim, ela é minha mãe não quero ficar brigada com ela pra sempre.

– Aceitou o namorado dela?

– O que eu posso fazer? É a vida dela.

– Nossa. Eu não sei o que faria no seu lugar. E aí? Está tudo realmente bem com você? Parece deprimida...

– Estou bem Taylor – insisto. – Esta situação com a minha mãe e o acidente me derrubaram um pouco, vou melhorar.

– O acidente foi horrível! Nossa, quando eu lembro... Todo mundo ficou abalado! Sabe que depois de toda esta confusão, Lukas nem quis ir pro Havaí? – Tenho vontade de fazê-la parar de falar de Lukas, não consigo. Taylor é como uma metralhadora quando começa a tagarelar. – Ele estava num humor terrível e no dia seguinte que você foi embora, voltou a Seattle. Disse que tinha que trabalhar! Denise ficou feliz, né? Viajou com o Paul tendo a casa só pra eles! Bem que ela tentou convidar a Alexia, aquela parece que também se abalou com o acidente! Nós a visitamos naquela tarde ela estava tão estranha... parecia que nem queria falar com a gente direito, credo! Até levei uns chocolates, ela foi tão grossa! Denise também comentou depois. Mesmo assim Denise a convidou para ir pro Havaí, ela disse não. Ia voltar

NACIONAIS-ACHERON

pra Seattle...

Eu tento ignorar o fato de Alexia e Lukas irem para Seattle ao mesmo tempo. É difícil.

Só poderia significar uma coisa e não queria nem imaginar. Doía demais.

– Não quero mais falar sobre esse assunto, Taylor. Me conte como foi no Texas.

– Ah, foi incrível! Os pais do Evan me adoraram, claro – ela diz, convencida e muda o assunto para ela mesma, o que adora.

Os dias passam, se transformando em semanas. Os pesadelos diminuem assim como a dor no meu peito.

É como uma ferida que dói demais quando aberta, então o tempo trata de cicatrizar aos poucos. Ainda assim você sabe que vai ficar marcada pra sempre. Sua pele nunca mais será a mesma. Sempre terá aquela marca para lembrar.

Cada um tem um jeito de lidar com o sofrimento, um jeito de tentar esquecer e continuar a viver normalmente.

Eu me fecho em mim mesma. Não conto a ninguém o que aconteceu. Muitas vezes me pegava pensando. Era irônico que tenha ficado mais de dois anos escondendo o que sentia por Lukas, sufocando aquela atração e, justamente quando consegui coragem para correr atrás da realização do meu desejo, o desfecho tenha sido tão trágico.

Eu teria feito diferente se soubesse?

Às vezes achava que sim, eu teria recuado. Teria esmagado aquele sentimento em meu peito e em meu corpo. Teria mantido minha afeição e desejo ocultos.

Teria sofrido menos? Talvez sim.

Então me lembrava da sensação de seus beijos, de como foi senti-lo dentro de mim, me entregar a ele, gozar com ele...

Foi o momento mais perfeito da minha vida. Como poderia lamentar ou me arrepender?

Foi bonito demais enquanto durou a ilusão de que seria infinito. Que não haveria mais limites nem barreiras. Que eu poderia, finalmente, viver aquela paixão.

NACIONAIS-ACHERON

Infelizmente nada foi como eu havia fantasiado.

Lukas só me quis naqueles momentos perdidos, naquelas horas roubadas.

E pensar nisto, fazia toda a dor voltar.

Com o tempo, com a dor cicatrizando, foi ficando um pesar que, às vezes, nos dias ruins, se transformava em raiva. Raiva de Lukas e de seus motivos estranhos e incompreensíveis pra mim. Tentava convencer a mim mesma que não importava. Eu estava superando.

A raiva se intensificava quando eu ia a alguma festa e tentava, de verdade, esquecer aquela máxima tola que eu havia dito a Lukas naquele dia na pista de esqui: "eu sou casada".

Acho que começou naquele momento meu delírio de que podia mudar alguma coisa naquele embuste de casamento.

Deveria ter caído na real quando vi Alexia Duran. Não, ainda fui infantil e quis competir com ela. Quase morri congelada, depois me senti corajosa para partir pra cima de Lukas. Consegui o que queria, pelo menos por um instante.

E, se antes já me sentia mal socialmente quando alguém tentava se aproximar de mim, agora era pior. Às vezes tinha realmente vontade de ficar com todos os caras que aparecessem para provar a mim mesma que não era a garota idiota de antes que levava a sério votos feitos ao vento a um cara que nem merecia. Que nunca tinha honrado estes votos.

O problema era que agora havia a merda da comparação.

Por que inferno Lukas Constantini tinha que ser tão perfeito? Eu já o achava maravilhoso antes, quando ele nem sequer tinha me beijado direito, agora que tinha me fodido completamente... Gostava de colocar assim, como uma foda, uma trepada, algo casual, nós não fizemos amor, não conseguia deixar de pensar que nada seria tão perfeito, ou ao menos chegaria aos pés.

E lá se iam todas as minhas chances de pagar a Lukas na mesma moeda.

Acabava voltando pra casa sozinha para sonhar com ele.

E me perguntava quando é que ia me curar de vez.

Alguns meses depois, a oportunidade de uma virada surgiu de onde eu menos esperava, quando meu amigo Joe resolveu fazer uma visita a New

Haven.

Nós mantínhamos contato regularmente. Ele sempre me ligava e conversávamos por horas, sobre tudo e nada. Menos sobre Lukas, obviamente.

Nem com Joe eu queria falar sobre Lukas.

Ele me contava sobre suas idas e vindas com Lily, por exemplo, e da confusão que era seu relacionamento, geralmente dificultado pelo temperamento difícil dela, mesmo assim eu não conseguia me abrir com ele sobre Lukas.

Foi justamente numa destas vezes em que ele desabafava sobre o término de seu namoro que eu o convidei para vir me visitar.

– Por que não vem me visitar?

– Agora?

– Minhas aulas acabaram na semana passada. Taylor e Evan vão viajar para o Texas, vão passar algumas semanas com os pais de Evan depois irão para a Austrália. Claro que foi Evan quem escolheu o destino das férias deles, Taylor queria ir pra Paris.

– Pelo que fala sobre ela essa Taylor me parece maluca.

– Ela é um pouco mesmo, embora seja muito legal quando a conhecemos direito.

– Ela não te convidou para ir junto?

– Claro que sim, não vou viajar para segurar vela.

– Faz bem. Bom, já que é assim, acho que posso ir te fazer companhia. Vou pedir uns dias de folga ao meu chefe. Depois você pode vir comigo para Redmond, o que acha?

– Uma ótima ideia!

Então, duas semanas depois, eu o recebo no aeroporto com um grande abraço de boas-vindas. Estou mais feliz do que imaginava ao vê-lo depois de tanto tempo.

– Uau, você cresceu mais ou é impressão minha?

Ele ri, enquanto andamos até o estacionamento.

– Eu malhei mais. Não cresci Mia – explica.

– Ah claro. Esqueci que tem aquele lance doido de clube de luta que

participa com seus amigos malucos!

– Eles iam adorar ouvi-la falar assim.

– Provavelmente não hesitariam em me bater também!

– Eu não duvido, não se preocupe eu a protegeria, garota – ele brinca, fazendo cara de mau e estou rindo, quando entramos no carro.

Eu o levo para casa e conversamos sobre o que faremos naqueles dias enquanto almoçamos.

– Aqui não tem muita coisa pra fazer, mas vou te levar nuns lugares legais.

– Aposto que é melhor que Redmond.

– Ah, com certeza!

Nós saímos naquela tarde e vamos a alguns pontos turísticos da cidade e a noite saímos para jantar.

Eu pergunto a ele o que Lily achou de ele ter viajado.

– Ela não ficou muito feliz.

– Ela me odeia mais ainda agora com certeza.

Ele sorri tristemente.

– Ela odeia qualquer mulher que chegue perto de mim.

– Ela te ama e sente ciúmes – lembro-me da raiva que sinto ao pensar nas namoradas de Lukas. Até posso entender a paranoia de Lily, ao contrário de Lukas, Joe não a trai com ninguém.

– É um saco aguentar toda esta marcação, a gente briga, termina, passa um tempo ela pede desculpas, a gente volta, fica tudo bem por um tempo, depois ela começa de novo.

– Quem manda ser bonito? – Brinco, jogando uma batata frita nele então estamos rindo deixando de lado os assuntos sérios.

Passamos mais alguns dias despreocupados na cidade e, quando faltam dois dias para Joe ir embora, decido pedir a ele que vá comigo a Seattle ver meu pai.

– Só se você for comigo pra Redmond depois.

– Ok, eu vou! – Concordo.

Minha mãe havia me ligado algumas vezes pedindo pra ir visitá-la,

continuo inventando desculpas. Ainda não tolero o tal do Mark.

Pode até parecer bobagem, porém me sinto segura ao desembarcar com Joe em Seattle. É patético ter que usar meu amigo para não ficar pensando em Lukas. Ou com medo de encontrá-lo, embora eu não tenha a menor intenção de ir até sua casa ou apartamento.

Era incrível que, depois de meses eu ainda me sentisse daquele jeito, meu coração pesando como chumbo enquanto percorria as ruas de Seattle no táxi que nos levaria ao hospital.

– Ei, tudo bem? – Joe toca minha mão com um olhar preocupado.

– Sim – respondo evasiva.

– Está estranha desde que desembarcamos.

– Eu fico assim quando vou ver meu pai. É tão triste vê-lo assim – não deixa de ser verdade. A situação do meu pai agrava ainda mais meu estado de ânimo.

Joe aperta minha mão num gesto solidário, eu não a solto quando descemos do carro e vamos até o quarto de John.

Não consigo deixar de chorar enquanto estou ali, vendo sua tez pálida contra o lençol. Por que ele não acordava? Será que Andrea tinha razão e estávamos adiando o inevitável?

Passamos algum tempo ali, com Joe ao meu lado me apoiando enquanto eu choro todo meu pesar.

Quando saímos para o jardim, sinto-me triste como nunca antes.

– Não fique assim, Mia – Joe tenta me confortar.

– Estou começando a acreditar que ele nunca vai acordar Joe.

– Eu queria dizer que está errada, porém...

Eu enxugo meu rosto, respirando fundo.

– Tudo parece tão injusto!

– Eu sei.

– Às vezes penso sobre o roubo do dinheiro da Constantini. Me pergunto se realmente foi ele, se eu não estive errada este tempo todo acreditando em sua inocência.

– Seu pai sempre foi um cara honesto, Mia.

– Todos acham que foi ele. Existem provas contra ele. Apesar de o

NACIONAIS-ACHERON

dinheiro nunca ter aparecido... E droga, eu me enfiei neste maldito casamento por causa disto...

– Por que você nunca fala sobre seu casamento? – Joe pergunta com cuidado.

Mordo os lábios, nervosa.

– O que há pra dizer? É tudo uma farsa – digo com a voz mais triste do que eu gostaria.

– Por que você parece lamentar?

– Como não lamentar?

– Não entendeu o que eu disse. Eu quero dizer que você parece lamentar que seu casamento não seja verdadeiro.

– Não, eu... – de repente me sinto cansada de mentir. De me esconder. – Quer saber a verdade, Joe? A verdade é que eu me apaixonei pelo Lukas. Ridículo, não é? – Rio sem humor. – Casei-me com ele pra pagar a dívida do meu pai. Ele sempre me tratou como uma criança, ele tem amantes, como posso culpá-lo? Não somos casados de verdade, ele não me deve fidelidade. Eu morro por dentro a cada dia que passa, o tempo vai se esvaindo e nada muda. No último Natal... – eu paro respirando fundo.

– O que aconteceu no último Natal, Mia? – Joe incentiva.

– Nós transamos. Eu tomei coragem e me ofereci a ele descaradamente. Acreditei que enfim ele ia gostar de mim, que ia me querer, depois... Depois ele me deixou para ir ver uma de suas namoradas. E, quando eu o questionei, ele simplesmente disse que foi um erro, que nunca deveríamos ter transado. E acabou. Nunca mais nos vimos. Sabe o que é pior de tudo, Joe? Eu deveria esquecer. Deveria entender de uma vez por todas que ele nunca vai ficar comigo. Que é impossível. Que daqui a pouco mais de dois anos, este maldito contrato vai terminar e ele vai se livrar de mim... Deveria, assim como ele, ficar com outras pessoas. Me permitir conhecer alguém e ser feliz. Estou tão cansada de ser infeliz...

– Eu sinto muito, Mia – Joe me abraça e eu me agarro a ele, tentando respirar. Sinto toda a dor que eu acumulei jorrando de vez.

Choro abraçada a ele, que beija meus cabelos com carinho e eu aspiro devagar. Aquilo é bom. Sentir os braços de alguém, sentir um carinho genuíno. Não tinha me dado conta, até aquele momento, de como eu sentia falta de algo tão essencial. De me deixar ser querida, confortada.

NACIONAIS-ACHERON

Eu havia me privado por tempo demais de um contato físico de verdade. De afeição genuína.

Por que eu não me apaixono por alguém como Joe? Ele era um cara incrível, sempre me apoiava e me entendia.

Nem nesse momento ele faz perguntas ou recriminações. Só me abraça e me deixa chorar, demonstrando uma ternura verdadeira.

E todo este carinho abre um espaço em meu coração, que estava tão cheio de amargura nos últimos tempos. Me faz acreditar que eu sou sim, capaz de sentir algo bom por outro cara se eu me permitir.

E, sem pensar, levada por aquele o entusiasmo da descoberta, levanto minha cabeça e o beijo.

Por um momento Joe fica surpreso e não reage, então ele está me beijando de volta.

Não é ruim. É diferente e é bom.

E me sinto feliz por estar ali, com aquele cara que eu gosto tanto, me deixando beijar e o beijando de volta.

De repente um alarme soa bem no fundo da minha mente.

Algo não está certo. Eu busco na minha cabeça confusa o que pode ser. Este cara é certo, o momento é certo, meus sentimentos são certos.

Ele não é Lukas, uma vozinha incômoda sussurra em minha mente.

Pensar em Lukas é o bastante para esfriar meu ânimo e acabar com qualquer empolgação que estivesse sentindo.

Afasto-me de Joe, que me encara parecendo mais confuso do que eu.

– Deus, Mia o que foi isto?

– Desculpe. Não posso.

Ele ri descrente.

– Você que me beijou...

– Eu sei, eu sei...

– Sim, acho que entendi – ele acaricia meu cabelo com carinho. – Não é assim com a gente, não é?

– Exatamente! – Concordo.

– Sabe que por um momento até pensei...

– Eu também.

E nós começamos a rir.

– Vamos embora – ele diz e segura minha mão quando entramos num táxi e seguimos para o aeroporto.

Ainda estou com a cabeça girando pelo o que aconteceu. Ter me deixado levar por aquele momento, acreditando, por alguns instantes, que Joe era a solução para meus problemas.

Estava errada mais uma vez. Joe era meu melhor amigo. E também estava apaixonado por outra pessoa.

Nada iria rolar entre nós.

Pelo menos sentia que, de alguma maneira, havia dado um passo adiante. Não existia apenas Lukas Constantini no mundo.

Eu podia fazer um esforcinho e deixar outras pessoas se aproximarem. Quem sabe um dia ele não apareceria mais nos meus pensamentos atrapalhando tudo quando outro cara me beijava.

Nós descemos do táxi e estávamos indo para a área de embarque, quando vejo alguém conhecido.

– Paul? – Pergunto surpresa.

Paul parece muito sério.

– Oi, Mia.

– O que faz aqui?

– Preciso que venha comigo.

– O quê?

– Mia, quem é este cara? – Joe pergunta, se colocando na minha frente. Os dois se enfrentam.

Que merda estava acontecendo ali?

– Calma Joe! Este é Paul, ele é segurança do Lukas – eu encaro Paul desconfiada. – Lukas mandou você aqui?

– Sim, ele quer que você venha comigo.

– Claro que não vou! Tenho um voo! Estou indo para Redmond com Joe.

– Mia, por favor. Tenho ordens para levá-la até Lukas.

– Ordens? Por que deveria acatar? É absurdo! Não entendo como descobriram que eu estava aqui.

– Ele precisa conversar com você. Acho que é urgente.

– Isto é ridículo! Eu não vou!

Joe segura meu braço.

– Mia, acho que deveria ir.

– Não! Lukas está louco se acha que pode ficar me dando ordens!

– Mia, precisa resolver essa situação de uma vez. Pare de fugir e enfrente seus demônios de frente – Joe diz com firmeza.

Mordo os lábios, indecisa. A covardia querendo me vencer. Joe está certo. Preciso começar a enfrentar meus demônios.

Ou um demônio em particular.

Respiro fundo.

– Tudo bem. Eu vou, Joe irá comigo.

– Não, Mia, precisa fazer isto sozinha. Minha presença pode causar mais problemas.

– Nós íamos viajar.

– Eu te espero em Redmond.

Ele se aproxima beija meus cabelos e encara Paul numa daquelas conversas masculinas sem palavras.

– Fique tranquilo cara, eu cuido dela.

Joe acena e se afasta.

Eu sigo Paul para o carro sentindo meu estômago revirar.

– Que merda Lukas quer comigo? – Pergunto, enquanto seguimos pelas ruas de Seattle.

– Acho melhor perguntar diretamente a ele.

Eu percebo que Paul está no modo "segurança Constantini" não vai me dizer nada.

Então eu engulo minha consternação e fico ainda mais confusa quando Paul para o carro em frente ao prédio do Lukas.

Eu salto e subo pelo elevador elegante. A cada andar, meu coração vai se tornando mais barulhento. Meus medos se juntando à ansiedade.

Mais de seis meses sem encontrá-lo.

Vendo-o apenas em meus sonhos.

Desejando esquecer sem nunca conseguir.

O elevador para em seu andar, caminho com passos vacilantes até sua porta. Paro e respiro fundo.

Busco e encontro dentro de mim a raiva que senti por ele ter dado ordens a Paul para me trazer, o que neutraliza, por ora, os outros sentimentos mais fracos e abro a porta.

Lukas está parado de costas pra mim, de frente para a grande parede de vidro de onde se vê toda a cidade.

A tarde está caindo, fazendo as sombras dançarem sobre ele.

Por um momento tenho dificuldade de manter minha tão amada raiva, quando ele se vira. Os cabelos escuros bagunçados e seus olhos verdes furiosos.

– Posso saber por que estou aqui? – Pergunto friamente, cruzando os braços em frente ao peito.

– Talvez eu devesse perguntar primeiro quem era o cara que estava beijando no hospital.

Empalideço.

– Como sabe?

– Eu estava lá.

– Como assim? O que foi fazer lá? – Não consigo acreditar que Lukas me viu beijando Joe.

– Fui conversar com o médico do seu pai. Faço isto regularmente, se não sabe. Qual não foi a minha surpresa ao ver você agarrando um cara no jardim.

Sei que meu rosto está vermelho, sinto raiva por estar envergonhada.

Quem Lukas pensa que é pra me questionar? Justo ele?

Eu dou de ombros.

– Aquele era Joe DeLuca, acho que já falei dele pra você.

– Inferno, Mia! – Ele soca a mesa diante dele. – Sabe o que eu senti quando vi aquele cara com as mãos em você? Só não parti pra cima dele para quebrar seus braços, porque Paul me impediu.

NACIONAIS-ACHERON

– Talvez tenha sentido a mesma coisa que senti todas as vezes que vi você com a Alexia, ou quando vi a tal Nathalie exatamente aqui, vestindo sua camisa! Você fode todas as mulheres da cidade e eu não posso me divertir com um amigo?

Vejo seus olhos escurecerem de raiva e me sinto muito bem.

Ótimo. Agora ele sabe como eu me sinto?

– Divertir? O que quer dizer? Que está fodendo com aquele cara?

– E se estivesse? Eu deveria mesmo ter transado com ele! – Grito. – Acha que é justo, Lukas? Eu estou sozinha! Nunca tive um namorado! Tenho 20 anos e vivo como se fosse uma freira!

– Não tão freira assim, não é? – Diz cheio de ironia.

– Está falando do quê? Da nossa transa em Aspen? Daquela da qual fugiu para ir encontrar com sua amante e depois ainda falou com todas as letras que era pra eu esquecer porque foi um erro?

– Eu estava tentando fazer o que era certo...

– Certo? Certo? Você queria se livrar de mim pra ir atrás da vaca da Alexia! Tem razão, nunca devíamos ter transado se era pra fazer o que fez!

– Eu não fui atrás de Alexia! Eu expliquei que precisava ver se ela estava bem.

– Talvez até concorde em parte com você, já que seria um canalha bem maior se nem se preocupasse com a mulher com quem transa há anos!

– Sim, você sempre soube, não é? Que Alexia era minha amante. E você disse bem aqui que não se importava, Mia!

– E eu deveria dizer o quê? Nós nunca fomos de verdade! Estaria sendo ridícula se fizesse um escândalo cobrando fidelidade! Depois de você transar comigo, as coisas mudaram, não é Lukas? Ou fui tonta demais achando que mudava alguma coisa!

– Sim, tudo mudou.

– Então por que foi atrás dela? Por que me mandou embora?

– Porque não sou bom pra você.

– É o que você sempre diz, talvez eu devesse acreditar, já que só me fez sofrer todos estes anos!

Estamos gritando um com o outro e nem me importo.

– Eu não sabia que você estava sofrendo, droga!

– Eu deveria te dizer? Você me via como uma criança!

– Você era uma criança!

– Tinha dezessete anos e sim, era bem inocente! Tão inocente que acreditei que podia me casar com você e sair ilesa! E veja só!

– Então acho que fui tão inocente quanto! Porque não era pra eu sentir nada por você, estou num inferno há quase três anos imaginando todas as maneiras que eu gostaria de foder você e me martirizando por estar desejando a garota que era pra ser apenas um meio pra atingir um fim.

Eu sinto suas palavras como um chacoalhão no meu corpo, me desnorteando e dou um passo para trás.

– Está satisfeita agora, Mia? Quer saber por que eu trepava com a Alexia e a Nathalie? Porque eu não podia trepar com você. Depois que eu quebrei todas as minhas promessas fazendo amor com você em Aspen, desci ao inferno, porque percebi que há um preço a pagar por todos os meus erros, e era alto, o mais alto de todos.

Eu quase não respiro, ouvindo entre fascinada e horrorizada sua confissão.

Será mesmo possível?

Ele me desejou por todo aquele tempo?

– E o que isto significa? – Pergunto.

– Que nada mudou. Qualquer coisa entre nós é impossível, Mia.

Meus lábios tremem por estar ouvindo aquilo de novo. A gente aprende com o sofrimento a não ser tão fraca.

Eu respiro fundo.

– Então o que eu estou fazendo aqui?

– Não suportei ver você com outro cara – ele diz simplesmente com a voz sombria.

Eu cruzo os braços no peito de novo e o encaro firme.

– O que eu tenho a dizer Lukas é que, se você não quer tem quem queira. Pode ser o Joe ou qualquer outro – falo me virando em direção ao quarto. Quero me afastar dele e chorar.

– É o que você quer? Outros caras? Joe DeLuca? – Eu paro. – Quer

que eu te ponha num avião para levá-la até ele? É o que vai te fazer feliz? Se for vai me matar um pouco, Mia, mas farei se você me disser que é o que deseja.

Eu me viro.

– Tudo o que eu sempre quis foi você, Lukas. E você só me afasta. Não posso mais aguentar.

Eu me viro e entro no quarto, fechando a porta e me jogando na cama chorando até a exaustão.

Acordo com uma batida na porta e me sento, aturdida.

A discussão volta a minha mente e sinto aquela dor de novo. Olho pela janela, o dia está amanhecendo. Dormi tanto assim?

– Mia? – É Paul na porta eu me levanto indo até ele que me encara preocupado.

– Você está bem?

– Sim – respondo.

– Precisa se arrumar. Vou levá-la ao aeroporto.

– Certo, me dê uns minutos.

Pelo visto Lukas cumpriu sua promessa.

Me arrumo sem ânimo algum e saio do quarto. Não há sinal dele.

Deveria estar feliz, no entanto só me sinto pior.

Paul me espera no carro e não tenta iniciar nenhuma conversa quando chegamos ao aeroporto e ele carrega minha mala até onde o avião de Lukas me espera.

– Obrigada, Paul – digo quando nos despedimos e ele sorri pela primeira vez.

– Sempre a postos, senhora Constantini.

Eu sorrio tristemente. Aceno e entro no avião.

Paro chocada ao ver Lukas lá dentro. Ele está no celular e me encara muito sério enquanto continua sua conversa seja lá com quem for.

– Sim, Megan. Se precisar de mim, pode entrar em contato, só se for muito urgente... Não, não sei quanto tempo ficarei fora. Danielle já está sabendo, claro... Obrigada, Megan.

Ele desliga e coloca o celular de lado.

– O que... faz aqui?

– Eu não consigo mais ficar longe de você.

Palavras tão simples e tão contundentes. Demora alguns segundos para elas atingirem meu sistema nervoso e causarem um caos interno nas minhas emoções.

Então ele estende a mão, seu olhar preso em mim, me chamando.

Meu coração dá um salto mortal para o infinito e um soluço varre meu peito quando seguro a mão que me puxa em sua direção e, assim tão fácil, estou em seus braços, finalmente.

A história de Mia e Lukas continua em *Espinhos no Paraíso*, em breve.

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos como livreira em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar integralmente à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, de forma amadora, sempre escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos e compartilhando com outros fãs em diversas plataformas online.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street Série Vendetta (composta de 4 volumes).

A Verdade Oculta Segredos que Ferem Linha da Vida

Contatos:

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage:

<https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite:

<https://www.julianadantasromances.com/>